



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REGINA ADERALDO RUBINI

**APROPRIAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNISTA
BRASILEIRA NAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS - PR**

Londrina
2020

REGINA ADERALDO RUBINI

**APROPRIAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNISTA
BRASILEIRA NAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS - PR**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Metodologia de Projeto, da Universidade Estadual de Londrina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Harumi Suzuki
Coorientador: Prof. Dr. Sidnei Junior Guadanhim

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

R896a Rubini, Regina Aderaldo.
Apropriação da arquitetura modernista brasileira nas residências de Arapongas - Pr / Regina Aderaldo Rubini. - Londrina, 2020.
223 f.

Orientador: Juliana Harumi Suzuki.
Coorientador: Sidnei Junior Guadanhim.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Tecnologia e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Arquitetura moderna brasileira - Tese. 2. Arquitetura paranaense - Tese. 3. Modernismo Popular - Tese. I. Suzuki, Juliana Harumi. II. Guadanhim, Sidnei Junior. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Tecnologia e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

CDU 711/72

REGINA ADERALDO RUBINI

**APROPRIAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNISTA BRASILEIRA
NAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS - PR**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Metodologia de Projeto, da Universidade Estadual de Londrina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Harumi Suzuki
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos
Centro Universitário Belas Artes – SP

Prof. Dr. Ricardo dias Silva
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 14 de abril de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Santíssima Trindade por me assistir em toda minha trajetória e em especial na realização deste trabalho.

À minha família por todo suporte afetivo e financeiro.

Ao prof. Dr. Sidnei Junior Guadanhim que desde antes do processo seletivo vem me amparando.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Juliana Harumi Suzuki por todo auxílio, compreensão e imensa generosidade no decorrer desta pesquisa.

À todo corpo docente da Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá que colaboram no Programa de Pós Graduação.

Aos meus amigos de longa data pelo apoio e pelos novos que conquistei nesse período.

À Rose Meire Grecco de Assunção e Edson Luiz Assis Bonotto, do arquivo da prefeitura municipal de Arapongas, por toda ajuda e paciência durante os meses de levantamento das peças gráficas.

À Maria Cristina Domingos Xavier, da Biblioteca Pública de Arapongas, pela gentileza durante o processo de verificação das revistas e periódicos do município.

À Gisele Camila Ribeiro, do Museu Histórico de Arapongas, pela colaboração no levantamento iconográfico.

Aos entrevistados, José Colombino Grassano, Alessandro Filla Rosaneli, Gil Fernando de Christo, Giovanna Lunkmoss de Christo, Gean Carlo Cereia, Genésio Roque de Freitas e João Baptista Bortolotti pelo tempo que dispuseram para colaborar com valiosas informações.

Às alunas da iniciação científica, Danielle Cotarelli Marostiga e Thaís Pelegrini Martins pela cooperação na documentação.

RUBINI, Regina Aderaldo. **Apropriação da arquitetura modernista brasileira nas residências de Araçongas - PR**. 2020. 396 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

O trabalho trata da apropriação do vocabulário da arquitetura moderna brasileira nas residências projetadas em alvenaria na cidade de Araçongas, no Paraná. Município de frente agrícola, ligado sobretudo ao café, demonstrou em seu período de desenvolvimento edificações consoantes com os elementos formais dessa arquitetura. A pesquisa contempla o estudo de 125 unidades, assinadas por engenheiros civis, cuja documentação foi acessada junto ao órgão municipal. As unidades aprovadas apresentavam uso dos elementos, tais como as platibandas, pilares esbeltos, pilares em V, marquises, além de elementos vazados e grandes áreas envidraçadas. O período de aprovação desses projetos data do intervalo das décadas de 1950 a 1970. Para a compreensão do fenômeno, a metodologia adotada constituiu-se da revisão de literatura, em entrevistas com profissionais ligados ao município, bem como a criação de um quadro para análises projetuais das unidades. Com isso, o estudo revelou aproximações com o estado da arte, principalmente, com o 'Modernismo Popular', assim intitulado por Fernando Luiz Lara, além da forte relação do município com a cidade de Londrina, PR. A pesquisa destaca a importância da documentação dos exemplares e indica novas frentes de estudos no contexto regional.

Palavras-chave: Arquitetura moderna brasileira. Arquitetura paranaense. Modernismo popular.

RUBINI, Regina Aderaldo. **Apropriação da arquitetura modernista brasileira nas residências de Araçongas - PR**. 2020. 396 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

The work deals with the appropriation of the vocabulary of modern Brazilian architecture in residences designed in masonry in the city of Araçongas, in Paraná. Municipality of agricultural front linked, above all to coffee, in its development period showed buildings in line with the formal elements of this architecture. The research includes the study of 125 units, signed by civil engineers, whose documentation was accessed by the municipal agency. The units approved featured the use of elements, such as plateaus, slender pillars, V-pillars, marquees, in addition to hollow elements and large glazed areas. The approval period for these projects dates from the 1950s to the 1970s. To understand the phenomenon, the methodology adopted consisted of a literature review, in interviews with professionals linked to the municipality, as well as the creation of a protocol for analysis. of the units. With this, the study revealed approximations with the state of the art, above all, with 'Popular Modernism', so titled by Fernando Luiz Lara, in addition to the strong relationship of the municipality with the city of Londrina, PR. The research also tries to evidence the importance of documenting copies and indicates new fronts for studies in the regional context.

Keywords: modern brazilian architecture; Paraná architecture; popular modernism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do núcleo inicial de Arapongas	26
Figura 2	Arapongas em 1937	27
Figura 3	Vista aérea em 1950	28
Figura 4	Edificações de madeira na década de 1940	29
Figura 5	Igreja de madeira em 1947	29
Figura 6	Armazéns de madeira	30
Figura 7	Av. Arapongas em 1950.....	31
Figura 8	Primeiro Fórum	31
Figura 9	Sede dos Correios	32
Figura 10	Av. Arapongas década 1950.....	32
Figura 11	Edificação comercial A.....	32
Figura 12	Edificação comercial B.....	32
Figura 13	Clube comercial	32
Figura 14	Avenida Central	33
Figura 15	Projeto Hotel Lodi	39
Figura 16	Colégio La Salle.....	39
Figura 17	Mercado Municipal	40
Figura 18	Cine Mauá.....	41
Figura 19	Cine Arapongas	42
Figura 20	Terminal Rodoviário	42
Figura 21	Clube Comercial	42
Figura 22	Aeroporto Guilherme Meyer.....	43
Figura 23	Localização de Arapongas.....	44
Figura 24	Casa da Criança	46
Figura 25	Aeroporto de Londrina	46
Figura 26	Grande Hotel de Maringá.....	47
Figura 27	Linha do tempo dos edifícios de Londrina e Maringá.....	49
Figura 28	Mapa da área central de Arapongas com as unidades identificadas	55
Figura 29	Primeira casa com apropriações da arquitetura modernista em Arapongas - Residência nº 4 - Sr. Grassano	56

Figura 30	Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, do engenheiro Rolf Lunkmoss de Christo57
Figura 31	Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, do empreiteiro Nordio Filla. Destaque para a expressão “construções de alvenaria e de madeira em geral”, demonstrando a coexistência das duas técnicas na cidade como alternativas correntes57
Figura 32	Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, Residência Sr. Antonio Sanches.....58
Figura 33	Mapa de Arapongas com as unidades identificadas por década62
Figura 34	Levantamento iconográfico - identificação das unidades.....67
Figura 35	Residência A - Quadra 01 - Rua Avestruz66
Figura 36	Residência B - Quadra 03 - Rua Flamingos x Tico Tico66
Figura 37	Residência C - Quadra 04 - Rua Tico Tico - unidade nº 367
Figura 38	Residência D - Quadra 05 - Rua Flamingos67
Figura 39	Residência E - Quadra 07 - Rua Beija-Flor.....67
Figura 40	Residência F - Quadra 09 - Rua Flamingos.....68
Figura 41	Residência G - Quadra 10 - Rua Drongo - unidade nº 09.....68
Figura 42	Residência H - Quadra 10 - Rua Drongo68
Figura 43	Residência I - Quadra 11 - Rua das Garças69
Figura 44	Residência J - Quadra 13 - Rua Flamingos - unidade nº 1569
Figura 45	Residência K - Quadra 15 - Rua Jacutinga.....70
Figura 46	Residência L - Quadra 16 - Rua Falcão.....70
Figura 47	Residência M - Quadra 18 - Rua das Garças70
Figura 48	Residência N - Quadra 20 - Rua Uiapuru - unidade nº 2570
Figura 49	Residência O - Quadra 20 - Rua Ibis - unidade nº 2771
Figura 50	Residência P - Quadra 27 - Rua Flamingos x Lori.....72
Figura 51	Residência Q - Quadra 27 - Rua Pavão - unidade nº 2872
Figura 52	Residência R - Quadra 29 - Rua Jacutinga.....72
Figura 53	Residência S - Quadra 37 - Rua Falcão - unidade nº 3772
Figura 54	Residência T - Quadra 38 - Rua Jacutinga72
Figura 55	Residência U - Quadra 38 - Rua Jacutinga.....73
Figura 56	Residência V - Quadra 39 - Rua Falcão73

Figura 57	Residência X - Quadra 41 - Rua Drongo - unidade nº 42	73
Figura 58	Residência Y - Quadra 43 - Rua Drongo	74
Figura 59	Residência W - Quadra 44 - Rua Falcão - unidade nº 45	74
Figura 60	Residência Z - Quadra 45 - Rua Marabu	74
Figura 61	Residência A1 - Quadra 45 - Rua Beija-Flor - unidade nº 46.....	75
Figura 62	Residência B1 - Quadra 46 - Rua Tucanos	75
Figura 63	Residência C1 - Quadra 48 - Rua Tucanos	75
Figura 64	Residência D1 - Quadra 48 - Rua Tucanos - unidade nº 54	76
Figura 65	Residência E1 - Quadra 52 - Rua Beija-Flor.....	76
Figura 66	Residência F1 - Quadra 53 - Rua Beija-Flor x Rua das Pombas unidade nº 62.....	76
Figura 67	Residência G1 - Quadra 55 - Rua Beija-Flor	76
Figura 68	Residência H1 - Quadra 55 - Rua Condor - unidade nº 66.....	77
Figura 69	Residência I1- Quadra 57 - Rua Condor.....	77
Figura 70	Residência J1- Quadra 57- Rua Condor.....	78
Figura 71	Residência K1 - Quadra 57 - Rua Drongo	78
Figura 72	Residência L1 - Quadra 59 - Rua Drongo - unidade nº 73.....	78
Figura 73	Residência M1 - Quadra 61- Rua Marabu x Rua Falcão	78
Figura 74	Residência N1 - Quadra 52 - Rua Condor	79
Figura 75	Residência O1 - Quadra 63 - Rua Falcão - unidade nº 82.....	79
Figura 76	Residência P1 - Quadra 63 - Rua das Pombas - unidade nº 85.....	80
Figura 77	Residência Q1 - Quadra 63 - Rua das Pombas - unidade nº 86.....	80
Figura 78	Residência R1- Quadra 64 - Rua Tucanos	80
Figura 79	Residência S1 - Quadra 67 - Rua Harpia.....	81
Figura 80	Residência T1 - Quadra 67 - Rua Ibis.....	81
Figura 81	Residência U1 - Quadra 69 - Rua Ibis x Rua das Pombas unidade nº 91	81
Figura 82	Residência V1- Quadra 70 - Rua Garças.....	82
Figura 83	Residência X1 - Quadra 71- Rua Pavão.....	82
Figura 84	Residência Y1 - Quadra 74 - Rua Harpia.....	82
Figura 85	Residência W1 - Quadra 89 - Rua Pombas	83
Figura 86	Residência Z1 - Quadra 93 - Rua Jacutinga x Rua Perdizes.....	83

Figura 87	Residência A2 - Quadra 95 - Rua Ibis.....	83
Figura 88	Residência B2 - Quadra 95 - Rua Ibis x Pombas.....	84
Figura 89	Residência C2 - Quadra 97 - Rua Pombas.....	84
Figura 90	Residência D2 - Quadra 97 - Rua Pombas x Harpia	84
Figura 91	Residência E2 - Quadra 101 - Rua Falcão - unidade nº 98	85
Figura 92	Residência F2 - Quadra 103 - Rua Falcão x Rua Perdizes - unidade nº 102.....	85
Figura 93	Residência G2 - Quadra 103 - Rua Falcão	85
Figura 94	Residência H2 - Quadra 104 - Rua Harpia x Rua Pica Pau.....	86
Figura 95	Residência I2 - Quadra 104 - Rua Ibis.....	86
Figura 96	Residência J2 - Quadra 105 - Rua Perdizes.....	86
Figura 97	Residência K2 - Quadra 109 - Rua Condor - unidade nº 104	87
Figura 98	Residência L2 - Quadra 110 - Rua Eurilemos - unidade nº 105.....	87
Figura 99	Residência M2 - Quadra 111- Rua Beija-Flor	87
Figura 100	Residência N2 - Quadra 112 - Rua Pica-Pau - unidade nº 108.....	88
Figura 101	Residência O2 - Quadra 114 - Rua Condor - unidade nº 111	88
Figura 102	Residência P2 - Quadra 117 - Rua Uru - unidade nº 112	88
Figura 103	Residência Q2 - Quadra 119 - Rua Uru - unidade nº 117.....	89
Figura 104	Residência R2 - Quadra 122 - Rua Macucos.....	90
Figura 105	Residência S2 - Quadra 126 - Rua Pica-Pau.....	90
Figura 106	Residência T2 - Quadra 132 - Rua Tricomodo - unidade nº 121.....	90
Figura 107	Residência U2 - Quadra 132 - Rua Tricomodo	91
Figura 108	Residência V2 - Quadra 137 - Rua Para-Piri	91
Figura 109	Residência X2 - Quadra 137 - Rua Mutum Pinima	91
Figura 110	Residência nº 15 com platibanda reta e inclinada.....	103
Figura 111	Residência nº 111 com platibanda reta e platibanda em V.....	103
Figura 112	Moldura em torno da janela - Residência nº 80	104
Figura 113	Moldura na platibanda - Residência nº 73	105
Figura 114	Elemento chanfrado - Residência nº 14.....	105
Figura 115	Elemento chanfrado - Rua das Garças	106

Figura 116	Elemento vazado circular a direita da platibanda - Residência nº 73.....	107
Figura 117	Elemento vazado abaixo da platibanda - Residência nº 72	107
Figura 118	Platibandas de concreto em corte nas residências nº 90 e nº 117.....	108
Figura 119	Planta com banheiro próximo dos dormitórios - Residência nº 18.....	112
Figura 120	Planta com banheiro junto à área de serviço - Residência nº 125.....	113
Figura 121	Planta com dois ambientes de garagem - Residência nº 08.....	114
Figura 122	Varanda da residência nº 104.....	116
Figura 123	Planta da residência nº 105 com setor privativo paralelo ao setor social e de serviço.....	116
Figura 124	Planta da residência nº 16 com setor privativo aos fundos e setores social e de serviço a frente.....	117
Figura 125	Residência nº 01 com janela horizontal	118
Figura 126	Laje, beiral e platibanda de concreto em corte na residência nº 27.....	120
Figura 127	Pilares da fachada da residência nº 60.....	122
Figura 128	Residência nº 122 com platibanda em V, pilares esbeltos e revestimento de pedra	123
Figura 129	Residência característica da década de 1970 - Unidades nº 92.....	124
Figura 130	Residência nº 34 - projetada na década de 1970	125
Figura 131	Projetista 1	126
Figura 132	Projetista 2.....	127
Figura 133	Projetista 3.....	127
Figura 134	Projetista 4.....	128
Figura 135	Projetista 5.....	128
Figura 136	Projetista 6.....	129
Figura 137	Perspectiva Residência nº 13	129
Figura 138	Perspectiva Residência nº 19	129
Figura 139	Perspectiva Residência nº 34	130
Figura 140	Perspectiva Residência nº 40	130

Figura 141	Perspectiva Residência nº 48	130
Figura 142	Perspectiva Residência nº 65	130
Figura 143	Perspectiva Residência nº 78	131
Figura 144	Perspectiva Residência nº 92	131
Figura 145	Perspectiva Residência nº 95	131
Figura 146	Perspectiva Residência nº 109	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Relação entre quantidade de projetos por profissional	58
Gráfico 2	Relação entre quantidade e década de aprovação.....	61
Gráfico 3	Relação entre unidades e ano de aprovação.....	63
Gráfico 4	Relação entre quantidade, ano e profissional	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro de análise.....	92
-----------------	------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
I.S.	Instalações Sanitárias
MES	Ministério da Educação e Saúde
PMA	Prefeitura Municipal de Arapongas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	JUSTIFICATIVA	19
1.2	PROPOSIÇÃO	19
1.3	QUESTÃO DE PESQUISA	19
1.4	OBJETIVO PRIMÁRIO.....	20
1.5	OBJETIVO SECUNDÁRIO.....	20
1.6	METODOLOGIA.....	20
2	ARAPONGAS	25
2.1	O CENÁRIO ARQUITETÔNICO.....	29
2.2	A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA.....	33
2.3	A APROPRIAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNISTA BRASILEIRA EM ARAPONGAS	37
2.4	ARQUITETURA MODERNA NO NORTE DO PARANÁ.....	44
3	MODERNISMO POPULAR	50
3.1	AS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS	55
4	ANÁLISE DAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS	91
4.1	ANÁLISE DAS RESIDÊNCIAS	101
4.1.1	Análise das Residências por Décadas	108
4.1.1.1	Década de 1950	108
4.1.1.2	Década de 1960	110
4.1.1.3	Década de 1970	117
4.1.2	Análise das Residências por Profissionais	120
4.1.2.1	Rolf Lunkmoss de Christo	120
4.1.2.2	Fued Abraham	122
4.1.2.3	Zigundo Dionísio Stasiak.....	124
4.1.2.4	A atuação dos desenhistas-projetistas	124

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS.....	136
	APÊNDICES.....	231
APÊNDICE A	Dados dos projetos levantados no arquivo da Prefeitura Municipal	231
APÊNDICE B	Entrevista José Colombino Grassano	232
APÊNDICE C	Entrevista Alessandro Filla Rosanelli	233
APÊNDICE D	Entrevista Gil Fernando de Christo e Giovanna Lunkmoss de Christo	234
APÊNDICE E	Entrevista Gean Carlo Cereia	236
APÊNDICE F	Entrevista Genésio Roque Freitas	237
APÊNDICE G	Entrevista João Baptista Bortolotti	238
APÊNDICE H	Quadro década de 1950	239
APÊNDICE I	Quadro década de 1960	240
APÊNDICE J	Quadro década de 1970	242
APÊNDICE K	Quadro com residências assinadas pelo engenheiro Rolf Lunkmoss de Christo	243
APÊNDICE L	Quadro com residências assinadas pelo engenheiro Zigmundo Dionísio Stasiak.....	244
APÊNDICE M	Quadro com residências assinadas pelo engenheiro Fued Abraham.....	245

1 INTRODUÇÃO

Arapongas está situada no norte do estado do Paraná, no eixo entre as cidades de Londrina e Maringá. Foi criada pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) no ano de 1935 e emancipada em 1947. Sua implantação tinha por objetivo a formação de um núcleo menor entre as cidades maiores, e operaria como um centro abastecedor para a população rural da região (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1975).

Arapongas, assim como Londrina e Maringá, teve sua economia na primeira e início da segunda metade do século XX pautada na agricultura, sobretudo na cafeicultura. Porém, com os incidentes climáticos e a queda da produção do café ocorridos na década de 1960, surgiu em 1966 o Parque Industrial, que buscava outras alternativas para a dinâmica econômica. Isso, posteriormente, fez com que a cidade se caracterizasse como uma das maiores no ramo moveleiro do Brasil (TÖWS *et al.*, 2008; IPARDES, 2006).

Tais anos de desenvolvimento são coetâneos ao período da ampla difusão da arquitetura moderna no Brasil.

A discussão acerca dessa arquitetura, proveniente, sobretudo, do movimento europeu, amplamente disseminado a partir do início do século XX, pregava a edificação racional, com uso de materiais industrializados, que se desprendesse da sua tradição e exercesse uma função social (LE CORBUSIER, 2013). Porém, em razão das condições aqui presentes, diferentes da realidade europeia, a arquitetura moderna nasceu "[...] descolada da sua base real" (ARANTES, 2002, p. 9).

No Brasil, um dos principais nomes da construção do movimento moderno foi o arquiteto Lucio Costa, na década de 1930. Ele tratava a arquitetura moderna como uma busca por aliar tradição e modernidade: a tradição advinda da arquitetura colonial e a modernidade pautada nas ideias de Le Corbusier.

A adesão de outros profissionais ao discurso de Lucio Costa, bem como o uso da linguagem desenvolvida por ele e seus seguidores, principalmente no Rio de Janeiro, fez surgir a denominação de *Escola Carioca*. Esta consistia na materialização de uma nova arquitetura com elementos que se referenciavam ao passado, conjugados com as ideias formais corbuserianas. Buscava integração entre arquitetura e artes plásticas e um afastamento do funcionalismo europeu (SUZUKI, 2003; LUCCAS, 2006).

Este movimento no Brasil ganhou ênfase, sobretudo, na questão plástica. Segundo Ficher e Acayaba (1982, p. 24), "[...] é na plástica [...] que reside o elemento mais original e diferenciador desta linguagem". É também este ponto que fez da arquitetura moderna brasileira ter o seu reconhecimento internacional. Para Bruand (2003, p. 151), isso se deu por conta do "[...] espírito inventivo e à grande liberdade de concepção demonstrados por um certo número de arquitetos no campo estético".

Com sua disseminação, ela se tornou símbolo da "identidade nacional", signo de "brasilidade" (ARRUDA, 2004; FICHER; ACAYABA, 1982; BASTOS; ZEIN, 2010; SEGAWA, 2014; LUCCAS, 2011). Embora não tenha sido a única vertente da arquitetura moderna no Brasil, foi ela - Escola Carioca - a mais importante para o progresso da linguagem e das técnicas que estavam se desenvolvendo (GUADANHIM, 2002).

Devido ao uso do concreto armado e de materiais industrializados disponíveis, bem como a criatividade dos profissionais, a arquitetura moderna desenvolveu uma série de elementos formais que foram largamente utilizados nas obras executadas no período de sua difusão.

Arapongas apresenta obras de diversas tipologias que fazem referência ao vocabulário dessa arquitetura. O objeto de estudo deste trabalho consiste no exame do conjunto de residências urbanas do período compreendido entre os anos 1950 e 1970.

A residência modernista brasileira é estudada com abrangência que compreende desde exemplares icônicos até aqueles com apropriações simplificadas dessa linguagem. A casa, no movimento moderno, tornou-se um signo que acompanhou as transformações que estavam ocorrendo no século XX. Segundo Miguel (2003), as mudanças que ocorreram nessa tipologia resultaram de questões de ordens técnicas, sociais e econômicas, fatores que interferiram diretamente no modo de vida de seus moradores, e, conseqüentemente, na sua configuração espacial. Para Buzzar (2003, p. 1), "[...] na arquitetura moderna brasileira a casa é interpretada como consequência e projeto da modernidade".

Para esta pesquisa, foram selecionadas apenas as unidades projetadas em alvenaria na região central, o núcleo inicial projetado pela CTNP, e sua escolha se deu por conta de o período de seu desenvolvimento ocorrer concomitantemente com a ampla difusão da arquitetura moderna.

1.1 Justificativa

A produção científica acerca da difusão da arquitetura moderna vem crescendo cada vez mais. Segundo Lara (2005a), muito já se produz no campo da historiografia sobre arquitetura moderna brasileira e ainda há muito o que se produzir sobre este rico período arquitetônico brasileiro.

Nota-se, porém, que a maior parte das publicações sobre essa difusão se concentram nas cidades de maior tamanho e população, enquanto os municípios interioranos, com menor índice populacional e territorial, têm ganhado menos atenção.

Assim sendo, o levantamento sobre as evidências dessa disseminação nas cidades de pequeno porte se faz igualmente importante para o preenchimento desta lacuna, contribuindo para a compreensão do fenômeno da arquitetura moderna brasileira.

Na região norte do Paraná há diversas cidades menores onde se encontram exemplares com apropriações da arquitetura moderna. Arapongas foi eleita em função de ser uma das poucas que preservou os projetos das unidades residenciais no arquivo da prefeitura municipal.

1.2 Proposição

Observando as evidências na cidade de Arapongas e constatando-se através de pesquisas (SUZUKI, 2003, 2011; GUADANHIM, 2002; REGO; DELMONICO, 2003) sobre a difusão da arquitetura moderna em cidades como Londrina e Maringá, tem-se como proposição que elas foram importantes fatores de difusão da linguagem moderna para Arapongas, e que o fenômeno da difusão encontrado na cidade se aproxima do que Lara define como "Modernismo Popular": em termos gerais, a apropriação do vocabulário formal pela classe média.

1.3 Questão de Pesquisa

Para investigar as proposições colocadas, o trabalho consistirá em responder à questão principal:

- a) Como ocorreu a apropriação da Arquitetura Moderna Brasileira nas residências de Arapongas?

A fim de responder à questão principal, elaboraram-se as questões secundárias:

- b) Quais foram os agentes que atuaram nessa produção?
- c) Como esses agentes trabalharam nessa produção?
- d) Por que houve apropriação desta arquitetura?

1.4 Objetivo Primário

Compreender o processo de transferência do repertório formal da arquitetura moderna na produção residencial em Arapongas. A partir da definição de “Modernismo Popular” desenvolvida por Fernando Lara, identificar os agentes e a maneira como agiram na produção dessa arquitetura na cidade.

1.5 Objetivo Secundário

Como objetivo secundário, objetiva-se a análise dos projetos pautada em um quadro, com o intuito de identificar as características formais e espaciais, contribuindo assim para melhor compreensão do fenômeno.

1.6 Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, foi adotada a estratégia Interpretativa Histórica de Groat e Wang (2002), que consiste na explicação de um fenômeno através da pesquisa, avaliação e narração. Esta estratégia é pautada na coleta de dados, com o levantamento do maior número de evidências, bem como sua organização, para então realizar a análise e assim construir sua narrativa.

Este trabalho busca dialogar com trabalhos de temáticas similares já produzidos, recorrendo à interpretação das semelhanças e diferenças apresentadas pelo levantamento de dados, de modo a inseri-lo no universo das pesquisas produzidas sobre o assunto.

A tática utilizada é o Estudo de Caso, pois para o preenchimento da lacuna de conhecimento, faz-se necessário eleger uma, dentre muitas cidades interioranas com menor população, a fim de estudar de forma detalhada o fenômeno em questão.

Para este estudo, fez-se um levantamento de dados no arquivo da prefeitura municipal, quadra a quadra, da região central da cidade. A área selecionada

corresponde atualmente ao centro comercial da cidade, o que levou muitos dos exemplares a serem alterados ou demolidos.

Encerrada a etapa da coleta de dados, iniciou-se a estratégia do redesenho, que colabora para o conhecimento aprofundado dos objetos, bem como para com a compreensão do processo de projeto, permitindo um direto envolvimento com a obra, contribuindo para sua reflexão (MAHFUZ, 2013; VIDAL; TINEM; COTRIM, 2011).

Para que as informações e interpretações não sejam superficiais e o conhecimento sobre o fenômeno possa apresentar maior consistência, as unidades serão avaliadas através de um quadro de análise elaborado com base no estado da arte. Para a estruturação desse documento, estabelece-se como parâmetro inicial o utilizado na dissertação *Transposição de ideias brutalistas: edifícios institucionais em Londrina de 1970 a 1983*, onde Mota (2018) seguiu um referencial metodológico organizado por Zein (2005). Na tese *Arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973*, a autora identifica o "[...] abecedário das características da arquitetura da escola paulista brutalista" (ZEIN, 2005, p. 33).

Embora este trabalho não trate do brutalismo, a adoção de uma estratégia semelhante à de Zein (2005) justifica-se pela categorização elaborada pela autora sobre os aspectos de um movimento, facilitando a análise das edificações. Zein (2005) agrupa as características quanto ao partido, composição, elevações, sistema construtivo, texturas e ambiência lumínica e características simbólico-conceituais.

Para esta pesquisa, as categorias construídas foram quanto à Implantação, Cobertura, Planta, Elevações e Sistema Construtivo. Embora as unidades tenham sido eleitas pelas características formais, a análise dos demais elementos constantes em um projeto assume igual importância para a compreensão geral do fenômeno. A tabela de análise presente na tese *Influência da Arquitetura moderna nas casas de Londrina: 1955-1965* (GUADANHIM, 2002, p. 407) também foi utilizada. Nela, Guadanhim (2002) elenca as principais características identificadas do fenômeno em Londrina.

Na categoria "Implantação" será analisada a disposição do programa no terreno, verificando se ele foi concentrado em apenas um único ou mais volumes construídos. Este tópico visa identificar se há separação entre moradores e funcionários, indicando a possível condição do contratante, bem como fatores de ordem histórica, onde os aposentos dos empregados ocorriam fora do corpo da casa (TRAMONTANO, 1993; ALDRIGUE, 2011).

Quanto à “Cobertura”, o viés para estudo será o número de águas dos telhados, os materiais bem como sua configuração, pois de acordo com Bruand (2003, p. 13), o telhado tradicional deu “[...] origem a novas formas, [...] de acordo com o gosto em voga: de um lado, estão os telhados de uma água [...] de outro, os telhados de duas águas com calha central”.

Segundo Reis Filho, a partir da década de 1940 o Brasil iniciou um próspero período industrial com grandes reflexos na construção civil. Dentre as mudanças, está a cobertura das edificações, que passaram a se utilizar de “[...] telhas de novos materiais, com pequenas inclinações, [...] e ocultas sob discretas platibandas, dariam o ensejo a uma geometrização geral dos volumes, nos termos dos modelos estrangeiros das casas de teto plano [...]” (REIS FILHO, 2014, p. 91). Aqui esses materiais serão analisados pelo emprego da telha de fibrocimento.

Elegeram-se os projetos em função das suas características plásticas, visando compreender melhor o fenômeno da busca pelo que se tinha como moderno. Porém, uma edificação não é composta apenas pelas características externas, mas sobretudo, pelos ambientes e suas inter-relações. Com a eleição dos exemplares que demonstram no seu exterior o anseio de modernidade, pretende-se analisar também seus interiores, com o intuito de verificar se houve reflexos do discurso modernista na configuração espacial dessas residências.

Na classificação “Planta” as considerações serão em relação ao número de pavimentos (térrea ou com dois pisos) e na disposição do programa (setorização de funções). Na arquitetura modernista, a configuração espacial estava pautada na funcionalidade do espaço. Os ambientes deveriam se reunir de acordo com a função que desempenhavam. Essa associação foi denominada de setores, separados em três grupos principais, sendo eles, o social, serviço e íntimo (ALDRIGUE; TINEM, 2014). Essa categoria pretende verificar se as residências apresentavam tal característica ou ainda apresentavam referências às construções do século XIX, onde a planta era compartimentada e os ambientes dispostos em “[...] zonas de prestígio - as salas -, zonas de exclusão - as cozinhas, banheiros e quartos de empregados - e zonas íntimas - os quartos de dormir da família” (TRAMONTANO, 1993, p. 1).

A análise das “Elevações” consistirá na observação da busca pela horizontalidade, como afirma Lara (2001) e Rego e Delmonico (2003), uma das fortes características da arquitetura modernista da primeira metade do século XX. Nessa categoria, serão examinadas as fachadas visando identificar se todas

recebiam tratamento plástico ou se contemplavam apenas a elevação voltada para a via pública, bem como indicar quais foram os elementos formais tomados por apropriação da arquitetura moderna, nas unidades identificadas.

Por fim, os projetos serão averiguados em relação ao “Sistema Construtivo”, que tem por intenção examinar o uso do concreto armado, material amplamente difundido pela arquitetura moderna em função das possibilidades da planta livre e separação da estrutura e vedação. Essa característica será investigada quanto à sua presença na supra estrutura, bem como sua utilização nos elementos formais presentes nas fachadas, pois de acordo com Guadanhim (2002), muitas vezes essa técnica era usada apenas para a execução dos elementos apropriados.

O quadro elaborado para esta pesquisa visa identificar as aproximações e distanciamentos do fenômeno ocorrido em Arapongas relacionando-o com os estudos da apropriação da arquitetura modernista no Brasil.

Como citado anteriormente, a estratégia metodológica adotada objetiva buscar o maior número de evidências possíveis do fenômeno da difusão e apropriação de ideias da arquitetura moderna. Nesse sentido, a sistematização em bases estatísticas e a demonstração dos dados em quadros e tabelas auxiliam na leitura dos dados coletados.

Além da análise pautada no quadro, outras fontes utilizadas para a obtenção de informações foram as entrevistas com pessoas relacionadas ao processo, além de pesquisas de fontes secundárias, especialmente em periódicos locais e regionais, dentre eles a principal revista de Arapongas, *Revista da Cidade*, e também no periódico *A Pioneira*, que possuía sede em Londrina, mas que retratava os acontecimentos das cidades do entorno.

O estudo do fenômeno da apropriação da arquitetura moderna neste trabalho se estruturará em três capítulos. O primeiro apresenta aspectos históricos do desenvolvimento da cidade, bem como o processo de transformação do cenário arquitetônico. Neste item também será apresentada a revisão de literatura acerca de circulação de ideias e difusão da arquitetura moderna. O mesmo capítulo também apresentará a manifestação dessa disseminação nas construções em Arapongas, *Apropriação da arquitetura modernista brasileira em Arapongas* e nas cidades de Londrina e Maringá, no subcapítulo *Arquitetura Moderna no norte do Paraná*.

O segundo capítulo será dedicado ao estado da arte em relação ao conceito de "Modernismo Popular", bem como sua manifestação em Arapongas.

O terceiro contemplará a análise das residências, pautada no quadro descrito anteriormente, seguido das considerações finais.

Este trabalho é composto de dois volumes, sendo o segundo dedicado ao levantamento gráfico dos objetos da pesquisa. Para melhor compreensão, recomenda-se que no Capítulo 4, o exame do Volume 2 seja utilizado concomitantemente à leitura do texto.

2 ARAPONGAS

Arapongas é parte integrante da região metropolitana de Londrina e reconhecida nacionalmente como um grande polo moveleiro. É considerada uma cidade de médio porte¹, sendo sua população em 2018, segundo o IBGE, de 121.198 habitantes.

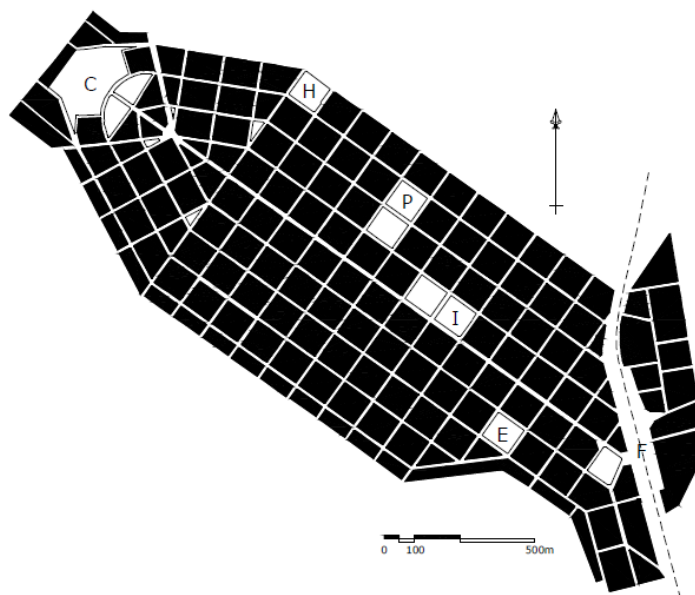
O surgimento do município se deu em razão da colonização do norte do estado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). Empresa de capital britânico, a CTNP comercializava lotes rurais e urbanos, sendo também responsável pela implantação de diversos outros municípios. O projeto da Companhia consistia na instalação de cidades e patrimônios nos espigões entre os rios Ivaí e Paranapanema. Tinha por intenção a criação núcleos urbanos maiores distantes 100 quilômetros uns dos outros, e entre eles, centralidades menores de 15 em 15 quilômetros, interligadas por uma via férrea², que serviriam como apoio para as áreas rurais do entorno. Arapongas surge como um desses centros de menor tamanho em 1935. Foi projetada por Willie da Fonseca Brabazon Davids, diretor técnico da Companhia nesse período, e implantada no eixo Londrina-Maringá, núcleos maiores das proximidades. Pertenceu a Londrina até 1943 e posteriormente foi distrito de Rolândia, até 1947, quando houve a emancipação do município (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1975; MÜLLER, 2001).

Com relação ao desenho realizado pela CTNP para a cidade (Figura 1), ele apresentava uma configuração linear com traçado de vias ortogonais, contendo 168 quadras com lotes predominantemente retangulares, em área pouco acidentada, possibilitando que a avenida principal se implantasse no espigão, permanecendo perpendicular à linha férrea, adquirindo assim um diferencial das demais cidades projetadas pela Companhia, onde a avenida principal geralmente estava ligada no mesmo eixo da praça principal e da estação ferroviária (REGO; MENEGUETTI, 2006).

¹ Segundo o IBGE, as cidades de médio porte são as que apresentam população entre 100.000 e 500.000 habitantes.

² A via férrea em questão é a Companhia Ferroviária São Paulo Paraná. Segundo Yamaki (2017), a concessão da estrada foi adquirida pela CTNP em 1928, de uma outra já existente (Estrada de Ferro Concessão A. Ribeiro e Outros, de 1920) e o projeto previa a ligação entre Ourinhos (SP) a Cambará (PR), formando o eixo leste - oeste na área de colonização da Companhia. Os trilhos da ferrovia chegaram a Arapongas no ano de 1941 (A PIONEIRA, 1948).

Figura 1 - Mapa do núcleo inicial de Arapongas



Fonte: Rego e Meneguetti (2006)

O mapa acima indica a localização da igreja matriz (I) na principal avenida, o ginásio de esporte (P), a algumas quadras dessa, a escola (E) a ser implantada mais a sul, o hospital (H) no limite superior norte e por fim o cemitério (C) ao final da área, localizado a noroeste.

Desde sua criação até meados da década de 1960, a atividade econômica era pautada predominantemente na agricultura, sobretudo na cafeicultura, seguida da produção de arroz, feijão e milho. Embora o café fosse o principal produto, a produção dos demais grãos fazia de Arapongas o maior centro cerealista da região norte do estado (A PIONEIRA, 1948; FERREIRA, 1959).

Devido à forte produção agrícola, a maior parte da população se concentrava no campo e o núcleo urbano tinha como função oferecer apoio aos moradores rurais. No período inicial, a área urbanizada apresentava baixo desenvolvimento, visto que no ano de 1937, dois anos após o projeto, a cidade registrava cerca de 100 casas (GOMES, 1938). Na Figura 2 nota-se o pequeno número de edificações na porção urbana de Arapongas.

Figura 2 - Arapongas em 1937



Fonte: acervo Museu Histórico de Arapongas

Em 1945, o distrito já não pertencia a Londrina, mas a Rolândia, e ainda não havia demonstrado maiores avanços na ocupação urbana. Segundo Ferreira (1959), nesse ano a cidade contava com 600 casas. Devido ao baixo desenvolvimento do local, moradores se uniram para criar em 1947 a "Sociedade dos Amigos de Arapongas". Eles clamavam pela emancipação do município e pressionavam o governo do Estado, visando maior desenvolvimento da região. Nesse mesmo ano, a reivindicação foi atendida e Arapongas foi elevada oficialmente à cidade pela Lei nº 2, de 10 de outubro de 1947, incorporando Astorga e Sabáudia como distritos (SATO; SATO, 2009).

Após sua emancipação, o município apresentou maior desenvoltura na questão urbana. Segundo o periódico local *A Pioneira*³ de 1948, a área urbanizada apresentava um considerável desenvolvimento, chegando ao número médio de quatro casas construídas por dia, visto que nesse período as construções eram realizadas com madeira, material que contribui para rápida execução. De acordo com IBGE (1955), em 1950 Arapongas já apresentava uma população de 25.266 habitantes⁴, visto que 4.494 habitantes residiam na área urbana, que contava com 1.147 domicílios (Figura 3), representando o maior avanço em relação às décadas anteriores. Mas foi a partir dos anos 1960 que a cidade apresentou um significativo desenvolvimento urbano. De acordo com o censo realizado nesse ano (IBGE, 1960), Arapongas possuía uma população de 37.756 habitantes⁵ com 6.917 domicílios.

³ A Pioneira foi uma revista de circulação local de 1948 a 1954, com sede em Londrina, que tinha por objetivo informar sobre os acontecimentos da região e também divulgar as terras do norte do Paraná com intuito de atrair novos compradores (KOMARCHESQUI; BONI, 2013).

⁴ O número de habitantes é referente apenas à área de Arapongas. Considerando a cidade juntamente com seus distritos, sua população em 1950 era de 58.488 habitantes.

⁵ Esse número de habitantes se refere somente a Arapongas, visto que neste período, tanto Astorga, como Sabáudia, já haviam se emancipado.

Figura 3 - Vista aérea em 1950



Fonte: Souza (2000, p. 77)

Embora a década de 1960 apresentasse aspectos positivos para o desenvolvimento urbano, estes anos também foram marcados por fatores negativos, sobretudo para a produção agrícola. O primeiro, causado pelas fortes geadas que ocorreram no norte do estado do Paraná, que desde os anos 1950 interferia na produção, especialmente do café. O segundo ponto era a divulgação por parte do governo federal no programa de racionalização do café⁶.

Observaram-se então por parte do governo do Paraná esforços para inserir o estado no novo contexto brasileiro, concentrando-se, sobretudo, no incentivo à industrialização. Tal iniciativa por parte do Estado consistia na oferta da infraestrutura⁷ como suporte para a implantação das indústrias (FRESCA, 2004).

Concomitantemente, o município de Arapongas, que já vinha apresentando dificuldades na economia baseada prioritariamente no café, optou por mudanças através da industrialização. Em 1966, criou-se o Parque Industrial de Arapongas, incentivado pelo então prefeito José Colombino Grassano, buscando a diversificação e o crescimento econômico do município (TÖWS *et al.*, 2008; IPARDES, 2016).

Segundo Pereira e Pereira (2018), inicialmente o objetivo era incentivar indústrias de diversos ramos, porém em razão da alta atividade no manejo de

⁶ O programa de racionalização do café consistiu em uma iniciativa do Instituto Brasileiro do Café (IBC) visando a diminuição da produção cafeeira, devido à baixa do preço do produto no mercado internacional em decorrência da super produção ocorrida no início da década de 1960 (KOHLHEPP, 2014).

⁷ Neste período foi criada a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR), no ano de 1962 e tinha por objetivo oferecer infraestrutura para as indústrias no Paraná, tais como água, luz, telefonia e pavimentação de estradas, visando tornar tal atividade mais rentável. A CODEPAR também tinha como intuito ser financiadora de empresas do ramo industrial (BRAGUETO, 1999; FRESCA, 2004).

madeiras na região e das pequenas marcenarias existentes no local, a industrialização no município voltou-se predominantemente para o ramo de móveis.

2.1 O cenário arquitetônico

De acordo com Rego e Meneguetti (2006), os projetos para a colonização do norte do Paraná apresentavam certas similitudes com as modernas ideias de planejamento urbano que estavam ocorrendo na Europa⁸ no início do século XX. Embora o desenho das cidades possuísse tal característica, Arapongas não demonstrava reflexos dessa modernidade na produção das construções, tanto na porção urbana, como na rural.

No início de seu desenvolvimento, o cenário construtivo que se apresentava se assemelhava a outras cidades da região: nos primeiros anos, construía-se com os materiais e técnicas disponíveis, onde a madeira era a maior fonte de matéria prima (Figura 4).

Figura 4 - Edificações de madeira na década de 1940



Fonte: Souza (2000, p. 73)

Anteriormente à ocupação do território, o local era coberto pela mata atlântica. Com a abertura da mata, madeiras de diversas espécies eram utilizadas para a construção das edificações, sendo elas comerciais, residenciais e de serviço (Figuras 5 e 6). A derrubada da floresta também contribuiu para a abertura de várias

⁸ Segundo Rego e Meneguetti (2006), as similitudes com as ideias europeias estavam ligadas ao ideário de cidade-jardim desenvolvido por Ebenezer Howard. As semelhanças entre o planejamento da CTNP e as ideias de Howard seriam as cidades implantadas ao longo da rodovia, com espaçamento regular entre elas e todas rodeadas por um cinturão de vegetação.

madeireiras na região, que juntamente com a produção de grãos e a chegada da rodovia contribuíram para o desenvolvimento do local (SATO; BONI, 2009).

Figura 5 - Igreja de madeira em 1947



Fonte: A Pioneira (1948)

Figura 6 - Armazéns de madeira



Fonte: Sato e Boni (2009, p. 142)

Observando fotografias da época, nota-se que as edificações de madeira apresentavam pouca ou nenhuma ornamentação e as coberturas eram sempre em telhas de barro. De acordo com os projetos aprovados na prefeitura do município, o uso predominante da madeira para as edificações se estendeu até o início da década de 1950 e alguns profissionais, tais como Rolf Lunkmoss de Christo e Zigmundo Dionísio Stasiak, que assinaram os projetos de edificações de madeira, posteriormente seriam os responsáveis por diversos projetos com elementos tomados da arquitetura modernista.

A ausência de estudos sobre a arquitetura de Arapongas levou à construção de um panorama de sua fisionomia urbana a partir da análise da iconografia disponível e de peças gráficas depositadas na prefeitura local.

Na transição entre as décadas de 1940 e 1950, a cidade apresentava uma mescla de materiais e técnicas para a construção das edificações. A Figura 7 mostra a principal avenida da cidade em 1950. Nela se observa a presença de construções de madeira e de alvenaria, que gradativamente passou a dominar o cenário construtivo ao longo da década de 1950.

Figura 7 - Av. Arapongas em 1950



Fonte: Souza (2000, p. 87)

Com o uso da alvenaria, Arapongas passou a apresentar edificações com diversas características arquitetônicas. O primeiro Fórum (Figura 8) apresentava referências à arquitetura neoclássica, a nova Igreja Matriz possui traços da arquitetura neocolonial. Colégios, estabelecimentos comerciais e residências também apresentavam variadas referências.

Figura 8 - Primeiro Fórum



Fonte: Gouveia (1957)

Edificações com apropriações da arquitetura Art Déco também se fizeram fortemente presentes no município. Segundo Castelnou (2002), o estilo consistiu em uma produção que buscava conciliar os traços modernos e industrialização com práticas ecléticas, demonstrando atenção ao tratamento plástico das superfícies. Segundo o autor, a arquitetura produzida com elementos Art Déco tinha como características marcantes as arestas arredondadas, os acessos realizados pela esquina, frisos e ornamentação geometrizada. Os edifícios com tal referência localizavam-se no centro, e de acordo com fotos do período, disponíveis em livros e

periódicos, a maior parte delas era destinada ao uso comercial ou de serviço, como o prédio da antiga Prefeitura do município e a sede dos Correios (Figura 9). As edificações comerciais eram, geralmente, edifícios de dois pavimentos (Figura 11, 12 e 14), muitos deles situados na principal avenida da cidade (Figura 10).

Figura 9 - Sede dos Correios



Fonte: IBGE (2019a)

Figura 10 - Av. Arapongas década 1950



Fonte: Souza (2000, p. 77)

Figura 11 - Edificação comercial A



Fonte: Souza (2000, p. 115)

Figura 12 - Edificação comercial B



Fonte: Souza (2000, p. 118)

Figura 13 - Clube comercial



Fonte: Souza (2000, p. 120)

Figura 14 - Avenida Central



Fonte: Souza (2000, p. 107)

Nos anos de 1950, surgiram as primeiras edificações com características provenientes da arquitetura modernista brasileira.

2.2 A circulação de ideias e a difusão da arquitetura moderna brasileira

No que tange ao estudo sobre circulação de ideias, Said (1983) afirma que ideias e teorias não são fixas, elas viajam, e que esse movimento é importante para a vida cultural e intelectual. Tal importância se deve ao fato de as ideias circularem de um lugar ao outro, de uma pessoa para outra, mesmo em diferentes períodos. O autor também aponta que é possível identificar quatro estágios na circulação de ideias: o ponto de origem das ideias com seu conjunto de circunstâncias iniciais; a distância de transferência, de como a ideia muda de um ponto a outro; o conjunto de condições existentes, que pode ser tanto de aceitação, como de rejeição, apoiando ou confrontando a ideia transferida, e em decorrência disso, tem-se o último estágio, onde as ideias são transformadas no novo lugar, seja em um novo uso ou uma nova posição.

No segundo estágio apontado por Said (1983), identifica-se que quando ocorre a circulação de determinada teoria ou ideia, elas não são transferidas em sua plenitude, tampouco se constituem como um processo uniforme. Na viagem, elas se modificam, pois todas as partes envolvidas no processo colaboram para a sua difusão, fazendo com que sejam interpretadas no contexto que estão sendo inseridas (WARD, 2000; REGO *et al.*, 2016).

Partindo dos pontos apresentados pelos autores citados acima, é possível compreender como ocorreu a circulação de ideias da arquitetura moderna no Brasil e por que ela se desenvolveu de modo diferenciado de sua origem.

Segundo Rego (2012, p. 1), a circulação de ideias no modernismo

[...] se valeu da atuação local de consultores externos, de viagens de profissionais brasileiros ao exterior, da sua participação em eventos internacionais da área, do contato com textos especializados e, em certos casos, de estudos realizados em outros países.

Os primeiros indícios da circulação de ideias sobre o modernismo na arquitetura no Brasil se deu pelos arquitetos Rino Levi e Gregori Warchavchik, "[...] pioneiros nacionais na divulgação de ideias de arquitetura moderna" (ANELLI, 1999, p. 6), quando publicaram seus manifestos em jornais do país, em 1925, sobre uma nova arquitetura que pregava, sobretudo, a racionalidade e a anulação da ornamentação. Tais publicações, contudo, não alteraram a rotina dos arquitetos no Brasil (SEGAWA, 2014).

Fruto dessas publicações foi a residência de Warchavchik, em 1927, considerada a primeira obra modernista no Brasil. Segundo Arantes (2002), desde a sua construção, o modernismo no Brasil não obteve grande repercussão, ocorrendo somente anos mais tarde, sobretudo com o projeto e construção do Ministério da Educação e Saúde (MES) e o incentivo do Estado que contribuiriam para ao processo de difusão da arquitetura moderna brasileira.

Além de Gregori Warchavchik e Rino Levi, nomes como Flávio de Carvalho e Victor Dubugras atuaram na busca de uma arquitetura "moderna" no período anterior à edificação do MES, com um viés mais próximo, no que era possível, dos princípios racionalistas europeus.

No entanto, as condições aqui existentes não permitiram a implantação da ideia de arquitetura moderna, conforme pregava a base inicial. Segundo Reis Filho (2014, p. 76), nessa tentativa de ser moderno com as condições presentes, as edificações por vezes apresentavam "[...] um tratamento arquitetônico externo de inspiração cubista, distribuído com equilíbrio pelas quatro elevações", mas que no interior era ocultado por "[...] uma estrutura de paredes de tijolos e uma disposição geral tradicional". Tanto Warchavchik, como Rino Levi, projetaram diversas obras, sobretudo residências, em que é possível identificar a aplicação parcial do discurso pregado por Le Corbusier, e mesmo não o seguindo rigorosamente, buscavam o volume puro, branco, os materiais industrializados e a racionalidade da construção da maneira que lhes era possível, pois o Brasil não detinha tecnologias avançadas como

na Europa e a reprodução plena do discurso tornou-se inviável, ou seja, as condições do Brasil fizeram com que inicialmente a arquitetura moderna se adaptasse à realidade local. Segawa (2014) afirma que nenhuma das primeiras obras realizadas no Brasil correspondeu plenamente ao ideário moderno europeu.

Mesmo com a atuação desses profissionais em São Paulo e suas tentativas de adesão ao Movimento Moderno internacional, a difusão da arquitetura moderna só ganhou maior foco com os escritos de Lucio Costa, que buscava uma síntese entre herança colonial e princípios corbuserianos. Esta junção fez com que no Brasil o modernismo adquirisse mais uma característica, a nacionalidade (SEGAWA, 2014, p. 32).

Outro importante fator para a difusão da arquitetura moderna brasileira, como apontado por Arantes (2002), foi o incentivo do Estado. Com Getúlio Vargas no poder, de 1930 a 1945, houve a criação do Estado Novo, que buscava "[...] construir uma nova nação, sendo necessária, para alcançar esse objetivo, a promoção de reformas em diversos setores, como os de educação, saúde, finanças, administração pública e gestão urbanística" (REZENDE; RIBEIRO, 2009, p. 3). De acordo com Segawa (2014), os arquitetos aliados a Lucio Costa receberam estímulos do então presidente. Bruand (2003) afirma que esse impulso levou à construção de diversos edifícios públicos, e contribuiu para que alguns profissionais pudessem colaborar na renovação da arquitetura.

Posteriormente, com o governo de Juscelino Kubitschek, a arquitetura moderna voltaria a ser alvo importante para as questões políticas, "[...] estimulando toda a sociedade para a ideia de modernização" (LARA, 2018, p. 38). Segundo Koury (2016, p. 1),

O arrojo das obras intensivas em tecnologia servia como imagem midiática da modernização implementada pelo governo brasileiro. A grande projeção, tanto das obras em Brasília uma das metas do programa de Kubitschek [...], garantiam, respectivamente o sucesso das 'escolas' carioca e paulista e de seus protagonistas.

O edifício do MES, bem como a consolidação da Escola Carioca, proporcionou uma difusão em grande escala da chamada arquitetura moderna brasileira. De acordo com Bruand (2003), o Brasil dispunha de meios geográficos e econômicos que contribuíram significativamente para a difusão do movimento. Com relação aos meios geográficos, o autor aponta que a maior concentração da população, de renda e de obras importantes se encontrava nas três principais cidades desse período, Rio de

Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e que elas, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, mantinham fortes vínculos com centralidades menores através dos meios de transporte, que em muito favoreciam tais conexões. Já nas questões econômicas, o autor indica novamente a importância dos meios de transporte, responsáveis pela circulação de mercadorias e o crescimento das cidades, que impulsionou a atividade imobiliária, sobretudo no período pós guerra.

Outro forte meio para a circulação de ideias e difusão da arquitetura moderna foram os veículos de comunicação. Posteriormente ao primeiro catálogo, *Brazil Builds* de Philip Goodwin em 1943, começou a circulação de livros e revistas, especializadas ou não, que difundiam a arquitetura moderna brasileira. No campo das publicações especializadas, há autores de livros como Henrique Mindlin, com *Modern Architecture in Brazil* de 1956 e Yves Bruand com *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, trabalho apresentado originalmente em 1971 e publicado no Brasil dez anos mais tarde.

Mais do que os livros, porém, foram os periódicos que mais contribuíram para a difusão da arquitetura moderna brasileira. Em diversas regiões do país, conforme apontado por Lara (2005a), Arruda (2004) e Guadanhim (2002), nem sempre as cidades contavam com arquitetos para todas as obras, fazendo com que muitos engenheiros, projetistas, e até mesmo os habitantes da cidade, atuassem nos projetos. Assim sendo, o meio mais importante de difusão para esse público foram as revistas, que traziam toda a euforia e posição de progresso da arquitetura moderna. Dentre as principais revistas, Segawa (2014) aponta *Acrópole*, *Arquitetura*, *Arquitetura e Engenharia*, *Brasil Arquitetura Contemporânea*, *AD Arquitetura e Decoração*, *Brasília*, *Módulo*, mais voltadas aos profissionais da área, e *O Cruzeiro* e *Manchete*, revistas não especializadas em arquitetura.

No que tange às revistas especializadas, Lassi e Cappello (2009) tratam da difusão através dos periódicos nacionais publicados de 1945 a 1970. Nesse trabalho as autoras levantam pouco mais de 25 revistas, buscando analisar os autores e anos das publicações, bem como as obras e os arquitetos citados. Com esse estudo, Lassi e Cappello (2009, p. 18), afirmam que "[...] os projetos divulgados são exatamente aqueles que possuem maior expressão para a arquitetura moderna, e que são considerados as obras mais importantes de seus criadores".

Já as revistas não especializadas, por vezes publicaram conteúdos sobre arquitetura moderna, mas na maioria das vezes se utilizavam do tema para questões

comerciais, propagandas de diversos itens, de utilidades doméstica a carros, sempre utilizando um cenário que continha construções com elementos e aspectos da nova arquitetura (GUADANHIM, 2002; ARRUDA, 2004; LARA, 2005a).

Com o apoio de muitos profissionais, do Estado e da mídia, a arquitetura moderna brasileira expandiu seus limites além da capital federal (Rio de Janeiro). Segundo Bastos e Zein (2010, p. 26), o brilhante exemplo da arquitetura moderna brasileira, juntamente com o reconhecimento internacional impulsionaram a "[...] rapidez na aceitação de seus paradigmas - entre os quais, o desejo de representar uma 'brasilidade' e de colocar-se entre os aspectos culturais relevantes da 'identidade nacional'".

O Rio de Janeiro, capital até 1960, era referência para todo o país, em razão da sua condição política e econômica, e foi o centro de maior importância para a arquitetura moderna brasileira, pois são nas metrópoles onde há maior promoção e difusão de ideias (REGO, 2012).

A promoção e difusão dessas ideias fez com que outros locais começassem a recebê-las. A circulação de ideias na arquitetura moderna de um local ao outro se deu, sobretudo, no deslocamento dos profissionais, geralmente do Rio de Janeiro para as demais localidades, e contribuiu para a emancipação cultural e atualização da técnica (SEGAWA, 2014; FICHER; ACAYABA, 1982). Localidades como Manaus, Recife, Porto Alegre e Curitiba são exemplos de cidades que foram beneficiadas com a mudança desses profissionais, que se formavam nas principais escolas de arquitetura com ensino voltado à nova linguagem, e que a levaram para diversas áreas do país, contribuindo assim, para a difusão da arquitetura moderna brasileira. Conforme afirma Segawa (2014, p. 134), "[...] esse trânsito de profissionais pelo país simboliza uma troca e um enriquecimento de valores" e que

[...] caracterizam um processo de transferência de conhecimento e tecnologias de regiões mais desenvolvidas [...] para outras menos desenvolvidas, num processo indutivo de modernização e uniformização de valores culturais e técnicos via arquitetura.

2.3 A apropriação da arquitetura modernista brasileira em Arapongas

O período compreendido entre 1936 a 1957 foram os anos mais ricos da arquitetura moderna no Brasil (COMAS, 2010). O ano de 1957 foi marcado pelo projeto da cidade de Brasília, obra concluída em 1960 (SEGAWA, 2014). Porém, em

função da ampla difusão dessa arquitetura, a produção, bem como suas respectivas apropriações, estenderam-se por maior tempo. Segundo Segawa (2014), até a década de 1960 muitas cidades brasileiras expandiram suas fronteiras e possuíam exemplares, sobretudo, da arquitetura modernista imitativa.

Dentre elas encontra-se a cidade de Arapongas. Sua criação data da segunda metade da década de 1930, porém, somente anos mais tarde despontou os primeiros exemplares consoantes com a linguagem do movimento modernista. O período que registrou tais obras vai do início dos anos de 1950 e estendem até a década de 1970. Nesse intervalo eram claras as referências ao repertório formal do Movimento Moderno.

Para o reconhecimento das edificações⁹ que visualmente se aproximam da linguagem modernista, realizou-se levantamento de fotografias disponíveis no livro *Exortação à Arapongas* e nos periódicos locais¹⁰ (SOUZA, 2000). Também foram observadas as imagens cedidas pelo Museu Histórico de Arapongas.

As análises foram pautadas no conjunto de elementos que compunham o vocabulário formal, forte característica do Movimento, devido à grande importância da questão plástica. As edificações que apresentavam tais características são, em sua maioria, comerciais ou unidades residenciais e se localizam na região central do município e seus arredores.

A primeira edificação identificada foi o Hotel Lodi, projetado pelo engenheiro civil Rolf Lunkmoss de Christo e localizado na principal avenida da cidade. Segundo informações constantes na publicação *Almanaque de Arapongas: 1947 - 1957*, o hotel foi construído por Américo Hermenegildo Sampaio e Benedito Arthur Sampaio, médicos residentes na capital do estado de São Paulo. De acordo com Gean Carlo Cereia (APÊNDICE E) a família Sampaio já residia em Arapongas desde a década de 1930, decorrente de uma grande compra de terras, em 1926.

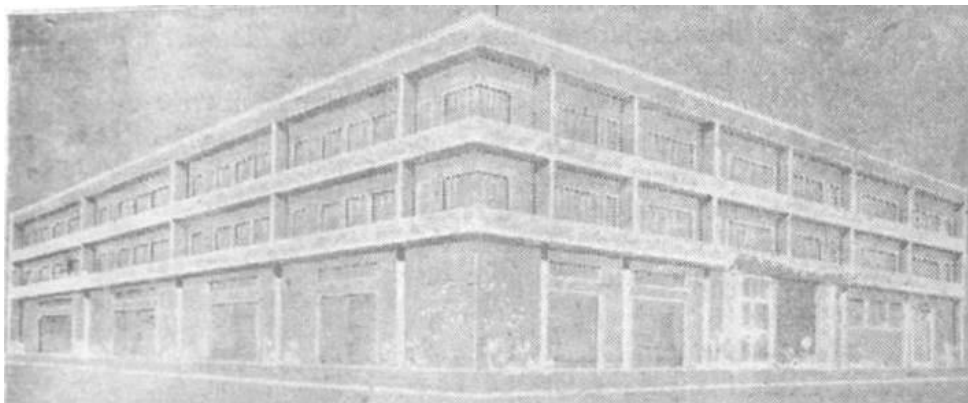
A publicação traz uma imagem (Figura 15) descrevendo o empreendimento como um "moderníssimo edifício a ser instalado na cidade" (GOUVEIA, 1957). O projeto que foi executado e ainda preserva algumas de suas características: pilares circulares no térreo, que remetem à estrutura encontrada no MES, elementos vazados

⁹ Devido à carência de estudos sobre arquitetura e suas manifestações em cidades menores, Arapongas não possui referências bibliográficas sobre os edifícios. Os dados levantados das unidades não residenciais aqui apresentadas são provenientes de análise de fotografias e informações dos órgãos municipais.

¹⁰ Revista *A Pioneira*, que circulava em Londrina e Revista da Cidade, exclusiva do município de Arapongas publicada desde 1964.

no fechamento do guarda corpo nas sacadas e paredes revestidas de pedra natural nas paredes do térreo.

Figura 15 - Projeto Hotel Lodi



Fonte: Gouveia (1957)

Outro edifício a fazer forte uso do elemento vazado foi o Colégio La Salle (Figura 16). O terreno fora doado para a instituição religiosa na primeira gestão de José Colombino Grassano (1955 a 1959). Em razão das fortes geadas, a instituição encerrou suas atividades e o prédio, posteriormente abrigou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Atualmente é sede da prefeitura do município. O projeto, trazido de fora pelos irmãos lassalistas na década de 1950, tinha parte da fachada inteiramente vedada com os blocos vazados, item que conferia uma verticalização ao edifício de três pavimentos com uma composição de linhas predominantemente horizontais. Essa edificação também fez uso dos pilares circulares no pavimento térreo, exercendo a função de sustentar a marquise de proteção do acesso à edificação.

Figura 16 - Colégio La Salle



Fonte: acervo Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica - UEL (2020)

Continuando com os elementos provenientes das preocupações com as condições climáticas está o *brise-soleil*. Concebido por Le Corbusier, foram largamente utilizados em edifícios nas mais diversas maneiras, fixos e móveis, verticais e horizontais e confeccionados em diferentes materiais. Acabaram por se tornar um elemento que proporciona dinamismo para as obras, em função das sombras ocorridas pelo movimento do sol durante o dia, e converteu-se um forte elemento de expressão da arquitetura moderna brasileira (MINDLIN, 1999; BRUAND, 2003).

Em Arapongas, a edificação que apresenta brises em sua composição é o Mercado Municipal edificado no final da década de 1950 (Figura 17). Também localizado na principal avenida da cidade, a construção, nos pisos superiores, é circundada com o elemento em toda a extensão da fachada.

Figura 17 - Mercado Municipal



Fonte: IBGE (2019b)

Tanto o uso dos brises, como dos elementos vazados na arquitetura moderna, vieram da necessidade de atenuar as condições climáticas geradas pelo uso de grandes fachadas envidraçadas. Segundo Bruand (2003, p. 12), "[...] as teorias e o exemplo de Le Corbusier [...] enalteciam a abertura dos edifícios para o exterior, proporcionando-lhes a penetração do ar, da luz e da natureza". Tal recurso se fez presente no edifício do MES e posteriormente na maior parte das obras dos grandes arquitetos e em quase todas as tipologias de edificações.

Dentre os edifícios araponguenses¹¹ que se utilizaram de amplas áreas envidraçadas se encontram o Cine Mauá (Figura 18), inaugurado em 1955, uma agência do Banco do Brasil, o posto de gasolina chamado Mauá Shell e o Clube Campestre. Esses edifícios também apresentam outra forte característica da arquitetura modernista, a busca pela horizontalidade, que muitas vezes se dava pelo uso de platibandas que ocultavam o telhado ou com marquises de acesso que se alongavam na maior parte da fachada.

Figura 18 - Cine Mauá



Fonte: Souza (2000, p. 108)

A marquise na arquitetura modernista brasileira é um dos elementos que se faz importante ressaltar. Segundo Ghirardello (2003), não foram elementos criados pelos arquitetos modernos, mas nesse período ganhou grande importância no Brasil, e segundo o autor, caracterizavam-se como marquises de proteção, acesso, ligação e de delimitação, sendo um dos elementos que contribuíam para a leveza dos edifícios. O uso das marquises também estava ligado às chuvas, funcionando proteção dos pedestres para o acesso no interior dos edifícios (BRUAND, 2003).

Além dos edifícios Colégio La Salle e Cine Mauá, que fizeram uso deste recurso, o prédio do antigo Terminal Rodoviário (Figura 20), também construído na gestão de Grassano, o Clube Comercial (Figura 21) e os antigos Cine Arapongas (Figura 19) e Cine Santa Lucia também apresentavam marquises em sua composição.

¹¹ As buscas realizadas na prefeitura do município referentes às edificações não residenciais com características modernistas revelaram que os projetos originais não se encontram em domínio do órgão. Assim sendo, não foi possível identificar o ano, bem como os profissionais responsáveis por tais obras.

Figura 19 - Cine Arapongas



Fonte: acervo Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica - UEL (2020)

Figura 20 - Terminal Rodoviário



Fonte: Souza (2000, p. 108)

Figura 21 - Clube Comercial



Fonte: Souza (2000, p. 120)

No edifício do Clube Comercial, além da marquise e da platibanda que oculta a cobertura, nota-se a presença de pilares inclinados, presentes no repertório modernista em diferentes formas e inclinações. No formato inclinado, além do último citado, identificou-se sua presença no Aeroporto Guilherme Meyer (Figura 22), cuja construção se iniciou no ano de 1945. Dentre os pilares, os mais recorrentes está o pilar em V, que surgiu inicialmente nos desenhos de Niemeyer para o Pavilhão do Brasil em Nova York e posteriormente foi utilizado como apoio de marquises, sobretudo, com uso de estruturas finas e metálicas. Após o projeto do Edifício Califórnia em São Paulo, em 1951, projetado pelo arquiteto, passou a fazer parte do vocabulário modernista. Embora a principal função da configuração em V seja reduzir o número de apoios no térreo e oferecer maior leveza ao tocar o solo (QUEIROZ, 2012; KAMITA, 2012), esse elemento foi usado muitas vezes por questões meramente estéticas, sendo ignoradas as funções técnicas. Em Arapongas, tal fato pode ser observado no posto de peças e gasolina Estrela e também na parte interna do Clube Comercial (GOUVEIA, 1957).

Figura 22 - Aeroporto Guilherme Meyer



Fonte: Souza (2000, p. 116)

A questão da utilização dos elementos apenas pela razão estética não se vincula somente ao uso dos pilares em V, mas a todos os elementos anteriormente citados. Isso ocorreu, como citado anteriormente, em função do sucesso da plástica na arquitetura modernista ser uma das suas principais características. Tal êxito se deve ao fato do "[...] espírito inventivo e à grande liberdade de concepção" dos arquitetos, unidos à exploração de novas técnicas e materiais (BRUAND, 2003, p. 151). Segundo Ficher e Acayaba (1982, p. 24), "[...] é na plástica [...] que reside o elemento mais original e diferenciador desta linguagem".

Em Arapongas não foi diferente. As edificações pareciam buscar o enquadramento naquilo que se difundia pelo país através das apropriações dos

elementos, por vezes ignorando sua funcionalidade. Além dos edifícios citados, é possível verificar nas fotos entre as décadas de 1950 a 1970 em que até mesmo as edificações mais simples buscavam se adequar à linguagem em voga. Na avenida principal e seu entorno, era possível encontrar edifícios de dois pavimentos que buscavam uma estética cubista, utilizando platibandas para ocultar os telhados, áreas revestidas com pedras ou materiais cerâmicos e elementos vazados.

Anterior a esta manifestação em Arapongas, outras cidades do norte paranaense já apresentavam edificações consoantes com a Arquitetura Moderna Brasileira, como Londrina e Maringá, que desde o final da década de 1940 abrigavam projetos e edifícios pertencentes ao Movimento. Uma das proposições deste trabalho é que a ocorrência desta arquitetura nessas duas cidades interferiu no processo de difusão e apropriação da arquitetura modernista em Arapongas.

2.4 Arquitetura Moderna no Norte do Paraná

Londrina foi a primeira cidade fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, em 1931, sendo reconhecida oficialmente em 1934 e Maringá, criada em 1947 pela mesma companhia, porém na fase conhecida como Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, e elevada a município em 1951 (BONI, 2009). Arapongas se localiza no eixo destas duas cidades, estando a 35 Km de Londrina e cerca de 60 Km de Maringá (Figura 23).

Figura 23 - Localização de Arapongas



Fonte: Google (2020)

Ambas as cidades apresentavam um traçado planejado. Londrina foi desenhada por Alexandre Razgulaeff e Maringá por Jorge de Macedo Vieira, renomado urbanista que teve como referência as modernas ideias que estavam se difundindo no período em questão, onde "[...] imprimiu ao desenho da cidade o caráter das soluções tipo *garden city*" (REGO, 2001).

O período de crescimento dessas cidades foi concomitante ao período de afirmação e difusão da arquitetura moderna e dos fatores econômicos que estimularam a aceitação dessa arquitetura. O desenvolvimento delas em muito se deveu à sua economia baseada na cafeicultura e às estreitas relações com a capital paulista. Embora pertencendo ao Paraná, mantinham maiores relações com o estado vizinho do que com a própria capital, Curitiba (GUADANHIM, 2002; SUZUKI, 2011; OLIVO; REGO, 2014; BRITO; ALVES, 2016).

Um fator importante a ser ressaltado nessas cidades, segundo Rego (2012), foi a atuação de profissionais advindos da capital paulista. Tal ocorrência, de acordo com o autor, foi fruto de iniciativa local, sendo também responsáveis pela disseminação de noções e práticas inovadoras das áreas metropolitanas, que buscavam a experiência desses profissionais, visando o desenvolvimento regional. Naquele momento, a arquitetura e urbanismo modernistas eram expressão de desenvolvimento.

Na cidade de Londrina ressalta-se a presença de João Batista Vilanova Artigas, quando este apresentava uma linguagem alinhada com a Escola Carioca, e Carlos Cascaldi, arquitetos que projetaram 12 obras em Londrina. A atuação desses dois profissionais se deve ao fato da atuação da Sociedade dos Amigos de Londrina, que tinha como objetivo contribuir para o progresso da cidade, sendo um dos membros o engenheiro do Departamento de Obras Públicas, Rubens Cascaldi, irmão de Carlos Cascaldi, sócio de Vilanova Artigas (OLIVO; REGO, 2014; SUZUKI, 2011).

Devido à relação com Rubens Cascaldi é que Artigas e seu sócio puderam atuar no norte paranaense. Dentre os projetos solicitados estavam o Cine Teatro Ouro Verde (1948), Edifício Autolon (1948), Rodoviária (1949), Casa da Criança (1950) (Figura 24), Vestiários do Londrina Country Clube (1951), Residência Milton Ribeiro de Menezes (1952) e ampliação da Santa Casa de Londrina (1952), todos executados. Carlos Cascaldi também realizou projetos sem co-autoria de Artigas, como o Aeroporto de Londrina em 1954 (Figura 25).

Figura 24 - Casa da Criança

Fonte: Suzuki (2003, p. 101)

Figura 25 - Aeroporto de Londrina

Fonte: Suzuki (2003, p. 63)

Outros profissionais que realizaram projetos modernistas em Londrina foram Jacques Pilon, em 1941, com o projeto da sede do Banco Nordeste do Estado de São Paulo, Ícaro de Castro Mello com um projeto hospitalar e Rino Levi, com a agência do Banco Sul Americano, em 1960 (REGO, 2012; VERRI *et al.*, 2019).

Além de arquitetos, outros profissionais contribuíram para a imagem modernista de Londrina, como engenheiros civis que projetaram edifícios verticais e residências, sendo essa categoria profissional a que mais atuou na cidade.

As residências projetadas por engenheiros civis se apresentavam em grande número. Guadanhim (2002) apresenta em sua tese uma série de residências construídas, de 1955 a 1965, em conformidade com o vocabulário formal do Movimento, sobretudo da Escola Carioca. O autor afirma que em Londrina, a maior influência para os projetos dessas residências se deu através de revistas, que traziam projetos com características modernistas e que faziam parte das leituras dos profissionais que atuavam na época. Além dessas apresentadas pelo autor, Londrina possuía casas com aspectos provenientes do modernismo em diversas localidades, tanto na região central, como nos bairros que foram se desenvolvendo nas bordas da cidade. As residências, na sua maioria, apresentavam os elementos formais característicos do Movimento, tais como os telhados com platibanda, o telhado borboleta, os pilares em "V", as finas estruturas metálicas, revestimentos com pedras e pastilhas, entre outros.

No âmbito da verticalização, os edifícios buscavam, através da linguagem moderna, inserir-se na imagem de progresso que Londrina estava vivendo. Suzuki (2011) demonstra em seu livro *Idealizações de Modernidade* uma série de 29 edifícios que materializaram o desejo de modernidade presente na sociedade londrinense.

Com a força da cultura cafeeira, Londrina cresceu de modo significativo tanto economicamente, como em população. Segundo Suzuki (2003), em 1951 a cidade apresentava uma população de cerca de 75 mil habitantes, sendo metade destes localizados na área urbanizada. Com essa demanda, fez-se necessário um estudo urbanístico e a criação de leis a fim de regulamentar o uso do solo urbano, pois a cidade estava se expandindo para além do traçado projetado pela CTNP. Contratou-se então o engenheiro Francisco Prestes Maia, então prefeito de São Paulo, para a realização do estudo, no qual foi previsto um plano de avenidas, leis de zoneamento, loteamentos e arruamentos que buscavam contribuir para a imagem de modernização e progresso da cidade também nas questões do urbanismo (OLIVO; REGO, 2014).

Um outro fator apontado por Suzuki (2011) e Rego (2012) era o exercício de profissionais externos que atuavam em função da contratação de empresas construtoras dos grandes centros, que eram atraídas à região devido à boa situação econômica, e que faziam do projeto arquitetônico apenas um item pertencente ao conjunto de serviços prestados pelas empresas.

Maringá, embora sendo mais nova que Londrina e Arapongas, não demorou a apresentar edificações em consonância com o Movimento Moderno. Quatro anos após sua criação, a cidade já apresentava sua primeira obra modernista, o Grande Hotel (1951) projetado pelo arquiteto José Augusto Bellucci (Figura 26). Nos anos seguintes, somaram-se profissionais como Ícaro de Castro Mello, com o projeto do Country Clube (1954) e obras de arquitetos renomados, como Rino Levi com o projeto Banco Sul Americano (1956), sendo este projetado anteriormente ao de Londrina, dentre outros profissionais (REGO, 2012).

Figura 26 - Grande Hotel de Maringá



Fonte: Brito e Alves (2016, p. 143)

José Augusto Bellucci, além de projetar o Grande Hotel, foi responsável por projetos como uma unidade do Banco Sul Americano (1952), o Terminal de Passageiros (1953) e Maringá Clube (1956) (Figura 27), dentre outros projetos.

De acordo com Rego (2012, p. 5), a atuação de tais profissionais em Maringá reforçava "[...] sua aura de modernidade com edificações que conjugavam tecnologia inovadora, simplicidade formal e renovação estética, e que faziam repercutir no interior a arquitetura que então animava a metrópole".

Assim como em Londrina, residências em Maringá também apresentavam apropriações dos elementos referentes à arquitetura modernista. Mas, diferentemente de Londrina, os elementos utilizados nas residências de Maringá se assemelhavam mais aos elementos anteriores à ampla difusão da Escola Carioca.

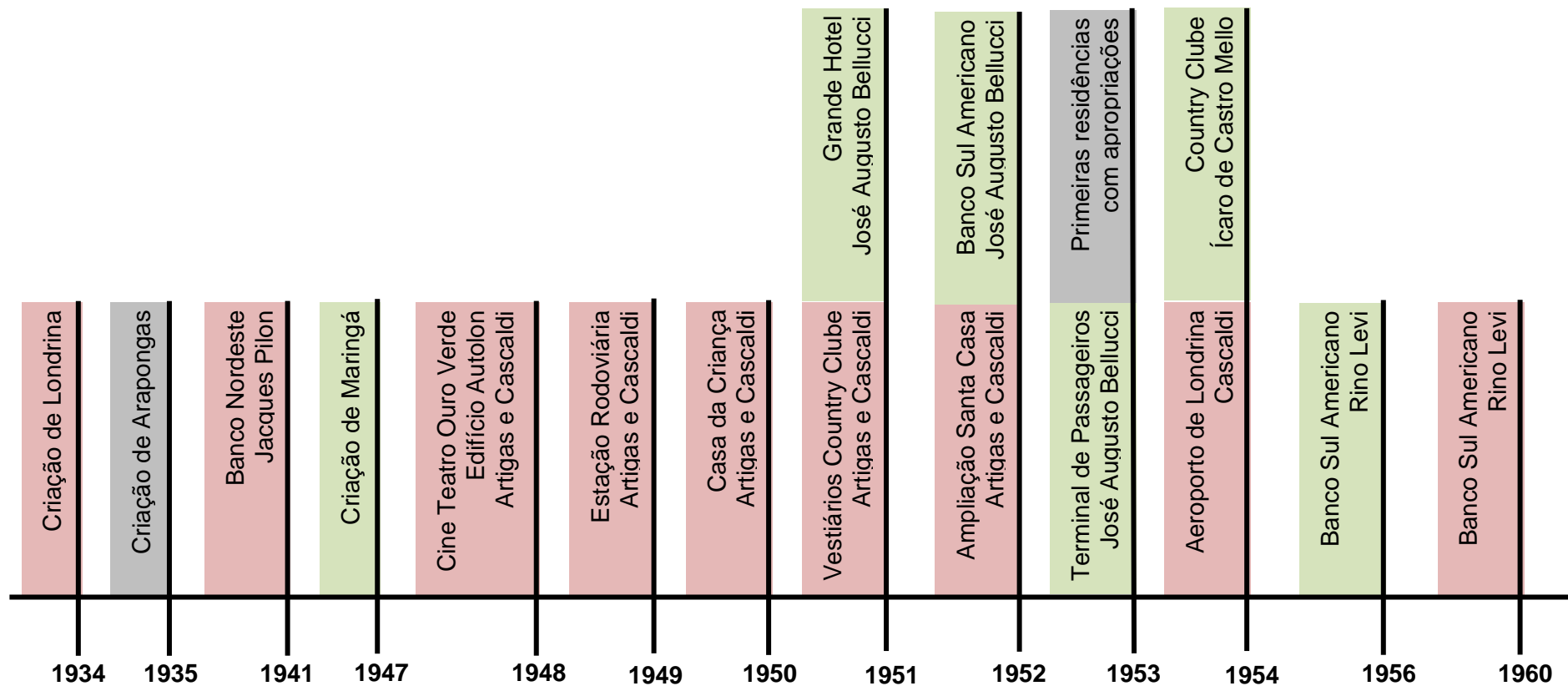
Rego e Delmonico (2003, p. 180) demonstram que as residências foram edificadas nos anos de 1950 e 1960 e

[...] em geral por engenheiros, adotam, grosso modo, aquelas características da arquitetura da primeira metade do século XX: o rechaço da imagem tradicional da casa, em favor de uma aparência abstrata, conformada em um sólido geométrico simples; grandes áreas envidraçadas em fachadas desprovidas de ornamentação; linhas horizontais arrematando a composição, uma vez que o tradicional telhado foi descartado.

Ambas as cidades buscavam imprimir a imagem de modernização e os periódicos locais demonstravam isso de maneira enfática. Revistas, como *A Pioneira*, retratavam as cidades do norte do Paraná como locais de desenvolvimento e apresentavam as obras de arquitetura que estavam se realizando como marco dessa prosperidade.

Nota-se que esta busca pela imagem de progresso através da arquitetura foi forte no período entre 1948 a 1960, conforme é possível verificar na Figura 27.

Figura 27 - Linha do tempo dos edifícios de Londrina e Maringá



Legenda

Criação / Edifícios de Londrina
 Criação / Edifícios de Maringá
 Criação/ Edifícios de Arapongas

Fonte: a própria autora

3 MODERNISMO POPULAR

A produção arquitetônica realizada pelos renomados arquitetos alinhados ao movimento moderno brasileiro - incentivada pelo Estado, aclamada pela mídia e reverenciada pela elite -, encontrou acolhimento nas demais camadas sociais. Tal ocorrência é digna de atenção, dadas as suas particularidades e devido ao fato de sua manifestação ser fenômeno singular no panorama da disseminação da arquitetura moderna mundial.

Embora a arquitetura moderna tenha sido bem aceita pelas classes menos abastadas, sobretudo por razões estéticas, não se pode creditar o fato à estrita observância de seus fundamentos ideológicos, que, por várias razões, tornaram-se distantes, fazendo com que a assimilação da nova arquitetura se desse, em grande parte, apenas pela apropriação de seu vocabulário formal. Arantes (2002, p. 11), afirma que isso decorre do fato da arquitetura modernista brasileira se firmar mais pelo seu "viés estetizante" do que pelo seu discurso.

Dentre as tipologias, a que mais exprimiu tal desejo de modernidade foram as residências. Trabalhos realizados em muitas cidades do país, como o de Arruda (2004) em Campo Grande (MS), Rego e Delmonico (2003) em Maringá (PR), Guadanhim (2002) em Londrina (PR), entre outros, apresentados, sobretudo, nos Seminários Docomomo Brasil¹², demonstram a vontade da população brasileira em fazer parte de uma sociedade "moderna".

A busca pelas motivações que proporcionaram as apropriações desse vocabulário formal aponta para duas questões, sendo a primeira a polêmica especulação imobiliária, responsável pela banalização das referências formais do Movimento Moderno (SEGAWA, 2014). Embora esse tenha sido um forte motivo, o segundo e principal agente identificado para este fenômeno foram os próprios moradores das residências.

Essas manifestações, sejam elas por atitude dos proprietários ou de investidores, podem ser encontradas em muitas cidades do território brasileiro, principalmente nos anos de 1950, com a divulgação do projeto de Brasília. Durante um período, essa enorme produção, descolada dos cânones eruditos, foi desprezada ou ignorada pela historiografia da arquitetura moderna, sendo alvo de

¹² Os Seminários Docomomo Brasil consistem em eventos que objetivam a documentação, divulgação e preservação de obras ligadas ao Movimento Moderno no Brasil.

diversas críticas. Como exceção, apenas Vilanova Artigas¹³ lançou um olhar positivo sobre o fenômeno, mas, predominantemente, a crítica apontou-o como uma ofensa ao movimento moderno, uma expressão *kitsch* de arquitetura (LARA 2005b, 2018).

Essas residências construídas pela classe média geralmente não possuíam um profissional especializado, no caso um arquiteto, ou seja, eram muitas vezes edificadas pelos moradores com o auxílio dos profissionais da construção, como pedreiros, mestres de obras, podendo por vezes ter um profissional engenheiro civil durante o processo (ARRUDA, 2004; LARA, 2005b; REIS FILHO, 2014).

Em função da ampla recepção da arquitetura moderna pelas classes menos favorecidas economicamente e com o julgamento negativo que havia sobre ela, o pesquisador Fernando Luiz Lara, em 2001, buscou se aprofundar nessa ocorrência, caracterizando tal fenômeno como "Modernismo Popular". O objeto de estudo do autor foram as residências, onde se nota a maior ocorrência do fenômeno de apropriação.

O Modernismo Popular consistiu na aceitação e reprodução adaptada, muitas vezes distorcida, do vocabulário formal da arquitetura moderna brasileira nas residências de classe média. Segundo Lara (2005a, p. 178),

Sedentos por qualquer forma de modernidade, os lares brasileiros adotaram o modernismo como o estilo dos anos 1950. Após adotada pelo governo como estilo oficial e pelas classes mais favorecidas como signo de *status*, a arquitetura moderna brasileira foi assumida pela classe média como paradigma estético, apesar das diferenças regionais ou discrepâncias sociais.

Conforme explica Lara (2005a), a arquitetura moderna nunca foi popular. Surgiu no meio intelectual que pregava uma aplicação social, mas que tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos, locais de ampla difusão da arquitetura moderna, essa arquitetura pouco chegou de fato às pessoas com menores condições financeiras, contrariando a base ideológica inicial.

Na verdade, em todo o mundo a arquitetura moderna foi implantada de cima para baixo, primeiro como um movimento vanguardista da elite cultural e em seguida como estilo oficial governamental (Europa do pós-guerra e países emergentes) ou das grandes corporações (EUA). A peculiaridade do caso brasileiro reside no fato de que em nenhum outro lugar a arquitetura moderna ultrapassou a barreira da conservadora classe média (LARA, 2005a, p. 178).

¹³ A defesa foi proferida em um discurso de formatura em 1956 aos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde Artigas afirmou que essa situação, da apropriação da linguagem modernista, era um modo do povo brasileiro demonstrar empatia com os arquitetos (LARA, 2018).

No Brasil, com o apoio do governo de Juscelino Kubitschek, havia um grande estímulo ao desenvolvimento do país, o que muito colaborou para a difusão e aceitação da arquitetura moderna. Lara (2018, p. 64) afirma que

[...] um otimismo generalizado, um crescimento econômico constante e uma relativa estabilidade foram os principais fatores por trás da adoção do vocabulário modernista pela classe média. Sem o crescimento, a estabilidade e o conseqüente otimismo, a classe média brasileira provavelmente não seria tão aberta e receptiva a esta nova arquitetura [...]. (LARA, 2018, p. 64).

Com este otimismo e o desejo de ser moderno, a arquitetura modernista brasileira acabou se tornando um estilo, como aponta Rego e Delmonico (2003). A classe média, buscando se adequar à estética em voga, utilizou-se de elementos do vocabulário formal e contribuiu para que a arquitetura moderna se disseminasse como um estilo.

A crítica dos teóricos e defensores da alta arquitetura, ortodoxa, não impediu sua difusão. Mesmo distorcida de sua base, ela se difundiu em muitos países, sendo suas principais preocupações de ordem formal e funcional. A assimilação dessa arquitetura pelas camadas mais populares da sociedade - evidentemente de modo muito diferente do pregado pelos círculos mais eruditos -, foi uma característica particularmente brasileira.

Nos levantamentos realizados por Lara (2005a) em Belo Horizonte, os principais modelos para a produção popular da arquitetura moderna foram o Conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer, e as casas de alto padrão da região sul da capital mineira, que se tornou, segundo o autor, uma "contaminação" pela classe média dos elementos formais do vocabulário modernista. Tal contaminação se dava pela cópia ou imitação das casas da elite, com intenção de criar uma ilusão de participação no status de modernidade que aquilo denotava.

Outra forma de propagação descrita por Lara (2005a) é denominada de "contaminação virótica", que ele descreve como a cópia de motivos formais influenciada pelas edificações no entorno imediato, assimilando assim aquilo que se visualizava nas revistas. Lara afirma também que outro meio contribuiu para essa divulgação, além da mídia e dos edifícios ícones, sendo ela a "influência de uma rede pessoal" (LARA, 2018, p. 62).

Outro expressivo meio que colaborou para a apropriação do repertório formal do Movimento foram as revistas, conforme apontado por Guadanhim (2002), como

agentes de difusão entre profissionais engenheiros, tornou-se também um modo para assimilação e apropriação dos elementos da arquitetura moderna.

Uma das fortes características desse fenômeno, notada pelos autores que trataram do tema, foi a reprodução dos elementos da arquitetura moderna apenas nas fachadas das edificações, apresentadas muitas vezes com escalas distorcidas, principalmente nas fachadas voltadas para as vias públicas, sendo por vezes ignorado o tratamento plástico das demais elevações.

Segundo Lara (2005a, 2005b), tais residências demonstravam seu anseio de modernidade de modo simplificado: a difusão pode também acarretar superficialidade. Essas casas, que se utilizavam do repertório formal modernista, muitas vezes mantinham uma planta semelhante a de uma casa tradicional.

Lara (2018) ainda constata que, na década de 1950, as residências, por mais que buscassem fazer parte do que lhe conferia noção de progresso, especialmente pelas fachadas, mantiveram-se alheias à modernidade no que tange à configuração espacial da edificação. Ou seja, muitas apresentavam uma configuração mais próxima do que se fazia antes do advento do Movimento Moderno, por vezes se assemelhando ao arranjo derivado de costumes ligados a tradições do século anterior. Nesse período da década de 1950 "[...] apenas as casas mais ricas apresentavam uma configuração espacial mais moderna, onde quartos e banheiro(s) privados estavam separados dos espaços comuns, como sala de jantar, sala de estar e cozinha" (LARA, 2018, p. 45).

Lara (2018) aponta também que essa realidade, no caso de Belo Horizonte, começou a se modificar somente na década de 1960, onde se notam projetos com uma configuração espacial mais próxima da arquitetura moderna. Segundo o autor,

[...] a configuração espacial da classe média tornou-se mais próxima daquela projetada pelos arquitetos. Isto pode ser percebido através da crescente privacidade dedicada aos quartos, que passam a ser conectados a um pequeno corredor, deixando, portanto, de abrir para as áreas sociais. Paralelamente, a cozinha não está mais localizada nos fundos da casa, migrando para a parte da frente, conectando-se às salas de jantar e de estar. (LARA, 2018, p. 46).

Além da configuração espacial se assemelhar em muitos casos com costumes antigos, a mesma característica pode ser observada no sistema construtivo das edificações. Guadanhim (2002) afirma que, no caso de Londrina, algumas técnicas menos avançadas eram empregadas nessas residências, como o tijolo maciço. O uso

de técnicas modernas, muitas vezes, ocorria apenas nos elementos provenientes das apropriações, que necessitavam do aço ou do concreto para sua execução.

Vale ressaltar que a apropriação dos elementos do repertório formal da arquitetura moderna brasileira é observada como um aspecto positivo, pois demonstrou ser uma "[...] troca fértil de informações entre projetistas e a população" (LARA, 2018, p. 40) e conferiu mais uma singularidade ao fenômeno moderno no Brasil.

Por fim, esse panorama de difusão foi "[...] um estágio indispensável para a emancipação cultural e a atualização técnica de um país subdesenvolvido" (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 114), pois conforme apontado antes por Said (1983), a circulação de ideias é um estágio importante para a vida intelectual e cultural de uma sociedade.

3.1 As residências de Arapongas

De acordo com o levantamento realizado junto ao arquivo da prefeitura municipal, o fenômeno da apropriação da arquitetura modernista em residências na região central de Arapongas tem registro nas décadas de 1950 a 1970.

A identificação das unidades foi pautada pelo reconhecimento de alguns elementos específicos do vocabulário formal descritos na literatura, sendo eles:

- a) telhados mascarados por platibanda;
- b) marquises;
- c) mármore, pedras e azulejos no revestimento das paredes externas;
- d) pilares em "V";
- e) pilares cilíndricos;
- f) platibandas inclinadas fazendo referência aos telhados borboleta;
- g) elementos vazados;
- h) brise-soleils;
- i) muxarabis;
- j) pastilhas;
- k) grandes áreas envidraçadas (BRUAND, 2003).

Selecionaram-se no arquivo do município as edificações que apresentavam tais elementos e que, para efeito deste trabalho, demonstram o anseio em se enquadrar no que se considerava moderno para o período em questão. O levantamento alcançou um total de 125 unidades (Figura 28).

Figura 28 - Mapa da área central de Arapongas com as unidades identificadas



Fonte: Mapa cedido pela PMA e modificado pela autora

Uma das primeiras residências aprovadas na prefeitura a apresentar características do repertório modernista foi a de propriedade do terceiro prefeito, José Colombino Grassano. A prancha do projeto arquivado foi assinada por Henrique Cabral Branco, que, segundo o *Almanaque de Arapongas: 1947-1957* era construtor, e consta que sua aprovação junto ao órgão municipal ocorreu em 1953. No entanto, o proprietário afirma (APÊNDICE B) que o projeto foi realizado pelo arquiteto engenheiro Ayrton "Lolo" Cornelsen, diretor do Departamento de Estradas e Rodagem do Paraná no período de 1958 a 1961 (AUDITÓRIO..., 2018).

A casa, concluída em 1955, apresenta linhas inclinadas em parte da cobertura, grande abertura de vidro e revestimento de pedras na fachada frontal. Em uma página eletrônica dedicada a fotos antigas da cidade, consta uma imagem da casa (Figura 29) com a descrição "Fina Residência" (GOMES, 2013).

Figura 29 - Primeira casa com apropriações da arquitetura modernista em Arapongas - Residência nº 4 - Sr. Grassano



Fonte: Gomes (2013)

Analisando as publicações referentes ao município, foi possível constatar no *Almanaque de Arapongas: 1947-1957*, que as residências com características advindas do movimento modernista ganharam tal descrição e se tornaram objetos de propaganda para os construtores e engenheiros civis.

No almanaque se encontram dois anúncios (Figuras 30 e 31) com a descrição que os profissionais elaboravam ou executavam projetos de "Finas residências". Na publicação também há imagens de uma moradia (Figura 32) descrevendo-a como uma "moderníssima" construção.

Notam-se nessas publicações que as casas, denominadas "finas", com características da arquitetura modernista, buscavam demonstrar um certo status social. Segundo Lara (2005a) e Segawa (2014), a utilização dos elementos plásticos nas fachadas era uma maneira de tal demonstração, como modo de se adequar à modernidade corrente e ao progresso. Tais elementos são possíveis de se verificar nas Figuras 35 a 109, no fim do subcapítulo, alguns dos exemplares que ainda hoje mantêm suas fachadas com pouca ou nenhuma alteração.

Os anúncios apontam ainda a questão dos profissionais que elaboravam tais projetos, os engenheiros civis. Todos os projetos levantados no arquivo da prefeitura

revelam como responsáveis os profissionais da engenharia, não havendo nenhum registro de casas, com apropriações do vocabulário modernista, elaboradas por arquitetos.

Figura 30 - Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, do engenheiro Rolf Lunkmoss de Christo

Dr. Rolf Lunkmoss de Christo
Engenheiro Civil

Orçamentos-projêtos e Construções - Cálculos de concreto e Serviços de Medições

Escritório e Residência:
Rua José Monteiro — ARAPONGAS

➡ *Duas finas residências construídas pelo engenheiro Rolf Lunkmoss de Christo.*

Fonte: Gouveia (1957)

Figura 31 - Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, do empreiteiro Nordio Filla. Destaque para a expressão “construções de alvenaria e de madeira em geral”, demonstrando a coexistência das duas técnicas na cidade como alternativas correntes

NORDIO FILLA
EMPREITEIRO DE OBRAS - Um dos mais antigos da praça

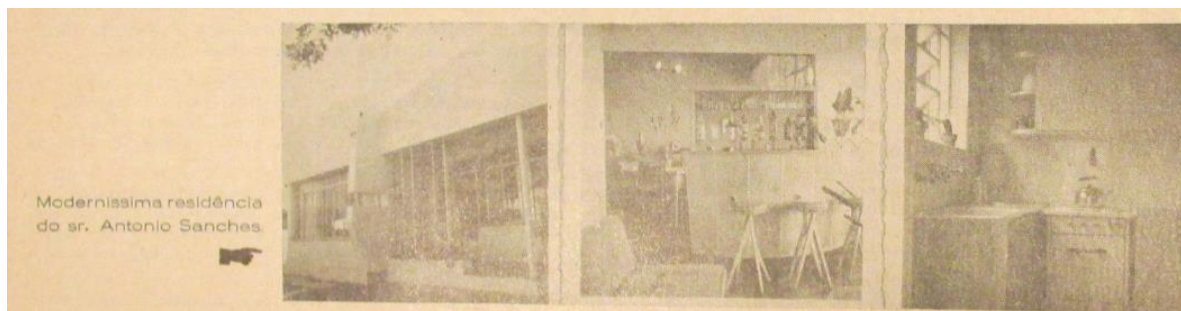
Contratos de mão de obra e com materiais - Orçamentos sem Compromisso de Pinturas - Construções de ALVENARIA e de MADEIRA em geral - Pessoal habilitado

Residência: RUA das POMBAS, esq. das Garças - ARAPONGAS

Finas residências construídas pelo Snr. NÓRDIO FILLA

Fonte: Gouveia (1957)

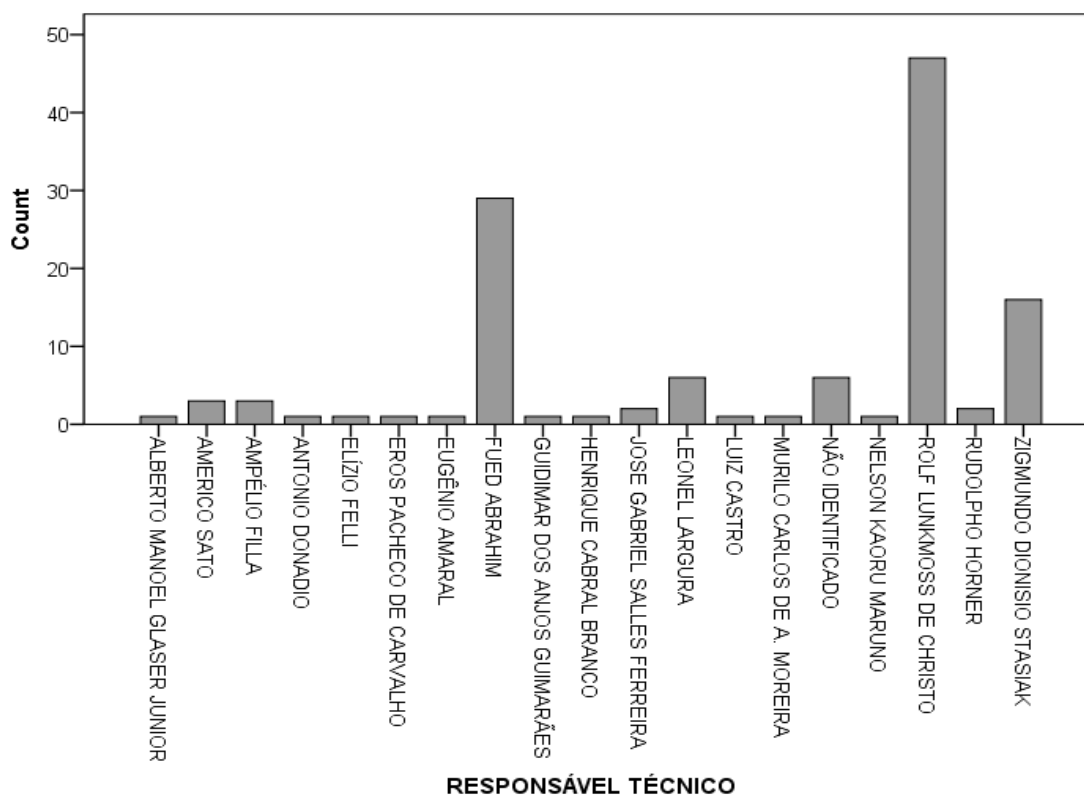
Figura 32 - Anúncio do Almanaque de Arapongas: 1947-1957, 1957, Residência Sr. Antonio Sanches



Fonte: Gouveia (1957)

Os engenheiros identificados que assinaram tais projetos foram Alberto Manoel Glasser Junior, Américo Sato, Ampélio Filla, Antonio Donadio, Eros Pacheco de Carvalho, Eugênio Amaral, Elízio Felli, Fued Abraham, Guidimar dos Anjos Guimarães, Henrique Cabral Branco, José Gabriel Salles Ferreira, Leonel Largura, Luiz Castro, Murilo Carlos de Araújo Moreira, Nelson Kaoru Maruno, Rolf Lunkmoss de Christo, Rudolpho Horner e Zigmundo Dionísio Stasiak. O Gráfico 1 aponta a quantidade de projetos por profissional.

Gráfico 1 - Relação entre quantidade de projetos por profissional



Fonte: a própria autora

O Gráfico 1 destaca dois principais profissionais que atuavam em Arapongas nesse período: Rolf Lunkmoss de Christo e Fued Abraham.

Rolf Lunkmoss de Christo estabeleceu-se em Arapongas em 1952, advindo de Curitiba, após ter se formado na Universidade Federal do Paraná em 1951, para atuar na diretoria do Departamento de Obras de Arapongas. Informações constantes no *Almanaque de Arapongas: 1947-1957*, já o trazem, juntamente com Zigmundo Dionísio Stasiak, entre outros mais, como um dos engenheiros atuantes na cidade em 1957. Era um profissional atencioso aos assuntos de seu tempo, mantendo-se atualizado através de viagens ao exterior e informações advindas, sobretudo da Alemanha e Áustria, sendo o último a origem de sua família (APÊNDICE D).

Além da carreira na engenharia, Christo foi professor e vereador na cidade, situação que lhe conferiu popularidade entre os moradores. As relações com profissionais da engenharia de outras localidades, como Londrina e Maringá, também se fizeram presentes em sua vida.

Suzuki (2011), em seu estudo sobre os edifícios londrinenses com o vocabulário modernista, apresenta-o como autor do Edifício Denes em 1954, no centro da cidade. Juntamente com ele, está o nome de João Baptista Bortolotti, desenhista do projeto. De acordo com Bortolotti (APÊNDICE G), é possível que a Construtora Deinzer Ltda, responsável pela execução, tenha contratado Christo para assumir a responsabilidade técnica, visto que as características modernistas impressas em sua fachada foram incumbidas ao desenhista.

Gil Fernando de Christo (APÊNDICE D) afirma que seu pai, Rolf Lunkmoss de Christo, não raras vezes, fora contratado para os cálculos estruturais das edificações. Provavelmente, a atuação em Londrina esteja ligada mais a questões pertinentes à engenharia civil e ocorrida em razão das suas relações com o proprietário da empresa, de origem germânica.

De acordo com levantamentos no jornal *Correio do Paraná*, a partir do ano de 1965, Christo passou a atuar no Departamento de Edificações e Obras Especiais (D.E.O.E.) na prefeitura de Curitiba (*CORREIO DO PARANÁ*, 1965). Essa data coincide com o fim de sua atuação nos projetos de residências com apropriações da arquitetura modernista em Arapongas, pois de acordo com o levantamento, as últimas unidades identificadas são de 1964.

Além de Christo, outro profissional oriundo de Curitiba e funcionário da prefeitura foi Leonel Largura. De acordo com as informações obtidas no site do CREA-PR¹⁴, sua formação ocorreu em 1963. Grassano (APÊNDICE B) afirma que nomeou Largura a fim de substituir um membro da prefeitura que não possuía ensino superior para o cargo de engenheiro. No entanto, analisando as pranchas por ele assinadas, pode-se concluir que assumiu o cargo substituindo Christo, pois os três últimos projetos do profissional anterior datam de janeiro, março e maio de 1964, enquanto a assinatura de Largura surgiu nos desenhos de outubro, novembro e dezembro do mesmo ano.

Retomando os profissionais de maiores destaques, encontra-se Fued Abraham. Ele era o engenheiro civil que assinava pela Sociedade Técnica de Engenharia Roma, de propriedade do italiano Pascoale Aromatário, que segundo um anúncio na Revista da Cidade de abril de 1977, era uma empresa do ramo de urbanismo, saneamento, projetos e construções.

Embora tenha apresentado poucos projetos, se comparado com os dois anteriormente citados, faz-se relevante mencionar Zigmundo Dionísio Stasiak. Em 1957, o profissional já era atuante no município. Sua formação, segundo CREA-PR, foi em 1948. Em Londrina, rubricou duas residências com características do vocabulário modernista, datando de 1957 e 1960, além da participação na III Semana de Engenharia e Arquitetura de Londrina em 1964 (GUADANHIM, 2002; BORTOLOTTI, 2007).

Digna de nota é a presença de Américo Sato, assinando os projetos que, na maior parte, estavam ligados à Construtora Veronesi, de Londrina. De acordo com Guadanhim (2002), ele era o responsável técnico das residências projetadas por Rômulo Veronesi. Além dessa ocorrência em residências, a Sato também é atribuído um considerável número de edifícios verticais na mesma cidade (SUZUKI, 2011). Outro profissional que se responsabilizou tecnicamente para Veronesi em Arapongas foi Elízio Felli. Em Londrina, há registro de quatro unidades residenciais de sua autoria com apropriações de elementos formais modernistas (GUADANHIM, 2002).

Dentre as obras de Felli em Arapongas, está a unidade nº37 (Volume 2), representada no anúncio de Nordio Filla (Figura 31). Foi aprovada em 1955 e sua fachada em muito se assemelha à casa João Steffen Jr. em Londrina, registrada por

¹⁴ Informação disponível no site do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Paraná: <http://creaweb.crea-pr.org.br/consultas/menupub.asp>.

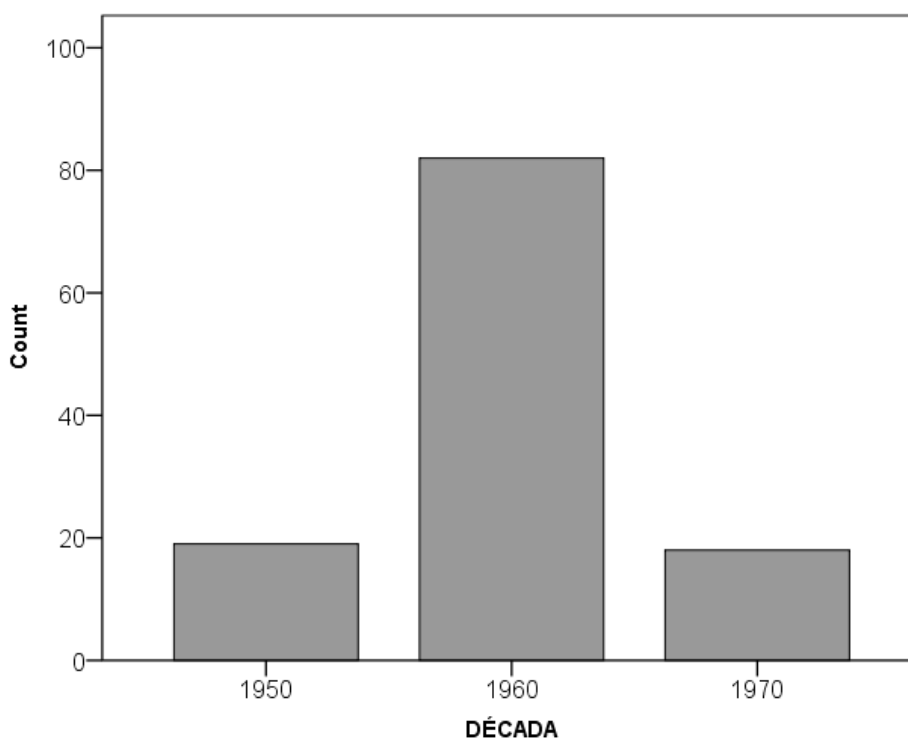
Guadanhim (2002). No entanto, essa última teve sua aprovação datada em 1957 e levava os nomes de Rômulo Veronesi e Américo Sato.

Outros engenheiros vinculados a Londrina são José Gabriel Salles Ferreira, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1958, Guidimar dos Anjos Guimarães e Rudolpho Horner, que, de acordo com Bortolotti (2007), foi associado ao CEAL, Clube de Engenharia e Arquitetura de Londrina entre 1953 a 1983.

De Arapongas, tem-se Ampélio Filla, formado, possivelmente, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (APÊNDICE C). As informações existentes nos arquivos no CREA-PR indicam sua colação de grau em 1973. Entretanto, há projetos com sua assinatura desde 1972 no município.

Como citado anteriormente, os projetos aprovados na prefeitura de Arapongas, objetos deste estudo, começaram no início dos anos 1950 e se estenderam até o final da década de 1970. O Gráfico 2¹⁵ apresenta a relação entre a quantidade de projetos aprovados por década e a Figura 33 aponta a localização das unidades.

Gráfico 2 - Relação entre quantidade e década de aprovação



Fonte: a própria autora

¹⁵ Os dados utilizados para a montagem dos gráficos constam em uma tabela no anexo e foram manipulados no programa SPSS.

O gráfico demonstra que a apropriação ocorreu de modo tímido na primeira e última década, sendo os anos 1960 o período de maior manifestação dessa apropriação na cidade de Arapongas.

Figura 33 - Mapa de Arapongas com as unidades identificadas por década¹⁶



Fonte: Mapa cedido pela PMA e modificado pela autora

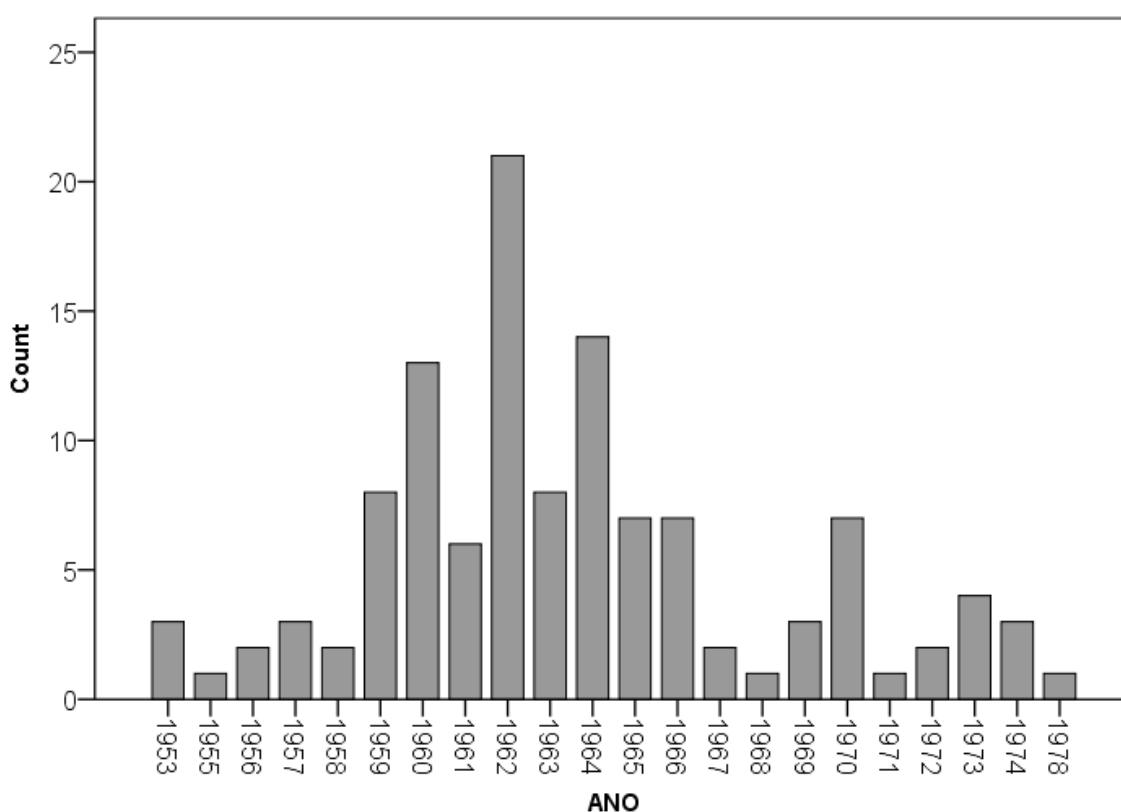
Outro estudo (Gráfico 3 - Relação entre as unidades e ano de aprovação) aponta ainda que foi o ano de 1962 que apresentou maior número de projetos aprovados no órgão municipal. Essa data antecede a grande geada ocorrida no norte do Paraná (1965), que afetou fortemente a economia, e também precede a

¹⁶ Em função da cidade não apresentar exemplares na porção nordeste da cidade, o mapa foi reduzido para a parte onde há maior concentração das residências.

implantação do Parque Industrial de Arapongas, ou seja, nesse ano ainda imperava a economia pautada na agricultura, sobretudo, na cafeicultura.

Nota-se também que a diminuição das aprovações é posterior aos anos da geada e implantação do Parque Industrial. Essa estagnação perdurou por três anos, voltando a reagir na primeira metade da década de 1970. A segunda metade dos anos 1970, no entanto, indica a diminuição das apropriações dos elementos modernistas nas residências.

Gráfico 3 - Relação entre unidades e ano de aprovação



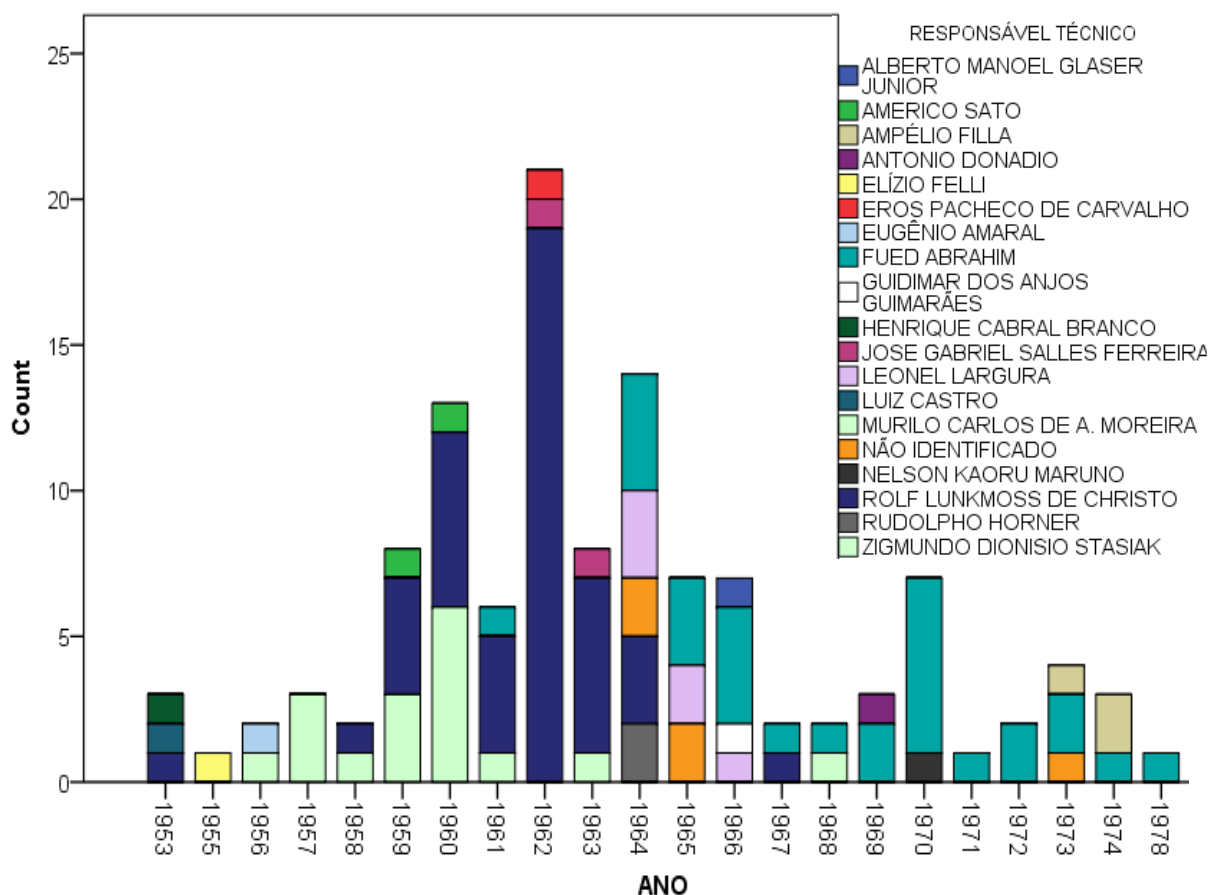
Fonte: a própria autora

Analisando ainda a relação dos engenheiros que atuaram, contata-se que havia predominância de dois profissionais, como citado anteriormente. O ano de 1962, além de ser o que mais apresentou projetos, foi também a data que apresentou maior número de trabalhos de Rolf Lunkmoss de Christo. Dos 21 projetos aprovados, 19 unidades foram assinadas por ele, conforme aponta o Gráfico 4, que demonstra a relação entre quantidade de projetos por ano e por profissional.

O Gráfico 4 aponta também que Rolf Lunkmoss de Christo foi o profissional que mais apresentou projetos entre a década de 1950 até a primeira metade da

década de 1960, seguido de Zigmundo Dionísio Stasiak. A partir da segunda metade dessa década (1965), foi Fued Abrahim quem dominou os projetos aprovados.

Gráfico 4 - Relação entre quantidade, ano e profissional



Fonte: a própria autora

Concluído o levantamento das unidades, prossegue-se com a representação iconográfica do fenômeno, com as unidades identificadas na Figura 34, e posteriormente as análises, no âmbito projetual, bem como na identificação das cargas históricas trazidas nesse período.

O levantamento fotográfico possibilitou registrar 75 unidades que ainda preservam as características apropriadas da arquitetura modernista brasileira. Em campo é possível encontrar mais residências, no entanto, devido à existência de muros, gradis e densa vegetação, não foi possível catalogar todas elas.

Figura 34 - Residência A - Quadra 01 - Rua Avestruz



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 35 - Residência B - Quadra 03 - Rua Flamingos x Tico Tico



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 36 - Residência C - Quadra 04 - Rua Tico Tico - unidade nº 3



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 37 - Residência D - Quadra 05 - Rua Flamingos



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 38 - Residência E - Quadra 07 - Rua Beija-Flor



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 39 - Residência F - Quadra 09 - Rua Flamingos



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 40 - Residência G - Quadra 10 - Rua Drongo - unidade nº 09



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 41 - Residência H - Quadra 10 - Rua Drongo



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 42 - Residência I - Quadra 11 - Rua das Garças



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 43 - Residência J - Quadra 13 - Rua Flamingos - unidade nº 15



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 44 - Residência K - Quadra 15 - Rua Jacutinga



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 45 - Residência L - Quadra 16 - Rua Falcão



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 46 - Residência M - Quadra 18 - Rua das Garças



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 47 - Residência N - Quadra 20 - Rua Uiapuru - unidade nº 25



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 48 - Residência O - Quadra 20 - Rua Ibis - unidade nº 27



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 49 - Residência P - Quadra 27 - Rua Flamingos x Lori



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 50 - Residência Q - Quadra 27 - Rua Pavão - unidade nº 28



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 51 - Residência R - Quadra 29 - Rua Jacutinga



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 52 - Residência S - Quadra 37 - Rua Falcão - unidade nº 37



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 53 - Residência T - Quadra 38 - Rua Jacutinga



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 54 - Residência U - Quadra 38 - Rua Jacutinga



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 55 - Residência V - Quadra 39 - Rua Falcão



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 56 - Residência X - Quadra 41 - Rua Drongo - unidade nº 42



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 57 - Residência Y - Quadra 43 - Rua Drongo



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 58 - Residência W - Quadra 44 - Rua Falcão - unidade nº 45



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 59 - Residência Z - Quadra 45 - Rua Marabu



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 60 - Residência A1 - Quadra 45 - Rua Beija-Flor - unidade nº 46



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 61 - Residência B1 - Quadra 46 - Rua Tucanos



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 62 - Residência C1 - Quadra 48 - Rua Tucanos



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 63 - Residência D1 - Quadra 48 - Rua Tucanos - unidade nº 54



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 64 - Residência E1 - Quadra 52 - Rua Beija-Flor



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 65 - Residência F1 - Quadra 53 - Rua Beija-Flor x Rua das Pombas - unidade nº 62



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 66 - Residência G1 - Quadra 55 - Rua Beija-Flor



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 67 - Residência H1 - Quadra 55 - Rua Condor - unidade nº 66



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 68 - Residência I1- Quadra 57 - Rua Condor



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 69 - Residência J1- Quadra 57- Rua Condor



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 70 - Residência K1 - Quadra 57 - Rua Drongo



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 71 - Residência L1 - Quadra 59 - Rua Drongo - unidade nº 73



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 72 - Residência M1 - Quadra 61- Rua Marabu x Rua Falcão



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 73 - Residência N1 - Quadra 52 - Rua Condor



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 74 - Residência O1 - Quadra 63 - Rua Falcão - unidade nº 82



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 75 - Residência P1 - Quadra 63 - Rua das Pombas - unidade nº 85



Fonte: acervo da autora (2017)

Figura 76 - Residência Q1 - Quadra 63 - Rua das Pombas - unidade nº 86



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 77 - Residência R1- Quadra 64 - Rua Tucanos



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 78 - Residência S1 - Quadra 67 - Rua Harpia



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 79 - Residência T1 - Quadra 67 - Rua Ibis



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 80 - Residência U1 - Quadra 69 - Rua Ibis x Rua das Pombas -
unidade nº 91



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 81 - Residência V1- Quadra 70 - Rua Garças



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 82 - Residência X1 - Quadra 71- Rua Pavão



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 83 - Residência Y1 - Quadra 74 - Rua Harpia



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 84 - Residência W1 - Quadra 89 - Rua Pombas



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 85 - Residência Z1 - Quadra 93 - Rua Jacutinga x Rua Perdizes



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 86 - Residência A2 - Quadra 95 - Rua Ibis



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 87 - Residência B2 - Quadra 95 - Rua Ibis x Pombas



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 88 - Residência C2 - Quadra 97 - Rua Pombas



Fonte: acervo da autora (2017)

Figura 89 - Residência D2 - Quadra 97 - Rua Pombas x Harpia



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 90 - Residência E2 - Quadra 101 - Rua Falcão - unidade nº 98



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 91 - Residência F2 - Quadra 103 - Rua Falcão x Rua Perdizes - unidade nº 102



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 92 - Residência G2 - Quadra 103 - Rua Falcão



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 93 - Residência H2 - Quadra 104 - Rua Harpia x Rua Pica Pau



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 94 - Residência I2 - Quadra 104 - Rua Ibis



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 95 - Residência J2 - Quadra 105 - Rua Perdizes



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 96 - Residência K2 - Quadra 109 - Rua Condor - unidade nº 104



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 97 - Residência L2 - Quadra 110 - Rua Eurilemos - unidade nº 105



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 98 - Residência M2 - Quadra 111- Rua Beija-Flor



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 99 - Residência N2 - Quadra 112 - Rua Pica-Pau - unidade nº 108



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 100 - Residência O2 - Quadra 114 - Rua Condor - unidade nº 111



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 101 - Residência P2 - Quadra 117 - Rua Uru - unidade nº 112



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 102 - Residência Q2 - Quadra 119 - Rua Uru - unidade nº 117



Fonte: acervo da autora (2019)

Figura 103 - Residência R2 - Quadra 122 - Rua Macucos



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 104 - Residência S2 - Quadra 126 - Rua Pica-Pau



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 105 - Residência T2 - Quadra 132 - Rua Tricomodo - unidade nº 121



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 106 - Residência U2 - Quadra 132 - Rua Tricomodo



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 107 - Residência V2 - Quadra 137 - Rua Para-Piri



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 108 - Residência X2 - Quadra 137 - Rua Mutum Pinima









Fonte: acervo da autora (2020)

4 ANÁLISE DAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS

Visando identificar os aspectos que caracterizaram o fenômeno na cidade, o trabalho propõe uma análise pautada em um quadro criado a partir de pesquisas semelhantes sobre o tema, como o de Lara (2001) em Belo Horizonte (MG), Guadanhim (2002) em Londrina (PR), Rego e Delmonico (2003) em Maringá (PR) e Arruda (2004) em Campo Grande (MS), visto não haver modelo consolidado para aplicação nesse campo de estudo.

As 125 unidades identificadas tiveram os registros de implantação, planta e elevação redesenhados e ordenados por quadras de forma crescente (Apêndices B a V4 - Volume 2) e analisados com relação ao número de volumes em que o programa se organiza, número de pisos, setorização dos ambientes, elementos formais que compõem a elevação e o emprego, ou não, do concreto armado.

Nas representações gráficas das plantas, os ambientes foram assinalados com hachuras com intuito de investigar a setorização funcional buscando ressonâncias do ideário modernista. A pesquisa compreende a análise de três grandes setores: o social, o serviço e o privativo. No entanto, os locais de circulação, instalações sanitárias (I.S.) e cômodo para funcionários estão representados de modo à parte, a fim de averiguar suas relações com os demais ambientes e seus aspectos históricos.

	Social		Circulação
	Serviço		I.S.
	Privado		Funcionários

Cada unidade apresentada está identificada com o nome do proprietário, sua localização (quadra e lote), nome da rua, profissional responsável e ano de aprovação, bem como a área da edificação.

Realizadas tais análises, segue o quadro com os dados provenientes das unidades, também ordenados por quadras de forma crescente. Recomenda-se a leitura deste capítulo seja acompanhada do Volume 2, onde se encontram os redesenhos das unidades.

		Implantação		Cobertura			Planta			Elevações														Sistema Construtivo Concreto Armado					
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
12	Q. 13 L. 1																												
13	Q. 13 L. 4																												
14	Q.13 L. 4,7,8																												
15	Q. 13 L. 19																												
16	Q. 14 L. 4																												
17	Q. 15 L. 1																												
18	Q. 15 L. 19																												
19	Q. 15 L. 20																												
20	Q. 16 L. 4																												
21	Q. 17 L. 18																												
22	Q. 18 L. 5																												
23	Q. 18 L. 6																												
24	Q. 19 L. 9																												
25	Q. 20 L. 9																												
26	Q. 20 L. 11																												

		Implantação		Cobertura			Planta			Elevações														Sistema Construtivo Concreto Armado						
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada		
57	Q. 50 L. 14																													
58	Q.50 L.16,17																													
59	Q. 52 L. 4																													
60	Q. 52 L. 5																													
61	Q.53 L.11,12																													
62	Q. 53 L. 17																													
63	Q. 55 L. 2																													
64	Q. 55 L. 3																													
65	Q. 55 L. 7																													
66	Q. 55 L. 15																													
67	Q. 55 L. 17																													
68	Q. 57 L. 7																													
69	Q. 57 L. 13																													
70	Q. 57 L. 14																													
71	Q. 57 L. 15																													

		Implantação		Cobertura			Planta			Elevações														Sistema Construtivo Concreto Armado						
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada		
87	Q.64 L.16,17																													
88	Q. 67 L. 5																													
89	Q. 67 L. 8																													
90	Q. 68 L. 3																													
91	Q. 69 L. 1																													
92	Q. 69 L. 6																													
93	Q. 70 L. 19																													
94	Q. 71 L. 13																													
95	Q. 71 L. 14																													
96	Q. 97 L. 1																													
97	Q. 99 L. 9																													
98	Q. 101 L. 5																													
99	Q. 103 L. 3																													
100	Q.103 L.11-1																													
101	Q. 103 L. 12																													

		Implantação		Cobertura			Planta			Elevações															Sistema Construtivo Concreto Armado				
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
102	Q. 103 L. 17																												
103	Q. 109 L. 4																												
104	Q. 109 L. 15																												
105	Q. 110 L. 4																												
106	Q. 111 L. 8																												
107	Q. 111 L. 11																												
108	Q. 112 L. 8																												
109	Q. 112 L. 16																												
110	Q. 113 L. 13																												
111	Q. 114 L. 6																												
112	Q. 117 L. 11																												
113	Q. 117 L. 12																												
114	Q. 117 L. 13																												
115	Q. 117 L. 13																												
116	Q. 117 L. 21																												

4.1 Análise das residências

Proveniente da leitura geral dos dados, pode-se declarar, em primeira análise, que o fenômeno da arquitetura modernista em Arapongas se revelou com alguns aspectos dominantes. Tais características, referentes aos três primeiros itens do quadro (Implantação, Cobertura e Planta) a serem ressaltadas são:

- a) predominância de um único volume que abriga o programa de necessidades (105 unidades);
- b) organização do telhado com várias águas (76 unidades) superando a configuração de duas águas e calha central;
- c) planta térrea, presente em 118 unidades;
- d) setorização das funções - evidentemente não como pregado pelo discurso modernista, como a planta livre e ambientes integrados - mas em uma forma mais genérica, manifestou-se em pouco mais da metade das casas (72 unidades).

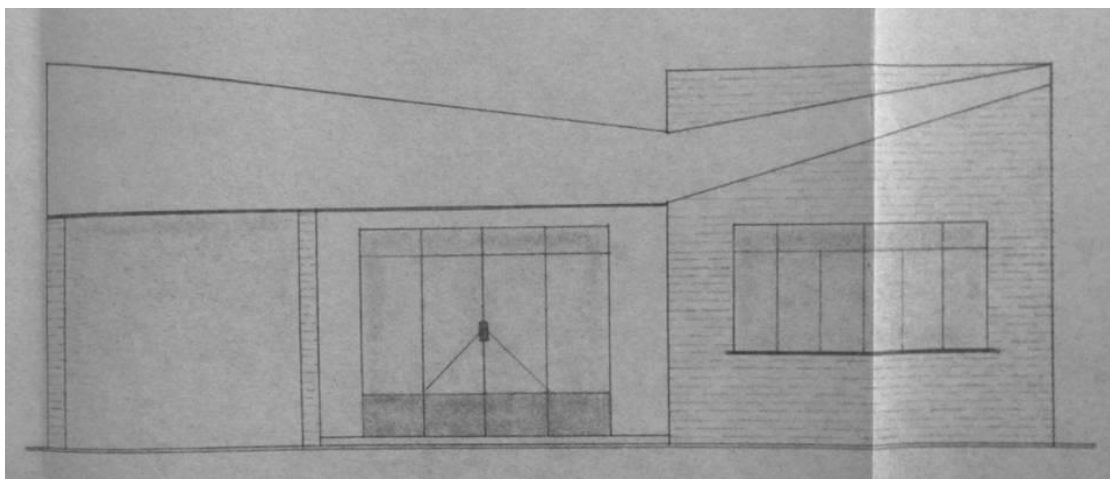
Já em relação às fachadas, pode-se afirmar que em Arapongas ocorreu o mesmo que os demais estudos acerca da apropriação da arquitetura modernista revelam, a preocupação em demonstrar o uso da plástica apenas na elevação voltada para a via pública. De 125 unidades, apenas 10 residências demonstram nos desenhos um estudo acerca de uma segunda fachada. Dessas, 7 constam como casas de esquina, ou seja, duas elevações voltadas para a rua. Somente o projeto da residência nº 58, que mesmo sendo de esquina, apresentou três elevações com preocupações estéticas e aplicação de motivos de inspiração modernista.

Quanto ao emprego dos elementos formais, é possível apartá-los em duas categorias: uma referente aos recursos para ocultar os telhados e outra, o corpo da casa.

No tocante às platibandas, o desenho reto foi o mais aplicado, 84 unidades. Segundo Bortolotti (APÊNDICE G), essa era a característica mais utilizada pelos profissionais. Na sequência, estão as platibandas inclinadas (39) e em menor número as com desenho em V (29 unidades). Percebeu-se também nesse ponto que elas não eram aplicadas de maneira isolada, mas apresentavam mesclas dos formatos. Diversas moradias, como, por exemplo, a de nº 79, da década de 1950 e a nº 15, da década de 1960, assim como muitas outras, apresentam em sua composição

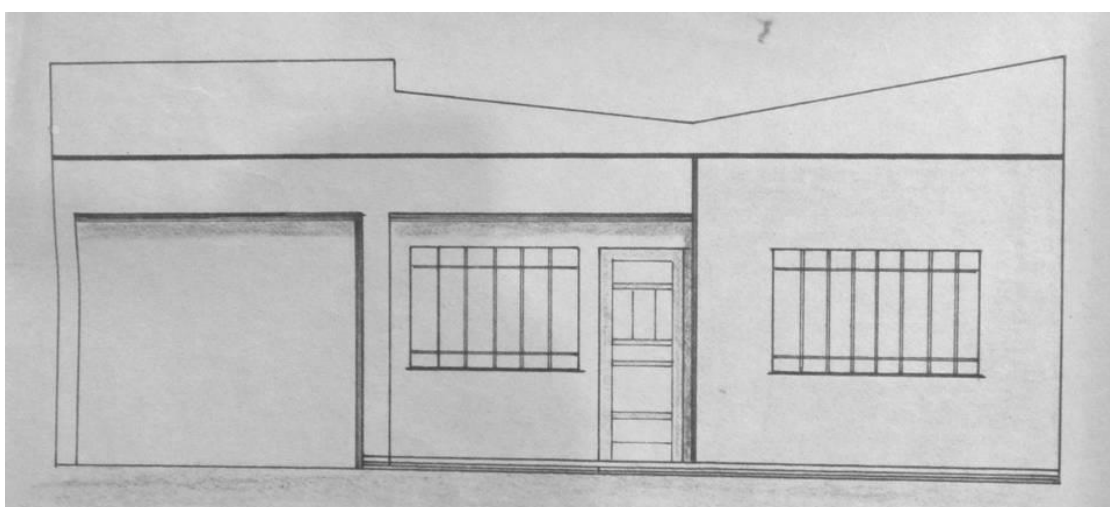
a conjugação da platibanda reta com inclinada (Figura 110) e em outras, combinações com platibandas retas e em V (Figura 111).

Figura 109 - Residência nº 15 com platibanda reta e inclinada



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

Figura 110 - Residência nº 111 com platibanda reta e platibanda em V



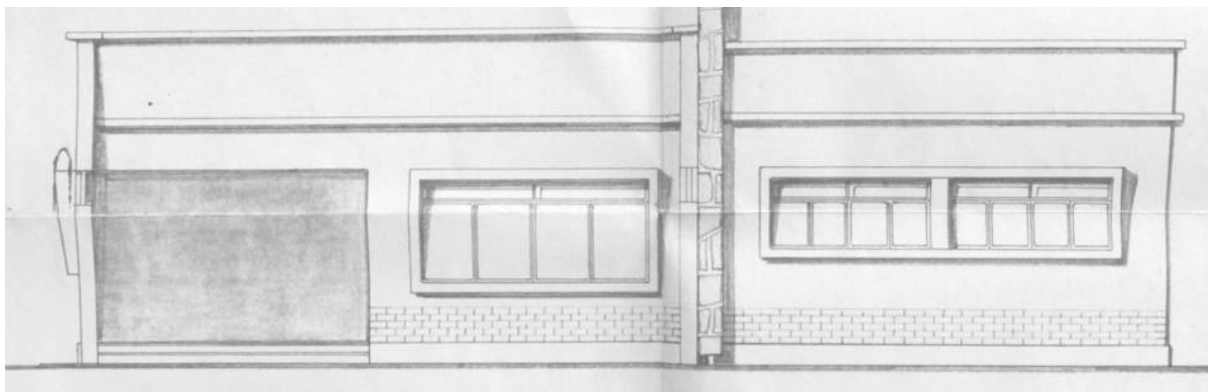
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

A presença das platibandas em V e inclinadas, juntamente com os arcos, nas cidades do norte do Paraná, em muito se deve à atuação da construtora Veronesi, com sede em Londrina. Bortolotti (APÊNDICE G) afirma que esses elementos ganharam maior conhecimento nessa região graças às construções executadas pela empresa. Guadanhim (2002) elucida que a referência para o desenhista da empresa eventualmente derivava dos periódicos que publicavam obras de Oscar Niemeyer.

Partindo para a análise geral dos demais elementos das elevações, as afirmações se direcionam para a predominância da marquise e dos pilares esbeltos, bem como o uso de esquadrias de grandes dimensões, fazendo alusões aos planos de vidros empregados nas obras modernistas. Com relação ao uso de revestimentos, pedra e cerâmica, ambos foram aplicados na mesma proporção.

Esses itens de maior destaque, unidos aos desenhos das platibandas, foram muitas vezes manipulados de modo a evidenciar um aspecto horizontal para as fachadas das unidades. Além dos recursos elencados no quadro, notou-se, durante os redesenhos, o uso de molduras em torno das janelas (Figura 112), por vezes sendo indicado o uso de concreto para o feitiço delas, reforçando a horizontalidade da elevação principal. Rego e Delmonico (2003, p. 182) afirmam que, em outros tempos esses elementos foram "[...] ferozmente rechaçados por seu caráter ornamental e, portanto, nada funcional aos olhos modernos", mas no período em questão tiveram sua aplicação "[...] em torno das janelas tradicionais, de maneira a salientar na fachada a intencionada horizontalidade da edificação moderna".

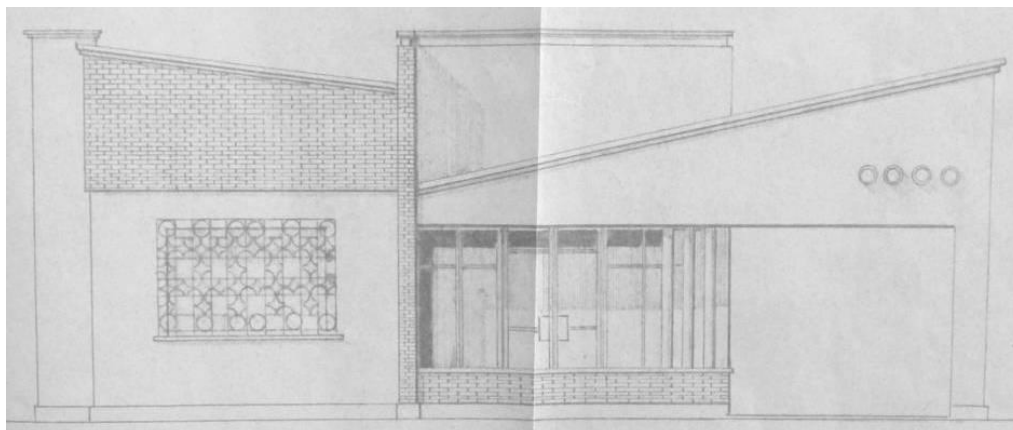
Figura 111 - Moldura em torno da janela - Residência nº 80



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Além das esquadrias, constatou-se o uso desse elemento nos arremates das platibandas (Figura 113), também buscando enfatizar, em grande parte dos casos, o caráter horizontal da construção.

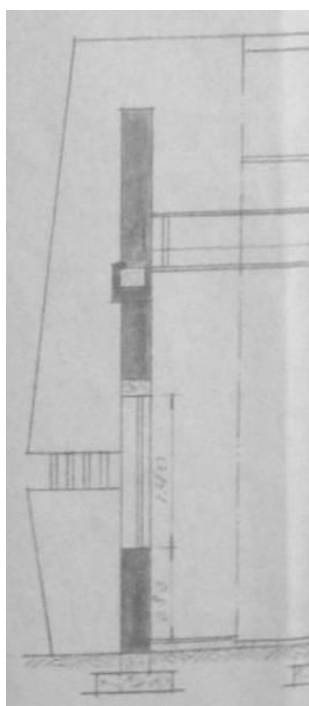
Figura 112 - Moldura na platibanda - Residência nº 73



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

As duas imagens (Figura 112 e 113), além de representar as molduras nas esquadrias e platibandas, abrem mirada para mais dois adendos nos itens de fachada. O primeiro, representado na Figura 112, ao lado esquerdo e central da elevação. Trata-se de uma saliência com faces chanfradas e um recorte ao centro onde se localizam tubos circulares de pequeno diâmetro. A Figura 114, residência nº 14, indica o elemento em corte e na Figura 115 o elemento construído, encontrado na rua das Garças, quadra 18, sem projeto aprovado na prefeitura municipal.

Figura 113 - Elemento chanfrado - Residência nº 14



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

Figura 114 - Elemento chanfrado - Rua das Garças



Fonte: acervo da autora (2020)

O componente se fez presente em quatro projetos (nº 14; nº 31; nº 47 e nº 80), sendo três deles presentes em residências assinadas por Rolf Lunkmoss de Christo, no início da década de 1960. Apenas a unidade nº 31 foi aprovada por outro profissional, Fued Abraham, em 1969. Tal peça, que salta do volume do corpo da casa, não foi encontrada na bibliografia consultada acerca da apropriação da arquitetura modernista.

O segundo ponto notório das imagens, também não presente em quaisquer estudos sobre o fenômeno de apropriação da arquitetura modernista, são os elementos circulares vazados (Figura 113). Eles se fizeram presentes em diversas unidades, e assim como as molduras em torno das esquadrias, possuem uma forte característica ornamental e se apresentam, na maior parte dos casos, nas platibandas das edificações, conforme na Figura 116.

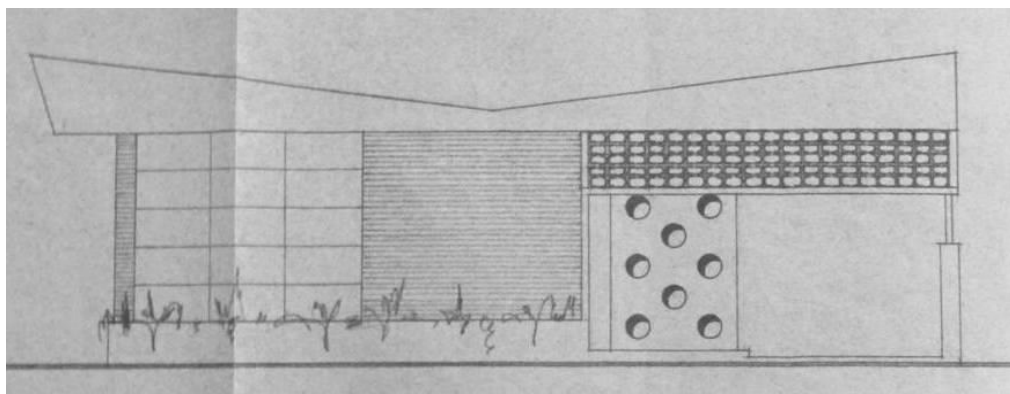
Figura 115 - Elemento vazado circular a direita da platibanda - Residência nº 73



Fonte: acervo da autora (2020)

Com menor recorrência que os elementos anteriores, estão os brises e elementos vazados: a aplicação se deu, predominantemente, por razões meramente estéticas ou como barreira visual. Em algumas residências (nº 72; nº 81; nº 83 e nº 125) o emprego de elementos vazados foi especificado em pequenas quantidades na parte inferior da platibanda (Figura 117), tendo sua principal função, a de proteção solar, completamente ignorada. Uma única unidade demonstrou uma aplicação funcional, o projeto nº 58.

Figura 116 - Elemento vazado abaixo da platibanda - Residência nº 72



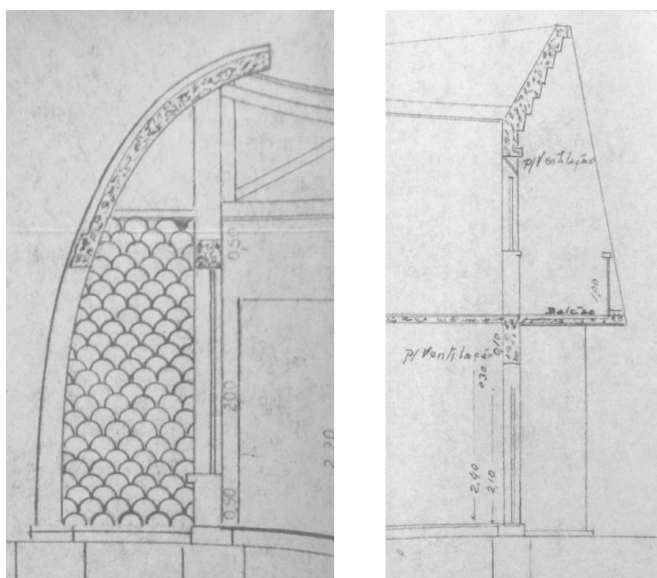
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Percebe-se, de modo geral, que a questão do conforto térmico não foi um ponto de grande preocupação dos profissionais responsáveis pelos projetos. Além da aplicação aleatória dos elementos formais, ou seja, ignorando suas funções, notou-se que os ambientes destinados ao descanso, dormitórios, locais que demandam atitudes criteriosas para implantação, também não ganharam tratamentos quando voltados para as faces mais críticas de insolação.

Por fim, o estudo se volta para o emprego da tecnologia do concreto armado, onde averiguou-se sua aplicação tanto na execução da residência, através de pilares, vigas e lajes, no corpo das edificações, e seu uso em elementos formais presentes na fachada das unidades.

Dado o fato de os projetos analisados serem os arquivos legais preservados na prefeitura, eles não apresentam grandes detalhes construtivos, sobretudo no âmbito das estruturas utilizadas. Assim sendo, a busca pelo emprego da tecnologia se deu pela identificação do uso de lajes na cobertura das residências. Do número total, menos de 30% (34 unidades) apresentaram de forma clara o uso do recurso. Já nos elementos de fachada, 71 residências empregaram a técnica para a execução de marquises, pilares, além das molduras nas esquadrias e platibandas. Em dois projetos foram identificados o uso da técnica para a execução das altas platibandas, como nas residências nº 90 e nº 117 (Figura 118).

Figura 117 - Platibandas de concreto em corte nas residências nº 90 e nº 117



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Embora seja possível alcançar algumas afirmações sobre o fenômeno analisando-o de maneira geral, propõe-se agrupamentos de análises, pois acredita-se que categorizando os resultados dos estudos individuais, as considerações finais acerca da manifestação em Arapongas contribuirão de modo mais assertivo para a compreensão da apropriação da arquitetura modernista na cidade. Primeiramente, serão analisadas as edificações por décadas de aprovação, sendo categorizadas como 1950, 1960 e 1970. Posteriormente, será contemplada a categoria de profissionais.

4.1.1 Análise das residências por décadas

O exame elencado por décadas conta com 19 unidades no intervalo de 1953 a 1959, 84 unidades nos anos 1960 e 18 residências no último decênio. As demais foram consideradas na descrição geral, pois não constam no projeto a data de sua aprovação.

A análise se realizará de modo detalhado buscando investigar as particularidades presentes em cada período. O quadro contendo os dados por décadas se encontra nos Apêndices H, I e J.

4.1.1.1 *Década de 1950*

As observações acerca dos anos 1950 se dirigem, primeiramente, ao estudo da implantação. Embora tenha sido relatado anteriormente que houve, durante as três décadas, o predomínio de residências com apenas um único volume para abrigar os ambientes, aqui se retoma o tópico com intuito de verificar suas particularidades. Nesse período, cerca de 21% (4 unidades) apresentaram cômodos isolados do corpo principal da casa, implantados mais ao fundo do lote. Neles se encontram locais para depósito, área de serviço, dormitórios e sanitários para funcionários e garagem, sendo o último o local que mais predominou no volume apartado. De acordo com Reis Filho (2014), a localização das garagens atrás da residência remonta aos costumes coloniais, onde as cocheiras eram abrigadas longe do olhar da rua e dos visitantes. Nos projetos, tais locais são acessados por um recuo lateral que permitia o ingresso para a guarda do automóvel.

O recinto dos automóveis se apresentou de diversas maneiras nessa década. Além de sua localização, distante da parte principal (3 unidades), notou-se sua implantação junto à construção, próximo a uma varanda (2 unidades) ou anexado à casa, porém com acesso distante da entrada principal (3 unidades).

No estudo da cobertura, o período não apresenta o predomínio de um arranjo, visto que a solução do telhado com águas se manifestou em 40% das unidades, bem como o uso de duas águas com calha central também ocorreu em 40%. As demais se apresentaram com outras configurações, inclusive laje impermeabilizada (residência nº 65 e nº 82). Com relação aos materiais utilizados, a telha de fibrocimento foi a que demonstrou maior aplicação (10 unidades), enquanto a cerâmica foi apontada em apenas cinco projetos.

O exame da planta em relação ao número de pisos revela o domínio das residências térreas, sendo que nessa década apenas uma unidade se apresentou com dois níveis (nº 62). Trata-se de uma edificação a ser construída em série (quatro unidades geminadas) (Figura 66), assemelhando-se a um investimento imobiliário. Conforme comentado no Capítulo 3, Segawa (2014) descreve esse tipo de investimento como uma das causas da banalização das referências formais modernistas. Desse projeto, um conjunto foi edificado seguindo algumas especificações constantes nas pranchas (Volume 2, Apêndice K2).

A investigação das plantas enquanto disposição dos ambientes demonstra que a setorização funcional, amplamente discutida na arquitetura modernista, não apresentou grandes reflexos na primeira década de manifestação em Arapongas. Das unidades analisadas nesse período, apenas cerca de 37% (nº 04, nº 37, nº 58, nº 59, nº 62, nº 67 e nº 116) apresentam uma configuração espacial pautada no agrupamento de funções, com clara distinção entre alas diurnas e noturnas. Nessas unidades, percebe-se a proximidade dos ambientes sociais e de serviços e o isolamento dos dormitórios, para os quais o acesso ocorre, na maior parte, através de uma circulação linear. As demais residências se assemelham com as configurações descritas por Tramontano (1993, p. 1), onde os ambientes eram dispostos em "zonas de prestígios" e "zonas de exclusão".

No que diz respeito às elevações, os elementos de maior uso foram a platibanda reta, seguida da platibanda inclinada, marquise e revestimento de pedra. Notou-se que a busca pela horizontalidade da fachada principal não foi um aspecto de grandes proporções nesse período, visto que apenas 36% das unidades

buscaram evidenciar esse ponto com aplicação de elementos, materiais e ocupação da maior parte da testada do lote.

A última questão abordada para esse período é a especificação do concreto armado. Nos anos 1950 notou-se que cerca de 40% das unidades haviam previsto o uso da técnica, seguidas de cobertura com telhas. Dessas, a maioria foi aprovada na segunda metade da década, sendo sua maior aplicação nos anos de 1957 a 1959. Nos demais projetos, a técnica corrente para o forro era a utilização da madeira. Já seu emprego nos itens de fachada se deu na maior parte das casas: 68% aplicaram a técnica do concreto em marquises, pilares e detalhes nas paredes.

4.1.1.2 Década de 1960

Na década seguinte, 1960, o estudo da implantação dos volumes nos lotes seguiu com predomínio do volume único, dado que apenas 11 residências representaram um segundo anexo. Embora já comentado sobre os volumes secundários, resgata-se novamente o item para outras constatações.

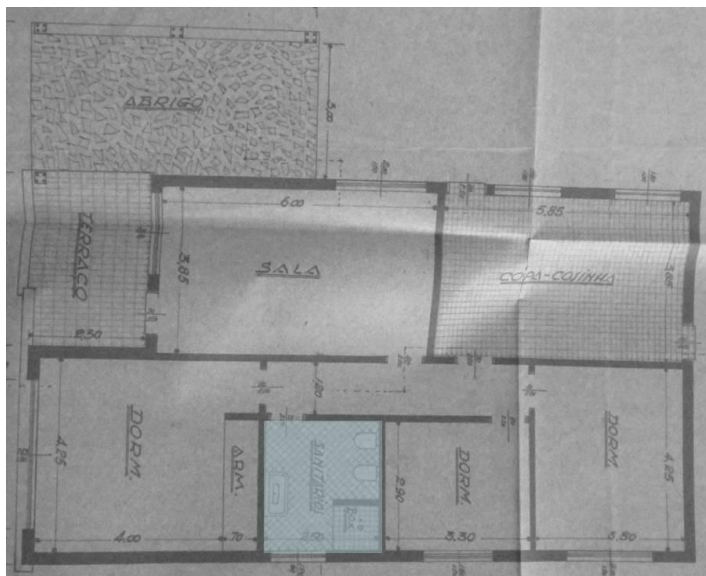
As casas que apresentaram o segundo volume, também implantado junto aos limites laterais ou fundos dos lotes, abrigaram, na sua maioria, recintos destinados aos funcionários e áreas de serviço.

A presença desses cômodos, geralmente localizados no segundo volume ou nos fundos do corpo principal da casa, também remontam aos tempos coloniais, onde eram tratados como secundários, por serem locais de trabalho e de funcionários, e estavam, em grande parte, próximos às cozinhas, tornando-se parte integrante das áreas de exclusão da residência (REIS FILHO, 2014; TRAMONTANO, 1993). Tal era a discriminação com os locais de serviço, que poucos projetos destinavam uma representação gráfica para eles. Apenas 27 unidades (32%) apontaram para a presença das áreas de serviço. Em outros, notou-se a presença de um local denominado "área" ao lado da cozinha, que em muito se assemelha com um local de serviço, mas sem clara indicação de sua função. Bortolotti (APÊNDICE G) descreve que o espaço da lavanderia, de fato, não era representado nos desenhos técnicos, pois se tratava de uma estrutura, por vezes improvisada, aos fundos do lote, onde se encontravam um fogão a lenha e uma área destinada à secagem das roupas.

A existência desses locais, tanto áreas de serviço e, sobretudo, cômodo para funcionários (residências nº 08; nº 16; nº 33; nº 40; nº 42; nº 46; nº 48; nº 66; nº 69; nº 104 e nº 118), apontam para o provável elevado poder aquisitivo dos proprietários, uma vez que a maior parte dessas unidades possui maior área de implantação e atenção às questões estéticas de fachada.

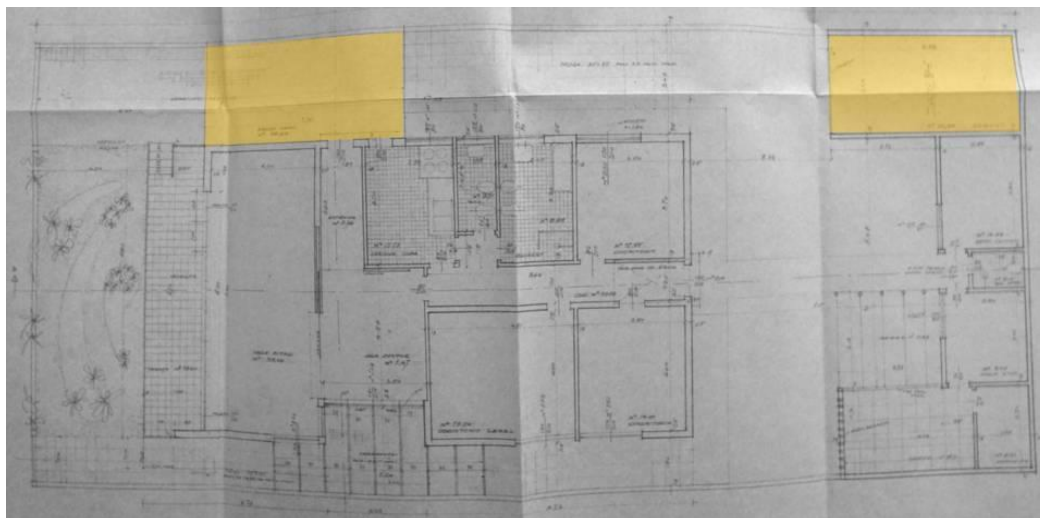
Ainda sobre os ambientes considerados desprestigiados, estavam as instalações sanitárias. Três arranjos podem ser identificados nessas residências. O primeiro, onde os banheiros, voltados aos moradores e visitas, estão próximos dos dormitórios, conforme a Figura 119, sendo essa a configuração mais corriqueira dos projetos. O segundo, aos fundos do corpo da casa, próximo à varanda ou área de serviço (Figura 120), que, embora esteja no corpo principal da casa, seu acesso é posterior à saída (nº 77; nº 83; nº 110 e nº 125). Por fim, há um projeto onde não há nenhuma indicação da localização do sanitário (nº 24). As residências que apresentam tais disposições são todas unidades que apresentam maior simplicidade, não apenas na planta, mas também nas fachadas.

Figura 118 - Planta com banheiro próximo dos dormitórios - Residência nº 18



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

Figura 120 - Planta com dois ambientes de garagem - Residência nº 08



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Em grande parte das unidades que apresentaram tal espaço (61 unidades no total), a configuração se dá pela sua localização anexa à varanda, e essa por sua vez dá acesso à entrada principal da casa. Essa situação corresponde à afirmação de Reis Filho (2014, p. 74),

[...] normalmente, um dos afastamentos laterais, o maior, com três a cinco metros de largura, correspondia à passagem de automóvel, evidenciada pela respectiva cobertura, saliente no corpo da casa e, quase como decorrência, a entrada lateral da residência, mais íntima, que dava acesso ao *hall*, peça de distribuição horizontal e vertical, cujo nome, importado, demonstrava o sentido de novidade.

Notou-se também que essas saliências para a guarda dos carros, em grande parte, eram projetadas com lajes impermeabilizadas, conferindo um caráter mais horizontal para a fachada e um modo de se utilizar do concreto armado.

Bortolotti (APÊNDICE G) salienta que a nova localização da garagem tem suas referências possivelmente na arquitetura norte-americana, vistas em revistas, que inspiraram também os ambientes internos, nomes e disposição, e até mesmo os elementos de fachada. Durante os redesenhos, foi possível identificar, em algumas residências, tal ressonância, como ambientes nomeados em inglês, sendo os banheiros denominados *W.C. (water closet)*, além das salas nomeadas como *living*.

Sobre as varandas, muito frequentes nas casas araçatubenses, faz-se proveitoso tecer um comentário sobre sua existência. Seu posicionamento, na maior parte das unidades, se dá fora do eixo central da planta, às vezes à direita, outras à

esquerda, conforme Figura 122. São espaços exíguos que, além da articulação entre abrigo e sala, funcionavam, na maioria dos casos, como um ambiente social da residência. Bortolotti (APÊNDICE G) menciona que elas provêm da herança cultural¹⁷ das construções de madeira, onde um local coberto, porém aberto, na frente da casa, era reservado para o contato com os transeuntes e também se caracterizava como um espaço para a recepção dos visitantes, dado que naquele período o costume de receber no interior da casa pouco era exercido. Embora se tenham alterado os costumes nas recepções de visitas, a varanda se manteve como um forte componente dos projetos nesses 30 anos, sobretudo pela sua relação com o espaço público.

Figura 121 - Varanda da residência nº 104



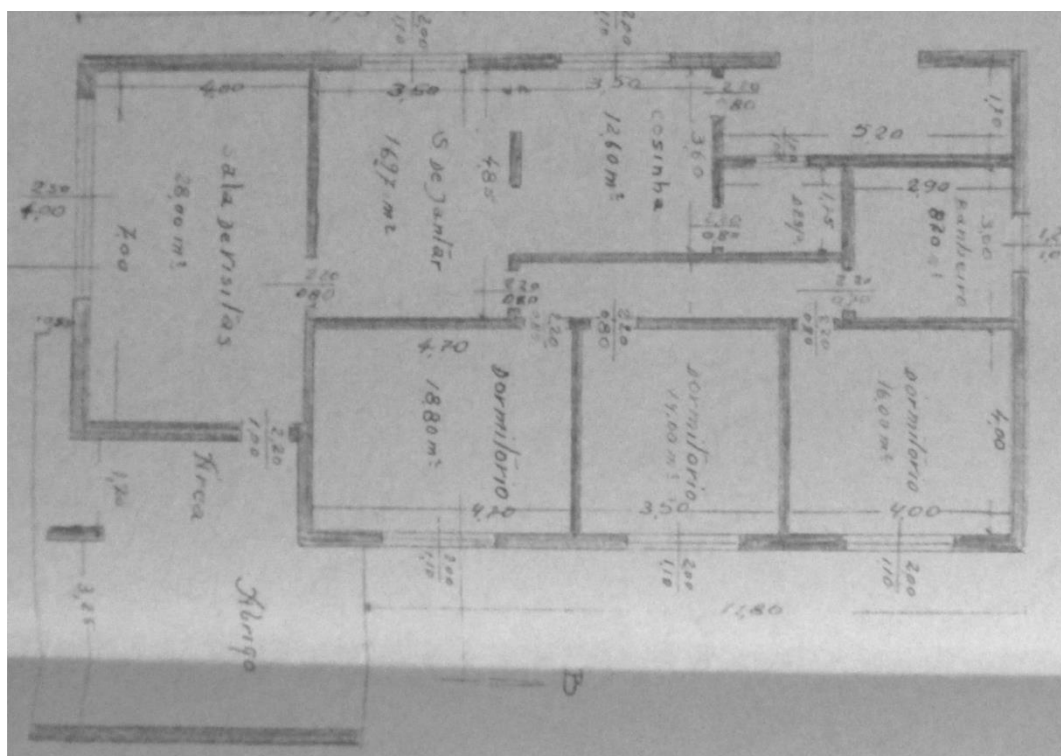
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

A averiguação das plantas revelou também que a década de 1960 manifestou um alto índice de projetos com a setorização funcional com maior proximidade com o projeto modernista. Das 84 unidades, 52 residências apresentaram de forma clara a ala diurna e noturna da casa, e dessas 41 unidades, tiveram sua aprovação na primeira metade da década.

¹⁷ Para além da referência apontada por Bortolotti, a presença das varandas, ou alpendres, são espaços recorrentes na arquitetura colonial brasileira, seja no âmbito erudito como no vernacular. Sobre o tema, consultar Reis Filho (2014).

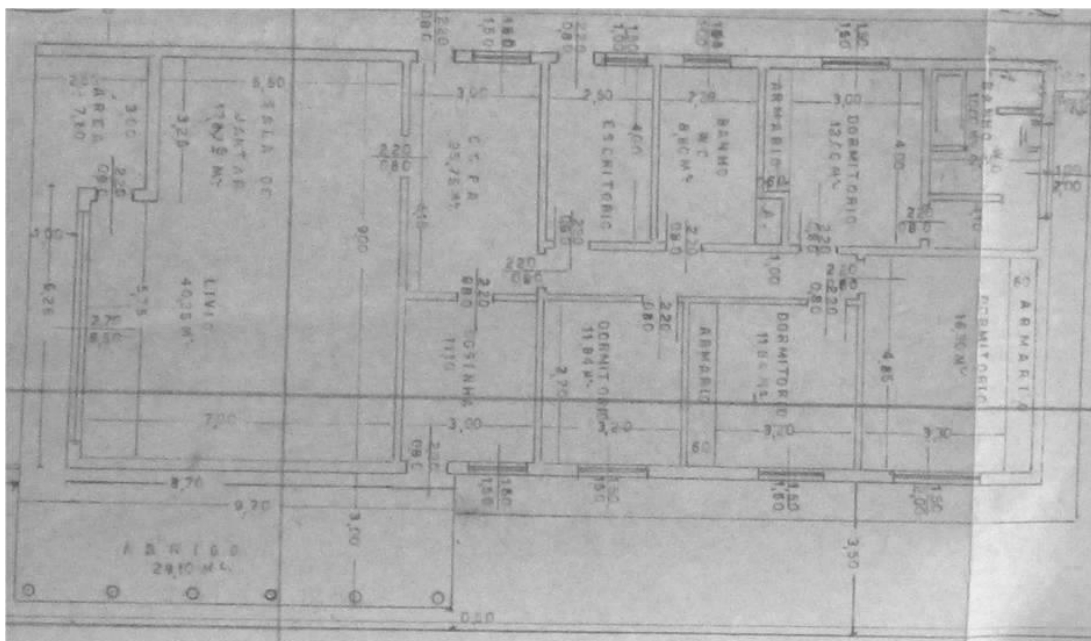
Duas configurações foram mais correntes: a primeira, presente na maioria das residências, é a localização das áreas sociais e serviço implantados de modo paralelo ao setor privativo. Essa configuração não era de todo nova, visto que as casas antigas carregavam essa distribuição (APÊNDICE G). No entanto, nas edificações de madeira, os fluxos e acessos se davam de modo diferente. Aqui se repara que uma configuração corriqueira ganhou uma certa atualização, referenciada no discurso funcionalista dos ambientes. A diferença pode ser notada nos exemplos das unidades nº 50 e nº 105 (Figura 123), sendo a primeira casa com similitudes das décadas passadas e a segunda com a renovação de seus fluxos. A segunda, onde a ala noturna da casa se reserva aos fundos do corpo da casa, sendo os ambientes sociais com maior proximidade da via, seguido dos cômodos de serviço (Figura 124).

Figura 122 - Planta da residência nº 105 com setor privativo paralelo ao setor social e de serviço



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 123 - Planta da residência nº 16 com setor privativo aos fundos e setores social e de serviço a frente



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

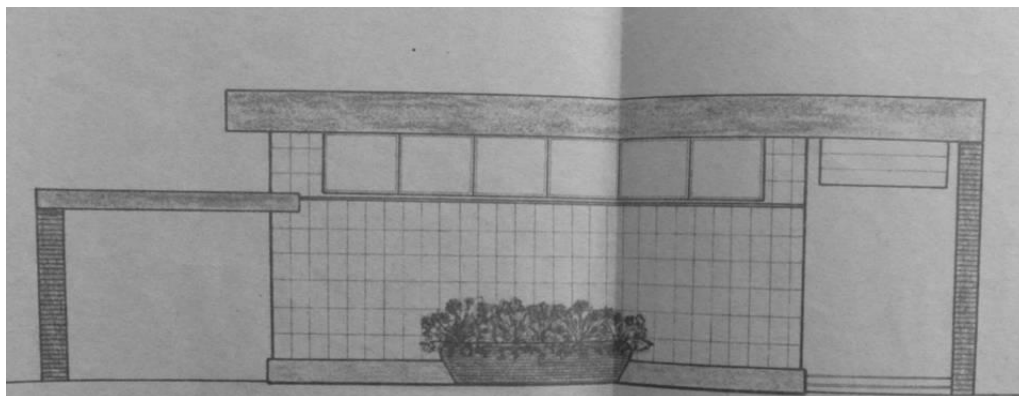
No estudo das fachadas, diferentemente da década anterior, a busca pela horizontalidade adquiriu maior ênfase. Mais de 50% das unidades se utilizaram dos recursos disponíveis para evidenciar esse aspecto da apropriação da arquitetura modernista.

Já em concordância com os anos 1950, está o predomínio das platibandas retas, seguidas das inclinadas. Nesse período, contempla-se igualmente a manifestação das platibandas em V (presentes em 24 unidades), característica marcante das apropriações formais modernista.

Na parte dos revestimentos, a cerâmica foi mais utilizada, presente em cerca de 40% das moradias. A pedra fez-se presente em 32% das unidades, e por vezes aparecem conjugados os dois materiais.

O tópico referente às esquadrias apontou para 29 unidades que utilizaram largos vãos envidraçados. Em seis unidades, foi possível perceber também uma outra configuração de janelas com semelhanças aos elementos modernistas, a janela em fita. Claramente, elas não seguem os padrões corbuserianos, no entanto são janelas de pouca altura e dispostas de modo horizontal, localizadas, com frequência, próximas aos forros e lajes, como representado na Figura 125.

Figura 124 - Residência nº 01 com janela horizontal



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Quanto ao uso do concreto armado, constatou-se que a proporção foi muito baixa nessa década, pois apenas 18 residências representaram em seus projetos o uso da técnica para as lajes de forração. Segundo Gean Carlo Cereia (APÊNDICE E) e Genésio Roque de Freitas (APÊNDICE F) isso pode ser atribuído ao fato da crise de escassez de cimento ocorrida na cidade nos anos 1960.

Um último ponto a ser evidenciado é a existência de duas residências muito similares. Os projetos nº 99 e nº 105 são idênticos na planta, e na fachada o único detalhe que os diferencia é a ausência do revestimento de pedra no segundo projeto. Ambos têm seus registros de aprovação no primeiro semestre de 1962 para contratantes e por profissionais diferentes. A unidade nº 99 foi assinada por Eros Pacheco de Carvalho e a nº 105, por Rolf Lunkmoss de Christo. O fato de exibirem praticamente as mesmas características e serem assinadas por diferentes engenheiros chama a atenção, porém não permite profundas compreensões. Uma das hipóteses é que os engenheiros tenham apenas regularizado os projetos, cabendo a realização a uma terceira pessoa, talvez desenhista, sendo essa uma prática corrente naquele tempo.

4.1.1.3 Década de 1970

Por fim, a análise da última década, 1970, revela algo parecido à situação anteriormente relatada. Dos 18 projetos aprovados nesses anos, seis unidades possuem fortes semelhanças. As residências nº 12 e nº 13, aprovadas em 1970 e 1972 por Fued Abraham, apresentam plantas e fachadas demasiadamente

semelhantes, cuja disposição se dá em proporções mais horizontalizadas, abrigando garagem, o setor social e serviço do lado direito e o setor privado à esquerda da planta.

Já as unidades nº 10, nº 27, nº 28 e nº 34 também possuem plantas análogas. Dessas, três unidades foram assinadas por Fued Abraham e apenas a casa nº 27 é de responsabilidade do engenheiro Ampélio Filla. As aprovações junto ao órgão municipal foram, respectivamente, 1973, 1974, 1970 e 1972. Ou seja, o primeiro a assinar tal modelo foi Fued Abraham, em 1970. A configuração é caracterizada pela disposição do setor social e de serviço, juntamente com a garagem, implantado do lado esquerdo do lote e o setor privado ao lado direito. Com relação às elevações, as duas primeiras apresentam total semelhança no uso dos elementos e revestimentos. O fato de possuírem duas assinaturas oferece indícios, eventualmente, da prática da rubrica em projetos elaborados por desenhistas.

Na entrevista realizada com Genésio Roque de Freitas, 77 anos, mestre de obras nesse período (APÊNDICE F), que trabalhou com alguns dos nomes citados, apontou para uma situação que possivelmente colabore para a explicação das semelhanças nos projetos do mesmo responsável. Segundo ele, era corrente o contratante contatar o engenheiro, e para conhecer seu trabalho, o profissional os levava até uma obra executada, apresentando juntamente os respectivos desenhos técnicos. A partir disso, os que desejavam realizar um projeto, por vezes, tomavam a obra conhecida como referência para a execução de suas moradias.

De modo geral, além das semelhanças de algumas plantas e fachadas, as residências da década de 1970 se assemelham em vários pontos e indicam o declínio das apropriações da arquitetura modernista, sobretudo com referências cariocas.

Dentre os aspectos predominantes nesse decênio está a solução dos telhados com várias águas, sendo que apenas uma unidade apresentou a configuração com calha central. A indicação do material empregado em todos os projetos foram telhas de fibrocimento, que permite menor inclinação, e, conseqüentemente, com menor impacto visual nas elevações.

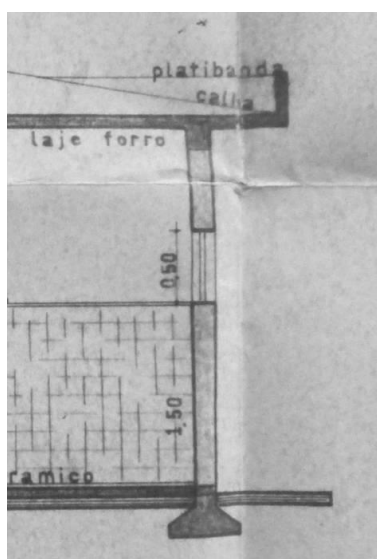
Nesse período, ainda foi possível encontrar edificações com organização espacial distribuída em zonas de valorização e zonas discriminatórias, fazendo-se presente em sete das unidades identificadas.

Outro item observado nesses projetos foi a representação dos cortes. Nas décadas anteriores, eram claros os desenhos e as indicações acerca do forro de

madeira ou laje. O mesmo não pode ser afirmado para os anos 1970, já que a maioria apresenta um desenho pouco detalhado, onde as finas linhas tendem a indicar o uso de lajes de concreto, embora sem hachuras, a especificação textual apresenta apenas a palavra "forro". Constatou-se em outras unidades, que apresentam desenhos semelhantes, a indicação do elemento como "laje forro". Assim, não é possível afirmar com precisão se o emprego da técnica nesse período foi proporcionalmente maior que os anos anteriores.

Nas moradias que apresentam com clareza o uso da laje de concreto, percebeu-se que em quase todas - exceto pelo nº 19 -, o elemento se prolonga para além das paredes, formando o beiral e a platibanda (Figura 126), que nessa condição, e nas demais, presentes nesses últimos anos, apresentavam-se com baixa altura, fazendo com que parte dos telhados, mesmo indicados como fibrocimento, ficassem parcialmente aparentes.

Figura 125 - Laje, beiral e platibanda de concreto em corte na residência nº 27



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Assim como nas duas outras décadas, nessa, a platibanda reta foi o elemento mais utilizado, seguido do revestimento de pedra e grandes vãos envidraçados.

Nessa década, porém, notou-se a considerável redução do emprego dos elementos como pilares esbeltos, inclinados e em V, dos elementos vazados e dos desenhos curvos na fachada, reduzindo, conseqüentemente, o emprego do concreto armado nos elementos de fachada.

Por fim, uma forte característica constatada nas três décadas, foi o procedimento para a execução das paredes de vedações externas e internas. Trata-se da técnica de edificar as paredes externas com maior espessura e as internas mais finas.

A respeito desse processo, Gean Carlo Cereia (APÊNDICE E) e Genésio Roque de Freitas (APÊNDICE F) informam que as residências nesse período eram executadas com tijolos furados, sendo utilizados na horizontal ou em duplos para as paredes externas, e na vertical para as internas. Externamente, a parede mais espessa contribuía para o conforto térmico no interior do edifício e as vedações interiores não necessitavam de tal espessura, pois a função atribuída é a divisão de ambientes.

Das 125 unidades, apenas nove unidades não demonstraram aplicação de tal recurso construtivo, sendo que duas indicaram o uso de paredes grossas para todas as vedações e sete residências utilizaram apenas paredes de 15 cm para o fechamento interno e externo. Nessas unidades, que apresentaram apenas divisórias de menor dimensão, observou-se que a maioria eram residências simples e de menor área construída.

Concluídas as observações relativas aos períodos de aprovação, prosseguiu-se para a investigação dos projetos classificados por responsáveis técnicos.

4.1.2 Análise das residências por profissionais

A pesquisa indicou o predomínio da atuação de alguns profissionais, portanto, julgou-se necessária uma análise a partir dos dados coletados. Examinar-se-ão os trabalhos dos engenheiros Rolf Lunkmoss de Christo, Fued Abraham e Zigmundo Dionísio Stasiak, os três nomes mais frequentes nos documentos examinados.

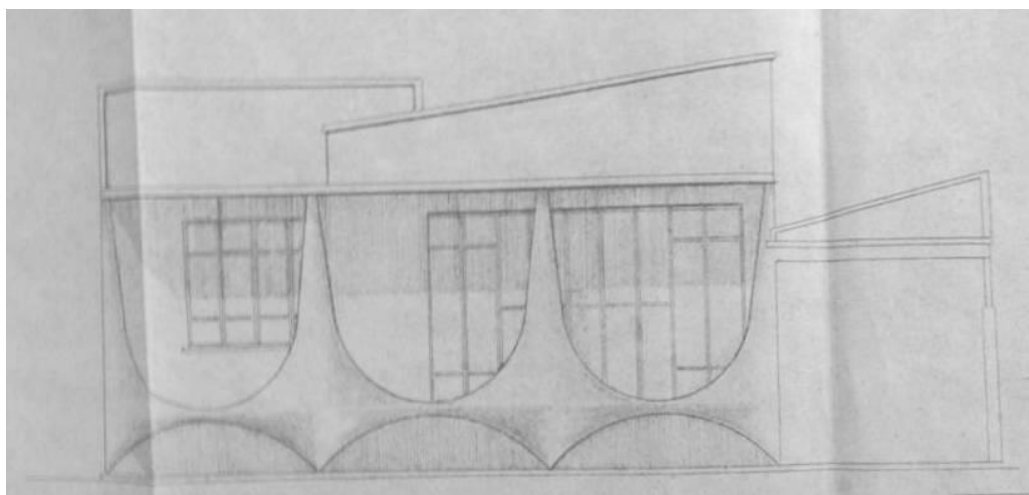
4.1.2.1 *Rolf Lunkmoss de Christo*

De responsabilidade técnica de Christo, encontram-se registradas 47 unidades, cerca de 37% do total das envolvidas na pesquisa. Como citado no Subcapítulo 3.1, Christo atuava na prefeitura e ocupou o cargo de vereador na cidade, o que possivelmente explica o maior número de aprovações em seu nome.

As unidades em questão são a nº 2, nº 3, nº 7, nº 9, nº 14, nº 15, nº 16, nº 20, nº 23, nº 24, nº 32, nº 40, nº 42, nº 44, nº 45, nº 47, nº 48, nº 51, nº 56, nº 60, nº 63, nº 64, nº 66, nº 67, nº 69, nº 70, nº 71, nº 73, nº 74, nº 77, nº 80, nº 81, nº 83, nº 86, nº 90, nº 93, nº 101, nº 104, nº 105, nº 106, nº 107, nº 109, nº 110, nº 116, nº 117, nº123 e nº 125. Dos aspectos dominantes nesses projetos, podem ser ressaltados o predomínio da configuração do telhado com duas águas e uma calha no centro com cobertura de telhas de fibrocimento. Nas elevações, os elementos mais utilizados foram a platibanda, tanto a reta, como inclinada e em V, seguido dos revestimentos de cerâmica. Cerca de 47% dos projetos apresentaram a fachada mais horizontalizada. Os demais itens fazem-se presentes, porém em poucas quantidades. Nas plantas, constatou-se que praticamente metade, 25 casas, apresentava seu interior mais aproximado da organização funcional pregada pelo modernismo. Já o emprego do concreto armado foi baixo, presente em apenas nove moradias.

De autoria desse profissional, há um projeto que chamou a atenção. Trata-se da residência nº 60, aprovada em 1960, que demonstra na elevação frontal a reprodução do desenho dos pilares desenhados por Niemeyer para o Palácio do Alvorada, conforme Figura 127.

Figura 126 - Pilares da fachada da residência nº 60



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Também no Subcapítulo 3.1 comentou-se, através da leitura do Gráfico 4, que o ano de 1962 foi o que mais teve projetos aprovados no órgão municipal e que das 21 unidades, 19 levavam assinatura de Christo, cerca de 40% do acervo do autor.

Assim sendo, buscou-se investigar esses projetos separadamente (nº15, nº 20, nº 23, nº24, nº 40, nº71, nº74, nº80, nº81, nº 83, nº 86, nº 90, nº 101, nº 104, nº 105, nº 106, nº107, nº 109 e nº 110), com a intenção de verificar se havia aspectos que caracterizassem essa data. No entanto, o exame aponta para o não predomínio de nenhum elemento nas fachadas, ou seja, utilizaram-se diversos itens elencados no quadro, sendo que a única característica predominante se relaciona à cobertura, com calha central e telhas de fibrocimento.

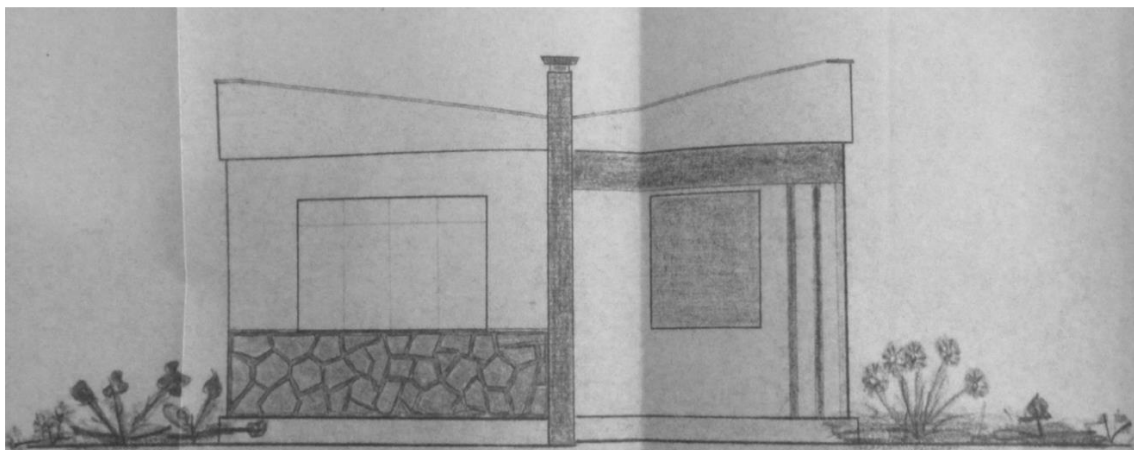
4.1.2.2 Fued Abraham

O segundo profissional com destaque foi Fued Abraham, com 29 casas (nº 1, nº 10, nº 13, nº 17, nº 21, nº 22, nº 28, nº 29, nº 30, nº 31, nº 34, nº 36, nº 39, nº 76, nº 78, nº 85, nº 91, nº94, nº 95, nº 98, nº 113, nº 114, nº 120, nº 121, nº 122 e nº124).

As fortes características desses projetos foram a organização dos telhados em diversas águas com emprego da telha de fibrocimento. Nas plantas, percebeu-se que mais da metade possui uma configuração aproximada com a linguagem modernista (19 unidades).

Nos elementos das elevações foi possível distinguir dois aspectos. Algumas residências apresentam como principal traço a platibanda em V, juntamente com pilares esbeltos e revestimento com pedras (Figura 128), presentes, sobretudo, em residência mais simples.

Figura 127 - Residência nº 122 com platibanda em V, pilares esbeltos e revestimento de pedra

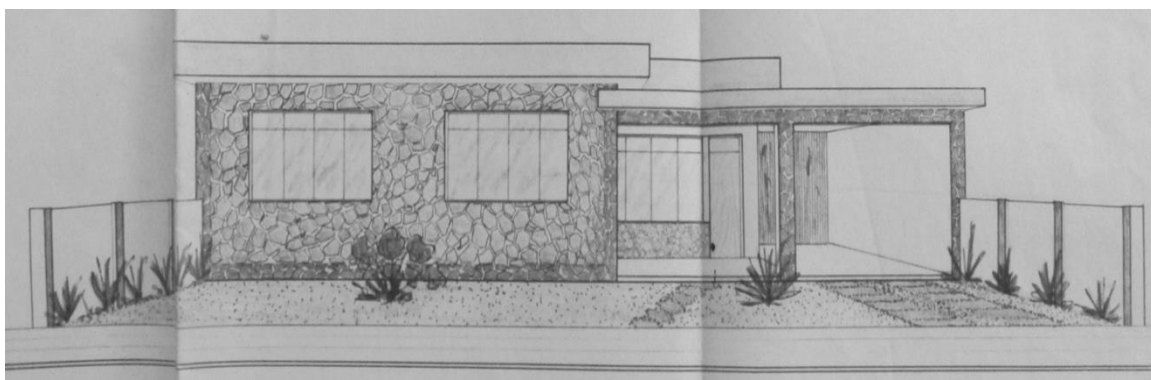


Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

Em outras, predomina a busca pela horizontalidade, platibanda reta e a mescla de revestimento de pedra e cerâmica. A última se assemelha com a descrição de Rego e Delmonico (2003, p. 180) nas residências de Maringá, "[...] aparência abstrata, conformada em um sólido geométrico simples; grandes áreas envidraçadas em fachadas desprovidas de ornamentação; linhas horizontais arrematando a composição".

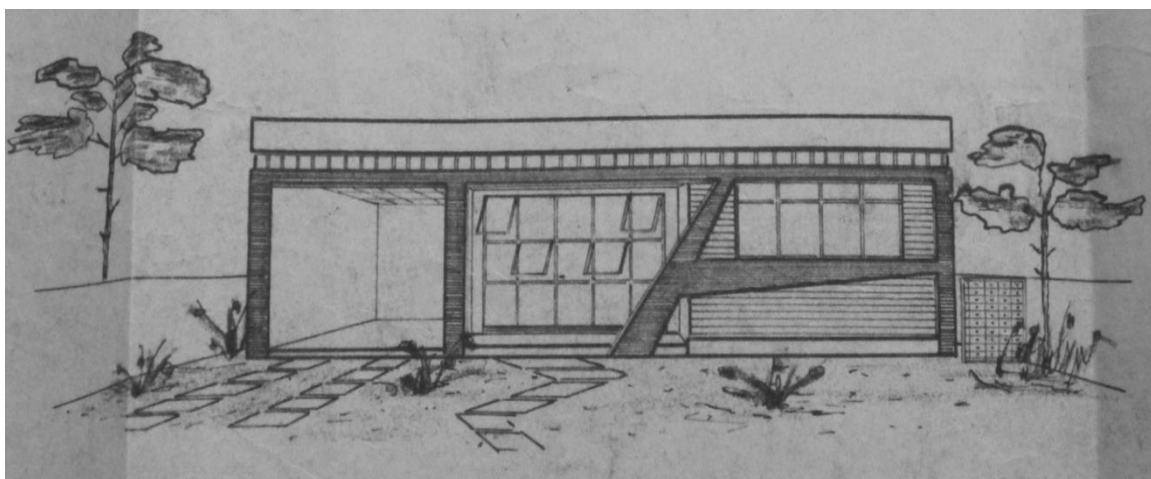
Nesse conjunto de obras, nota-se que as que possuem o primeiro aspecto foram projetadas na década de 1960 (unidades nº 17, nº 30, nº 36, nº 103, nº 113, nº 114, nº 120, nº 122 e nº 124), as demais se encontram tanto nos anos 1960 como 1970 (Figuras 129 e 130), embora a última década apresente maior número de exemplares análogos à afirmação de Rego e Delmonico (2003), sendo elas as residências nº 10, nº 13, nº 28, nº 34, nº 39, nº 78, nº 91, nº 92, nº 94, nº 95 e nº 98. De acordo com a análise, essas foram as responsáveis pela caracterização desse último período, e, conforme o Gráfico 4, foi Fued Abrahim o profissional de maior destaque na última década.

Figura 128 - Residência característica da década de 1970 - Unidades nº 92



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 129 - Residência nº 34 - projetada na década de 1970



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

4.1.2.3 Zigmundo Dionísio Stasiak

O último profissional com representativo número de projetos, que atuou basicamente entre 1956 a 1961, foi Zigmundo Dionísio Stasiak. De sua autoria constam 16 unidades, sendo elas as residências nº 5, nº 6, nº 33, nº 41, nº 42, nº 53, nº 57, nº 61, nº 62, nº 72, nº 79, nº 82, nº 96, nº 97, nº 100 e nº 118.

A análise dessas plantas revelou um baixo número de casas que aplicaram a distribuição funcional dos ambientes: foram somente sete unidades. Nas fachadas, a busca pela horizontalidade foi demonstrada na metade delas e os itens de maior expressão foram a platibanda reta, seguida do desenho inclinado e marquises. Os revestimentos de pedra e cerâmica foram utilizados muito timidamente, sendo que apenas 3 unidades representaram essas características. Nas coberturas, verifica-se o predomínio da configuração em águas com telha de fibrocimento e se constata uma baixa aplicação da tecnologia do concreto armado.

4.1.2.4 A atuação dos desenhistas-projetistas

Por fim, faz-se conveniente tecer um comentário sobre outros agentes participantes nesse período, os desenhistas. Embora não tenha sido possível atestar a presença deles no fenômeno, através de seus nomes, encontraram-se evidências de uma possível atuação desses profissionais.

Segundo Bortolotti (APÊNDICE G), os desenhistas, também conhecidos por projetistas, eram pessoas que dominavam a habilidade do desenho, porém não eram graduados em engenharia civil ou arquitetura, mas colaboravam na execução dos desenhos para os profissionais diplomados. Uma prática corrente nessa época era a contratação dos engenheiros para a execução de todas as etapas de uma obra, repassando aos projetistas o desenho definitivo das plantas, e, eventualmente, o estudo das fachadas dos projetos. Para essas, Bortolotti afirma que uma das principais fontes de inspiração eram as revistas de arquitetura, conforme apontado no item 2.2. Naquele período, era comum projetar-se com os periódicos ao lado da prancheta, retirando deles os elementos formais da arquitetura modernista. Ele descreve tal situação na cidade de Londrina, no entanto, Suzuki (2011) revela que essa era uma situação comum a outros locais.

Assim, buscou-se investigar se havia indícios nos projetos examinados que pudessem atestar essa prática. O rastreio foi realizado onde havia assinaturas de Christo, Abraham e Stasiak, por apresentarem maior volume de projetos.

Para isso, foram analisadas as pranchas na busca para além das características advindas da linguagem modernista. Nesse exame foram considerados os modos de representação dos desenhos técnicos, bem como a grafia constante nos carimbos. Dessa forma, foi possível identificar diversas maneiras de apresentação, no entanto, notou-se que seis tipos (Figura 131 a 136) se repetiram de maneira mais intensa, e indicam, possivelmente, a atuação seis diferentes projetistas, trabalhando para os três profissionais.

Figura 130 - Projetista 1

PROJETO COMPLETO folha única

PLANTAS, CORTES, FACHADA, LOCAL e SITUAÇÃO

CONSTRUÇÃO DE ALVENARIA — RESIDÊNCIA —

PROPRIEDADE DO SR.

PASCOAL FARIA

QUADRA-9-DATA-19-

ARAPONGAS

-PARANÁ-

A aprovação do projeto não
ca no reconhecimento por
da Prefeitura do direito de
do terreno.

Pascoal Faria
PROPRIETÁRIO

SITUAÇÃO - 58.

PR. PÓS. GETULIO VADGAS

ÁREA DA RESIDÊNCIA	m ²	104,00
ÁREA DO TELHADO	"	30,00
ÁREA DO SOBRADO	"	79,50
ÁREA LIVRE	"	574,00
ÁREA DO TERRENO	m ²	783,50

CART. P. 6521 C. Q. R. 7

Paulo Roberto de S. P.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPONGAS

Prefeito *Antonio...*

15/06/79

Antonio...

Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 131 - Projetista 2

PLANTA, CORTES, TELHADO, SITUAÇÃO E ÚNICA FACHADA.

PROJETO PARA CONSTRUÇÃO DE UM PREDIO PARA UMA RESIDENCIA, DE ALVENARIA DE TIJOLOS, NA DATA Nº3 DA QUADRA Nº4.

ARAPONGAS

PROPRIEDADE DO SR. JOÃO MARTINS CAVA FILHO

DECLARO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO POR PARTE DA PREFEITURA DO DIREITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO.

JOÃO MARTINS CAVA FILHO
O PROPRIETARIO

Prof. João A. de S. Silva
O ENG. CIVIL
Cof. Eng. 652 CREA 70 Reg.

ÁREAS DA CONSTRUÇÃO 139,80 M²
DO TERRENO 1300 M²

Vista

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPONGAS

19

Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 132 - Projetista 3

PLANTA, CORTES, SITUAÇÃO, TELHADO E ÚNICA FACHADA

PROJETO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA RESIDENCIA EM ALVENARIA DE TIJOLO, NA CIRCUNSCRIÇÃO Nº3 DA QUADRA Nº103 - ARAPONGAS

PROPRIEDADE DO SR. ANTONIO BIASON

DECLARO QUE A APROVAÇÃO DO PROJETO NÃO IMPLICA NO RECONHECIMENTO POR PARTE DA PREFEITURA DO DIREITO DE PROPRIEDADE DO TERRENO

ANTONIO BIASON
O PROPRIETARIO

Áreas do terreno 585,00 M²
da construção 130,50 M²

Prof. João A. de S. Silva
O ENG. CIVIL
Cof. Eng. 652 CREA 70 Reg.

Vista

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPONGAS

19

Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 133 - Projetista 4

PROJÉTO

PLANTA, CÔRTEZ, FACHADA E SITUAÇÃO

ALV. TIJÓLOS RESIDÊNCIA

DATA Nº 9 QUADRA Nº 19

PROPRIETARIO

SNR. JOSIAS DUTRA AZEVEDO
ARAPONGAS

A aprovação do projeto não implica no reconhecimento por parte da Prefeitura do direito de propriedade do terreno.

O Proprietário

PROJETO E CONSTRUÇÃO

Proj. Civil

CART. PROJ. Nº 10/10/CEA T. Arap.

ÁREAS	
Do terreno	m ² 787,50
Da construção	m ² 69,55

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPONGAS

13 4 1965

Prefeito Secretário

Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 134 - Projetista 5

PROJETO COMPLETO

DE UM PREDIO EM ANVENARIO DE TIJÓLOS PARA RESIDENCIA
RUA OLINDA
QUADRA Nº 3 RUA Nº 20
ARAPONGAS

Proprietario Sr. PASQUALE DRONATARIO

Declara que a edificação do presente projeto não interfere no andamento do lote, por não ser necessário a alteração da topografia do terreno.

Proj. Civil

CART. PROJ. Nº 10/10/CEA T. Arap.

ÁREAS

Área do terreno m² 482,50

Área da construção m² 220,00

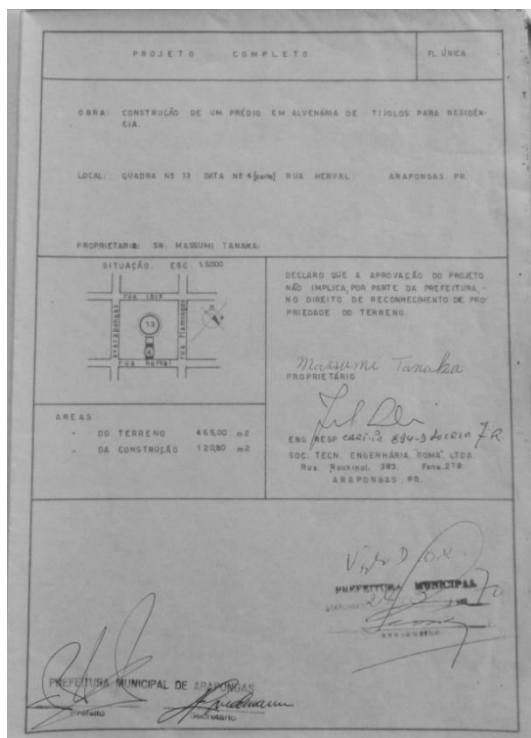
PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPONGAS

14 03 1965

Prefeito Secretário

Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 135 - Projetista 6



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçongas (2019)

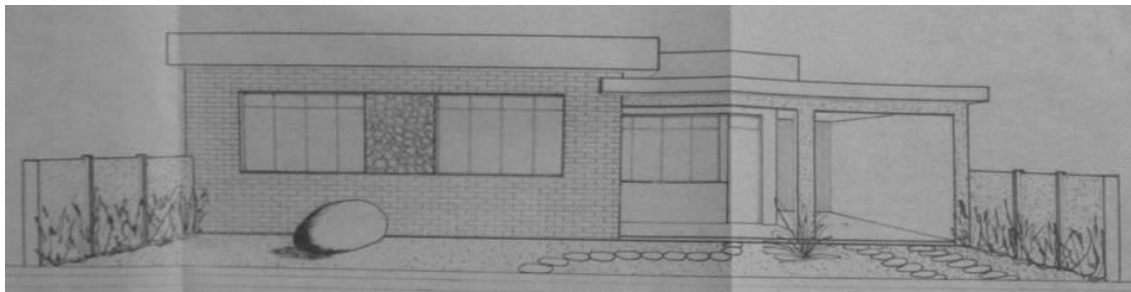
Dentre os seis desenhistas catalogados, o que apresentou maior número foi o desenhista 4, a maioria assinados por Rolf Lunkmoss de Christo e Zigmundo Dionísio Stasiak. A conferência das datas nos carimbos desse possível projetista revelou que os projetos com aprovação de 1956 até 1961, basicamente, foram assinados por Stasiak e de 1962 a 1964 por Christo.

A partir dessas identificações, foi possível perceber que algumas unidades que carregavam tal característica no carimbo, também apresentavam similitudes nos projetos. Essa situação ocorreu de modo mais intenso nas residências que levam assinatura de Fued Abraham. Como citado anteriormente, parte delas possuíam elementos como a platibanda em V, conjugada com pilares esbeltos e revestimentos de pedra e as outras, a busca pela horizontalidade, platibanda reta e revestimento cerâmico e pedras. Além da diferença dos anos de seus projetos, descrita no tópico 4.2.2.2, nota-se que as que carregavam o primeiro aspecto possuem as características gráficas do projetista 5 e as demais ao projetista 6.

Outro aspecto que evidencia a presença desses profissionais são as fachadas representadas através de perspectivas. Registrou-se 11 projetos com essa característica, sendo eles as residências nº 13 (Figura 137), nº 19 (Figura 138), nº 34

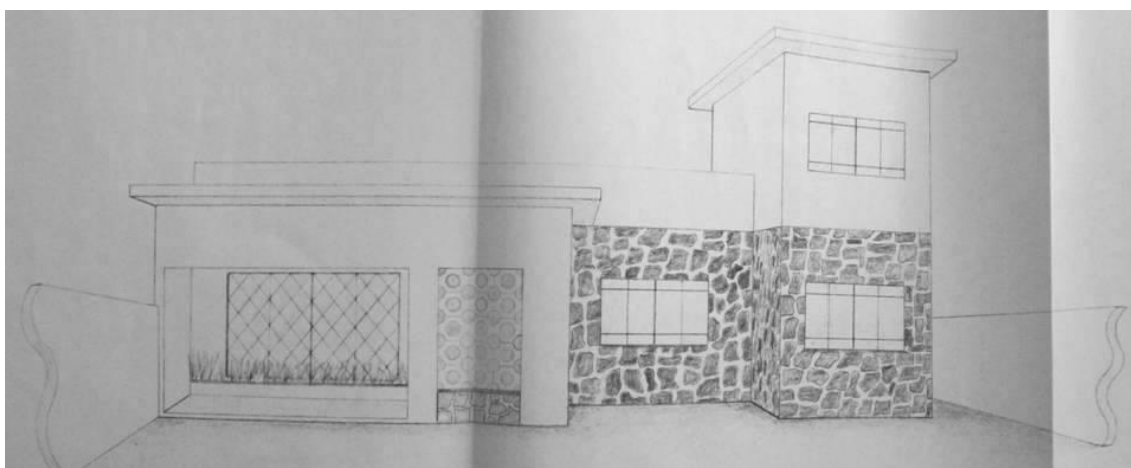
(Figura 139), nº 40 (Figura 140), nº 48 (Figura 141), nº 65 (Figura 142), nº 78 (Figura 143), nº 92 (Figura 144), nº 95 (Figura 145), nº 109 (Figura 146) e nº 119 (Figura 147).

Figura 136 - Perspectiva Residência nº 13



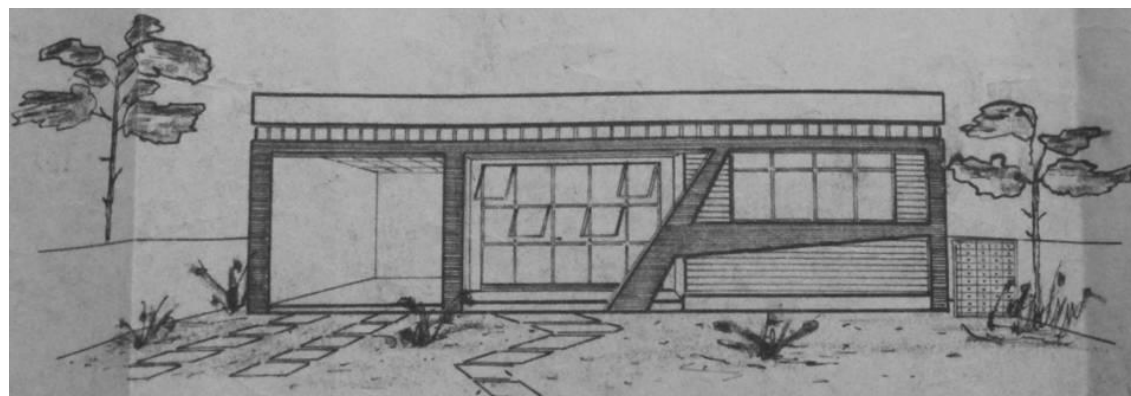
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 137 - Perspectiva Residência nº 19



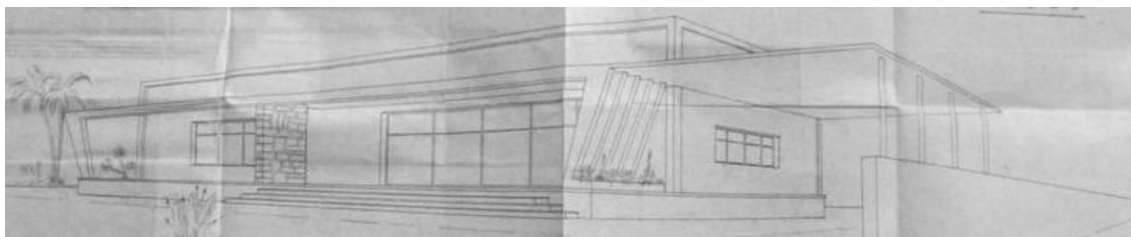
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 138 - Perspectiva Residência nº 34



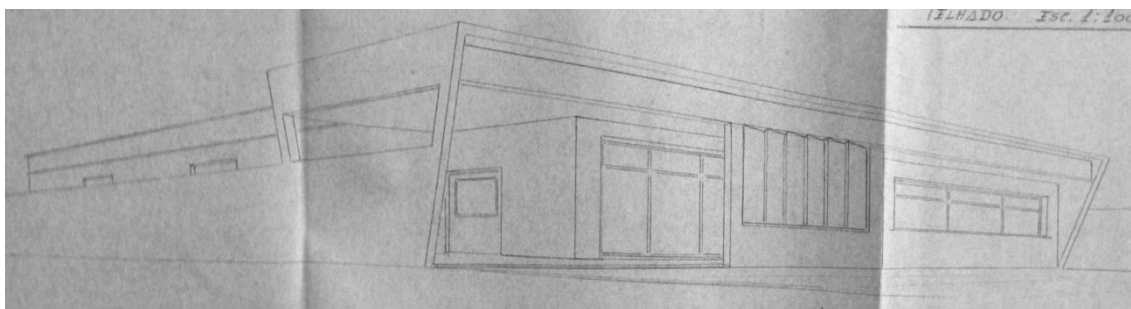
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 139 - Perspectiva Residência nº 40



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 140 - Perspectiva Residência nº 48



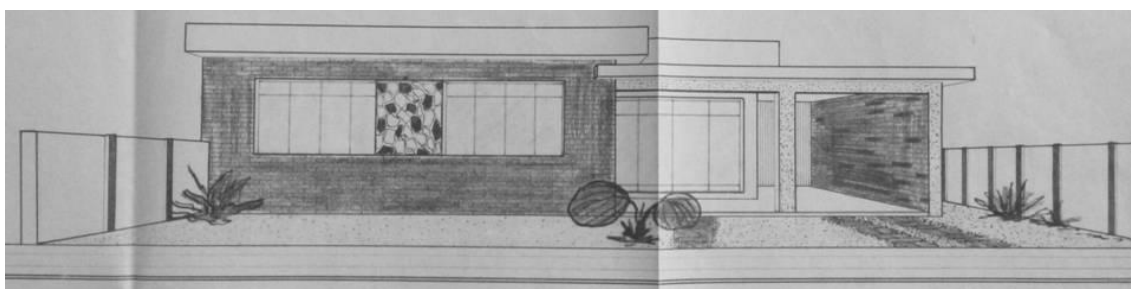
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 141 - Perspectiva Residência nº 65



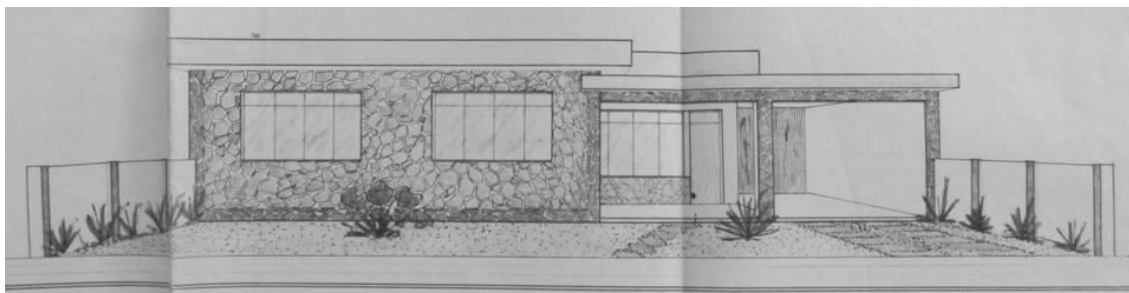
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 142 - Perspectiva Residência nº 78



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Figura 143 - Perspectiva Residência nº 92



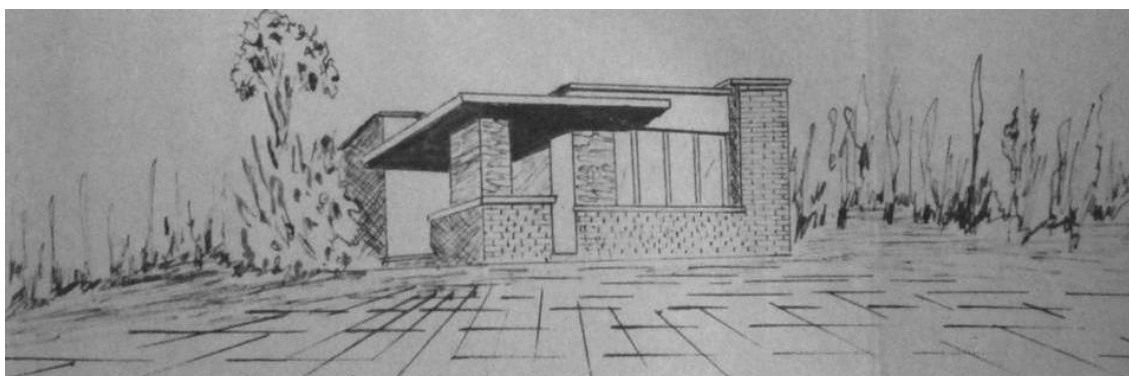
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Figura 144 - Perspectiva Residência nº 95



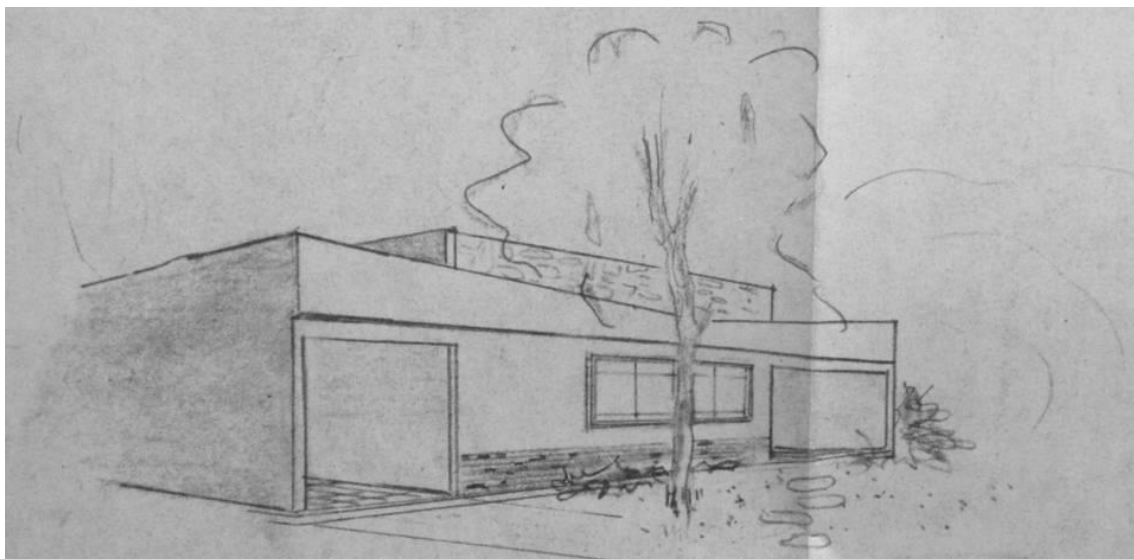
Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Figura 145 - Perspectiva Residência nº 109



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Araçatuba (2019)

Figura 146 - Perspectiva Residência nº 119



Fonte: Arquivo Municipal da Prefeitura de Arapongas (2019)

Essas observações sugerem que o fenômeno ocorrido em Arapongas também tenha tido a forte colaboração dos desenhistas, que podem ter trabalhado como profissionais, que atuavam na finalização dos desenhos técnicos, como também parte integrante no processo de apropriação da arquitetura modernista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à amplitude do tema, esta pesquisa se iniciou com a intenção de minorar uma lacuna existente no campo de estudo da difusão da arquitetura moderna brasileira, sua ocorrência em cidades que eram de pequeno porte durante o período de sua difusão. As motivações foram delineadas não somente no estudo isolado das unidades a fim de atestar tal realidade, nem simplesmente o reconhecimento da arquitetura, nesse caso, a residência, feita com tijolos e concreto - para além disso, as perguntas que moveram este trabalho se relacionaram com a busca pela identificação dos agentes atuantes nesta produção, suas intenções e a compreensão do conjunto de fatores que proporcionaram sua materialização.

A análise do processo de transferência do repertório formal da arquitetura moderna na produção residencial em Arapongas revelou aproximações com os estudos citados ao longo do trabalho (ARRUDA, 2004; GUADANHIM, 2002; REGO; DELMONICO, 2003; LARA, 2001, 2005a, 2005b, 2018).

Tais similaridades se relacionam, em uma escala regional, da estreita relação com o ciclo do café como principal fonte da economia dos municípios, situação ocorrida em muitas cidades do norte do Paraná. Em Arapongas, até a metade da década de 1960, era a cafeicultura a responsável pelo desenvolvimento do município e também se relacionou de modo direto com a construção civil, fato corroborado pela diminuição de unidades aprovadas após os períodos de crise nesse setor.

O segundo ponto de convergência, sobretudo com as pesquisas de Guadanhim (2002) e Suzuki (2011), foi a atuação dos engenheiros civis nessa produção. Todas as unidades analisadas levavam como responsável técnico esses profissionais, visto que no período, a presença do arquiteto era rara, ou seja, nem todos os locais tinham acesso a esse serviço. A única exceção a essa afirmação foi a residência edificada por José Colombino Grassano, projetada pelo notável Airton “Lolô” Cornelsen, embora desenhos técnicos não tragam sua assinatura. O exercício dos engenheiros, juntamente com os desenhistas, os configuram como vetores de difusão dessa linguagem.

Nas análises realizadas por década também foi possível verificar a semelhança com as investigações de Lara (2018) onde ele afirma que a apropriação ocorreu primeiramente nos elementos de fachada na década de 1950 e a partir de 1960 houve maior manifestação delas também na distribuição dos ambientes. Evidentemente, a planta moderna não foi reproduzida na sua plenitude, com a planta livre e ambientes

integrados, como constatado pelo pesquisador Fernando Lara, no entanto, há claros reflexos de mudanças sinalizados pelo Movimento Moderno.

De suas particularidades, tem-se a utilização dessa arquitetura como marketing para os profissionais da construção civil. Embora não tenha sido possível comprovar a origem do termo "Finas Residências", notou-se que a utilização desses elementos conferia a essas residências um certo status perante a sociedade local.

Quanto às proposições levantadas, pode-se afirmar que o fenômeno ocorrido em Arapongas se assemelha com a tese de Lara (2001), ou seja, a incorporação de motivos formais da arquitetura moderna de modo alheio a sua base teórica, sendo manifestada, sobretudo, pela classe média. No entanto, tal apropriação também se revelou com contratantes mais abastados, visto que se identificaram moradores proprietários de fazendas de café (APÊNDICE B), e representante de consulado (SOUZA, 2000), entre outros.

A segunda hipótese também pode ser confirmada. Ela buscava verificar se as cidades do entorno, Londrina e Maringá, foram agentes difusores dessa linguagem para o fenômeno em Arapongas. Com as investigações, notou-se que houve uma forte relação com Londrina, sobretudo com a participação de alguns de seus profissionais realizando projetos residenciais em Arapongas, sendo eles, Américo Sato, Elízio Felli, Guidimar dos Anjos Guimarães, José Gabriel Salles Ferreira e Rudolpho Horner. Constatou-se também a relação entre o engenheiro civil Rolf Lunkmoss de Christo com uma construtora londrinense, além de ser essa cidade um dos destinos rotineiros do profissional (APÊNDICE D) e que pode ter contribuído para o uso do vocabulário formal modernista nos projetos concebidos por ele.

Na apropriação da arquitetura moderna em Arapongas é possível afirmar, em concordância com Suzuki (2011, p. 170), que "[...] as camadas mais populares o fazem para, ao menos formalmente, tentarem se aproximar-se de um padrão que julgam ser mais culto" e com Lara (2005a), como forma de se adequarem à modernidade corrente. Isso revela que um fenômeno de arquitetura não se relaciona apenas com configurações e formas, mas está muito mais ligado a fatores socioculturais e psicológicos, que refletem diretamente nessa área.

Além da identificação desses agentes, um último merece atenção, as revistas como veículo de comunicação dessa arquitetura, como revelado por Guadanhim (2002), Suzuki (2011), Alessandro Filla Rosaneli (APÊNDICE C) e João Baptista

Bortolotti (APÊNDICE G). Segundo eles, a utilização delas era um dos principais referenciais para a reprodução dos elementos desse movimento.

Já no que tange à dialética que envolve esse fenômeno, de condenação e elogios, esta pesquisa se posiciona em defesa de seus méritos. O objetivo não é elevá-la em nível de igualdade com a modernidade erudita que viveu a arquitetura, sobretudo nas capitais. No entanto, o trabalho vem reforçar o valor do fenômeno para a construção de uma imagem moderna tão difundida nesse período. Esta pesquisa se insere na busca pela compreensão, não somente no sentido de entendimento do fenômeno, mas no respeito que lhe é devido.

Este trabalho, juntamente com outros, além do estudo aprofundado de um tema, também soa como um alerta para a necessidade de documentação de obras que vem sofrendo com a descaracterização e perda em razão, acima de tudo, da especulação imobiliária, principalmente em locais comerciais, como é o caso do município de Arapongas, além da baixa instrução da população em relação a sua valorização e preservação.

Finalmente, o estudo também abre frentes para novas investigações, tanto na busca de mais evidências dessa arquitetura em cidades pouco conhecidas, como também de outros períodos da história, visto que muito pouco foi encontrado sobre a produção da arquitetura em madeira, Art Déco e brutalista, para citar apenas alguns exemplos. Assim como a valorização do fenômeno moderno, esses se revestem de fundamental importância para a compreensão e construção da história regional norte paranaense.

REFERÊNCIAS

A PIONEIRA. Londrina: [s. n.], n. 1, maio 1948.

ALDRIGUE, M. S. O habitar moderno nos anos 1970: análise sintática de residências unifamiliares em João Pessoa. *In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL*, 9., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011.

ALDRIGUE, M. S.; TINEM, N. A organização espacial moderna e seus invólucros. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Minas Gerais, v. 21, n. 29, p. 119-136, 2014.

ANELLI, R. L. S. 1925 - Warchavchik e Levi - Dois Manifestos pela Arquitetura Moderna no Brasil. **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Bahia, v. 5, n. 1, p. 6-11, 1999.

ARANTES, O. B. F. Resumo de Lucio Costa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 fev. 2002. Caderno Mais!, p. 6-13.

ARRUDA, A. M. A popularização dos elementos da casa moderna em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 047.06, abr. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.047/596>. Acesso em: 10 abr. 2018.

AUDITÓRIO do DER é batizado com o nome de Ayrton "Lolô" Cornelsen. *In: PARANÁ. Secretaria de Infraestrutura e Logística*. Curitiba, 11 dez. 2018. Disponível em: <http://www.infraestrutura.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=4012>. Acesso em: 15 dez. 2019.

BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BONI, P. C. (org.). **Certidões de nascimento da história: o surgimento de municípios no eixo Londrina - Maringá**. Londrina: Planográfica, 2009.

BORTOLOTTI, J. B. **Planejar é preciso: memórias do planejamento urbano de Londrina**. Londrina: Midiograf, 2007.

BRAGUETO, C. R. O processo de industrialização do Paraná até a década de 1970. **Geografia**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 149-160, jul. 1999.

BRITO, A. C.; ALVES, A. A. Modernização e modernidade em Maringá 1947-1967: episódios de arquitetura e cidade em uma frente pioneira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 18, n. 1, p. 129-147, abr. 2016.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BUZZAR, M. A. A ideia de uma casa brasileira. *In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL*, 5., 2003, São Carlos. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2003.

- CASTELNOU, A. **Arquitetura Art Déco em Londrina**. Londrina: Autores Paranaenses, 2002.
- COMAS, C. E. D. Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a reconhecer. *In*: GUERRA, A. (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Romano Guerra, 2010. v. 1, p. 63-77.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento no norte do Paraná**. São Paulo: CMNP, 1975.
- CORREIO DO PARANÁ. Curitiba, ano 7, n. 1827, 5 ago. 1965. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=171395&PagFis=0>. Acesso em: 20 maio 2019.
- FERREIRA, J. P. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- FICHER, S.; ACAYABA, M. M. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1982.
- FRESCA, T. M. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 2004.
- GHIRARDELLO, N. Marqueses Modernas. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 5., 2003, São Carlos. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2003.
- GOMES, A. M. **Álbum do município de Londrina - 1938**. Adriano Marino (org). Londrina: [s. n.], 1938.
- GOMES, J. C. V. Arapongas - 1956. *In*: GOMES, J. C. V. **Memória de Arapongas**. [s. l.], 12 ago. 2013. Disponível em: <http://memoriadearapongas.blogspot.com/2013/08/arapongas-1956.html>. Acesso em: 20 maio 2019.
- GOOGLE. **Google Maps**. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- GOUVEIA, J. **Almanaque do município de Arapongas: história - geografia - estatística - diversos**. Arapongas: [s. n.], 1957.
- GROAT, L.; WANG, D. **Architectural Research Methods**. New York: John Wiley & Sons, 2002.
- GUADANHIM, S. J. **Influência da Arquitetura Moderna nas casas de Londrina: 1955-1965**. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- IBGE. **Censo demográfico de 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?id=768&view=detalhes>. Acesso em: 14 maio 2019.

IBGE. ID: 49724. *In*: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Catálogo on-line**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=449724>. Acesso em: 14 maio 2019.

IBGE. ID: 49732. *In*: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Catálogo on-line**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449732&view=detalhes>. Acesso em: 14 maio 2019.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Arranjo produtivo local de móveis de Arapongas - PR**. Nota técnica. Curitiba: IPARDES, 2006.

KAMITA, J. M. A graça estética da arquitetura de Oscar Niemeyer. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 151.07, dez. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.151/4631>. Acesso em: 25 jan. 2019.

KOHLHEPP, G. **Colonização agrária no Norte do Paraná**: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café. Tradução: Daniel Marineschen. Maringá: Eduem, 2014.

KOMARCHESQUI, B.; BONI, P. C. O retrato do norte do Paraná: a fotografia na revista A Pioneira (1948-1954). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais** [...]. Ouro Preto: UFOP, 2013.

KOURY, A. P. Arquitetura nova brasileira. Um debate sobre sistemas construtivos e desenvolvimento nacional. **Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 188.06, jan. 2016. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.188/5919>. Acesso em: 25 jan. 2019.

LARA, F. L. C. **Popular modernism**: an analysis of the acceptance of modern architecture in 1950s Brazil. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura) - University of Michigan, Ann Arbor, 2001.

LARA, F. L. C. Modernismo popular: elogio ou imitação? **Cadernos de arquitetura e Urbanismo**, Minas Gerais, v. 12, n. 13, p. 171-184, 2005a.

LARA, F. L. C. A insustentável leveza da modernidade. **Arquitextos**, São Paulo, ano 05, n. 057.04, fev. 2005b. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/500>. Acesso em: 14 ago. 2018.

LARA, F. L. C. **Excepcionalidade do modernismo brasileiro**. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamerica, 2018.

LASSI, L. A.; CAPPELLO, M. B. Arquitetura moderna no Brasil e sua difusão nas revistas de arquitetura brasileiras (1945-1970) - um enfoque ao acervo UFU. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 1-20, fev. 2009.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LUCCAS, L. H. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. **Arquitextos**, São Paulo, ano 07, n. 073.04, jun. 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.073/346>. Acesso em: 11 nov. 2018.

LUCCAS, L. H. Residência Casado d'Azevedo, Porto Alegre, 1950: a transmissão da linhagem corbusiana pela Escola Carioca. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASÍLIA, 9., 2011, Brasília. **Anais** [...]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011.

MAHFUZ, E. Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 159.05, ago. 2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.159/4857>. Acesso em: 25 jan. 2019.

MIGUEL, J. M. C. **A casa**. Londrina: Eduel; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MINDLIN, H. E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Tradução: Paulo Pereira. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.

MOTA, F. S. **Transposição de ideias brutalistas**: edifícios institucionais em Londrina de 1970 a 1983. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MÜLLER, N. L. Contribuição do Estudo do Norte do Paraná. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 89-118, jan./jul. 2001.

OLIVEIRA, A. **Norte do Paraná**: terra abençoada. Álbum de Londrina, 1949.

OLIVO, C. M.; REGO, R. L. Ordenar a cidade, habitar moderno: Prestes Maia em Londrina. **URBANA**: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos Sobre a Cidade, Campinas, v. 6, n. 2, p. 514-532, 2014.

PEREIRA, V. J.; PEREIRA, J. A. Território, polo industrial e arranjo produtivo local: Estudo no polo moveleiro do município de Arapongas - PR. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 13, n. 2, p. 24-43, maio 2018.

QUEIROZ, R. Forma moderna e cidade: a arquitetura de Oscar Niemeyer no centro de São Paulo. **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 151.08, dez. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.151/4632>. Acesso em: 25 jan. 2019.

REGO, R. L. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 6, p. 1569-1577, 2001.

REGO, R. L. Modernidade no interior: o norte do Paraná, os engenheiros, arquitetos e urbanistas forâneos e a construção da imagem regional. *In*: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 12., 2012, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

REGO, R. L. *et al.* Ideias viajantes: estudos de caso do norte do Paraná. *In*: ENANPARQ, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: ANPARQ, 2016.

REGO, R. L.; DELMONICO, R. Casas de estilo: arquitetura moderna e edificações residenciais em Maringá, Estado do Paraná. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 179-184, 2003.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A forma urbana das cidades de médio porte e dos patrimônios fundados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 93-103, jan./jun., 2006.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

REVISTA DA CIDADE. Arapongas: [s. n.], setembro 1971.

REVISTA DA CIDADE. Arapongas: [s. n.], janeiro 1977.

REVISTA MARINGÁ ILUSTRADA. Edição comemorativa do Jubileu de Prata. Maringá: [s. n.], maio 1972.

REZENDE, V. L.; RIBEIRO, F. A. A arquitetura e o urbanismo modernos no Distrito Federal, escolha ou consequência na Era Vargas? *In*: SEMINÁRIO DO COMOMO BRASIL, 8., 2009, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

SAID, E. W. Traveling theory. *In*: SAID, E. W. **The world, the text, and the critic**. Cambridge: Harvard University Press, 1983. p. 157-181.

SATO, L. A.; BONI, P. C. Cidade dos passarinhos - a história de Arapongas (décadas de 30 e 40) em textos e imagens. *In*: BONI, P. C. (org.). **Certidões de nascimento da história: o surgimento de municípios no eixo Londrina - Maringá**. Londrina: Planográfica, 2009. p. 127-152.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 2014.

SOUZA, N. V. **Exortação a Arapongas**. Arapongas: Aleluia, 2000.

SUZUKI, J. H. **Artigas e Cascaldi: Arquitetura em Londrina**. São Paulo: Ateliê, 2003.

SUZUKI, J. H. **Idealizações de modernidade: arquitetura dos edifícios verticais em Londrina 1949-1969**. Londrina: Kan, 2011.

TÖWS, R. L. *et al.* A atuação dos produtores do espaço urbano na verticalização de Arapongas- PR. *In*: COLÓQUIO DE TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS, 7., 2008, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR, 2008.

TRAMONTANO, M. **Espaços domésticos flexíveis: notas sobre a produção da 'primeira geração de modernistas brasileiros'**. 1993. São Paulo: FAU-USP, 1993. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/T01-espacosdomesticosflex.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

VERRI, T. N. V. *et al.* O edifício do Banespa em Maringá. **Arquitextos**, São Paulo, ano 19, n. 225.01, fev. 2019. Disponível em: <http://agitprop.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.225/7298>. Acesso em: 11 jun. 2019.

VIDAL, W.; TINEM, N.; COTRIM, M. Diálogos gráficos: o uso do desenho mediando aproximações entre história e projeto na formação do arquiteto. *In*: FÓRUM DE PESQUISA FAU-MACKENZIE, 7., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAU Mackenzie, 2011.

WARD, S. V. Re-examining the international diffusion of planning. *In*: FREESTONE, R. (ed.). **Urban planning in a changing world: the twentieth century experience**. Londres: E & FN Spon, 2000. p. 40-60.

YAMAKI, H. **Terras do Norte: paisagem e morfologia**. Londrina: UEL, 2017.

ZANI, A. C. **Repertório Arquitetônico das Casas de Madeira de Londrina - Pr.** Londrina: Antonio Carlos Zani, 2005.

ZEIN, R. V. **A arquitetura da escola paulista brutalista 1953 - 1973**. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Dados dos projetos levantados no arquivo da Prefeitura Municipal

ANO	QUADRA	LOTE	PROPRIETÁRIO	RESPONSÁVEL TÉCNICO
1965	1	20	PASQUALE AROMATARIO	FUED ABRAHIM
1961	3	18	LUIZ GONZAGA DA MOTTA RIBEIRO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1959	4	3	JOÃO MARTINS CAVA FILHO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1953	5	20	JOSÉ COLOMBINO GRASSANO	HENRIQUE CABRAL BRANCO
1959	6	16	MITSUHIKO SHIMADA	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1957	9	1 E 2	FRANCISCO BUENO DO PRADO	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1959	9	19	PASCOAL FARIA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1960	10	13	SERGIO SCOLARI	AMERICO SATO
1960	10	15	JOÃO SCOLARI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1973	11	3	FRANCISCO CARRASCO	FUED ABRAHIM
1962	12	8	UMBERTO SCOLARI	JOSE GABRIEL SALLES FERREIRA
1972	13	1	JOSÉ RODIN BONUGLI	FUED ABRAHIM
1970	13	4	MASSUMI TANAKA	FUED ABRAHIM
1961	13	4, 7 E 8	FUZIO TANAKA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	13	19	JOSÉ FULGENCIO DA CRUZ	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1960	14	4	JAIR RIBEIRO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1967	15	1	PARASKIEVJA SEJTKO	FUED ABRAHIM
1965	15	19	YOUSSEF IBRAHIM ABDUL NOUR	NÃO IDENTIFICADO
1973	15	20	WALDIR PEREZ MARINS	AMPÉLIO FILLA
1962	16	4	JOÃO DAVANTEL	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1970	17	18	JURANDIR BIAZON	FUED ABRAHIM
1966	18	5	ADELMO DE MAZER DAL POZZO	FUED ABRAHIM
1962	18	6	OLGA KALAUER	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	19	9	JOSIAS DUTRA AZEVEDO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1964	20	9	JOÃO TANNURI	LEONEL LARGURA
1964	20	11	ALCEU PINTO DE ALMEIDA	RUDOLPHO HORNER
1974	20	13	JOAQUIM AIRES	AMPÉLIO FILLA
1970	27	6	ANTENOR JOSÉ MACHADO	FUED ABRAHIM
1966	27	7	VICTORIO LUKIANOU	FUED ABRAHIM
1966	27	8	JOSÉ GAGLIAN SOBRINHO	FUED ABRAHIM
1969	29	11	DOMINGOS ARISTEU DAL POZZO	FUED ABRAHIM
1964	31	9	ETORE ZAFALON	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO

ANO	QUADRA	LOTE	PROPRIETÁRIO	RESPONSÁVEL TÉCNICO
1960	33	7	EDGARD GOMES	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1972	33	13	BENEDICTO PIERRIN	FUED ABRAHIM
1973	34	6	GREGÓRIO CARRASCO FERNANDES	NÃO IDENTIFICADO
1961	36	14	SIMON BUSKO	FUED ABRAHIM
1955	37	5	WATARU MATSUO	ELÍZIO FELLI
NÃO IDENTIFICADO	37	9	LUIZ CEZAR PINHEIRO SIMÕES	AMERICO SATO
1978	37	16 E 17	ANGELO GOMES POLISELI	FUED ABRAHIM
1962	39	11 E 12	MARIA DE LOURDES MOURA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1960	41	3	ATSUMU SUGAI	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1960	41	4	RUBENS PANICO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1960	41	7	JOSÉ FRANCHIM	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1959	43	7	PAULO CARVALHO MONTEIRO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1963	44	6	ANTONIO KALAUER	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1964	45	2	MARCIO ANDRE	NÃO IDENTIFICADO
NÃO IDENTIFICADO	45	6	ANTONIO SANCHES GIMENES	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1963	45	12	JOSE CANTARUTI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1966	46	16 E 17	ADELINO RAMOS VAZ	ALBERTO MANOEL GLASER JUNIOR
1964	46	19	BENJAMIN KIRILKO	LEONEL LARGURA
1964	47	8	JOÃO DONADIO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1969	47	11 E 12	LUIZA DONADIO	ANTONIO DONADIO
1960	48	5	JOSÉ SLUZEK	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1966	48	10	ARMANDO DIGIOVANI E OUTROS	LEONEL LARGURA
1965	49	3, 4 E 6	ARMANDO DIGIOVANI	LEONEL LARGURA
1963	49	7	PIO LOLLATO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1957	50	14	HELENA FERREIRA MOROSOV	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1959	50	16 E 17	CÂNDIDO SCOLARI SOBRINHO	AMERICO SATO
1956	52	4	ORESTES SANTIAGO	EUGÊNIO AMARAL
1960	52	5	JOÃO ESCOBAR FILHO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1961	53	11, 12 E 13	JUAN ESCAMILLAS CRUCES	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1958	53	17	ELIAS GIL TEJERO E OUTROS	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1961	55	2	FRANCISCO SANCHE IEDRA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
NÃO IDENTIFICADO	55	3	MARINO ANDRÉ	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO

ANO	QUADRA	LOTE	PROPRIETÁRIO	RESPONSÁVEL TÉCNICO
1953	55	7	ALFREDO DAMASCENO DE PADUA	LUIZ CASTRO
1960	55	15	VICTOR FUGANTI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1958	55	17	DAGOBERTO A. BUENO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1965	57	7	TARCISIO DAVANTEL	LEONEL LARGURA
1964	57	13	NECIO PICINATTO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1959	57	14	FLORENTINO FORNAZIERI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	57	15	BERLIM JOSÉ A. FAGUNDES	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1960	57	17	ARISTIDES NIERO	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1960	59	2	JOSÉ MARIA FERREIRA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	60	3	ALCEU PINTO DE ALMEIDA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1965	60	4 E 5	ANGELO TREVIZAN	NÃO IDENTIFICADO
1969	61	2	ADELINO GOMES	FUED ABRAHIM
1963	61	6	SALVADOR STABEACH	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1970	61	7	DÉCIO DE OLIVEIRA	FUED ABRAHIM
1956	61	10	MARINO ANDRÉ	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1962	62	1	ADHAIR CAETANO PINTO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	62	13 E 14	ANGELO PARAZZI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1957	63	5	MANOEL GOMES	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1962	63	12	KAZUE TANAKA INOUYE	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1974	63	15	ABDUL HEDI A. LADEN	AMPÉLIO FILLA
1968	63	18	SILVESTRE BODNAR	FUED ABRAHIM
1962	63	20	MARIA VENANCIO ALVES	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
NÃO IDENTIFICADO	64	16 E 17	JACOB BRUSKI	NÃO IDENTIFICADO
1963	67	5	CONST. E IMOB. ENARCO LTDA	JOSE GABRIEL SALLES FERREIRA
1968	67	8	NÃO IDENTIFICADO	MURILO CARLOS DE ARAÚJO MOREIRA
1962	68	3	AUGUSTO BUSSADORI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1973	69	1	FRANCISCO EGREDIJA	FUED ABRAHIM
1970	69	6	VALDOMIRO FREDERICO	FUED ABRAHIM
1963	70	19	MÁRIO RAMOS	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1974	71	13	ARISTIDES ANTONIO JOSÉ MAKOWICH	FUED ABRAHIM
1971	71	14	OLIMPIO SELLA	FUED ABRAHIM
ANO	QUADRA	LOTE	PROPRIETÁRIO	RESPONSÁVEL TÉCNICO

1959	97	1	ANTONIO CESNIK	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1959	99	9	JULIO LOPES	ZIGMUNDO DIONISIO STSIAK
1970	101	5	OLIVIO MICHELON	FUED ABRAHIM
1962	103	3	ONIVALDO FILLA	EROS PACHECO DE CARVALHO
1960	103	11_1	ADHAIR CAETANO PINTO	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1962	103	12	ANTONIO BIAZON	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1970	103	17	CONSTANTINO DE MARCHI	NELSON KAORU MARUNO
1965	109	4	JOSÉ SEBASTIÃO SANTA ROSA	FUED ABRAHIM
1962	109	15	NILTON DA SILVA PRADO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	110	4	EGIDIO CAETANO DE LIMA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	111	8	ALEXANDRE PARAZZI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	111	11	ANTONIO VIDOTTO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1964	112	8	WAGNER SLEMER	RUDOLPHO HORNER
1962	112	16	HERNANI JUSTUS LIMA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1962	113	13	AMADOR MARTINS	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1964	114	6	MIGUEL RECHE	LEONEL LARGURA
1966	117	11	GUILHERME MENDES BARRADAS	GUIDIMAR DOS ANJOS GUIMARÃES
1964	117	12	SILVIO BONONI	FUED ABRAHIM
1964	117	13	MANOEL ESTRADA GONÇALVES	FUED ABRAHIM
1964	117	13	FRANCISCO ESTRADA GOMES	AMÉRICO SATO
1953	117	21	PITAGORAS LOPES DE CARVALHO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1963	119	19	MARIO VIROLI	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1963	123	5C	JOSÉ FIGUEIREDO DA SILVEIRA	ZIGMUNDO DIONISIO STASIAK
1964	124	2	HUMBERTO POSSAGNOLLO	NÃO IDENTIFICADO
1965	124	20	FILISBINA DE SOUZA	FUED ABRAHIM
1964	132	1A	ADELMO DE MAZER DAL POZZO	FUED ABRAHIM
1964	132	4	FRANCISCO ESTRADA MARTINS	FUED ABRAHIM
1964	132	28	ANTONIO DURSO	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO
1966	133	8	PEDRO RAGUSO	FUED ABRAHIM
1961	138	9 e 10	ELISEU BILHA	ROLF LUNKMOSS DE CHRISTO

Fonte: a própria autora

APÊNDICE B - Entrevista José Colombino Grassano¹⁸

Data: **18 de outubro de 2019**

Local: **Arapongas - PR**

Regina - O senhor não nasceu aqui em Arapongas?

Grassano - Nasci em Minas Gerais.

Regina - Em que ano o senhor veio para cá?

Grassano - Vim para Arapongas em 1950. Tinha 24 anos.

Regina - A cidade era bem nova.

Grassano - Tinha sido criado o município há pouco tempo, a Comarca e o Município.

Regina - E o senhor trabalhava com o quê?

Grassano - Eu vim porque meu pai foi nomeado para o cartório, Tabelionato de Notas aqui de Arapongas. Ele tomou posse antes e eu vim depois. Em 1949 ele tomou posse e eu vim em 1950. Vim colaborar com ele no cartório.

Regina - Então o senhor começou no cartório e depois foi para a vida política.

Grassano - Eu cheguei... Vou contar a história, para facilitar para o seu trabalho, não para divulgação da minha vida. Não tenho esse objetivo.

Vim para cá para colaborar com ele, minha preocupação era o cartório e o que podia ser feito por ele. Estava começando Arapongas, a cidade não tinha calçamento, não tinha água encanada, esgoto não se falava. O abastecimento de água era feito por poços que cada pessoa mandava perfurar, a motor ou não. Era uma vida primitiva mesmo.

Quando cheguei, fui olhar, me interessei pelo problema da cidade quando surgiu a oportunidade de ser candidato a prefeito. Cinco anos depois que eu estava aqui.

Regina - Com vinte e nove anos?

Grassano - Foi em 1955. Acabei saindo candidato e ganhei as eleições.

O município foi projetado pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Arapongas teve uma felicidade, a área dela é de 20.000 alqueires de terra. Quer dizer, uma área pequena. Isso tem fazendas no Mato Grosso, no Pará, Amazonas, tudo mais. E a divisa da cidade, a área ficou com a Companhia de Terras para ela colonizar. Aqui em Arapongas, quando você chegou, viu a área industrial, à esquerda eram terras devolutas do Estado, e a Companhia pegou daquela área para cá, então ela projetou

¹⁸ José Colombino Grassano foi o terceiro prefeito do município de Arapongas, nas gestões de 1955-1959 e 1963 - 1968.

a cidade. Quando eles vieram aqui para ver o patrimônio, era assim que se chamava, Patrimônio da Companhia. Eram ingleses, eles trocaram essas terras pela construção de uma estrada de ferro, que eles construíram. E você quando chegou, saiu de Londrina, tem notado que na volta nós enxergamos Londrina, se fosse uma reta era perto, mas a Companhia teve o cuidado para evitar enchente e problemas maiores, teve o cuidado de não passar sobre grandes rios, nessa faixa de construção de estrada de ferro e de cidades.

Regina - Eles tinham bastante conhecimento.

Grassano - Então ficou a parte de lá da cidade eram terras devolutas então são áreas maiores. Tem fazendas de 200 alqueires, e na parte da Companhia de Terras, que ela fez, dividiu o município, na cidade fez o perímetro urbano, era entre duas ruas, a rua que hoje se chama Perdizes e a última rua que se chama Pica-Pau. Daqui a Perdizes são quatro ruas e daqui a Pica-Pau também são quatro ruas, e terminava em semicírculo, lá no final era o cemitério municipal.

Então a Companhia na área urbana se preocupava em saber se não ia dar em lençóis inúteis, problema de água. Depois a parte rural, que ela fez, subdividiu essa área em áreas pequenas, que dava na média sete alqueires por propriedade agrícola, com a preocupação de fazer estrada e esses sete alqueires iriam até um córrego, onde todas as propriedades poderiam ter um córrego para as necessidades normais de uma casa agrícola.

Quando eu recebi, a prefeitura tinha um engenheiro aí, curioso e tudo, que não era formado, depois eu substituí por um engenheiro definitivo e nós criamos a cidade dessa maneira. Eu fui o terceiro prefeito. O que acontece, o problema sério foi, nós atingimos primeiro ciclo, como todo Brasil, como o mundo, primeiro ciclo agrícola. Então nós fomos muito bem no ciclo agrícola. Arapongas foi bem porque era um dos municípios de maior importância econômica do Estado pela produção de café, e a negociação de café. Aqui tinha 29 máquinas de café, grandes, recebia de café de Astorga, Apucarana... O maior armazém do mundo de café era aqui em Arapongas, que ela construiu.

Então o ciclo agrícola foi formidável, vamos voltar, vamos falar sobre ciclo agrícola. Eu conheço bem o processo porque meu pai, logo que veio para cá, manteve um bom relacionamento, ele já tinha experiência em cartório, e teve um bom relacionamento com a Companhia de Terras, com os diretores, com o grande chefe aqui da Companhia, com diretor da Companhia, que morou em Londrina, então esse relacionamento permitiu que a gente conhecesse bem a estrutura da empresa. Eles fizeram uma reforma agrária sem briga aqui nessa terra, e atingiu a região toda, até Umuarama, uma reforma agrária sem briga, sem luta, sem discussão, sem despejar ninguém das terras, tranquilamente. Não tomou terra de ninguém, quem não pudesse pagar naquela época certa, davam-se quatro a cinco anos de prazo, e prorrogava mais um ano. Nunca houve uma execução contra a Companhia de Terras.

E nós tivemos a sorte que o município é plano. No plano administrativo é mais complicado, é plano, mas... é que você tem que fazer as galerias de águas pluviais, então cheguei na prefeitura, não tinha nada. Município devia mais que o orçamento podia. Se eu pagasse aquilo que o orçamento me dava, eu não pagava as dívidas do município, problemas financeiros. E eu resolvi com meios bons, acertei, não teve problema. Em 60 dias eu já tinha praticamente conseguido com o governo o serviço

de água e esgoto em Arapongas. Eu comecei a fazer o serviço de galerias de águas pluviais, a mesma empresa que fazia a água e esgoto, eu assinei um contrato para fazer a pavimentação da cidade. Eu fornecia tubos, meio fio, montei uma fábrica de tubos e meio fio, comprei tratores, comprei caminhões, comprei tudo e ela fazia também esse serviço e o serviço de água e esgoto. Era uma companhia muito idônea, eram italianos, muito trabalhadores, excelentes pessoas, não me deram nenhum problema, para executar com precisão todo o serviço. Aqui eu coloquei pedra dessa altura, com mais de meio metro, pedra bruta em todas as ruas da cidade, e quebra e passava o trator, é muito forte aqui. E resolvi o problema de água e esgoto da cidade.

Como você pode desenvolver, oferecer uma coisa de bom se você não tem? Então nós tínhamos que oferecer essas vantagens.

E nesse período, não vamos estabelecer datas precisas, mas nas minhas administrações, primeiro eu tive que fazer uma opção, em 1956, ou mais tarde 1957, 1958, nós não podemos mais conviver com as geadas. A geada todos os anos acabava com o café. Se não pegava da metade para cá, pegava da outra metade para lá, parecia que ela escolhia. Nós temos que encontrar uma forma, porque o município parava em abril e ia voltar a trabalhar, ou negociar, comprar terrenos, vender terrenos, comprar casa ou vender casa, depois de seis, sete meses. Porque era a preocupação da geada. Se gear, meu cafezal morre, como que eu vou pagar? Então eu resolvi antecipar, antes de todos os municípios da região, antecipei a criação de um ponto industrial. Conversei com os vereadores, fiz uma reunião com a população aqui e disse vamos fazer, vamos pensar em escola, educação universitária, primária, secundária e industrialização da cidade. E vamos continuar olhando a agricultura, mas naturalmente, sem depender da agricultura, que ela não pode mais nos oferecer. Então vamos entrar no ciclo industrial, toda cidade desenvolvida entra.

Deu certo. A prefeitura comprou dois terrenos, que quando você entrou na estrada de ferro, comprei toda parte, até lá em cima perto de onde se paga o pedágio. Depois da estrada de ferro, do outro lado, eu também comprei uma faixa onde se vê as indústrias depois da estrada de ferro. Porque a estrada de ferro era passagem obrigatória, também o meio de transporte que nós usávamos naquela ocasião. Nós tínhamos que para ir a Curitiba, íamos até Ourinhos depois descíamos a Ponta Grossa, para chegar em Curitiba. Para você ver que volta que dava. Depois o governo construiu a estrada de ferro Central do Paraná, que também não teve vida muito tempo, porque foi mal projetada. Que aconteceu? Hoje é mais para transporte, e o transporte rodoviário é o que resolve, infelizmente, o problema do transporte da nossa grande produção, soja, milho e trigo, não é isso?

E hoje, Arapongas, por exemplo, eu fiz a campanha, mas eu fiz uma campanha de estímulo e os próprios empresários é que procuraram ver, teve uns que foram para o lado de móveis, porque a madeira era muito grande aqui, essa região tinha muita madeira, até o Klabin fornecia muita madeira para cá.

Então o que aconteceu, eu criei uma faculdade de filosofia, a primeira faculdade da cidade, Filosofia, Ciências e Letras. Em 1963 eu já, porque o Parque (industrial) eu fiz em 1966, quando fui candidato à prefeitura, consegui o primeiro pioneiro industrial, sem projeto de indústria, lá atrás eu já tinha visão. Eu encontrei com o dr. Paulo Kimel, era um grande empresário de Santa Catarina, em um jantar aqui em Arapongas, eu era candidato a prefeito, pela segunda vez, estava nesse jantar e ele

sentou ao meu lado e conversando, perguntei de onde ele era. Ele disse, sou de Concórdia, Santa Catarina [...].

Dr. Paulo Valmor Kimel, um homem excepcional, foi uma das maiores conquistas que tive na minha vida pública para a cidade de Arapongas. Ele disse, vou montar um moinho de trigo em Apucarana. Eu disse, Apucarana? Por quê? O senhor conhece alguém lá? Não, não conheço ninguém. Bom, o senhor está me conhecendo, sou candidato a prefeito, o senhor conhece o anfitrião aqui, por que o senhor vai lá? Nós podemos oferecer para o senhor as vantagens que eles nem sabem se podem oferecer. O senhor não quer conversar com o prefeito? Amanhã vamos lá na prefeitura, conversamos com ele e vamos ver o que ele pode fazer pelo senhor. Nós não tínhamos plano industrial. Dr. Paulo falou: então vamos amanhã. Eu já trouxe as cotas, eram cotas que o ministério dava, cotas de trigo, para beneficiar tantas toneladas de trigo, formar uma empresa industrial.

No dia seguinte, fomos falar com o prefeito, que era meu amigo e eu tinha apoiado para a prefeitura, expliquei quem era e ele falou: compadre, faz o seguinte, mostra para o dr. Paulo a cidade, o que ele precisar, nós vamos fazer. Se precisar de terreno, eu dou, o município doa. O município tinha relações, as minhas relações são muito boas lá em Curitiba, posso facilitar qualquer negócio. Ele falou, então vou voltar para o Rio e vou trocar, vou justificar que enganei, em vez de falar Arapongas, eu falei Apucarana, e nós estamos vindo aqui.

Depois o dr. Paulo faleceu, os filhos dele continuaram a obra, a mesma obra, com o mesmo critério, o mesmo conceito de responsabilidade. Uma grande empresa hoje de alimentos, muito grande, e ele também investiu em áreas agrícolas, produção de soja e gado lá no Mato Grosso [...] e foi uma primeira e grande aquisição.

Aí eu assumi a prefeitura em 1963, fiz o projeto de industrialização, naquele tempo o prefeito podia doar terrenos, hoje não pode, hoje tem que vender, nós podíamos doar, obedecendo certas exigências, só daríamos escritura definitiva depois de tantos anos, se tivesse cumprido aquelas exigências, construção de prédio, oferecimento de empregos e comercialização. Hoje o município é um dos mais, o maior polo industrial moveleiro do sul do Brasil. Nós somos responsáveis por 10%, mais de 10%, do consumo de móveis no Brasil. Tem indústria aí fornecendo 100.000 dormitórios por mês, coisa impressionante. Aí se espalhou, os terrenos que eu tinha eu dei, os outros, o restante está em toda parte da cidade, em vários pontos industriais, e o município hoje está muito bem.

Hoje atingimos a meta que era a industrialização e atingimos a meta industrial. Com a faculdade depois houve o interesse de nós construirmos uma universidade de Londrina, para trazer um campus aqui, com 23 cursos. E agora tem uma outra universidade, que o atual prefeito, que por sinal está seguindo o que nós fizemos, ele está fazendo, está negociando a vinda de outros cursos universitários para a cidade de Arapongas. Então, além de um centro comercial muito grande, ela também é um centro educacional.

E o problema está resolvido, nós temos quase 80% de rede de esgoto na cidade e os loteamentos, porque em volta do patrimônio, ela [CTNP] montou um cinturão verde de abastecimento, mas acontece que esse cinturão foi absorvido pelo progresso, então essas áreas foram todas divididas, e todas com projeto, nada foi feito às escuras, tudo com projeto. Organizamos o serviço de engenharia da prefeitura municipal, fiscalização de obras, atendendo todas as exigências legais para que não tivesse um investidor ou comprador com problemas.

[...]

Regina - Deixa eu perguntar mais uma coisa. O senhor comentou que tinha um engenheiro quando chegou, no primeiro mandato, mas não era formado...

Grassano - Não era formado, era um português que dizia que era engenheiro, mas não era.

Regina - Como era o nome dele, o senhor se lembra?

Grassano - Não me lembro... Posso te fornecer depois.

Depois eu nomeei o doutor Leonel Segura [Largura]. Ele era do serviço do Departamento de Obras e Esgoto. Eu trouxe para cá. Porque aqui o negócio era bravo. A poeira era terrível. Eram 29 máquinas fazendo barulho. Tanto que meu slogan de campanha política era, é até incrível, não se pode falar isso, "Nem lama, nem poeira", vê se isso é plano de governo? É que as mulheres não aguentavam mais, lavavam roupa, colocava no varal, passava um caminhão de tora, sujava tudo... Aí tive que limpar a cidade. Peguei um engenheiro que foi muito bem.

Por exemplo, eu construí o primeiro ginásio de esportes do interior do Paraná, municipal, foi o Sérgio Bopp, um engenheiro, arquiteto de Londrina, muito conhecido em Londrina, depois foi para Curitiba, mas fez o projeto aqui, construímos aqui para 12.000 pessoas, naquela época era uma obra muito boa.

[...]

Regina - O senhor disse também que construiu a Faculdade... O primeiro prédio...

Grassano - O primeiro prédio é onde está a prefeitura. Eu doei para o Colégio La Salle, para os lassalistas, eu doei aquele quarteirão, 10.000m². Eles construíram o colégio, mas teve uma época que eles não puderam mais tocar, problema da geada, era um colégio pago naquela ocasião. [...] depois foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Regina - Esse prédio, o Colégio La Salle, ele possuía características de uma arquitetura moderna. Naquela época estava se divulgando essa arquitetura aqui em Arapongas?

Grassano - Não, eles trouxeram o projeto de fora. Era uma instituição religiosa poderosa, então trouxeram o projeto, nós aprovamos. E uma obra bonita, né... [...] e em frente, eu construí o ginásio de esportes.

[...]

Regina - Na década de 1940 em Londrina foi estabelecida uma lei que era proibido construir em madeira, porque a cidade queria ter um aspecto moderno. Aqui em Arapongas teve reflexo disso? Houve alguma proibição do uso da madeira?

Grassano - Não, não... Não houve porque no começo você não podia proibir...

[...]

Regina - A relação de Arapongas com Londrina era muito forte?

Grassano - Havia um bom relacionamento. Porque nós adquirimos mais da Companhia de Terras do que do outros...

Regina - Mesmo com a saída da Companhia, com a emancipação do município...

Grassano - Aí já estava tudo consolidado, tudo pronto, ninguém mais para receber escritura, deu escritura para todos os lotes [...]

Regina - A questão de ir para Londrina era muito comum das pessoas que moravam aqui, daqui para Maringá ou Londrina, tinha um certo vínculo, para ver o que estava acontecendo nessas cidades, ou não?

Grassano - Não, não tinha não. O transporte coletivo era feito pela Viação Garcia naquela época, ela fazia toda essa região...
[...]

Regina - Ainda sobre os engenheiros que trabalhavam aqui naquela época, Tinha o Leonel, que o senhor comentou, e tinha mais engenheiros na prefeitura?

Grassano - Não, tinha só ele e mais funcionários, administração... não precisa ser muita gente [...]

Regina - Na década de 1950, tinha algum engenheiro civil responsável pelas construções, por exemplo: alguém que fiscalizava ou alguém que aprovava? Porque o levantamento que fiz na prefeitura, de todos os projetos nessa região central, sempre tinha a assinatura de um engenheiro chamado Rolf Lunkmoss de Christo, o senhor conheceu ele?

Grassano - Rolf Lunkmoss de Christo, foi vereador aqui. Ele foi diretor aqui do serviço de combate à erosão. Nós demos para o governo do Estado o terreno que é do lado do Parque Industrial, para colocar aqui uma indústria de fabricação de tubos. Onde você viu, na história?

Doutor Rolf Lunkmoss de Christo foi sucessor, depois ele trabalhou com o doutor Leonel Largura, já trabalhava com ele também. Doutor Rolf Lunkmoss de Christo foi vereador pelo Partido Democrata Cristão.

Regina - E ele não era de Araçongas? Veio de fora?

Grassano - De Curitiba.

Araçongas só tinha, na verdade, só funcionários públicos que eram paranaenses, o resto eram japoneses, polacos, mineiros, paulistas, gaúchos...

Regina - Então o Rolf veio de Curitiba para Araçongas?

Grassano - Isso, e o doutor Leonel Largura também veio de Curitiba para cá.
[...]

Regina - E o Rolf trabalhou um tempo aqui e depois...

Grassano - Depois voltou para Curitiba e foi ser diretor lá na Secretaria de Viação e Obras Públicas. Foi promovido para lá.

Regina - E ele era bem famoso, o Rolf, aqui na época?

Grassano - Ah, era. Era muito conhecido, muito respeitado, era gente séria. Nós sempre tivemos bom relacionamento com ele [...]

Regina - E ele ficava com a fiscalização, aprovação?

Grassano - Ele concluía os projetos.
[...]

Regina - Agora estou investigando para ver quem eram essas pessoas que contratavam...
[...]

Grassano - Esse daqui era um polonês que tinha uma fazenda de café
[...]

Grassano - Eros Pacheco era de Rolândia...
[...]

Regina - Uma curiosidade que vi, é que essas casas, com essas características eram chamadas de "finas residências", o senhor se lembra desse termo?

Grassano - Não. Olha, existem coisas que você não sabe explicar...
[...]

Regina - Essa residência aqui, ela porventura foi do senhor? (Residência nº04)

Grassano - Essa é minha casa.

Regina - Essa casa eu achei em uma página na internet...

Grassano - Essa casa foi projetada pelo diretor do Departamento de Estradas de Rodagens... Cornelsen!
[...]

Grassano - Eu construí essa casa em 1955.

Regina - É? O projeto data de 1953.

Grassano - Meu tio que construiu. Depois meu tio colocou em cima.

Regina - No projeto, tem uma pessoa que assina que chama Domingos...

Grassano - Meu tio! Domingos Lettieri. Foi ele que construiu minha casa [...] No ginásio de esportes, ele que cuidava. Ele era um perfeccionista, tudo que ele fazia era perfeito. Primeiro ele cuidou do ginásio de esportes, depois do cemitério, que estava abandonado, ele colocou petit pavê, arrumou tudo [...]

Regina - Ele era construtor, mestre de obras?

Grassano - Não, ele veio para cá trazido pelo meu pai, meu pai era muito amigo do diretor do banco Itaú de Minas Gerais, a senhora dele, dona Nina, era irmã da minha mãe, então ele veio para cá porque o banco pediu que ele viesse, conhecia bem ele,

e ele construiu aqui o banco Itaú, nossa casa aqui em Arapongas, o cartório do meu pai, metade para o banco Itaú e metade para o meu pai. Construiu em Rolândia, Apucarana, Jandaia, construiu vários prédios e ficou por aqui e não voltou mais, até morrer.

[...]

Regina - Como o senhor conheceu esse engenheiro do D.E.R.?

Grassano - Quando fui deputado estadual, eu o conheci porque ele era parente do governador, Ayrton Cornelsen, eu pedi e ele fez o projeto, me mandou, aqui a casa...

Regina - E o senhor gostou na época?

Grassano - Gostei, gostei. Era uma casa diferente.

Regina - Era diferente na época, não é?

Grassano - Totalmente diferente!

Regina - E tinha algum comentário na cidade a respeito da casa?

Grassano - O pessoal gostava. Foi o ano que eu ganhei a eleição [...]

Regina - Sobre o Cine Mauá, foi construído na época que o senhor era prefeito...

Grassano - Foi na minha época, era o senhor Codato.

Regina - A característica do cinema também é modernista, é uma arquitetura diferente...

Grassano - Não, aquilo lá, aquele cinema é mais ou menos um padrão que eles tinham, tinha em Cambé, tinha em Rolândia e tinha em Arapongas.

Regina - Mas mesmo de fachada?

Grassano - Era mais ou menos o mesmo estilo. O problema deles era comercial, então não tinha interesse muito em beleza, fazia faturamento...

Regina - E o senhor sabe que fez o projeto? Porque esses projetos não existem mais na prefeitura.

Grassano - Não existe não? Mas foi aprovado lá sim!

Regina - Então, foi aprovado, mas acho que como é muito antigo...

Grassano - Ah, depois o governo do Estado comprou para fazer o teatro.

Regina - Mas lá no início o senhor se lembra de quem fez o projeto?

Grassano - Não, não [...]

Regina - E o mercado municipal, ali perto da igreja [matriz], também é da época do senhor?

Grassano - Foi inaugurado na minha gestão.

Regina - A iniciativa também foi do senhor?

Grassano - Não, foi iniciativa particular.

Regina - O desenho dele é moderno, cheio de linhas retas, isso causou algum impacto na cidade?

Grassano - Causou, foi muito bom. Foi uma inauguração muito grande [...]

Regina - Esse também não existe mais o projeto. O senhor sabe quem fez?

Grassano - Espera... Quem fez... morreu já, dessa turma só sobrou eu...

Regina - Esse eu também não consegui o projeto, então preciso descobrir quem foram os engenheiros.

Grassano - Veja os projetos que você quer, que eu descubro na prefeitura.

Regina - Então, eu já fui à prefeitura [...] fui à Secretaria de Obras, conversei com o Israel. Eles têm alguns projetos, mas apenas os das reformas. Os originais não sei se foram perdidos, o que aconteceu, então eu não consigo descobrir o ano que foi aprovado e nem quem foi o responsável.

Grassano - Foi na minha gestão.

Regina - Na primeira ou na segunda?

Grassano - Na primeira gestão.

Regina - Então o mercado é da década de 1950?

Tanto o Cine Mauá, como o Mercado, são da primeira gestão do senhor?

Grassano - Não, não inaugurou o mercado na minha gestão. O Cine Mauá foi na gestão anterior. Me recordo que tomei posse lá no Cine Mauá e nós caminhamos até a prefeitura a pé. Mas o mercado foi na minha gestão, primeira gestão.

As igrejas dessa região, aquilo são influências de um parente de Dom Sigaud, esse santuário aqui de Arapongas, Dom Geraldo Sigaud, foi bispo de Jacarezinho, aqui pertencia à Diocese de Jacarezinho [...]

Regina - A igreja é da década de 1950?

Grassano - Essa igreja foi construída quando nós viemos para cá.

Regina - Ela já existia?

Grassano - Não, o padre Reinaldo começou a construir, me recordo que meu pai contribuiu muito para a construção da igreja [...]

Essa igreja também é interessante, tipo barroco, meio diferente, não?

Regina - É chamado Neocolonial.

Mais uma pergunta sobre a arquitetura moderna aqui da cidade, o Clube Comercial...

[...]

Grassano - [...] três anos depois eu era presidente do Clube. Derrubei a frente, fiz umas modificações lá, fiz um salão melhor...

Regina - Eu tenho uma foto dele para ver se o senhor identifica...

[...]

Grassano - Esse eu que construí [referência ao Terminal Rodoviário]. Antigamente chamava ponto de ônibus. Era lá embaixo na rua Avestruz. Se chamava ponto de ônibus porque as pessoas ficavam embaixo da marquise para esperar o ônibus. Aí eu comprei esses terrenos [...]

Aí construí o Terminal Rodoviário, meu tio construiu, de graça! [...]

Regina - E o senhor sabe quem fez o projeto? Foi o pessoal aqui de Arapongas?

Grassano - meu tio morreu, mas tem na planta.

Regina - Não tem.

Grassano - Também não tem?!

[...]

Regina - Esse daqui, o aeroporto, é da época do senhor?

Grassano - Esse aeroporto não foi feito por mim não. Quem fez esse aeroporto aqui foi o senhor Guilherme Meyer, aeroporto Guilherme Meyer, foi feito...

Regina - Quando o senhor veio para cá esse aeroporto ainda não existia? Foi feito depois?

Grassano - Aquele aeroporto aconteceu um fato histórico. Veio visitar Arapongas Nelson Rockefeller. [...] Ele veio a Arapongas conhecer a cidade, veio com a comitiva e o governador, tudo, desceram no campo, não era asfaltado, nada. Meu irmão fez o novo aeroporto lá na saída para Astorga. E o avião, naquela época passou pela cerca, passou pela estrada, foi lá para as chácaras e não morreu ninguém.

Regina - Nossa! Ainda bem!

Grassano - Ainda saíram de lá e foram fazer um almoço aqui no Clube Comercial...

[...]

Regina - Na época que o senhor foi prefeito existam arquitetos ou apenas engenheiros civis?

Grassano - Não, não tinha arquiteto.

Regina - E vinha profissional de fora, aprovar projetos? Tinha gente que ia buscar profissionais em São Paulo ou alguma coisa assim?

Grassano - Vinha muita gente de São Paulo, principalmente bancos [...]

Regina - Mas vinham engenheiros lá de São Paulo?
[...]

Regina - E porque a escolha dos pássaros para o nome das ruas?

Grassano - Eu achei que eu devia fazer alguma coisa para dar nome nacional para Arapongas. Isso não pode ficar assim desse jeito, [...] primeiro eu tentei uma vez, eu era prefeito, na minha primeira gestão [...], em 1959, o município de Arapongas foi considerado um dos 10 de maior progresso no Brasil, na revista *O Cruzeiro*. [...] Os passarinhos, eu tinha um vereador, que foi meu secretário na assembleia, na prefeitura, Mantovani, vamos mudar o nome de todas as ruas para pássaros. [...] Hoje tem 1.600 ruas com nomes de passarinhos.
[...]
Vamos pegar essas ruas principais, entre Pica-pau e Perdizes e vamos por nomes de pássaros mais conhecidos, Condor e tal...
[...]

Regina - Houve uma pesquisa para descobrir esses nomes?

Grassano - Não, nada! Foi no tapa! E deu certo.
[...]

Regina - Muito Obrigada!

APÊNDICE C - Entrevista Alessandro Filla Rosanelli¹⁹

Data: **11 de novembro de 2019**

Local: **Online**

Alessandro - Com 15 anos, eu comecei a desenhar para ele [Ampélio Filla], quando eu entrei no escritório dele, [...] foi uma maneira de preencher o tempo livre, tinha alguns desenhistas e eu acabei aprendendo a desenhar desenho técnico, da maneira antiga, com o papel manteiga, lapiseira e depois passar a limpo no papel vegetal, escrever com nanquim, com esquadro, régua paralela, etc. Então, dos 12, até os 14, 15 anos eu tive muito contato com ele. Só que veja, com 12 anos, você ainda é menino, né? É moleque. Então, era muito difícil ter uma conversa profissional com ele. Eu era ajudante do desenhista, por sinal, não era nem desenhista. Trabalhava com os desenhistas dele, né?

Nós trabalhávamos com o braço direito dele também. E era outro engenheiro civil, mais jovem, sobrinho dele, meu primo, chamado Osvaldo. Osvaldo Filla Junior. O Osvaldo era a pessoa que mais tocava as coisas do dia a dia. Meu tio era muito de obra, de visitar obra, conversar com o proprietário, frequentar as rodas de conversa da cidade, entendeu? E quem ficava mesmo era meu primo. Mas meu primo faleceu. Faleceu há uns 15 anos [...] era um primo muito querido, a gente até pensou um dia em ter um escritório juntos, sair, trabalhar com meu tio.

Meu tio era um engenheiro “das antigas”. Então, eu tenho pouca informação da formação dele, do repertório dele, de onde ele tirava as ideias [...] mas, salvo engano, ele se formou na Federal do Rio de Janeiro [...].

Regina - Então, as razões por que ele se apropriou desse vocabulário, é provável que isso você não faça ideia?

Alessandro - Olha, provavelmente assim, do que eu vou lembrar? Eu imaginava que viria alguma coisa por aí. O que eu via no escritório? Muitos livros e revistas de construção. E, provavelmente, esse repertório não advém de contato com arquiteto, isso é certeza. Porque existiam pouquíssimos arquitetos na cidade. Contato com viagem de arquitetura, interesse na arquitetura, mas sim da velha engenharia civil vindo de revistas. Agora, o nome das revistas, aí eu vou dever. Mas eu lembro que tinha o livro do Neufert. Com 12 anos eu folheava... Que ele me deu, como lhe falei, me deu o livro dele. Então eram mais revistas, revistas de engenharia.

Regina - Mas você não se lembra se havia aquelas revistas típicas que traziam repertório modernista?

Alessandro - Não. Essas revistas que eu falei, eram revistas de obra, de construção, que às vezes vai ter uma foto, uma imagem... Mas veja, meu tio, na época em que eu estava com ele, muito de quem desenhava era meu primo, eu mesmo. Eu que aprendi a desenhar, em três meses, quatro meses, eles já passavam serviço para mim! Eu projetava com 14 anos e eu não tinha curso que ele

¹⁹ Alessandro Filla Rosanelli é professor da Universidade Federal de Curitiba - PR e sobrinho do engenheiro civil Ampélio Filla.

tinha, nenhum trabalho daquele vigor da engenharia que trabalha com simetria, com regularidade, nada baseando uma técnica ou um detalhe arquitetônico.

Meu primo, por exemplo, o pacto dele era vencer na vida. Então não é alguém que se inspirava na profissão, “ah eu quero ser isso”, ou ter uma linha diferente ou um traçado muito distinguido. Um estilo distinguido. Era muito numa precariedade de atender o gosto do cliente. Passava para os desenhistas, muita coisa era o desenhista que tocava. É triste... Não sei se era isso que você imaginava.

Regina - É. Na verdade, eu não criei nenhuma expectativa, assim, de nenhum lado, porque como não eram feitos por arquitetos, não tinha uma Escola muito próxima, então, pode haver referências de todos os lados, não é?

Alessandro - Então, eu falo para você assim que eu lembro da minha mãe falando da formação dele que foi no Rio de Janeiro, talvez, na Federal... Então, talvez possa no Rio de Janeiro ter tido contato com a arquitetura modernista, ou enquanto ele estava fazendo faculdade, ícones da arquitetura que estavam sendo construídos. Mas eu não sei se ele trouxe para cá. Porque Arapongas, na época que ele chegou, era uma cidade que estava quase saindo, se libertando da fronteira, era meio precária. Então, não teria esse repertório. Mas, mesmo assim, as ideias circulam... Então, de repente, está vendo televisão, está viajando para São Paulo, para o Rio de Janeiro e tal. Então, onde for, está trazendo isso, está trazendo essas informações.

Mas quem desenhava, sobretudo as coisas mais simples, ele fazia de tudo, indústria, residência, hospital, tudo que havia de mais simples eram os desenhistas que tocavam. E os desenhistas não tinham formação alguma. Não liam sobre arquitetura, ou sobre engenharia. Faziam, assim, soluções mais fáceis...

Regina - Você sabe mais ou menos em que época ele se formou?

Alessandro - Uma outra pergunta que eu vou fazer para minha mãe. O ano de formatura. Eu lembro que no escritório dele

[...]

O arquivo do escritório dele seria uma coisa legar ser visitada né? Pegar os projetos. Eu não sei com quem está

[...]

Quem trabalhou para ele, na época, para você ver como que é, fica tentando se livrar do trabalho pesado criativo, porque é um trabalho difícil, era meu outro primo, engenheiro que trabalha no interior de São Paulo, não vou lembrar o nome da cidade [...] que é o Vitório, o Vitório é primo, quase da mesma idade do Osvaldo. O Vitório se formou engenheiro e saiu do escritório e entrou com o Osvaldo que estava fazendo engenharia, se formou na UEL e aí ficou tocando o escritório do meu tio, porque meu tio largava muito a mão, sabe? Não era aquele engenheiro que você... era engenheiro de obra, engenheiro que ia resolver problema na obra.

Regina - Digamos assim, ele assinava os projetos, mas não necessariamente era o repertório dele a arquitetura modernista?

Alessandro - Eu tenho dúvida só se for mais antigo, mas aí era uma época que eu era muito jovem para saber disso e eu nunca fiz essa pergunta para ele, porque eu

não tinha esse conhecimento, mas é muito provável que ele sempre foi achando alguém para dar...

Regina - [...] para desenhar e no fim das contas, ele assinava o projeto.

Alessandro - E essa era a prática de quase todos os escritórios. Os desenhistas se encontravam, se conheciam. Porque ficava muito na mão de desenhista. Cidade pequena.... Não é essa história que às vezes você vê na Juliana ou em alguns engenheiros de Londrina... Deve ter também muito disso na engenharia de Londrina. Você ter um desenhista que toca, mas aí... Na época que eu estava lá era assim que funcionava.

Regina - Ele é natural de Arapongas ou ele veio de outra cidade e escolheu Arapongas por um outro motivo?

Alessandro - Ele era de Arapongas, ele nasceu em Arapongas. [...] Meu avô, ele veio da Itália e foram para São Paulo, aí tentou chegar, ficar próximo da família da minha avó, por parte de mãe, aí meio que não deu certo. Arapongas estava chamando e era aquela coisa da fronteira, oportunidade, acabaram vindo para cidade e ficaram. Então aí os filhos nasceram em Arapongas. Ele é o mais novo ou era um dos mais novos, então provavelmente ele nasceu em Arapongas, minha mãe nasceu em São Paulo, no estado de São Paulo. A família já tinha alguns irmãos mais velhos que trabalhavam, meu avô tocava construção civil, então é natural que meu tio mais novo já tenha um suporte para poder ter estudado fora, sabe?

Regina - Isso que eu ia te perguntar, porque eu achei um anúncio que trazia o nome de tipo um mestre de obras, um construtor chamado Nordio Filla.

Alessandro - Nordio é o irmão dele, talvez o mais velho. Eles vêm, começam a construir, igual ao meu avô... Como gato, empreiteiro sem registro profissional. E aí o Ampélio, meu tio Ampélio, resolve estudar engenharia e vai estudar. Agora, por que Rio de Janeiro... [...]

Regina - E o seu tio tinha uma certa relação, como você falou, ele viajava para São Paulo, Rio de Janeiro, essas coisas, mas...

Alessandro - Isso eu falei, mas sem saber. Ele era mais de família, sabe?

Regina - Ele mantinha alguma relação com Londrina e Maringá? Viajava, sabia o que estava acontecendo de arquitetura em Londrina e Maringá?

Alessandro - [...] ele tinha muita fábrica, tinha fazendas também. Eu lembro que ele ia todo dia para fazenda pegar leite e ele dividia leite com os irmãos e eu ia às vezes pegar a leiteira e levar leite para casa. O que era uma outra época, não é esta época que a gente vive, era uma época mais difícil. Aquela época que se falava "ah, tomar Coca-Cola só no final de semana", então eu estou lembrando disso. Aquela parte ilhada. Ele vivia toda semana na fazenda, então, além das coisas de construção ele também tinha fazenda, tinha fazenda no Mato Grosso. Porque era muito do ambiente que ele vivia, do ramo industrial de Arapongas, ele tinha acesso à alta elite econômica, de ter fazenda de falar sobre gado. Então eu vou te falar que arquitetura,

normalmente não se comentava. Então eu acho que ele não ia atrás de arquitetura, acho que ele ia atrás de ração, mas não ia atrás de arquitetura. Também é uma informação que eu acho. É só o que eu estou lembrando das coisas...

Regina - Você disse que ele tinha muito contato com pessoas de dinheiro. Isso também era em Arapongas? Os clientes dele eram pessoas mais abastadas ou não necessariamente?

Alessandro - Tinha alguns. Ele fez bastante coisa grande. Fez bastante indústria. Ele ganhou bastante dinheiro com arquitetura, certamente. Tanto que ele fez o primeiro prédio da cidade, o edifício vertical. E ele não tirou do nada isso, tirou do dinheiro dele. Isso aí também foi muito difícil porque por ser o primeiro edifício, ele achou que ia vender fácil e não vendeu. Mas eu era mais novinho, isso é história que eu escuto da minha mãe.

Regina - Eu revisei a Revista da Cidade de lá e no final da década de 1960, início da década de 1970, quase todas elas falavam desse edifício, o Carolina, “compre logo o seu, pois já estão acabando as unidades”, alguma coisa assim, sabe?

Alessandro - Eu não sei se era verdade...

Regina - Sempre um marketing às vezes por trás, não é?

Alessandro - Tem intenção para vender. Não foi fácil. Mas não deu “preju” para ele. Tanto que ele saiu com o apartamento dele, morou no primeiro andar. O escritório dele era no edifício Carolina, aí a loja de material de construção era do lado, ele alugava uma loja [...] ele saiu com capital.

Regina - [...] em Arapongas essas casinhas com apropriações modernistas, tanto no anúncio do Nordio Filla, o irmão dele, e em algumas outras, essas casinhas são chamadas de “finas residências”. Você já ouviu falar desse termo? Sabe por quê?

Alessandro - Nunca ouvi falar, mas provavelmente é propaganda. Eu acho, tá? A pesquisa histórica desafia muito, nesse cuidado que você tem de procurar, de estabelecer relações e ter uma fonte. E às vezes a gente dá uma informação para você que você desafia e às vezes não é verdade. Eu era infantil ainda, adolescente.

Regina – Claro. É por isso que eu estou investigando, porque eu achei interessante isso, apareceu mais de um local, assim, “finas residências”. E me pareceu mesmo como um marketing de construção, assim, tipo “ah, fulano de tal projeta ou constrói finas residências”, aí eu queria saber por que de “finas residências”, se tem alguma ligação com a arquitetura modernista ou se eram de pessoas mais abastadas.

Alessandro - Isso eu não saberia responder mesmo, que coisa! Você achou isso na Revista da Cidade?

Regina - Não, eu achei num Almanaque comemorativo de Arapongas de 1957.

Alessandro - Porque pode ser também coisa de editor de revista. Não sei se era coisa exclusivamente ideia de meu tio. E eu conheci o editor da Revista da Cidade, eu sei como opera. Às vezes é ideia dele para vender, dar o destaque. Você não

paga a empresa para dar propaganda, mas paga o “cara” da revista e o “cara” da revista faz a propaganda.

Regina - Mas pelo que eu entendi, não era da revista. Era um anúncio publicado na revista. Por exemplo, o Nordio Filla... tinham duas casinhas com apropriações modernistas e estava escrito assim: “Duas finas residências executadas por Nordio Filla”. Aí numa outra página, tinha de um engenheiro civil, chamado Rolf Lunkmoss de Christo...

Alessandro - Desse, eu não ouvi falar...

Regina - E daí ele também, “engenheiro civil que projetou finas residências”, então, eram dos próprios profissionais das cidades, não era uma coisa da revista, sabe?

Alessandro - Eu não vou saber falar isso. Disso, eu não tenho informação.

Regina - E sobre os outros engenheiros, você conhecia algum nome conhecido lá que tinha uma certa fama entre as pessoas?

Alessandro - Me dá os nomes para eu lembrar.

Regina - Dos que eu levantei, teve esse que eu falei, que é o Rolf. Tinha o Fued Abraham.

Alessandro - Fued Abraham? Não...

Regina – Não? Ele era da construtora Roma, alguma coisa assim.

Alessandro - A Roma é com um engenheiro italiano.

Regina - Falam desse engenheiro italiano, mas ninguém sabe o nome dele...

Alessandro - O nome dele é Pascoale. Esse, eu tive contato com ele, ele foi até a pessoa que deu entrada na minha cidadania italiana e ele fazia isso. Ele é quase que um assessor local do Consulado... Ele tem um filho que é engenheiro, a gente era meio próximo, às vezes conversava bastante. Mas assim, isso já faz 20 anos... Eu não lembro o nome dele.

Regina - Mas o Pascoale era engenheiro civil mesmo?

Alessandro - Ele era engenheiro civil formado na Itália. Esse era diferente do meu tio. Esse trabalhava no escritório, tocava as coisas, era estudioso, entendeu? Mas era um escritório menor.

Regina - E ele trabalhou bastante tempo em Arapongas, esse Pascoale?

Alessandro - O Pascoale morreu pouco tempo atrás.

Regina - Ele sempre foi engenheiro, desde que chegou até morrer?

Alessandro - Sim.

Regina - Dele você tem alguma informação das casinhas, assim, do que ele tinha de repertório, se era projeto dele, ou se ele tinha esses desenhistas?

Alessandro - Esse, provavelmente, sim. Mas essas coisas profissionais, eu não conversava com ele...

Regina - Você só sabe que ele era muito estudioso e bastante aplicado no escritório?

Alessandro - Isso é uma boa pesquisa. Ele tem um filho que trabalhou com ele que pode te ajudar. O nome do filho dele que eu não estou lembrando.

Regina - Mas eu vou tentar... porque ainda existe esse escritório em Arapongas. Eu vou entrar em contato com eles.

Alessandro - [...] é fácil achar. Pascoale Aromatário.

Regina - Teve um outro que eu achei que ele chamava Zigmundo Stasiak. Dionísio Zigmundo Stasiak. Nunca ouviu falar?

Alessandro - Não.

Regina - Esses foram o que mais tinham projetos aprovados na prefeitura. É que eu não sei, em que ano você nasceu?

Alessandro - Em 1972...

Regina - Esse pessoal é um pouco anterior...

Alessandro - É, demais. Não, o Pascoale... Eles são 30 anos mais velho que eu, provavelmente.

Regina - É porque o meu recorte, é de 1950 a 1970. Então você trabalhou, provavelmente, ali na década de 1980 com ele.

Alessandro - Eu entrei na faculdade em 1991. Estava trabalhando com ele em 1984, 1985, alguma coisa assim...

Regina - O meu recorte temporal é anterior. Mas eu acho que você ajudou bastante o fato de confirmar que a sua família já eram conhecidos como construtores na cidade.

Alessandro - O meu avô... foi com o que ele trabalhou, sabe? E aí criou vários primos a serem engenheiros. Eu fui o primeiro a descolar da engenharia e ir para arquitetura. Depois, meu primo Mário também, que foi meu aluno.

Regina - Família de construtores... Bom, acho que as perguntas que eu tinha eram essas. Obrigada. E obrigada pela ajuda!

Alessandro - Está bom, pode contar comigo!

APÊNDICE D - Entrevista Gil Fernando de Christo e Giovanna Lunkmoss de Christo²⁰

Data: **20 de dezembro de 2019**

Local: **Online**

Regina - Eu sou de Londrina, fiz arquitetura na UEL e comecei a fazer o mestrado e estudo casas com apropriações modernistas. Meu foco era estudar cidades pequenas, porque elas são meio que ignoradas nesse campo da arquitetura. E a única que eu consegui foi Arapongas, porque eu ia tentar Rolândia, Cambé, mas aí queimou acervo, o outro não tinha acervo, coisas complicadas, e Arapongas tem acervo, tem tudo que eu precisava, então fui para lá fazer esse trabalho.

Giovanna - Que legal! E você pega um período específico que você pega da arquitetura ou geral na história da cidade?

Regina - Eu estudo da década de 1950 a 1970, que foi o período que teve essa maior apropriação. Então meu recorte é o centro da cidade, aquela área feita pela Companhia de Terras, de 1950 a 1970.

Giovanna - Ah legal! Parabéns pela iniciativa porque é um tanto quanto desafiador conseguir informações assim, de um período da história onde a informação não era tão... hoje em dia é muito fácil a informação, a gente tem um acesso muito mais privilegiado do que antigamente.

[...]

Meu pai então é o Gil Fernando, filho do Rolf, ele morou, você quer que a gente conte um pouquinho... Morou com meu avô, quantos anos?

Gil Fernando - Nós ficamos em Arapongas de 1952 até 1962, 1963. Meu pai assumiu a gerencia ou diretoria da DEOE lá, Diretoria do Departamento de Obras, era regional e parece que ele viajava até Sabáudia, até Maringá, ele fazia toda essa região e nós ficamos até 1963 e daí viemos para Curitiba, minha mãe queria voltar para Curitiba [...]

Regina - Durante as minhas pesquisas, revisei projeto por projeto na prefeitura e eu vi mesmo que o Rolf trabalhou na prefeitura e fazia muito projeto, a maior parte do meu levantamento [...] e foi bem nesse período de 1953 a 1964, que parece que depois ele passou em um concurso em Curitiba, pelo que eu vi em um jornal e daí não tem mais projeto dele aprovado, mas nesse período ele dominava praticamente Arapongas, na questão da engenharia.

Giovanna - Confesso Regina, assim nem eu não sabia dessa... Sabia do meu vô, claro, ele sempre foi uma pessoa, um profissional muito ativo, inclusive trabalhou aqui no Rotary muito tempo, foi muito ativo...

²⁰ Gil Fernando de Christo é engenheiro civil e filho de Rolf Lunkmoss de Christo. Giovanna Lunkmoss de Christo é engenheira ambiental e neta de Rolf Lunkmoss de Christo.

Gil Fernando - Depois que ele saiu, assumiu a presidência do DEOE, foi chamado para Curitiba, aí ele assumiu a presidência, foi presidente muito tempo [...]

Arapongas foi, eu não sei se você vai identificar nos compêndios aí, Arapongas foi uma das primeiras cidades do norte de pavimentação integral da cidade. Me lembro que Maringá que não tinha e Arapongas já tinha.

[...]

Ele foi professor também. Não me recordo qual que foi o colégio, foi professor, foi vereador...

Giovanna - Dessa eu não sabia também!

Regina - E ele era engenheiro civil mesmo?

Gil Fernando - Era, engenheiro civil.

Regina - E ele se formou onde?

Gil Fernando - Se formou em Curitiba, na Federal. Eu também fiz a Federal para engenheiro civil [...]

Regina - E o senhor sabe em que ano ele se formou, que ele entrou?

Gil Fernando - Pois é, nós temos o diploma dele... eu não sei ao certo, deve ter se formado com 23, 24 anos... 1950... perto de 1950...

Giovanna - Então 2 anos depois você nasceu...

Gil Fernando - É, dois anos depois eu nasci.
1950, 1951, não tenho bem certeza...

Regina - Ele era novo naquela época? Ele tinha uns vinte e pouco anos quando se formou ou se formou um pouco mais velho?

Gil Fernando - Ele se formou e depois já foi para lá.

Giovanna - Mas quantos anos ele tinha na época?

Gil Fernando - 23...

Regina - Ah, ele era novo.

Gil Fernando - 22 anos eu acho.

Regina - Então enquanto ele atuava em Arapongas ele era bem novo.

Gil Fernando - É, ele era novo. Foi novo. Casou e já foi para lá. Tanto que nasci em Curitiba e já fui para lá. Fui viver para lá, fui araponguense...

Giovanna - Então ele se formou em Curitiba e já foi para Arapongas...
[...]

Regina - Então ele foi para Arapongas porque ele passou em um concurso para assumir um posto na prefeitura?

Gil Fernando - É, eu não sei bem como que foi essa fase aí de concurso, se ele foi chamado, se já tinha, se tinha sido estagiário do DEOE, esse momento eu desconheço, mas sei que já tinha ido para lá, ele morava numa rua, que era uma rua, rua dos passarinhos, mas a parte de baixo, depois fomos para o, começamos a subir... Tem uma bacia lá que, da Getúlio Vargas (atualmente Avenida Arapongas) para a direita, ele baixa bastante, tem um bom declive lá, a gente morava ali, em um apartamento na região mais central e depois meu pai construiu alguns sobrados e uma casa na Rua das Pombas [...] essa casa ficava na Rua das Pombas esquina com a... não sei o nome da rua agora, era quase esquina com a Getúlio Vargas...

Regina - É que mudou os nomes, é tudo nome de passarinho, então a Getúlio Vargas não existe mais, virou Avenida Arapongas e ela é paralela a Rua das Pombas.

Gil Fernando - Então tinha o Cine Arapongas, aí tinha o Hotel Lodi, a gente almoçava ali, voltando um pouco, na esquina era a Rua das Pombas e quase ali na esquina era a casa que ele construiu.

Regina - Inclusive o Hotel Lodi é projeto dele também, do Rolf.

Gil Fernando - É, acho que sim! Exatamente! A gente conhecia lá o italiano, o Lodi, é projeto dele.

Regina - Mais uma pergunta, ele se utilizava desse vocabulário modernista que estava mais na linha dos arquitetos, mas deu para perceber que ele se apropriava bastante disso. Ele teve alguma influência na faculdade ou isso veio de desenhistas ou ele via isso na mídia, o senhor sabe de onde veio esse repertório?

Gil Fernando - Olha, eu sei que, na parte de desenho, a gente não entrava muito nisso aí, então não posso te dizer, não tenho essa informação correta, qual era a linha... até desconhecia algumas coisas que você está passando...

Giovanna - Pois é, você está passando mais conhecimento para a gente do que a gente...

Gil Fernando - Tinha uns sobrados lá, descendo aí essa rua, que é a rua do Lodi, onde ele fez uns três, quatro sobrados lá embaixo, depois ele fez na esquina ali da Pombas, com essa do Hotel Lodi, fez mais três e fez aquela casa, então são sete, oito sobrados nessa região e as outras obras eu realmente não me lembro bem.

Giovanna - Olha, minha mãe está falando aqui do lado que acha que ele era autodidata, mas não sei...

Gil Fernando - Não, ele era... Porque naquela época não tinha muita...

Giovanna - E também né pai... é que assim, um pouquinho de história da nossa família... o meu bisavô era austríaco, então assim, não sei se você sabia também

disso, que tem essa história... a gente tem família na Áustria, em Viena, então assim, não sei também se teu avô, ele era o que? Era engenheiro?

Gil Fernando - Não, ele não era engenheiro [...]

Giovanna - E ele ia muito para a Áustria, meu avô, ele resgatava essa conexão com a família na Áustria...

Gil Fernando - Ele falava também alemão. Na época que ele estava na presidência do [...], ele foi fazer um curso na Alemanha, dois meses [...] e ele também esteve nos Estados Unidos, em 1960 acho, um estágio lá...

Regina - Então ele sabia o que estava acontecendo no mundo, coisas novas...

Gil Fernando - Ele tinha uma boa visão, ele sempre aproveitava... Ele gostava muito da Alemanha, Áustria, para ele era o sumo [...] ele lia muitos livros em alemão...

Giovanna - Não sei, eu presumo que tem alguma influência aí de fora do país. Ele como profissional, tinha uma visão mais...
[...]

Regina - E o senhor se recorda se ele tinha revistas de arquitetura ou engenharia no acervo dele, o senhor se lembra disso?

Gil Fernando - Olha, me lembro que ele fez um curso também, nesse ele foi para a Alemanha e trouxe alguma coisa [...] edificações com blocos maiores, pré-fabricados, então você construía a casa em tempo recorde [...]

Regina - Mas publicações nacionais, até revistas comuns, que tinha algo da euforia da arquitetura moderna, o senhor não se lembra se vocês tinham?

Gil Fernando - Olha, eu fico te devendo, não sei [...]

Regina - Ele mantinha algum contato forte com São Paulo ou Rio de Janeiro?

Gil Fernando - Ele tinha em Brasília [...]

Regina - Quando ele estava em Arapongas ele fazia projeto para outras cidades?

Gil Fernando - Eu não tenho esse conhecimento, mas provavelmente fazia...

Regina - Então ele trabalhava na prefeitura e fazia projetos por fora?

Gil Fernando - Eu não sei se era através do convênio, provavelmente era através do convênio que ele tinha com a prefeitura, porque o DEOE atendia a prefeitura, atendia o Estado e também os pedidos da prefeitura, então provavelmente vinha o pedido para o DEOE, e o Departamento fazia uma concorrência, ganhava e ia lá e fazia na prefeitura. Acredito que seja esse...

Regina - Ele não tinha um escritório fixo em Arapongas?

Gil Fernando - Não, o escritório era em casa mesmo, tinha um escritorzinho em casa mesmo.

Regina - Achei que ele tivesse um escritório.

Gil Fernando - Com prancheta, eu me lembro, com os desenhos dele lá [...]

Regina - Outra pergunta. Enquanto ele estava em Arapongas, ele costumava visitar muito Londrina ou Maringá?

Gil Fernando - Sim, claro. Sempre visitava. Às vezes eu ia com ele até Maringá. Eu me lembro de Maringá, porque a gente entrava era terra, não tinha pavimentação naquela época, 1960, por aí, 1961... em 1962 Arapongas já tinha pavimentação e Maringá começou por aí...acho que foi depois...

Regina - Ele mantinha alguma relação com os profissionais engenheiros de Londrina ou de Maringá?

Gil Fernando - Provavelmente. Ele tinha um bom conhecimento lá...

Giovanna - Ele sempre foi uma pessoa de contato contínuo, ele teve uma rede muito grande...

Gil Fernando - Como ele se formou e foi para Arapongas, acho que ele foi um dos pioneiros de lá, sabe... na engenharia [...]

Regina - Mais uma pergunta, essas casas, elas foram, durante muitos anos, as pessoas viam isso como algo que era moderno na época, dava status. E Arapongas, um fato curioso, é que essas residências em algumas publicações foram chamadas de "finas residências". O senhor se lembra de algum ditado assim, do porque se chamava de finas residências, se era porque eram de pessoas mais abastadas, ou porque estava se fazendo na época... o senhor se lembra de alguma coisa assim?

Gil Fernando - Eu não tenho certeza, mas provavelmente é isso que você falou. Acho que pessoas com mais dinheiro, mais riqueza, que conseguiam fazer isso aí, não tenho certeza absoluta, mas acredito que sim [...]

Regina - Poucas pessoas sabem o porquê dessas "finas residências", até hoje ninguém me falou "era por causa disso..."

Gil Fernando - É que quando a gente foi para lá era casa de madeira, morávamos em casa de madeira e depois a gente passou para um apartamento [...] e daí depois que ele construiu na Rua das Pombas, mas a primeira casa foi de madeira.

Giovanna - Talvez como ele foi um dos precursores, as pessoas viam isso como um poder aquisitivo, eu não sei, estou chutando... [...]

Regina - Bom, das perguntas que eu tinha, eram essas... [...] Muito obrigada!

APÊNDICE E - Entrevista Gean Carlo Cereia²¹

Data: **23 de dezembro de 2019**

Local: **Arapongas - PR**

Regina - Gean, trouxe parte da minha dissertação para eu conseguir conversar com você. Estou fazendo um trabalho na área da história da arquitetura em cidades pequenas, na área da arquitetura modernista brasileira.

Geralmente esses estudos são feitos em grandes e médios centros e nos pequenos ninguém sabe que aconteceu. Então escolhi uma das cidades pequenas do eixo Londrina - Maringá, porque faço mestrado na UEL e o programa tem um foco regional. Escolhi Arapongas, pois foi a que mantém o acervo na prefeitura e eu pude ter acesso.

O que estou precisando, que talvez você possa me ajudar, eu preciso conversar com pessoas mais antigas que conheçam a história da cidade, que tenham vivido esse período. Meu recorte é da década de 1950 até 1970.

Cereia - Olha, eu tenho algumas pessoas que eu posso indicar para você. Principalmente, pessoas que estavam na construção civil, que são da família Filla, responsáveis pela construção do primeiro edifício da cidade. Existem também outros construtores que a gente pode entrar em contato que são desse período.

Agora, também seria interessante, buscar não só na área civil, além da construção civil, mas na área de arquitetura, porque o que acontece é o seguinte: antes, não sei se você sabe disso, mas eram usadas muitas formas, para se fazer os retalhos, os recortes, fazer coisas que não são mais utilizadas, mas que eram consideradas modernas, que é desse período. E acho que essas pessoas, o senhor Filla, ele consegue passar isso para você, porque eles estiveram nesse período da década de 1960.

Regina - Existem ainda alguns Filla?

Cereia - Sim, existem. Na verdade, nós temos também esse senhor que estava sentado agora pouco, que foi prefeito da cidade em três gestões, o Waldyr Plugliesi, que é uma pessoa de fácil acesso e que poderia lhe dar mais informações. Tem o senhor Liberto Mantovani, que é uma pessoa de 96 anos, um pioneiro, lúcido, que trabalhou na prefeitura nessa área de liberação de construção. Acredito que essas fontes enriqueceriam o seu trabalho, por que eles estarão falando em testemunha real, para que você possa ter um resultado próximo do real. Outras pessoas que eu recomendo são os mestres de obra, eu conheço dois senhores que trabalharam na construção da caixa d'água que foi na década de 1960, e que trabalhava numa empresa chamada Codebrás que era uma empresa de construção civil muito famosa no período, tem outro senhor que é porteiro de edifício e já foi porteiro de outros edifícios da cidade, acredito que dá para reunir um trabalho muito bom. Pois o que eu preciso é de um tempo hábil para encontrar essas pessoas e ter os contatos para passar a você, não posso lhe prometer que farei isso agora, pode ser que eu encontre alguns deles que possuem fácil acesso. É interessante que esses dados

²¹ Gean Carlo Cereia é historiador e foi funcionário do Museu de Arte e História de Arapongas (MAHRA).

sobre a caixa d'água vem de uma pessoa a muito tempo conhecida, mas que eu não sabia que ele tinha trabalhado na caixa d'água, e agora essa semana ele visitando aqui no espaço me informou que ele tinha construído essa caixa d'água como mestre de obras e com engenheiros, mas ele como a frente da obra, e eu quis registrar esse momento com ele. Como você perguntou antes, o nome dele é Genésio Freitas, é um senhor de 83 anos, ele é uma dessas pessoas que estou te falando. E têm várias outras pessoas que se faltar alguma coisa na sua pesquisa podemos ir atrás que são os construtores, os mestres de obras que muitas vezes não pertenciam a construtora e era autônomos, mas que influenciaram. Por mais que tenha o projeto do arquiteto, sempre tem a influência do mestre de obras, do carpinteiro.

Regina - Às vezes tem tanta influência que tem um profissional que só assinava, que nesse tipo de arquitetura, que não é a arquitetura moderna de fato, mas sim uma com apropriações da moderna que ocorre nos grandes centros. Então esses construtores observavam essas obras e davam ideia para o engenheiro aceitar e até partiam deles a ideia.

Cereia – Regina, você acha que aplicaria isso somente na alvenaria?

Regina - Por enquanto, no recorte do meu trabalho é só na alvenaria, mas existem várias frentes de pesquisas que também fazem esse estudo na madeira, e eu vi aqui em Arapongas que existe algo do tipo.

Cereia - Atualmente, eu, como historiador, a minha maior preocupação é com o registro desse desmonte e desfazer das casas de peroba e é triste por que o setor de obras da prefeitura, antes de ocorrer à demolição de alguma coisa, ele exigia registro fotográfico ou planta baixa. Então era uma forma de guardar, porque era normal a desconstrução ocorrer. Além disso, é bom registrar onde eram as localidades para você fazer um estudo, e atualmente isso não é mais exigido. E eu como historiador não estou mais à frente disso. Agora em janeiro iremos fazer um concurso para uma vaga como historiador e quem sabe alguém consiga essa vaga e que alguém venha fazer esse trabalho e registro, mas ainda são suposições. Então a gente pede para as pessoas que estão nessa área que tenham essa preocupação do registro dessa movimentação que aconteceu aqui e está acontecendo, por que eu acho que estamos perdendo rapidamente esses objetos para estudo. E Arapongas já foi o centro de mais de 50 olarias e eu coleciono esses tijolos maciços que vem com iniciais que eram feitos com uma forma de madeira e onde era feita a cava eles colocavam as iniciais, e existe um senhor chamado Pedro Vatanabe, então por ser Pedro ele colocou uma chave significando São Pedro. Então conversamos com olarias que produziram telhas, algumas boas e outras não, elas empenam e existe uma técnica, e eles faziam. Então tudo isso ainda está em estudo, e estamos coletando material nesses desmanches, paramos e procuramos para achar algum com inicial, algo que ainda não tenhamos para registrar e para podermos ter futuramente um catálogo de cerâmica. E estamos precisando dessa ajuda, por que nos grandes centros como você mesma disse, tem essa preocupação de grandes centros com vários professores pensando nisso, e nos menores isso acaba passando despercebido.

Regina - As pessoas nem sabem que existiu ou até nem valorizam.

Cereia - Não sabem, não é à toa que quando vou procurar tijolos o pessoal pergunta se é para reutilizar o tijolo, aí eu explico a história e ele até ajuda a procurar por que se interessam, aí quando encontram mostram que o tijolo tem a letra tal, tem um símbolo tal. E eu acho que é interessante esse registro, por que é uma parte rica da nossa história, e hoje não temos uma olaria em Arapongas, era comum ter olarias, tal como já tivemos várias fábricas de refrigerante, aqui já foi envasada a Crush, a Grapette. Aqui já tivemos fábrica de envasamento de vinho e de bebidas, os refrigerantes eram feitos aqui em Arapongas, já tivemos várias coisas, e até hoje coleciono esses rótulos, garrafas quando eu acho. Eu registrei a história das bebidas Terrari, e ainda os proprietários estão vivos com 80 e poucos anos, eu já fui até a casa deles para registrar. Mas como produzia refrigerante, a mulher retirou de uma gaveta uma folha de caderno e mostrou a fórmula, era um xarope que era gaseificado e feito com um inquilino. Para eles, não era mistério fazer refrigerante, era tipo um suco que batia, gaseificava e envasava, e tudo certo, a gente pensa que é coisa de outro mundo, e para eles era algo comum fazer em casa. E hoje esse fazer, essa disponibilidade, essa criatividade de criar um mecanismo de fazer as coisas que é o interessante que é a forma de fazer. Então a gente, infelizmente, está perdendo, pois essa geração está ficando velha, e aqueles poucos que ainda restam vão se perdendo, e a cada dia que passa vamos perdendo o pouco da história que ainda resta. E sozinho, sem recursos, autônomo, não conseguimos fazer muito, por que enquanto você está focado em uma coisa, você acaba vendo outras coisas se perderem, e isso dá um desespero.

Regina - Esse trabalho mesmo, vou te mostrar umas fotos que levantei do meu recorte aqui do centro, pois não daria conta. Mas os poucos recortes mostram esse tipo de casinhas. E algumas eu olhava pelo Google pelo fato de não precisar tirar fotos por serem prédios, e principalmente por estar no centro, e ser um centro comercial.

Cereia - E sabe o que é legal, a minha tia mora na casa que o meu avô fez na década de 60 e ela tinha esse estilo sem telhado, tipo californiano. Mas houve uma falta de cimento nesse período, e na recessão não tinha cimento, aí as pessoas não faziam casas com laje e optaram fazer com forro, mesmo que no projeto estava com laje por não ter cimento. Como aconteceu na década de 40 a maior parte dos marceneiros e carpinteiros utilizavam encaixes e não cavilhas, pregos e parafusos, pela falta de metal por causa da guerra encareceu tanto o material que eles faziam coberturas, que temos aqui coberturas em arco de madeira em Arapongas, sem prego. Pela falta do material, por isso é interessante buscar informações. E temos na família uma casa dessas que foi construída nesse período, e foi esperando, e esperando o cimento por meses, e ela foi terminada sem o material.

Regina - Então o cimento era para colocar o reboco e o tijolo.

Cereia - Eles tinham conseguido essa parte, levantar a casa, e a estrutura, mas no momento de encher a laje, não tinha mais cimento no mercado.

Regina - E esse período as pessoas faziam estrutura de concreto como fazemos com pilar e viga, ou não, eles faziam com tijolo maciço?

Cereia - Eles faziam com o chamado tijolo baiano, é um tijolo trançado, e era feito uma estrutura a base de sustentação no chão e não faziam brocas, eles faziam sustentação estilo sapatas só com tijolo, eles faziam o núcleo com cimento e faziam a viga sobre aquelas sapatas.

Regina - Aí o concreto era só na laje?

Cereia - Era somente laje, era um outro estilo, a prefeitura mesmo, e ela termina de ser construída na década de 50, começa em 52 e termina por volta de 55, e ela é feita de uma forma interessante, por que na verdade como é uma construção maciça ela não precisa de ar condicionado, as paredes grossas mantêm a temperatura, e tem o pé direito de seis metros. Então é muito interessante a forma deles usarem o material que eu creio ser muito mais inteligente em relação à forma de hoje, muito mais pensada, mais calculada, tem as entradas de ar, as saídas, a altura das janelas, então eu acho interessante desse período, depois a gente se perde, aí chegamos na década de 80, e acaba tendo uma confusão de construções, aí você não nota mais um estilo, ou até cada um para si e Deus para todos. E por final estamos aí nessa falta de criatividade nas casas geminadas que são muito comerciais, e que não tem uma aparência legal, eles fazem um caixote e está bom, e hoje temos tantos elementos que podem ser usados, mas acabam não sendo usados, e quando são é de uma forma muito repetitiva e tão trivial que nem se nota mais.

Regina - Só uma dúvida Gean, se você sabe responder. Essas casas da foto, entre outras, eu fiz o levantamento com programa específico, foi possível perceber que as paredes externas são mais grossas, pode ser do sistema de tijolo baiano, mas internamente elas são finas, você o porquê acontece?

Cereia - Sei, as externas são realmente para sustentação das tesouras, as internas tem que ser finas por conta da refrigeração, para ganhar espaço e ter uma refrigeração, você mantém as paredes grossas dentro, aí é criado tipo uma sauna ou algo que ficaria sufocante por que o tijolo segura essa temperatura, a cerâmica tem esse poder. Então paredes finas acabam não segurando tanto a caloria gerada pelo corpo, como as paredes evitam o calor de fora, então eles usavam menos tijolos no centro apenas para sustentar o ponto de 50° e 50% da tesoura, e o restante eles deixavam dessa forma mesmo.

Regina - Era feito com tijolo baiano mesmo?

Cereia - Também.

Regina - Então as de fora eram duplas?

Cereia - Eram duplas trançadas. E é interessante você notar que não tem banheiro muitas das vezes.

Regina - Nesses das fotos a maioria ainda tem ou não apareceu.

Cereia - Então, se você for buscar as plantas de até a década de 60, deve ter tido contato com isso, a vigilância sanitária e o sanitarismo da época não aceitava o

banheiro dentro de casa, aceitava a sala de banho, mas não o mictório, a cisterna deveria estar a 30 metros no fundo de casa, longe do poço de captação de água, por que eles acreditavam que se você tendo banheiro dentro de casa era insalubre, podia contaminar, então foi mudado só na década de 60, só não vou lembrar as datas certas, agora se você for buscar na história do sanitário, você vai ver que eles começaram a mudar o modo de pensar, aí onde era a sala de banho se transforma no banheiro.

Regina - Porque no projeto conta como WC, mas ele não desenha as peças, então de fato não dá para saber. Somente um projeto que apareceu que não tinha banheiro.

Cereia - Se você procurar a planta baixa igual a essa muitas vezes vai aparecer a cisterna a 30 metros.

Regina - Aparecem fossas.

Cereia - Fossas e talvez até cisternas. Temos um projeto que já usamos aqui no museu quando eu estava aqui, era justamente essa fase do estudo de como faria o sistema. Por que a regra da revolução foi o sistema sanitário, antes do vaso sanitário era realmente complicado, da chamada cisterna. Depois do vaso sanitário as coisas melhoraram, aí veio a rede de esgoto.

Regina - Em que ano veio a rede de esgoto?

Cereia - Aqui foi na década de 80.

Regina - Então até essa época as casas eram todas com fossa séptica?

Cereia - Eram todas com fossa, mas começa no centro da cidade, aí você começa a criar todo um estudo sobre as caídas e tudo mais e na década de 80 que começa a ser construído as galerias, mas demora, é só no final da década de 80 e começo dos anos 90 que começa a uma popularização para os bairros que é um grande transtorno dessa cidade que tem muitos buracos e quebra calçadas, e numa época bem ruim e foi bem na gestão desse prefeito que está aí. Então é uma exigência por lei, e achamos que é o prefeito que está fazendo, mas na verdade não. Eu acho que dá para criar bastante material com estas entrevistas.

Regina - Gean, deixa eu te mostrar mais uma coisa para ver se você conhece.

Cereia - Essas construções são da década de 50, esse é o primeiro prédio de dois andares é da avenida Arapongas, onde foi o rádio cultura.

Regina - Onde é uma livraria?

Cereia - Não, sabe para cá do banco Itaú, agora abriram uma loja, mas se você vir a arquitetura é o primeiro de alvenaria de dois andares. Nossa primeira casa de alvenaria foi desmanchada faz três meses.

Regina – Nossa, que dó! Acho que vi no livro da Naici [Souza, 2000].

E outra coisa que eu queria de você, por mais que eu não esteja estudando edifícios que não são residenciais, fiz um levantamento. Esse é hotel Lodi, aqui o colégio La Salle, o prédio da prefeitura, o mercadão, o cine Mauá, o posto da Shell, que não sei se existe ainda, o terminal rodoviário, o clube comercial, aqui o aeroporto bem no começo, são edifícios que tinham essa cara modernista. Você conhece alguma coisa sobre eles?

Cereia - Então nesse ponto acredito que você vai encontrar informações com os Fillas por que eles foram os responsáveis por essas construções. Então, como eu estava envolvido nesse período com a arquitetura eu acredito que eles vão te direcionar bem sobre quem fez, ou quem participaram dessas construções. Ainda tem o cine Windsor que é desse período.

Regina - É que eu peguei os que tinham características.

Cereia - O cine Windsor tem, hoje é a igreja universal, na rua Tico Tico, tem aquelas colunas em forma diagonal, ele tem algumas coisas que você vai observar que são modernistas. Regina, eu acho que é isso, eu vou atrás desse pessoal, e tentar marcar uma entrevista e tentar colocar você em contato com eles. O que eu te peço, é que com o resultado do seu trabalho você possa doar uma parte para o museu para que possamos deixar, pois toda fonte é importante, e quando a gente produz é bom reservar.

Regina - Gean, você sabia se aqui em Arapongas existia algum comentário de que as pessoas queriam esse tipo de coisa, se era fomentado?

Cereia - Existe um grupo de arquitetos que se reúnem e fazem um programa de televisão e falam sobre isso. E nós tivemos muito, nós tivemos aqui um engenheiro chamado Razgulaeff, ele era russo. Então ele trouxe muita coisa, essa coisa europeia mais carregada para cá, e formou alguns dos nossos traços, e aí nós tivemos a influência de alguns engenheiros, sobretudo um engenheiro chamado Bauer que também trouxe, mas entenda bem, não tem como você reproduzir num país tropical. Vou te contar uma coisa interessante, Emilio de Menezes, você chegou a conhecer?

Por que ele tem aquela arquitetura? Por que quando ele foi construir, foi em forma de doação e aí um engenheiro alemão achou que estávamos perto de Buenos Aires e achou que aqui nevava, e para a neve não pesar no telhado ele construiu daquela forma.

Então você está entendendo que tem alguém externo que está produzindo para cá, e achando que estávamos perto de Buenos Aires, e aqui é Bariloche e que vai nevar num país tropical, imagina naquela época, hoje temos um clima mais quente, e agora imagina naquela época. Então são coisas que quando eles se deparam com o material, com a disponibilidade de mão de obra, aí eles começam a criar uma realidade, eles não deixam de ter a sua opinião e a sua expressão, mas eles não podem usar o mesmo que tinham material, a mesma rocha que utilizavam, a mão de obra de quem trabalhava naquelas rochas não existe aqui, talvez em Minas, pois aqui não temos nada em rocha, o material é diferente do que eles usavam lá, por mais que o concreto armado estava em voga, o profissional que produzia esse concreto, apesar que o profissional possui várias produções em concreto armado tal como nos vãos dos postos de combustível, a nossa rodoviária é de concreto

armado. Quer dizer, nós temos muito ainda, mas não com tanta expressividade quanto em outros países.

Regina - E essas construções como a rodoviária com essa laje em balanço, foi feito com os profissionais daqui ou de fora?

Cereia - Então, ainda não temos essas informações [...]

Então hoje a grande tarefa de quer lidar com a história em Arapongas é criar um foco para começar. Ela começar a criar uma história pós-ingleses, pós 1935, então ela data o limite em Arapongas em 1935, aí começa dali para frente. O Lodi hotel era da família da senhora Catarina Racanelo Sampaio, o marido chamava Antonio Sampaio, ele comprou mil alqueires em Arapongas em 1926, e ela começou em 1935, infelizmente ele faleceu, mas ela veio lá pela década de 30, conheceu o espaço, começou a trabalhar no espaço, contratou pessoas para gerenciar a fazenda, e eles ainda têm um grande espaço de terras.

[...]

Regina - Então, as coisas estão acontecendo tudo no mesmo tempo, e é impossível ligar todas as coisas.

Cereia - E o mesmo aconteceu na arquitetura, na construção civil, assim aconteceu de sair o carpinteiro de ser a pessoa de maior importância na construção para virar o pedreiro, que é a pessoa que trabalha com a massa, que sabe tratar a massa, aí vem as olarias, e as serralherias começam a perder espaço, tudo uma dança, sutil, leve, não parece, mas está em movimento, aquela mega massa está se movendo. Então é interessante, só que precisa de pesquisa, trabalho, dados. E esse movimento de troca que é o mais importante.

Regina - Essa história do cimento jamais que eu iria descobrir, porque o que tem obviamente são hipóteses, a maior parte das casas é projetada com forro, a minoria é laje, pode ter sido considerado essa crise do cimento.

Cereia - Só que se você notar na década de 1970 o que marca as construções são as marquises, e a marquise é feita de uma forma que não é laje, mas sim de concreto armado, é diferente, pode parecer igual mas não é, a laje é uma barra, você constrói pré fabricada, a construção armada não, você constrói toda uma estrutura de madeira que solta a estrutura de ferro e ela fica unanime, que é diferente da laje.

Regina - Então essa laje que você chama de laje, é a laje pré-moldada, e a outra é laje maciça.

Cereia - Isso, você tem a parte técnica. Então a gente nota que essas marquises começam a aparecer nas casas, nas janelas, e tudo mais. Então é sutil, mas começa uma tendência, aí você começa ver uma repetição, que é uma tendência que estava sendo usada, como qualquer material ou elementos que deixaram de ser usados, você pega a década de 1970 a construção interna da casa começa a ficar mais vazada, ela cria ambientes como a sala e o hall que são divididas por uma estante vazada, aí você é recebido e você já tem uma visão da sala que geralmente é em piso baixo. Então eu gosto de período, que é um período muito rico, rico nas cores, rico no material, a hora que você começa a tirar a madeira do foco e começa

o duratex, o colorex, as coisas mais produzidas em cor que são as chapas e isso é rico.

Regina - Deixa eu te perguntar, já que você é a área da história, talvez possa me responder. As casas não só daqui em Araçongas, mas percebi em vários lugares sempre tem uma varanda, você conhece as produções ou trabalhos dessa questão da varanda?

Cereia - Não, eu sei que a varanda vem com a arquitetura europeia. Você conhece uma casa em Cambé, que foi transportada inteira de Londrina para Cambé, sentido Londrina no primeiro sinaleiro onde tem um boi e uma churrascaria, você já entrou a direita ali?

Regina - Não.

Cereia - Então agora você volte uns 100 metros e entre a direita, aí você vai ver assim, "Casa do colono", vai estar fechado, mas ali do alambrado já dá para ver ela. Essa cada é uma das primeiras referências se eu não estou enganado, inglesa, de construção com varanda.

Regina - Aqui no norte do Paraná, algumas que advêm desse estilo?

Cereia - Porque esse é o alpendre que era chamado, o alpendre é algo que vem da Europa, e não vem de outro lugar, ele é ali de Portugal, Espanha, dessa região, e os ingleses se apoderaram disso, por causa do clima, e eles não tinham clima para usar isso lá, por que eles vão usar alpendre no frio que é lá, aí eles se apropriam aqui, aí eles criam circulação de ar nas telhas, essa casa era ótima para você conhecer, essa casa tem uma arquitetura fantástica, ela tem uma coisa bem legal, e ela tem uma coisa que era muito usado aqui na década de 60 que era o solar, sabe aquela parte da frente que eles fazem sextavado?

Um lugar cheio de janelas para você tomar sol, ela tem.

Algo que se perde lá na década de 1960 onde não tem mais solar, mas tem uma aqui no centro de alvenaria que tem um solar, é na rua Pelicano, tem um amigo meu que mora nela e na frente é fechado de vidros onde seria o alpendre é um solar, e é original da construção e não feito depois.

[...]

Regina - Então acho que é só isso Gean, muito obrigada!

APÊNDICE F - Entrevista Genésio Roque Freitas²²

Data: **21 de janeiro de 2020**

Local: **Arapongas - PR**

Regina - Eu sou da UEL, faço mestrado em Arquitetura lá e eu estou estudando a história residencial da cidade na década de 1950 até a década de 1970, e ele [Gean Cereia] falou que talvez o senhor tenha alguma informação que possa me ajudar com isso.

Genésio - Eu sou de 1957, daqui.

Regina - O senhor veio morar aqui em 1957?

Genésio - Isso, até agora.

Regina - E desde então o senhor foi construtor?

Genésio - Eu era construtor, trabalhei 46 anos.
[...]

Genésio - [...] Construí muito com o doutor Nivaldo Filla, construí com o doutor Pascoale...

Regina - O Aromatário?

Genésio - Doutor Muribe, doutor Francisco, o japonês, conheceu ele?

Regina - Não, eu não sou daqui de Arapongas. Eu sou de Londrina, conheço mais Londrina.

Genésio - [...] Eu trabalhei 14 anos como mestre de obras.

Genésio - O resto trabalhei de pedreiro, eu construí a Relâmpago, construí a Prodasa... Trabalhei dois anos e oito meses na Prodasa.
[...]

Regina - Qual que é o seu sobrenome?

Genésio - É Genésio Roque de Freitas.

Regina - E o senhor está aqui desde 1957?

Genésio - É, 1957, mudei aqui em novembro de 1957.

Regina - E já começou a trabalhar na construção em 1957 mesmo?

²² Genésio Roque de Freitas foi construtor no período compreendido entre as décadas de 1950 a 1970.

Genésio - Na construção civil. Comecei a trabalhar na feira da lua, no barracão da feira da lua, comecei ali. Depois dali eu fui construir na Santa Casa, depois da Santa Casa trabalhei 8 anos no IBC, construindo o IBC. Os três aqui depois fui pra Apucarana, Astorga e depois Rolândia, depois fui para Cambé e depois fui para Londrina.

[...]

Regina - E o senhor trabalhava com construções de madeira ou só de alvenaria?

Genésio - Não, eu trabalhei nesses oito anos em firma registrado, está na carteira. E depois eu sai da firma e comecei a trabalhar por conta. Aí eu tinha 28 funcionários, eu tocava a firma.

[...]

Regina - Aí depois que o senhor saiu do IBC começou como autônomo, nessa empresa, e aí começou a construir.

Genésio - Como autônomo, isso, só que eu era registrado na firma, tinha o engenheiro que trabalhava na casa e registrava eu e os empregados.

Eu trabalhei para o doutor Pascoale muitos anos, depois para o Muribe, depois trabalhei para o Francisco, japonês, o sobrenome dele não lembro, mas era Francisco. Depois para o, qual outro o, ele era casado com uma japonesa. Eu construí o Vinho Restanho, eu construí a Relâmpago, eu trabalhei dois anos e oito meses na Prodasa, depois eu construí a Mercedes aqui.

Regina - O senhor construiu mais essas coisas maiores ou casas também o senhor construía bastante?

Genésio - Não, construí sobrados, casas, construía tudo.

Regina - E qual era a técnica que o senhor usava mais, alvenaria de tijolo ou madeira?

Genésio - Não, não, só alvenaria.

[...]

Regina - As casinhas que eu estou estudando são essas aqui. Eu estou estudando o que a gente chama de arquitetura moderna, esse tipo de casinha aqui, que começou a aparecer bastante nos anos 1960 aqui em Arapongas.

Genésio - Essas casinhas pequenas populares assim eu nunca construí, só construía casa grande.

Regina - Só casa grande, mas com esses?

Genésio - Uns 200 m², casona grande. Sobrado de dois andares, três andares.

Regina - E o senhor chegou a construir casas, por exemplo, que tinham essas características, por exemplo, esse telhadinho borboleta, tinha uns pilarzinhos fininhos na frente. O senhor se recorda?

Genésio - Sabe que esse tipo de casa mudou muito, porque eu parei em 2004...

Regina - Essa daqui foi até os anos 1970, esse estilo que é o estilo que estou estudando. Mas o senhor chegou a construir esse tipo de casa?

Genésio - Porque quando começou a fazer aquele tipo com a caixa de lajota pra colocar no forro da laje eu já estava parando. Eu fazia tudo com tábua, fazia a tábua assim, colocava ferragem e concretava e era tudo na betoneira, não tinha nicho pra jogar concreto naquele tempo. De 2006 pra cá que veio aquele negócio daquelas caçambas de betoneira para jogar o concreto em cima. Nós levávamos tudo no Bobcat, carretava tudo no Bobcat.

Regina - Era comum ter bastante casa com laje ou não?

Genésio - Não, a maioria era casa de laje. É, o forro quando era forro era de madeira, não tinha PVC, forro de plástico, não tinha... Só de pinho.

[...]

Regina - E o senhor comentou do Pascoale, era aquele italiano engenheiro. Ele trabalhou muito tempo em Arapongas?

Genésio - Muitos anos, ele construiu as igrejas de Santo Antônio, aqui lá no outro, foi tudo ele, ele era engenheiro.

Regina - E ele era bem conhecido assim na cidade? Ele tinha bastante projeto?

Genésio - Ah, ele era, mais que nota de dois. Doutor Pascoale era.

Regina - E os clientes dele eram pessoas mais abastadas, mais ricas ou pessoas menos ricas?

Genésio - Não, simples demais viu, você precisava de ver.

Regina - Mas e os clientes dele? As pessoas com quem ele...

Genésio - Ah os clientes dele, ele tinha funcionário que sabia ajeita o povo, pagava certinho, nunca deu problema. Os engenheiros que eu trabalhei foram todos bons.

Regina - Mas os clientes dele, eram geralmente pessoas mais ricas ou não necessariamente?

Genésio - Não, ele para dizer a verdade 'enjeitava' construção. Construção civil ele 'enjeitava', porque tinha pouco engenheiro em Arapongas, o único que tinha aqui era ele o Ampélio Filla.

Eram os dois engenheiros, depois apareceu o Francisco, apareceu o que ia casa com a japonesa, o Mário. É Marcos, Marcos Souza, apareceu ele também. Depois apareceu o, quem outro? O Muribe.

Apareceu o Muribe, o Vinho Restan, o engenheiro foi o Muribe. Eu construí lá, construí duas casas, lavador de carro, a caixa d'água grande e construí dois

pavilhões que depois vendeu pra Simbal. Construí pra ele, era o Muribe que era o engenheiro.

Regina - Tem um aqui que apareceu o nome dele, Fued Abraham. Ele trabalhava com o Pascoale, o senhor chegou a conhecer quem era esse engenheiro?

Genésio - Eu ouvi falar nesse cara, mas não estou lembrado quem era não.

Regina - Não? Porque ele assina todos os projetos.

Genésio – Ah, ele que fazia os projetos, não é?

Regina - Ele que fazia os projetos?

Genésio - É, ele que fazia os projetos, e o doutor Pascoale assinava.

Regina - É? Apareceu o contrário, ele apareceu assinando todos os projetos da Roma.

Genésio - É da Roma.

Regina - Mas então o Pascoale fazia os projetos ou ele só executava as obras?

Genésio - É, é. O doutor Pascoale assinava.

Regina - O Pascoale assinava?

Genésio - O doutor Pascual era formado. Engenheiro!
A igreja Santo Antônio aqui, que eu participo, foi ele que fez, doutor Pascoale, ele tinha um que fazia o projeto todinho e ele só dava a revisão e assinava.

Regina - Então era outra pessoa que fazia o projeto, não necessariamente ele.

Genésio - Quem é, o Mário, esse Mário também que depois se formou, ele tinha um problema com a justiça que ele não podia assinar, aí ele fazia o projeto e o doutor Pascoale assinava. Ele tinha um problema com a justiça não sei o que foi. Sei que foi com uma construção que ele fez e caiu, sei lá.

Regina - Então ele fazia o projeto e a empresa do Pascoale assinava.

Genésio - É, doutor Pascoale assinava.

[...]

Aí enquanto ele exercia não podia assinar.

Regina - Na época, na década de 1960, o senhor já trabalhava aqui, quem eram os principais mestres de obras que trabalhavam além de você?

Genésio - Aqui tinha o João Madeira. Tinha o Toninho, não sei o sobrenome dele, ele consertava a casa do prefeito o Toninho Grassano.

[...]

Regina - O senhor comentou da construtora Filla também, eles eram muito famosos aqui na época?

Genésio - Agora o Filla era boa gente, também morreu novo.
[...]

Genésio - Tinha o irmão dele, nós chamávamos ele de Cabelo, porque tinha o cabelo bem vermelho, e era irmão dele também e era construtor também.

Regina - E eles tinham bastantes obras aqui em Arapongas?

Genésio - É, tinha bastante obra, só dele acho que eu peguei umas 30 casas para fazer.

Regina - Tinha um também chamado Nordio Filla, o senhor chegou a conhecer?

Genésio - O Nordio é esse, o do cabelo. Ele era mestre de obras também.
[...]

Regina - E esse daqui o senhor chegou a conhecer? Rolf Lunkmoss de Christo, ele era um engenheiro também da prefeitura. O senhor chegou a conhecer ele?

Genésio - Eu não trabalhei com ele.
[...]

Genésio - Não tem o Francisco, japonês?

Regina - Não. Esse nome não apareceu aqui. É que assim eu peguei um número fechado de residências, não consegui estudar tudo, porque é muita coisa. Apareceu um que chama Zigmundo Dionisio Stasiak, mas eu acho que esse daqui é de Londrina. Aí apareceu o Rolf, Leonel Largura, Fued Abraham, Eugênio Amaral, Eros Pacheco, Ampélio Filla e Alberto Manoel Glaser Junior.

Genésio - É Manoel [Alberto Manoel Glaser Junior], esse eu conhecia, mas eu não trabalhei com ele não.

Regina - Ele era daqui de Arapongas?

Genésio - Era! Mas não trabalhei com ele não.
Eu trabalhei mesmo com o Ampélio, o Nivaldo, o Nivaldo era mestre de obras, mas o engenheiro mesmo era só o Ampélio, o irmão dele. Morreu novo. Depois eu trabalhei com o Francisco. Doutor Pascoale, eu trabalhei muitos anos com ele. Depois eu trabalhei com o doutor Francisco, que era japonês. Então ele tinha dois viveiros de muda, lá na avenida lá embaixo, a família dele tinha dois viveiros de muda e ele era engenheiro. Eu fiz bastante sobradinho com ele. Agora eu construí aqui bastante barracão, bastante sobrado, a serraria do Toninho Ferrari eu construí também, construí quatro, cinco barracões, montei duas a três serrarias para eles, que tinham serrarias também.

Regina - Na época que o senhor construía armazéns em alvenaria, qual o tipo de tijolo que o senhor usava? Já tinha tijolo com furo na década de 1960 ou usava aquele tijolo maciço?

Genésio - Não, usava os dois. A Prodasa mesmo usou só daquele maciço.

Regina - Mas nas residências em geral?

Genésio - Eu trabalhei na Prodasa dois anos e oito meses só com tijolinho maciço.

Regina - E nas casas?

Genésio - É, não era barracão, para doce.

Regina - Assim, não eu digo, mas nas casas que o senhor fazia usava mais o tijolo maciço?

Genésio - Não, não, o furado.

Regina - O furado?

Genésio - Sim, tudo de Jataizinho.

Regina - Tudo de Jataizinho?

Quando eu estava olhando os projetos, dava para ver que nos desenhos a parede de fora eram sempre mais grossas e as paredes de dentro eram mais finas.

Genésio - É, as grossas por fora, deitado.

Regina - Era o tijolo deitado?

Genésio - Isso. E no meio era em pé.

Regina - Ah, em pé. E era o tijolo...

Genésio - Era, é um trabalhava assim ó, o de fora, e aqui no canto, para não dar emenda porque não dá emenda, você tinha que achar uma vaga com quatro ferros para encher de concreto.

Regina - E porque usava assim?

Genésio - Usava porque a parte de fora tem que ser mais grossa por causa do barulho, por causa do problema da laje, que a laje puxa e o meio era só pra tampar buraco.

Regina - Só para dividir os ambientes?

Genésio - É, só para tampar buraco e encostar um pouco na laje, porque essa daqui é tudo tijolo deitado, olha lá ó, tudo tijolo deitado.

Mas não precisava, podia fazer em pé, mas eu fiz deitado por causa da altura, porque aqui venta muito.

[...]

Regina - E nessa época quando se usava os tijolos deitados, a estrutura era de concreto nas casas?

Genésio - Era.

Regina - Desde quando o senhor chegou aqui já se usava assim o concreto?

Genésio - Era. Tudo a mesma coisa, e o alicerce aqui... nós fazemos a base embaixo, depois a altura e coloca duas tábuas, aí coloca a ferragem e outra parede em cima e a cada dois metros e meio tem broca, quatro metros, cinco metros. Naquele tempo nós fazíamos tudo na mão.

Regina - E em média, a cada dois metros tinham os pilares nessas casas?

Genésio - Cada dois metros e meio, que são as estacas, as brocas. Nós furávamos tudo a mão.

Regina - Mas os pilares também seguiam a cada dois metros e meio mais ou menos?

Genésio - É! Agora hoje não, hoje você vai pegar uma casa, já chama o cara lá e ele faz toda a fundação.

[...]

Regina - Deixa só eu perguntar mais uma coisinha para o senhor, essas fotos aqui eu tirei de uma revista de 1957 e em alguns lugares eles traziam essas casas chamavam como “finas residências”. Aqui, duas finas residências. O senhor se lembra desse termo que era usado para as casas?

Genésio - É, aí eu não posso nem saber viu.

Regina - O senhor nunca ouviu falar nesse termo denominando casas, como “fulano de tal construiu uma fina residência”?

Genésio - É né.

Regina - O senhor nunca ouviu falar nisso?

Genésio - Porque naquele tempo, sei lá, era tudo mais braçal. Era vivido, mas não tinha aquele contato muito [próximo] com engenheiro, com essas coisas.

Regina - Do povo não era o que se falava, não tinha tanta conversa assim.

Genésio - Não, tinha, mas era com o engenheiro. Então o mestre de obras que nem eu era, era o que menos sabia das coisas. Porque o engenheiro dava o projeto, a planta, e cada dois dias passava na obra para ver o tipo da ferragem, ver se estava

combinando a grossura do ferro, estribo... Eles põem aquele tipo de gancho que eles mandam por quatro, então eles vêm olhar a ferragem se 'botaram' os quatro, por causa de que tudo de responsabilidade na obra era do engenheiro. Se o mestre de obras fizer qualquer 'baianada' e o engenheiro que é responsável.

Regina - Ah sim, ele que assina!

Genésio - Ele que é o responsável.

Regina - Geralmente as pessoas, os engenheiros, já chegavam com o projeto pronto para vocês construírem?

Genésio - Dava, tudo prontinho.

Regina - Ou também existia o caso de os moradores conhecerem o senhor pedirem uma casa pro senhor e o senhor indicava?

Genésio - O morador fazia o seguinte, o engenheiro levava, principalmente as mulheres porque o homem, você sabe, não administra a casa, não administra nada. A mulher resolvia fazer um vitrô de dois metros, tinha que fazer de dois metros, se era um metro e meio, era um metro e meio, se é um quarto de quatro por quatro era quatro por quatro. Porque ela quer. Se o homem fizer três e meio por quatro, a mulher já não vai morar na casa. Então eu lidei com esse pessoal, eu sei.

Regina - Mas geralmente tinha, por exemplo, os moradores, alguém queria construir uma casa não tinha projeto, ele chegava para o senhor e pedia para o senhor indicar um engenheiro ou não, o senhor às vezes fazia?

Genésio - Não, ele indicava e fazia o projeto assim, levava a mulher e o marido dela numa obra que ele estava fazendo e tinha feito. Chegava, pedia licença entrava e falava: "essa casa aqui é uma casa de 200 metros, essa aqui tem 240, esse cômodo aqui tem tanto, a planta é essa daqui, esse quarto tem tanto, você quer desse tamanho"? Então ele levava um estilo já ia marcando certinho.

Regina - Então eles geralmente pegavam esses clientes e levavam em obras conhecidas e mostrava para ver se a pessoa queria igual ou não?

Genésio - É, que nem eu mesmo. Eu vou pegar uma obra, às vezes o cara não me conhecia eu levava onde eu trabalhei. Chegava lá, chamava o dono da casa, "o senhor me dá licença para dar uma olhada ali". O senhor vai confirmar que eu fiz a casa e tal. Aí chegava, nós tínhamos o cara e o cara falava "pode marcar com o seu Genésio, que o senhor Genésio é um pedreiro exemplar, trabalha bem". Além de trabalhar bem a gente fazia contrato, para seis meses tinha que acabar em seis meses, pagamento, em três pagamentos. Quando a casa estava com o alicerce pronto, uma parcela, quando a casa estava em acabamento, outra parcela e quando terminava, outra parcela. Então combinava três parcelas, quatro parcelas. Tinha combinado tudo isso, então você sentava e conversava. Eu nunca perdi dinheiro, nunca discuti com um cliente, nunca, nunca. Eu trabalhei 46 anos e nunca deu problema.

Regina - O senhor falou que participou da construção da caixa d'água? Em que ano ela foi construída?

Genésio - Eu acho, tenho que olhar na minha carteira lá, mas acho que foi 1978.

Regina - 1978?

Genésio - É, foi um ano que foi uma chuva de granizo.

Regina - Porque não tem lugar nenhum escrito em que ano ela foi construída.

Genésio - Acho que foi 1970, porque eu construí a empresa de luz também, lá perto do Garcedi, lá embaixo. A empresa de luz eu tenho certeza que foi 1978, depois que acabei lá eu comecei a caixa d'água. Eu acho que foi 1978. Deixa eu descobrir. [...] Não foi 1978 não, foi 1968.

Regina - 1968?

Genésio - Foi 1968 que construiu a caixa d'água.

Regina - Então foi quase 1970?

Genésio - Nós construímos as duas, a subterrânea e aquela outra, era a Caneda que fez, eu era mestre de obras.

Regina - E aquilo ali é concreto puro?

Genésio - Purinho, fizemos uma armação assim..., e enchemos puxando as caixarias.

Regina - E quem fez o projeto daquela caixa d'água o senhor sabe?

Genésio - Olha, eu não sei não, mas acho que foi o doutor Pascoale, eu não tenho muita certeza. Mas acho que foi o doutor Pascoale, porque só existia ele de engenheiro. Acho que foi ele. Mas foi 1968.

[...]

Regina - O senhor chegou a construir ou participar da construção de alguns desses edifícios? Do Mercado, do Cine-Mauá, de alguns clubes, o senhor chegou a participar nessa época?

Genésio - Não.

[...]

Regina - Esses daqui, o senhor já morava aqui quando estava construindo?

Genésio - A rodoviária velha aqui, eu mudei para cá e estavam fazendo.

Regina - Essa daqui?

Genésio - É, tem aqui a rodoviária velha?

Regina - Não é essa? Aqui é o clube que tem uma laje de concreto gigante em balanço.

Genésio - É, se não me engano foi 1958 ou 1959, mas eu não trabalhei nela não.

Regina - Na época que o senhor trabalhava aqui, vocês tinham acesso a revistas, mídia, televisão essas coisas que passavam aquelas coisas que estavam acontecendo no Rio de Janeiro, São Paulo, essas coisas ou não?

Genésio - Não.

Regina - Não chegava aqui?

Genésio - Não.

Regina - Quando falavam da construção de Brasília, aquela coisa moderna e tudo mais, não tinha muita repercussão aqui? Ou tinha?

Genésio - Não, tinha uma influência lascada, mas aqui não, não.

Regina - Aqui não chegou a ter tanta então.

Genésio - Aquele tempo nós nem tínhamos televisão, existir existia, mais para lá... [...]

Regina - Mas vocês tinham rádio? Sabia o que estava acontecendo?

Genésio - Sim! Aquele “radião”, que precisava de três para carregar.

Regina - Mas vocês sabiam na época que estava, por exemplo, construindo Brasília que se falava muito, época do J.K...

Genésio - Olha, eu tinha uns vizinhos aqui que tinha aqueles “Fenemê” que puxaram madeira para lá para Brasília e ficaram ricos.

Regina - Ah é? Para construir Brasília?

Genésio - Puxava um caminhão e marcavam três.

Regina - Saía madeira daqui de Arapongas para ir para Brasília?

Genésio - Aí pegaram o nome dele daqui de Arapongas. Carreta, caminhão. Brasília foi uma mina de dinheiro lá.

Regina - E aqui se falava muito da construção de Brasília?

Genésio - Não, não tinha muito contato, porque não ligava o rádio. Ia dormir cedo. [...]

Genésio - A Igreja Matriz foi feita em 55. Tinham dois postos, mas não tinha coberta, era só bomba. Tinha um posto na esquina de cá, naquele prédio lá tinha outro posto e aí entre a igreja tinha dois postos. Um lá e um de cá, só dois postos.

Regina - E o senhor tinha o costume de ir para outras cidades, tipo Londrina, Maringá, ou não, o senhor ficava bastante aqui?

Genésio - Olha, de Maringá até Londrina, daqui pra lá, metade era chão, já de Arapongas até Londrina já era asfaltado.

Regina - E o senhor ia bastante pra lá?

Genésio - E passava aqui dentro de Arapongas, passava o asfalto, só passava. Mas cidade mesmo era tudo de chão. Tinha 9 mil habitantes naquela época.

Regina - Mas o senhor costumava ir para Londrina essas coisas?

Genésio - Ia nada, não saía de carro.
[...]

Regina - Eu conversei com o Gean [Cereia] e ele me falou que na década de 1960 parece que teve uma crise tipo de concreto que não chegava cimento aqui, o senhor se lembra disso?

Genésio - Ah, lembro, você não achava um saco de cimento, mas nem por dez contos, as construções pararam tudo.

Regina - Foi uma época que as construções ficaram estagnadas então?

Genésio - Para subir o saco estava achando dois cruzeiros, 2,20 ou 2,10, e eles subiram pra 2,50 então parece que o governo não liberou, e aquele cara [...], como que ele chamava? [...] Ele cortou a cota de cimento, tem o cimento branco o outro era o dourado e tem um outro que era bom, que a empresa a mais forte era eu. Ah, mas no tijolo também deu crise.

Regina - Ah, mas as construções ficaram estagnadas nesse período ou construía-se menos, ou as pessoas economizavam não fazendo laje para sobrar mais?

Genésio - Não, é que chegou num ponto não dava mais para achar cimento e foi parando.

Regina - Parando as construções?

Genésio - Foi parando as construções. A firma começou a dar folga para os empregados até chegar o cimento.

Regina - Em que época foi isso mais ou menos?

Genésio - Foi 1960, 1961, por aí.

Regina - Bem no começo da década de 1960?

Genésio - Bem no começo, aquela época que o Jânio Quadros ganhou, 1960 que ele queimou o café, deu uma crise, pelo menos no Paraná eu lembro que deu uma crise quando Jânio Quadros ganhou em 1960 [...]

Genésio - A caixa d'água, acho que foi construída em 1968 mesmo.
[...]

Regina - Muito obrigada senhor Genésio!

APÊNDICE G - Entrevista João Baptista Bortolotti²³

Data: **27 de janeiro de 2020**

Local: **Londrina - PR**

Regina - Eu estudo as apropriações da arquitetura modernista em residências, tipo o trabalho do Sidnei Guadanhim, não sei se você chegou a ouvir sobre o trabalho dele...

São elementos da apropriação da arquitetura moderna, eu estudo essas apropriações em cidades pequenas, porque geralmente são estudadas cidades médias, cidades grandes, e em cidades pequenas quase ninguém sabe.

Bortolotti - Em cidades assim não foi trabalhado, em cidades como Londrina sim, porque Londrina foi um centro de irradiação.

Regina - A minha ideia foi verificar se isso aconteceu em cidades pequenas. E foi constatada que sim, em várias cidades aqui da região se manifestou.

Bortolotti - É muito interessante, o grande foco era Londrina, Maringá... Maringá já em uma outra fase, já não sei se fizeram a mesma coisa em Jacarezinho, Cornélio...

Regina - Cornélio eu cheguei a ver algumas coisas, em Jacarezinho não ouvi falar, porque eu peguei cidades do eixo Londrina - Maringá como recorte, porque o programa da UEL é bem regional, e procura dar ênfase a esse foco, e pensei Londrina - Maringá. Como primeira ideia era Rolândia, mas infelizmente o acervo pegou fogo, então não tinha como eu fazer esse estudo sem ter acesso aos projetos.

Bortolotti - Rolândia... nós fizemos o plano diretor de lá, [...] e ela tem uma característica diferente de Arapongas por causa da colonização alemã, porque ali já era uma base e uma ideia, é como pegar uma gleba e colocar uns alemães, o governo alemão trazia eles para cá. Então ela tem uma característica bem firme, já as outras cidades já misturou um pouco paulista, mineiro, ali teve um foco bem grande.

Regina - Uma cultura mais própria deles. A minha intenção primeiro foi Rolândia e depois Cambé, aí a prefeitura de Cambé começou a exigir projetos aprovados em 1966, e essa arquitetura que estou estudando já se manifestava antes, e se eu começasse a pegar a partir de 1966 já estaria no final da manifestação, então não seria possível. Então fui para Arapongas que tem projetos aprovados na prefeitura desde a década de 1940, um acervo que me dava uma base.

Bortolotti - Uma base documental.

²³ João Baptista Bortolotti é arquiteto e urbanista que durante a década de 1960 atuou como desenhista em escritórios em Londrina- PR.

Regina - Isso, nas outras cidades eu não poderia fazer isso por pura interpretação, então não é uma boa ideia.

Eu cheguei até você por causa do livro da Suzuki, "Idealizações de modernidade", não sei se você chegou a ver esse livro?

Bortolotti - Sei, ela chegou a me dar um livro, ela editou mais de um.

Regina - Tem do Artigas, que ela trata das obras...

[...]

Esse aqui ela trata dos edifícios verticais, com apropriações da arquitetura moderna. Ela apresenta vários edifícios, traz um monte de exemplos. Todos eles têm a parte de ficha que ela apresenta os responsáveis técnicos.

Bortolotti - Sei... onde que ela pesquisou, na prefeitura...

Regina - Apareceu esse daqui, que é aquele que a gente tinha comentado pelo telefone...

Bortolotti - Edifício Denes.

Regina - Isso. Aparece o seu nome como desenhista, e o engenheiro que aparece como responsável é aquele que eu comentei, Rolf Lunkmoss de Christo, que é esse o engenheiro que trabalhou na prefeitura de Arapongas, é um dos que mais tem projetos do que eu estou estudando.

Bortolotti - Essa construtora Deinzer, é para ela que trabalhava, e foi ela que construiu, o projeto foi feito pelo Deinzer, acho que o Rolf somente assinou, o Deinzer não tinha reconhecido o diploma dele.

Regina - Ele não poderia assinar o projeto legalmente.

Bortolotti - Eu acho que o Rolf... porque fui eu que desenhei e fiz o projeto da fachada, a gente discutia e desenhava. E nesse prédio aqui, o Deinzer, ele usou uma técnica construtiva diferenciada das outras, as lajes eram pré-fabricadas, então diferentes, com técnicas diferentes, e ele, o Heinz, trouxe muitas coisas interessantes até na questão da própria fundação, o que antigamente em Londrina se fazia muito a fundação direta, fazia uma vala, jogava pedra, a malada, que tinha uma pedra de mão, arrumava, e aí fazia o alicerce, ou de prédio naquela época, fazia as estacas pré-moldadas que é o caso do edifício Manela, e o tubulão, que eles abriam um poço...

Aqui ele trabalhou com as estacas nesse período, até eu que fui buscar em São Paulo a maior broca manual, e ele trabalhou e me explicou, eu também gostava, já tinha uma experiência na área de projeto, [...] não sei se ele fez, não me lembro da fundação, se ele fez com broca ou tubulão. Naquele edifício que tem da avenida São Paulo com a Sergipe, tem um hotel ali, eu lembro que ali ele fez com sistema de brocas, ele não fazia com uma broca, fazia com duas brocas, fazia um sistema de alavanca, e estava certo, se aqui fundaram, tinham que levantar outra. Engenheiro, ele tinha uma criatividade grande, eu realmente não cheguei a conhecer esse Rolf.

Regina - Quando você desenhou, os projetos dele já vinham com uma característica modernista, ou foi você que acabou dando mais essa característica moderna?

Bortolotti - A gente usava um pouco aqui, porque o que acontecia nesse período, o arquiteto na maior parte era o desenhista, tinha o engenheiro, mas quem dava o trabalho final era o desenhista, mas quando não tinha o desenhista, você pegava o projeto todo, desenhava, projetava, e levava para o engenheiro assinar, então tem, por exemplo, eu fui sócio de um desenhista aqui que ele projetou todinho o prédio ali da Maranhão com a Mato Grosso, ali debaixo foi um projeto meu, um edifício de três andares, e ele aqui já projetou um prédio maior. Então você tinha muita influência dos desenhistas, aí como esse desenhista detinha, através de revistas.

Regina - Ah! Pelas revistas.

Bortolotti - O pessoal lia muita revista, inclusive revista americana nessa época, nacional eu não lembro o que tinha, qual revista tinha nessa época. Então a informação da arquitetura vinha através das revistas... ou algum livro também.

Regina - Então o forte mesmo eram as revistas.

Bortolotti - Os desenhistas liam isso aí, vou te mostrar no meu livro quando eu era desenhista. Essa fotografia foi tirada no escritório do Deinzer.

Regina - Esse Heinz Deinzer era brasileiro mesmo ou alemão?

Bortolotti - Alemão mesmo, ele veio para cá já com 30 ou 40 anos.

Regina - Ele já veio com uma certa idade digamos assim, com uma certa experiência.

Bortolotti - Ele era alemão, casou com uma brasileira, uma advogada, a Margarida...

Regina - Então, às vezes, o conhecimento entre eles pode ser por isso, parece que o Rolf tinha certos conhecidos alemães...

Bortolotti - O Rolf sim, possivelmente, então por que eles eram amigos. Rolf de Christo...

Regina - Ele era um curitibano, veio para Arapongas no começo da década de 1950 para trabalhar na prefeitura, ficou até 1964 e depois voltou para Curitiba e teve um cargo público lá.

Bortolotti - Possivelmente devia ser conhecido ou amigo do Deinzer.

Regina - Sim, até pela questão do alemão. Eu conversei com o filho dele, e ele falou que o pai tinha muito contato com alemães, inclusive ia para a Alemanha e tudo mais.

Bortolotti - Então talvez seja por isso, eu não lembro quem assinava, se era o Deinzer, eu trabalhava desenhando, após a aprovação não era comigo mesmo, e

ele que ia atrás, então agora isso eu não lembro do Rolf, talvez tenha passado lá naquela época, Rolf, mas não tenho memória de que tenha ouvido falar dele.

Regina - Essa prática de uma pessoa projetar e outra assinar era corrente naquela época?

Bortolotti - Era.

Regina - Por que?

Bortolotti - Porque na realidade tinha pouco profissional, quando você tinha profissionais eram só engenheiros, e esses desenhistas tinha muita facilidade, era um arquiteto nato. Ele era autodidata. Ele projetava, desenhava, fazia fachada, conversava com o proprietário, e eu fiz isso também, tinha um engenheiro que assinava. Então o proprietário me procurava, por exemplo, uma casa, procurava um desenhista, ninguém ia procurar um engenheiro, ele era para construir, ou um mestre de obras. Para projetar, às vezes procurava um desenhista, porque esse desenhista além de desenhar, pegava assinatura e aprovava também na prefeitura.

Regina - Uma coisa que eu reparei nos projetos, dava para perceber pelo carimbo, tinha um tipo de tinta que era diferente entre os profissionais, era uma característica dos desenhistas ter uma letra diferente, ter um desenho de norte específico ou não?

Bortolotti - Com a assinatura, você quer dizer?

Regina - Não, sabe quando você tem o projeto, a folha e o carimbo aqui do lado, dá para perceber que as letras são diferentes, a cor de tinta é diferente, o papel é diferente, o jeito de desenhar é diferente...

Bortolotti - Eram as cópias heliográficas que poderiam mudar, às vezes. Cada desenhista tinha o seu normógrafo, fazia, montava, tinha um tempo que uns faziam a mão livre.

Regina - É porque esse do Rolf tinha projetos que parecia que tinha uma letra desenhada, e não era uma letra de forma.

Bortolotti - Isso, era desenhada, não era como o normógrafo, a gente fazia muito isso. Então a gente como desenhista treinava, copiava, treinava para fazer as letras, então às vezes não tinha o normógrafo, então fazia na mão mesmo.
[...]

Regina - Esse é ali subindo a rua Pernambuco?

Bortolotti - Isso, o prédio e a planta foi o Deinzer que fez, e agora você completa, era assim muito. Porque quem entrava em contato às vezes era o engenheiro, ouvia o programa com o engenheiro, fazia a planta, e quem fazia a elevação, a fachada, era o desenhista. A gente diz até assim, uns chamavam de fachadista, é você que faz fachada, até passou para o arquiteto isso.
[...]

Bortolotti - Passava para o desenhista a responsabilidade de fazer a fachada. Então foi nesse que fiz a fachada, eu lembro que ia fazer uma moldura, mas todo mundo está fazendo...

[...]

Bortolotti - Então eu trabalhei muito tempo com ele lá, e você vê que o número de desenhistas naquela época é grande, e eu inclusive procurei escrever os desenhistas da época.

[...]

Regina - Parte deles também ia para a academia cursar arquitetura?

Bortolotti - Quem?

Regina - Esses desenhistas, grande parte deles iam fazer arquitetura?

Bortolotti - Não. Muito pouco. Eu já no colegial, no ginásio já desenhava, eu sempre tive facilidade para desenhar. O meu irmão disse: você desenha bem, vai trabalhar num escritório de engenharia, porque arquitetura não tinha. Aí um engenheiro de Maringá me ensinou a fazer o projeto, fazer os desenhos para ser aprovado na prefeitura, e eu aprendi. Então, inclusive, eu projetava as casinhas de madeira, eu desenhei muito na época lá em Maringá para aprovar. E eu desenhava a maior parte para o pai do prefeito Silvio Barros, o pai dele também se chamava Silvio também, então eu desenhava muito. Então o que você tem aqui como desenhista, eram os arquitetos da época.

Bortolotti - Porque em Londrina você tinha o Luiz César [da Silva], também com uma parte, veio depois o Sérgio Bopp, depois o Julio Ribeiro [...] eram poucos arquitetos.

Regina - O senhor foi depois para a faculdade e fez arquitetura?

Bortolotti - Fui, porque eu já queria estudar, eu fui para o Rio estudar, eu fiz a minha faculdade na Federal hoje, antigamente era Nacional, que depois era da Universidade do Brasil, e depois de se transformou na Federal, quando eles federalizaram tudo, mas era da Universidade do Brasil.

Regina - Em que ano foi isso?

Bortolotti - Eu entrei em 1960 e saí em 1965.

[...]

Regina - E quando o senhor veio para cá trouxe toda essa carga e projetos?

Bortolotti - Sim, eu vim para cá com essa própria arquitetura, já incorporado. Mas quando cheguei aqui também, comecei a fazer alguns projetos, em Maringá fiz um projeto de uma casa, o primeiro projeto para um médico lá, aí apliquei um telhado baixinho, você nem via o telhado, uma arquitetura moderna o desenho, mas aqui em Londrina começaram a me pedir o tal do projeto de casa colonial, deu um boom aqui. Então o que eu fazia, tentava estudar um pouco a raiz da arquitetura colonial, a

gente colocava alguns elementos, o telhado arquinho, montava dentro de uma planta moderna. A planta era da arquitetura moderna.

[...]

Bortolotti - Então essa raiz veio, e a gente vinha depois dentro da própria literatura e revistas.

Regina – Então, nessa época que o senhor fez esse edifício da rua Pernambuco, as suas principais referências eram das revistas?

Bortolotti - Era desenhista, não era profissional.

Regina - Então as suas referências eram as revistas que vinham.

Bortolotti - Não, aquele negócio de dobrar surgiu da minha cabeça. Porque normalmente você fazia uma moldura reta.

Regina - Mas o uso da pastilha?

Bortolotti - Isso sim, eu usava a pastilha e o elemento que você tinha, nós usávamos pastilha. Então, você vê que tem material da arquitetura moderna, com desenho às vezes nem sempre com os preceitos todo reproduzido da arquitetura moderna, mas você tinha elementos, alguns elementos e material.

Regina - Uma das coisas que eu reparei nesse edifício, que eu percebi que tem outros lugares, é um tipo de elementos vazados, redondinhos...

Bortolotti - Isto.

Regina - Eram elementos vazados?

Bortolotti - Era um tubo de cerâmica, não sei onde o engenheiro arrumou aquilo lá, nem lembro. Ele disse, vamos colocar.

Regina - Porque isso aparece em várias casas em Londrina, até em alguns projetos em Araçongas era comum na platibanda colocar três às vezes.

Bortolotti - Isto, quando não colocavam aquelas três coluninhas.

Regina - Sim, então era um tubo de cerâmica cortado que era colocado como enfeite, digamos assim...

Bortolotti - Sim, e tinha na coluna mesmo aquelas coluninhas em V.

Regina - E era feito tubo de cerâmica?

Bortolotti - Aquilo lá era cerâmica, cerâmica vitrificada. Então se usava muito, porque se produzia isso da época de elementos construtivos da arquitetura moderna, e isso esparramava. Então o engenheiro e os desenhistas começavam,

viam na revista... Na realidade você via o que acontecia isso aí, e o desenhista olhava isso aqui e reproduzia em outro projeto.

Regina - E isso era bem aceito pelos contratantes.
As pessoas que contratavam aceitavam bem esse tipo de arquitetura?

Bortolotti - Aceitavam, estava dentro da linguagem. O mesmo que aconteceu com a arquitetura... o Veronesi implantou um estilo de arquitetura. E dessa arquitetura moderna dos Veronesi também foi se transformando. Então qual é o trabalho dos desenhistas? Ver e reproduzir, não igual aquilo, mas com aquela linguagem. Ele lia e trazia aquela nova linguagem para o projeto.

[...]

Então você vê que bonito, os elementos verticais, aqui já na horizontal, então são elementos da arquitetura moderna.

Regina - E na construtora Veronesi, eles também tinham desenhistas?

Bortolotti - Eles desenhavam, eles tinham desenhista, mas não lembro quem trabalhava para eles, e eles eram também desenhistas, não era arquiteto.

Regina - Porque no meu trabalho o Américo Sato apresenta três ou quatro projetos que tem uma característica bem forte, e não são poucos elementos, são bastantes.

Bortolotti - Quais elementos?

Regina - Curvas por exemplo.

Bortolotti - Ele gostava de fazer as molduras, e ele tinha uns elementos que colocava, gratuitos, tanto no interior como no exterior e dava uma característica da arquitetura moderna.

Regina - E o Américo Sato chegou a projetar mesmo, não necessariamente só assinar?

Bortolotti - Não, o Veronesi projetava, eles que projetavam, eu nem acho que tinham desenhistas, eles já vieram da Itália como desenhistas.

Regina - E quem trabalhava na Veronesi além do Américo Sato?

Bortolotti - Quem assinava era o Américo Sato.

Regina - Mas tinha outras pessoas lá dentro?

Bortolotti - Tinha, mas o Américo Sato não trabalhava com eles. Só assinava, ele era engenheiro naquela época, e tinha o escritório pequeno só para assinar.

Regina - A Veronesi era uma construtora?

Bortolotti - Construtora, projetava e construía.

Regina - E só passava o Américo Sato para assinar.

Bortolotti - Só assinar, porque eles não eram profissionais.

Regina - Achei que o Américo Sato era um funcionário.

Bortolotti - Um dos maiores calígrafos da época. Eles chamavam de calígrafo. Eu tinha um aqui, Stasiak...

Regina - Eu ia te perguntar sobre ele.

Bortolotti - Foi ele que me assinou um monte de projeto meu... Eu chegava para ele em qualquer horário, até domingo, de noite, você terminava o projeto para entregar na segunda, passava o final de semana, domingo, e levava lá...
[...]

Bortolotti - Assinava, e quanto é? E ele falava: me dá qualquer coisa.

Regina - O [prof. Antonio Carlos] Zani tinha comentado comigo sobre um dos profissionais que só assinavam. E ele apareceu, o terceiro profissional que mais teve projetos em Arapongas era ele.

Bortolotti - Porque era o mais barateiro [sic]. O Sato já cobrava mais.

Regina - Então às vezes o valor do profissional, engenheiro, interferia nesse tipo de coisa?

Bortolotti - Esses engenheiros já tinham parado de construir, não que estejam aposentados, eles já estavam...
[...]

Regina - Tem um outro nome que aparece, não sei se você já ouviu falar, Fued Abraham...

Bortolotti - Que época que era?

Regina - Era década de 1960, 1970, ele atuou junto com a engenharia Roma em Arapongas, tinha uma empresa chamada Sociedade Técnica de Engenharia Roma, ele assina todos os projetos dessa empresa.

Bortolotti - Isso, o Roma, isso eu me lembro dele.

Regina - O Pasquale, o proprietário.

Bortolotti - Mas em Londrina eu não me lembro dele.

Regina - Esse nome o senhor não conhecia?

Bortolotti - Não, ele nem aparece aqui nessa lista. Por que esse pessoal aqui era que fazia parte do clube de engenharia.

Regina - Provavelmente era de fora, então é difícil.
[...]

Bortolotti - Não tive contato. Porque nesse período a gente tinha os engenheiros que se sobressaíam, tinham as construtoras, e você desenhava e tinha um, às vezes, você tinha três ou quatro desenhos para assinar, às vezes um cobrava mais ou cobrava menos, “quanto que você cobra para assinar esse projeto? Aí olhava e era tanto, mas está muito caro”. Você pegava do proprietário fechado, e você sabia quanto ele cobrava. [...]

Regina - Desses outros o senhor chegou a conhecer, tem Nelson, Leonel Largura, José Gabriel dos Salles Ferreira...

Bortolotti - Não, esse aqui tem, eu conheci ele, é o esposo da Yoshiya [Nakagawara Ferreira].

Regina - Eu procurei entrar em contato com ele, mas não deu certo.

Bortolotti - Numa época ele construiu bastante aqui.

Regina - Mas ele era bastante de assinar ou projetava mesmo?

Bortolotti - Não, ele não assinava.

Regina - Só assinava o que ele projetava?

Bortolotti - Só.

Regina - Tem o Guidimar [Guimarães] também.

Bortolotti - O Guidimar também, ele era sócio da construtora Brasília, era só o projeto dele.

Regina - Eugênio Amaral, não sei se era de Londrina...

Bortolotti - Não, o Eugênio Amaral não era de Londrina, talvez fosse o período que eu fui para o Rio estudar...

Regina - É sim, talvez possa ter atuado alguns engenheiros aqui.

Bortolotti - Sim, aí já voltei como arquiteto.
Antônio Donadio não, o Ampélio Filla é de lá.
[...]

Regina - Tem uma coisa interessante que aconteceu e que foi registrado em Arapongas, essas casinhas que eu estou estudando, eram chamadas de finas residências.

Bortolotti - Finas residências?

Regina - É, e até hoje eu consegui descobrir o porquê.

Essa daqui é uma dos Filla, de propaganda, e nesses três, aqui é um anúncio do Rolf. Eles usavam isso como marketing, essa arquitetura moderna e chamavam de finas residências, então no trabalho deles, nas propagandas, "duas finas residências construídas por..."

Bortolotti - Esse daqui é daquele álbum do Gouveia?

Regina - Isso.

[...]

Bortolotti - Então o que aconteceu, usavam-se os elementos da arquitetura moderna, mas dentro da sua composição, não seguia os preceitos, não tinha às vezes a harmonia que você encontra dentro da arquitetura moderna. Então ele ouviu falar, mas não sabe da onde, mas fez.

Regina - Mas sabe o que eu acho, o Rolf se formou na Federal de Curitiba na década de 1950, então provavelmente ele pegou esse período que estavam acontecendo essas coisas, porque dá para ver alguns reflexos da arquitetura. Eu estudo três décadas, fazendo recortes, décadas de 1950, 1960 e 1970. Na década de 1950 era basicamente um fachadismo da arquitetura moderna. Na década de 1960 já começam a aparecer as mudanças no interior, a separação dos ambientes, as alas diurnas e noturnas, isso já começa a aparecer nas plantas, E na década de 1970 já é meio misturado, tem a organização mais funcional, mas começa a voltar aquelas mais antigas. Então tem um certo reflexo da planta. E tem um pesquisador, chamado Luiz Fernando Lara, que o primeiro estudo sobre essas casas, em BH, e ele deu até um nome, que ele chamou de 'Modernismo Popular', esse fenômeno das casinhas. E ele detectou isso, na década de 1950 ainda é um fachadismo muito grande na planta e não moderna, e nos anos 1960 isso já começa mudar um pouco, além da fachada, a planta começa a mudar.

Bortolotti - Quando você trabalhava com edifício um pouco maior, você abria... [...] as outras, ela vinha daquelas casas mais fechadas de madeira, o quarto que saía na sala ou na cozinha, não tinha corredor, a sala e a cozinha e o rabo de pato. Você já ouviu falar disso?

Regina - Não.

[...]

Regina - Esse é quando você prolonga demais o telhado?

Bortolotti - É o seguinte, você tem a casa de madeira que normalmente era quadrada, o seu perímetro era quadrado, você fazia dois cômodos aqui, sala - cozinha, e dois quartos.

Regina - Um paralelo com o outro?

Bortolotti - É, de um lado dois quartos e do outro lado uma saleta e uma cozinha. Essa cozinha eles tinham dificuldade de utilizar, então eles puxavam esse telhado e faziam essa cozinha lá fora na área de serviço, o fogão a lenha estava lá fora. Então

era uma ampliação da casa, não era do projeto original. Puxava o telhado lá na mesma direção e fechava, você vai encontrar nas casas de madeira o tal do rabo de pato. Então era uma ampliação que fazia uma nova cozinha, por que tinham dificuldade de usar aquela em cima, e às vezes ficava como uma copa, que sala de jantar não tinha, então ficava como uma copa onde faziam todas as refeições, e cozinhas lá embaixo, às vezes tinham os degraus, porque você levantava a casa de madeira para fazer uma ventilação embaixo para não apodrecer, então você tinha de dois a três degraus, cozinhas lá e trazia aqui para cima.

Então era o tal do rabo de pato, mas era a arquitetura, era o interior, a planta, ela tinha um desenho específico que se repetia em todas as casas, não mudava. Eu não sei se por causa do construtor ou módulo que eles já estavam acostumados a fazer o telhado e etc., mas ele sempre se repetia.

Regina - Mas às vezes isso não estava no inconsciente das pessoas, porque, por exemplo, nesses projetos que eu levantei, deu para perceber que começou a mudar um pouco a questão da planta, mas às vezes voltava aquele tipo de planta, e tem umas até que o banheiro tem aquela configuração antiga do banheiro para fora, as vezes vinham do proprietário esses pedidos?

Bortolotti - Vinha...

[...]

Regina - Eu vi um projeto de 1960 que não aparece o banheiro na casa, e eu acho que era umas quatro ou cinco casas que o banheiro está junto da casa, mas ele era para fora da porta dos fundos.

Bortolotti - Sim, fazia na área de serviço, porque havia esse preconceito por causa do cheiro, que era algo sujo que eles não queriam dentro de casa, isso daí, o meu pai e todos que projetavam, alguns aceitavam, mas eram poucos. Quando eu era desenhista, às vezes você fazia ali na área de serviço, fazia a lavanderia e do lado o banheiro.

Regina - Outra coisa com relação à lavanderia desse período, década de 1950 e 1960, elas geralmente eram junto da casa ou os proprietários faziam elas afastadas, porque nem todo projeto aparece a área de serviço, era um lugar discriminado?

Bortolotti - Não era, às vezes era um anexo a esse rabo de pato, nesse espichamento [sic], não tinha essa incorporação da área de serviço, ela era coisa fora, fazia uma outra cobertura e se lavava roupa e tal. Porque eles tinham alguns hábitos de ferver a roupa, então não dava para você fazer fogo, não tinha gás, era lenha, fumaça. Então se fazia uma pequena cobertura e se fazia lá fora.

Regina - E não necessariamente essa área de serviço precisa aparecer no projeto?

Bortolotti – Não, nem aparecia.

Regina - Um monte de casas que eu fui ver e não aparece nada da área de serviço [...]

Bortolotti - Porque era um anexo, ele ficava fora, e era um local onde a roupa era lavada, longe com fogão para ferver a água, e ali já tinha os lugares para estender, então não se incorporava à casa.

Regina - Não era algo do projeto.

Bortolotti - Não, também incorporava na casa, às vezes alguns pediam para a gente forçar um pouco, então depois da cozinha você deixava um espaço e fazia mais uma cobertura ligada à casa, onde se fazia o banheiro e colocava o tanque.

Regina - Vi umas configurações bem parecidas.

Bortolotti – Foram mudanças, umas conquistas que foram acontecendo.

Regina - E que até os próprios profissionais foram introduzindo aquela ideia.

Bortolotti - Foram, até para ficar mais moderna a casa, não, fica melhor. E se fazia uma argumentação, “a senhora vai gostar e tal, é mais próximo”.

Regina - O mesmo acontece com a garagem que antigamente era sempre lá no fundo e que depois começou a vir para frente.

Bortolotti - A garagem nem era considerada.

Regina - Pelo que eu li, ela vem da ideia dos cavalos de antigamente que eram guardados lá no fundo e não para se ver.

Bortolotti - É, a garagem tinha a passagem e ficava lá no fundo.

Regina - Alguns projetos dão para ver isso, a casa está aqui e a garagem está lá no fundo.

Bortolotti - Não ficava perto da casa.

Regina - E depois na década de 1950 ela começou a vir mais perto.

Bortolotti - A gente teve aqui numa época que tivemos influência muito da arquitetura americana, dentro da própria escola nesse período dos anos 1960, por que tinha aquela publicação de uma revista americana, como que era o nome dela, *House Room*, alguma coisa assim, eu até tinha várias delas, e ela era realmente uma leitura que a gente fazia, e tinha uma outra revista de urbanismo, não, Habitat, sei lá eu, que era editada nos Estados Unidos, era o que a gente tinha de material, tinha muito pouco vindo da Europa. O que nós tínhamos da Europa eram os livros, que quando não era editado em espanhol, era em inglês, e às vezes a gente tinha muito livro em espanhol editado na Argentina.

[...]

Bortolotti - Nós tivemos, eu pelo menos tive, muita influência da arquitetura americana, e meus projetos de trabalho eram um pouco da arquitetura americana.

Regina - Então essa questão da garagem mais próxima da casa...

Bortolotti - Isso, incorporando carro, e não conseguia fazer o banheiro separado, eles aceitavam, andei tentando.

[...]

Regina - Uma das características que eu acabei percebendo, é que você tinha a planta da casa, aqui estava a garagem, e volta e meia, sempre aparece uma varanda. A varanda veio de outras culturas?

Bortolotti - Veio, porque nas casas de madeira tinha varanda. A varanda era, olhe bem, o que era a varanda? Era um ponto importante na época. Por que era importante? Porque as pessoas gostavam de sentar na varanda para ver o movimento da rua, eles sentavam aqui. Eram para encontrar os amigos, o compadre e a comadre, mas ele era usado mais como observador, vem junto também com todas as casas de madeira que tinham a varandinha.

Regina - Tem um historiador que chegou a comentar comigo que talvez tenha vindo da Inglaterra esse costume, o senhor sabe de fato?

Bortolotti - Não, daí para frente não sei de onde veio, mas a população absorveu muito bem isso, todas tinham e você andando na rua, as pessoas de tardezinha estavam sentadas ali olhando as pessoas passarem [...] Como se diz, era um ponto de relacionamento humano externo.

Regina - Era quase um ambiente social, digamos assim.

Bortolotti - Era! Era um ambiente social. Porque a sala para eles era mais um ambiente da família. Não eram todos que recebiam aqui.

[...]

Bortolotti - E era aqui que era o ambiente social externo, é impressionante, o pessoal ficava sentado à tarde. Então esse era de integração social, quando as pessoas, mesmo os parentes que vinham, já recebiam aqui. A sala não era muito grande, tinha um sofazinho, uma mesinha, não tinha televisão, depois da refeição eles iam para a sala. Então este era a integração social, e não era um espaço grande, era pequeno.

Regina - Porque geralmente eram bem pequenos.

Bortolotti - O suficiente para colocar uma ou duas cadeiras como ponto de observação das pessoas que passavam no portão, “tudo bom, vem cá, chega aí, senta”. Esse era o relacionamento social que eles tinham direto, de sentar na varanda. Em cidades coloniais não aparece quase isso, praticamente a casa era construída sem, eles utilizavam para isso a calçada. Como aqui as casas são recuadas, tem o jardim.

[...]

Bortolotti - Desde as casas de madeira, as pequenas casas, até aquelas quadradas você recuava um pedaço, tinha às vezes um metro e meio, nem chegava a dois metros, mas tinha que ter a varandinha, e um pilarzinho aqui.

Regina - E na mão do modernista vira uma marquise.

Bortolotti - Eles lavavam aquilo, deixava branquinho.

Regina - E tinha aqueles pisos retangulares que tem traços de arquitetura moderna.

Bortolotti - Sim, cerâmica, aquela cerâmica vermelha, aí começou a ficar caro aquilo, aí começaram a comprar a cerâmica quebrada da fábrica, que quebrava e eles jogavam fora, e vendiam aquilo barato e todo mundo começou a usar. Aí subiram o preço.

Regina - Sabe o que eu estava vendo uma vez, um artigo, foi um funcionário de uma loja dessas empresas que precisa colocar piso na casa dele, e ele não tinha condição de comprar e começou a aproveitar os cacos, e alguém achou bonito e começou a copiar.

Bortolotti - Mas isso aí que começou.

[...]

Bortolotti - Então você vê que a varanda era a integração social muito grande, porque você não colocava muito as pessoas para dentro, primeiro era aqui para depois introduzir.

Regina - Essas casas e outras aqui, que inclusive tem até a questão da influência norte-americana, elas vêm com uma configuração diferente, essa daqui, por exemplo, e chamam os lugares de *Living*...

Bortolotti - Essa daqui é do Veronesi, eu bati [sic] o olho e já percebi, eles adoravam colocar elementos assim, fazia de não sei que jeito.

Regina - Acho que as três são do Américo Sato, aparecem curvas assim, inclusive tem uma foto que não sei se é projeto dele, pois nem todas que estão lá foram aprovadas pela prefeitura de fato, todas as que levantei que foram aprovadas. Aqui olha, algumas pessoas foram lá e copiaram, pegando e colocando o *arquinho* aqui.

Bortolotti - Isso, exatamente, tentando pegar os elementos da arquitetura dele e fazer isso, eu cheguei a fazer. Olha essa aqui, eles adoravam fazer isso daqui, o telhado borboleta.
É isso mesmo, e isso é uma assinatura dos Veronesi.

Regina - O borboleta também?

Bortolotti - Do Veronesi, eles que introduziram isso aqui. Porque não éramos nós que projetávamos isso, estávamos com a arquitetura moderna aqui, retinha, cobrindo o telhado, isso a gente fazia, os elementos...

Regina - A platibanda reta era a que mais aparecia.

Bortolotti - Porque era aquela arquitetura dos anos 1950, 1960, norte-americana, principalmente aquela californiana, depois vem muito vidro. Que ela trouxe aquilo

para cá, uma arquitetura mais “clean”, mais limpa, mais minimalista, uma arquitetura moderna mais minimalista, que era a arquitetura americana californiana.

Regina - E eles vêm e introduzem mais elementos da arquitetura moderna.

Bortolotti - Aí começam a introduzir esses elementos, vieram os Veronesi e trouxeram esses elementos da Itália. Então ficou uma característica deles, a platibanda acompanhava o telhado, criava uma composição, porque o que se fazia era isso aqui...

Regina - É, nas minhas análises a platibanda reta é a que mais aparece.

Bortolotti - Então, esse é um elemento forte da arquitetura moderna.

Regina - É engraçado isso que você falou agora, porque o telhado borboleta e as curvas são bastante registrados em Londrina, os trabalhos de Maringá já não registram tanto isso.

Bortolotti - Não, não teve essa influência, porque Maringá começou praticamente a aparecer com a sua arquitetura lá para 1960, 1970. Aqui já tinha superado, já estava em uma outra linha.

[...]

Bortolotti - É uma arquitetura “clean”, que era naquela época a californiana, já está isso aí, muito vidro, transparência, e a integração da cozinha com a sala, também não era aceito isso aí, não se aceitava, era estranho, como se dizia naquela cultura que era do escravo.

Regina - Lá no fundo.

Bortolotti - Então, ainda não, praticamente algumas coisas foram feitas, mas assim a integração cozinha com sala, área de estar, isso os americanos tinham lá dos anos 1950, e aqui não.

Regina - Eu percebi que há essa integração de ambientes, principalmente sala e cozinha apareceram em poucos projetos, a maioria eles até aproximam essas áreas, tirando a cozinha do fundo e trazendo próxima das áreas sociais, mas ainda tem aquelas portinhas.

Bortolotti - É estanque, não tem ainda a planta livre, você vê um exemplo ou outro, mas na arquitetura popular, aquela que é mais construída, não, ainda era a estanque.

Regina - Eles ainda trazem um pouco da funcionalidade, da proximidade dos setores...

Bortolotti - Sim, a integração dos setores, a articulação deles, mas ainda são estanques, não é uma planta limpa, como a fachada devia ser. Mas essa aí, o que acontece na própria arquitetura, você não consegue reproduzir um Le Corbusier, não acontece isso.

Regina - Em Arapongas eu percebi, porque para pegar essas casinhas eu fui ao arquivo, e eu olhei todos os projetos, percebi que nos anos 1970 começou voltar um pouco a madeira em Arapongas, era comum a partir de 1975 retornou muito a madeira.

Bortolotti - Foi uma época dos coloniais, que começou a se utilizar a madeira.

Regina - Então foi por isso! [...] Antes disso, era na década de 1940 que se usava madeira, e de repente virou um preconceito com a madeira...

Bortolotti - Aí ela se associou à alvenaria. A madeira como elemento que foi introduzido, mas a base é alvenaria.

Regina - E depois volta de novo o colonial. Resgatando aquela...

Bortolotti - Aqueles elementos coloniais e tal.
[...]

Regina - Uma coisa, por último voltando para esse edifício [Edifício Denes], eu estava lendo aqui que a Juliana [Suzuki] previu que demorou muitos anos para ser construído, o projeto foi aprovado em 1954 e a construção terminou em 1960, e ela coloca que um dos motivos, pelo seu discurso acredito que aqui caiba uma correção, que uma das impressões dela é por causa do Rolf ser de fora e os projetos demorarem a vir, foi por isso ou foi por outro motivo?

Bortolotti - Não, faltou dinheiro do proprietário, foi o proprietário que bancou. Anuar Denes o nome dele.

Regina - Então não tinha nada a ver com o engenheiro.

Bortolotti - Não, por que inclusive com esse sistema de laje pré-moldada ela dava rapidez na construção, mas aí faltou dinheiro.
[...]

Bortolotti - Não foi por causa do Rolf, pelo que eu saiba, não. Aí não sei se deu alguma briga lá com o Rolf, não estou sabendo. Eu sei que o proprietário bancou a construção.

Regina - O projeto já estava pronto, não teve alterações em seguida?

Bortolotti - Não, o projeto eu desenhei ele todo.

Regina - E o projeto foi construído exatamente do jeito do seu desenho?

Bortolotti - Foi daquele jeito mesmo, emoldurando o peitoril, então você vê o parapeito está emoldurado, era uma época que se fazia moldura. Se você vai onde está o Lar Anália Franco, você vai encontrar um elemento na frente que avança, você tem a construção embaixo e em cima, avança um elemento com moldura, inclinada. Que era a arquitetura da época.

Regina - E essa moldura vem de onde, você se lembra?

Bortolotti - Não sei, não lembro se era de alguma leitura, esse eu não lembro. A gente repetia, mas não lembro de onde veio, boa pergunta, você vê que ela aparece muito?

Regina - Sim.

Bortolotti - Nessa época?

Regina - Em Arapongas, nessa época, e num trabalho de Maringá.

Bortolotti - Isso dá uma “tesesinha” boa.

Regina - E fazem no final da platibanda, tipo arrematando a platibanda.

Bortolotti - Isso.

Regina - É feito muito.

Bortolotti - O Veronesi fazia isto, parece que tem algum lugar que ele colocou moldura, será que é da arquitetura americana?

Regina - Em alguns projetos indicam que são de concreto essas moldurinhas.
[...]

Regina - Muito obrigada pela ajuda, Bortolotti!

		Implantação		Cobertura				Planta			Elevações																Sistema Construtivo Concreto Armado		
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
62	Q. 53 L. 17																												
65	Q. 55 L. 7																												
67	Q. 55 L. 17																												
70	Q. 57 L. 14																												
79	Q. 61 L. 10																												
82	Q. 63 L. 5																												
96	Q. 97 L. 1																												
97	Q. 99 L. 9																												
116	Q.117 L.21																												

Fonte: a própria autora

		Implantação		Cobertura				Planta			Elevações																Sistema Construtivo Concreto Armado		
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda Inclínada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
113	Q.117 L.12																												
114	Q.117 L.13																												
115	Q.117 L.13																												
117	Q.119 L.19																												
118	Q.123L.5C																												
119	Q.124 L. 2																												
120	Q.124 L.20																												
121	Q.132 L.1A																												
122	Q.132 L. 4																												
123	Q.132 L.28																												
124	Q.133 L. 8																												
125	Q.138 L.9,10																												

Fonte: a própria autora

		Implantação		Cobertura				Planta			Elevações															Sistema Construtivo Concreto Armado			
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brises	Elemento vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
92	Q. 69 L. 6																												
94	Q.71 L.13																												
95	Q. 71 L. 14																												
98	Q.101 L.5																												
102	Q.103 L.17																												

Fonte: a própria autora

		Implantação		Cobertura			Planta		Elevações													Sistema Construtivo Concreto Armado							
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brisas	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
107	Q.111 L.11																												
109	Q.112 L.16																												
110	Q.113 L.13																												
116	Q.117 L.21																												
117	Q.119 L.19																												
123	Q.132 L.28																												
125	Q.138L.9,10																												

Fonte: a própria autora

		Implantação		Cobertura				Planta			Elevações														Sistema Construtivo				
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brisas	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
82	Q. 63 L.05																												
96	Q. 97 L.01																												
97	Q. 99 L.09																												
100	Q.103L11-1																												
118	Q.123L.5C																												

Fonte: a própria autora

		Implantação		Cobertura				Planta			Elevações														Sistema Construtivo				
		Volume único	Dois volumes	Telhado com águas	Telhado com calha central	Telha cerâmica	Telha de fibrocimento	Térrea	Dois pisos	Setorização de funções	Busca pela horizontalidade	Ênfase na fachada frontal	Ênfase nas demais fachadas	Platibanda reta	Platibanda inclinada	Platibanda em V	Marquise	Colunas finas	Pilar inclinado	Pilares em V	Elementos curvos	Brisas	Elemento Vazado	Revestimento de pedra	Revestimento cerâmico	Áreas envidraçadas	Residência	Elementos de fachada	
120	Q.124 L.20																												
121	Q.132 L.1A																												
122	Q.132 L.04																												
124	Q.133 L.08																												

Fonte: a própria autora



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REGINA ADERALDO RUBINI

**APROPRIAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNISTA
BRASILEIRA NAS RESIDÊNCIAS DE ARAPONGAS - PR**

**APÊNDICES
VOLUME 2**

Londrina
2020

SUMÁRIO

APÊNDICE A - Mapa com identificação das unidades	5
APÊNDICE B - Ficha Arquitetônica 1	6
APÊNDICE C - Ficha Arquitetônica 2	7
APÊNDICE D - Ficha Arquitetônica 3	8
APÊNDICE E - Ficha Arquitetônica 4.....	10
APÊNDICE F - Ficha Arquitetônica 5.....	11
APÊNDICE G - Ficha Arquitetônica 6	12
APÊNDICE H - Ficha Arquitetônica 7	13
APÊNDICE I - Ficha Arquitetônica 8	14
APÊNDICE J - Ficha Arquitetônica 9	15
APÊNDICE K - Ficha Arquitetônica 10	17
APÊNDICE L - Ficha Arquitetônica 11	18
APÊNDICE M - Ficha Arquitetônica 12.....	19
APÊNDICE N - Ficha Arquitetônica 13	20
APÊNDICE O - Ficha Arquitetônica 14	22
APÊNDICE P - Ficha Arquitetônica 15.....	23
APÊNDICE Q - Ficha Arquitetônica 16	25
APÊNDICE R - Ficha Arquitetônica 17	26
APÊNDICE S - Ficha Arquitetônica 18.....	27
APÊNDICE T - Ficha Arquitetônica 19.....	28
APÊNDICE U - Ficha Arquitetônica 20	30
APÊNDICE V - Ficha Arquitetônica 21.....	31
APÊNDICE X - Ficha Arquitetônica 22.....	32
APÊNDICE Y - Ficha Arquitetônica 23.....	33
APÊNDICE W - Ficha Arquitetônica 24.....	34
APÊNDICE Z - Ficha Arquitetônica 25.....	35
APÊNDICE A1 - Ficha Arquitetônica 26	37
APÊNDICE B1 - Ficha Arquitetônica 27	38
APÊNDICE C1 - Ficha Arquitetônica 28	40
APÊNDICE D1 - Ficha Arquitetônica 29	42
APÊNDICE E1 - Ficha Arquitetônica 30.....	43
APÊNDICE F1 - Ficha Arquitetônica 31	44

APÊNDICE G1 - Ficha Arquitetônica 32	45
APÊNDICE H1 - Ficha Arquitetônica 33	46
APÊNDICE I2 - Ficha Arquitetônica 34	47
APÊNDICE J1 - Ficha Arquitetônica 35	49
APÊNDICE K1 - Ficha Arquitetônica 36	50
APÊNDICE L1 - Ficha Arquitetônica 37	51
APÊNDICE M1 - Ficha Arquitetônica 38	53
APÊNDICE N1 - Ficha Arquitetônica 39	54
APÊNDICE O1 - Ficha Arquitetônica 40	55
APÊNDICE P1 - Ficha Arquitetônica 41	57
APÊNDICE Q1 - Ficha Arquitetônica 42	58
APÊNDICE R1 - Ficha Arquitetônica 43	60
APÊNDICE S1 - Ficha Arquitetônica 44	61
APÊNDICE T1 - Ficha Arquitetônica 45	62
APÊNDICE U1 - Ficha Arquitetônica 46	64
APÊNDICE V1 - Ficha Arquitetônica 47	66
APÊNDICE X1 - Ficha Arquitetônica 48	67
APÊNDICE Y1 - Ficha Arquitetônica 49	69
APÊNDICE W1 - Ficha Arquitetônica 50	70
APÊNDICE Z1 - Ficha Arquitetônica 51	71
APÊNDICE A2 - Ficha Arquitetônica 52	72
APÊNDICE B2 - Ficha Arquitetônica 53	73
APÊNDICE C2 - Ficha Arquitetônica 54	74
APÊNDICE D2 - Ficha Arquitetônica 55	76
APÊNDICE E2 - Ficha Arquitetônica 56	77
APÊNDICE F2 - Ficha Arquitetônica 57	78
APÊNDICE G2 - Ficha Arquitetônica 58	79
APÊNDICE H2 - Ficha Arquitetônica 59	81
APÊNDICE I2 - Ficha Arquitetônica 60	82
APÊNDICE J2 - Ficha Arquitetônica 61	83
APÊNDICE K2 - Ficha Arquitetônica 62	84
APÊNDICE L2 - Ficha Arquitetônica 63	86
APÊNDICE M2 - Ficha Arquitetônica 64	87
APÊNDICE N2 - Ficha Arquitetônica 65	88

APÊNDICE O2 - Ficha Arquitetônica 66	90
APÊNDICE P2 - Ficha Arquitetônica 67	92
APÊNDICE Q2 - Ficha Arquitetônica 68	93
APÊNDICE R2 - Ficha Arquitetônica 69	94
APÊNDICE S2 - Ficha Arquitetônica 70.....	95
APÊNDICE T2 - Ficha Arquitetônica 71	96
APÊNDICE U2 - Ficha Arquitetônica 72	97
APÊNDICE V2 - Ficha Arquitetônica 73.....	98
APÊNDICE X2 - Ficha Arquitetônica 74.....	100
APÊNDICE Y2 - Ficha Arquitetônica 75.....	101
APÊNDICE W2 - Ficha Arquitetônica 76.....	102
APÊNDICE Z2 - Ficha Arquitetônica 77	103
APÊNDICE A3 - Ficha Arquitetônica 78	104
APÊNDICE B3 - Ficha Arquitetônica 79	106
APÊNDICE C3 - Ficha Arquitetônica 80	107
APÊNDICE D3 - Ficha Arquitetônica 81	108
APÊNDICE E3 - Ficha Arquitetônica 82.....	109
APÊNDICE F3 - Ficha Arquitetônica 83.....	111
APÊNDICE G3 - Ficha Arquitetônica 84	112
APÊNDICE H3 - Ficha Arquitetônica 85	113
APÊNDICE I3 - Ficha Arquitetônica 86.....	115
APÊNDICE J3 - Ficha Arquitetônica 87	117
APÊNDICE K3 - Ficha Arquitetônica 88	118
APÊNDICE L3 - Ficha Arquitetônica 89.....	119
APÊNDICE M3 - Ficha Arquitetônica 90	120
APÊNDICE N3 - Ficha Arquitetônica 91	121
APÊNDICE O3 - Ficha Arquitetônica 92	123
APÊNDICE P3 - Ficha Arquitetônica 93.....	125
APÊNDICE Q3 - Ficha Arquitetônica 94	126
APÊNDICE R3 - Ficha Arquitetônica 95	127
APÊNDICE S3 - Ficha Arquitetônica 96.....	129
APÊNDICE T3 - Ficha Arquitetônica 97	130
APÊNDICE U3 - Ficha Arquitetônica 98	131
APÊNDICE V3 - Ficha Arquitetônica 99.....	133

APÊNDICE X3 - Ficha Arquitetônica 100.....	134
APÊNDICE Y3 - Ficha Arquitetônica 101.....	135
APÊNDICE W3 - Ficha Arquitetônica 102.....	136
APÊNDICE Z3 - Ficha Arquitetônica 103.....	138
APÊNDICE A4 - Ficha Arquitetônica 104.....	139
APÊNDICE B4 - Ficha Arquitetônica 105.....	141
APÊNDICE C4 - Ficha Arquitetônica 106.....	143
APÊNDICE D4 - Ficha Arquitetônica 107.....	144
APÊNDICE E4 - Ficha Arquitetônica 108.....	145
APÊNDICE F4 - Ficha Arquitetônica 109.....	147
APÊNDICE G4 - Ficha Arquitetônica 110.....	149
APÊNDICE H4 - Ficha Arquitetônica 111.....	150
APÊNDICE I4 - Ficha Arquitetônica 112.....	152
APÊNDICE J4 - Ficha Arquitetônica 113.....	154
APÊNDICE K4 - Ficha Arquitetônica 114.....	155
APÊNDICE L4 - Ficha Arquitetônica 115.....	156
APÊNDICE M4 - Ficha Arquitetônica 116.....	157
APÊNDICE N4 - Ficha Arquitetônica 117.....	158
APÊNDICE O4 - Ficha Arquitetônica 118.....	160
APÊNDICE P4 - Ficha Arquitetônica 119.....	162
APÊNDICE Q4 - Ficha Arquitetônica 120.....	164
APÊNDICE R4 - Ficha Arquitetônica 121.....	165
APÊNDICE S4 - Ficha Arquitetônica 122.....	167
APÊNDICE T4 - Ficha Arquitetônica 123.....	168
APÊNDICE U4 - Ficha Arquitetônica 124.....	169
APÊNDICE V4 - Ficha Arquitetônica 125.....	170

APÊNDICE A - Mapa com identificação das unidades



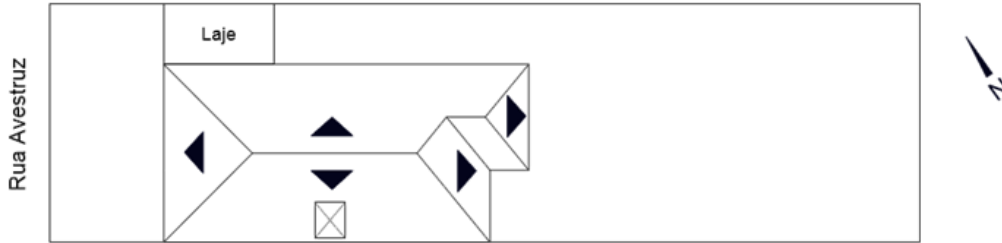
Fonte: Mapa cedido pela PMA e modificado pela autora

APÊNDICE B - Ficha Arquitetônica 1

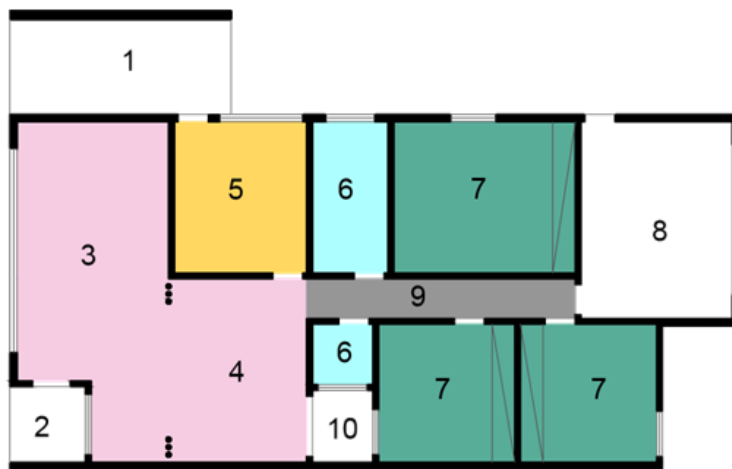
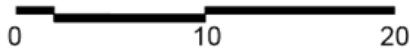
232

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº1/ Q.1/ L.20	Endereço Rua Avestruz	Área 170,25m²
Proprietário Pasquale Aromatário	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1965



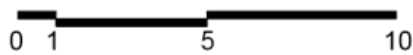
Implantação



Legenda Ambientes

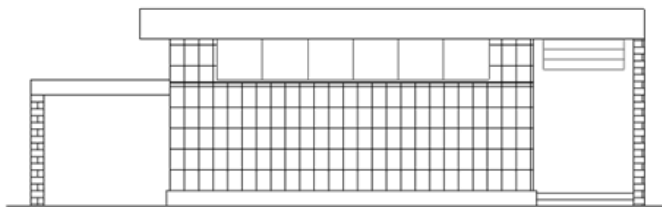
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha/Copa
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Sala de Costura
- 9- Circulação
- 10- Jardim

Planta

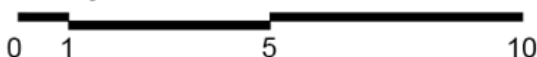


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto modificado, correspondente a Figura 35 do Volume 1.

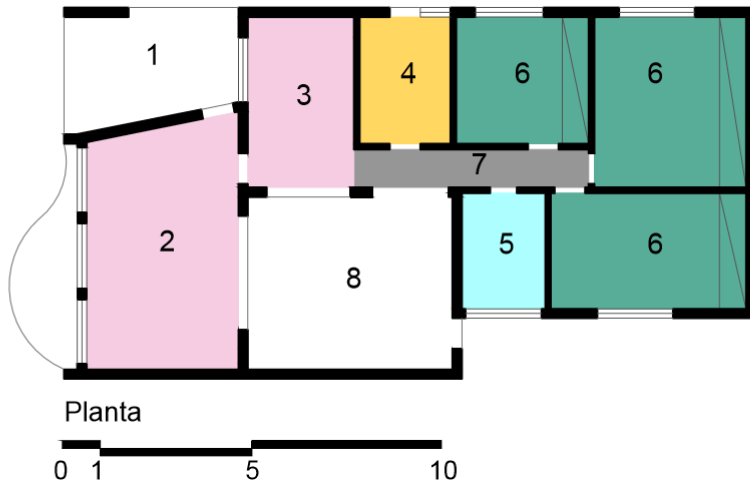
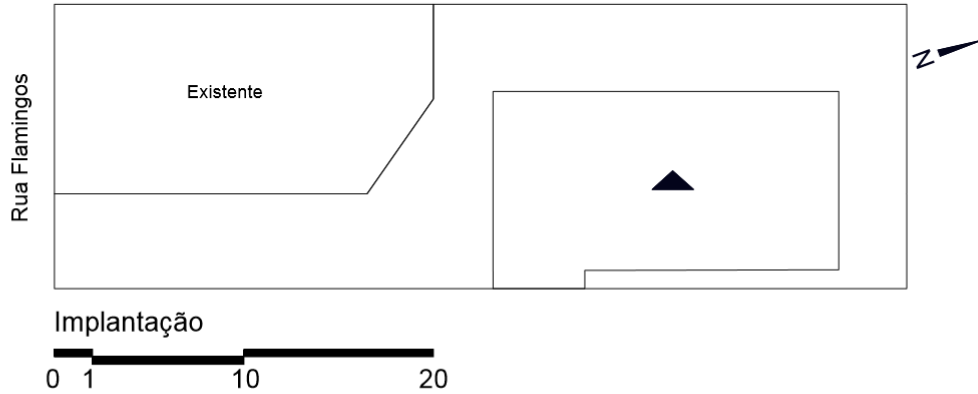
Dormitório a nordeste não apresenta janela.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|---|---|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|---|---|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº2/ Q.3/ L.18	Endereço Rua Flamingos	Área 162,78m²
Proprietário Luiz Gonzaga da Motta Ribeiro	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1961

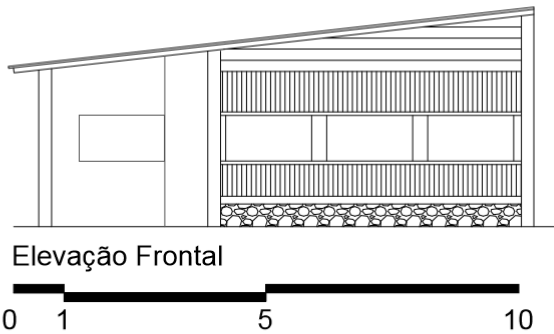


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Sala de Estar
- 3- Sala de Jantar
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação
- 8- Pátio Social

Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE D - Ficha Arquitetônica 3

234

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº3/ Q.4/ L.3

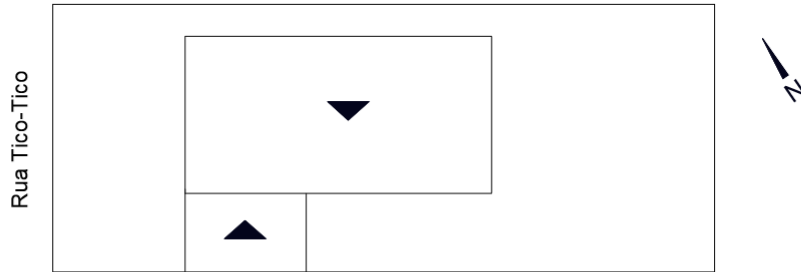
Endereço
Rua Tico Tico

Área
158,67m²

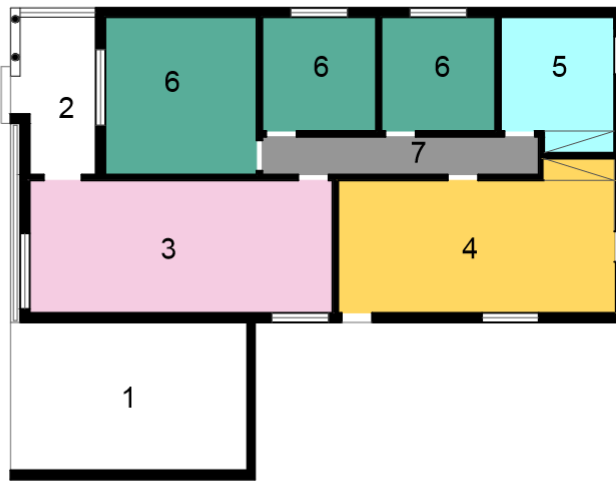
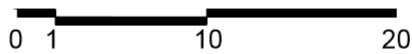
Proprietário
João Martins Cava Filho

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Christo

Ano de Aprovação
1959



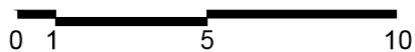
Implantação



Legenda Ambientes

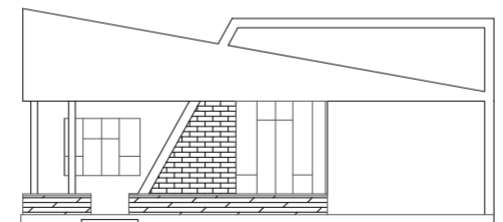
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação

Planta



Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE D - Ficha Arquitetônica 3

235

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº3/ Q.4/ L.3	Endereço Rua Tico Tico	Área 158,67m²
Proprietário João Martins Cava Filho	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1959



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

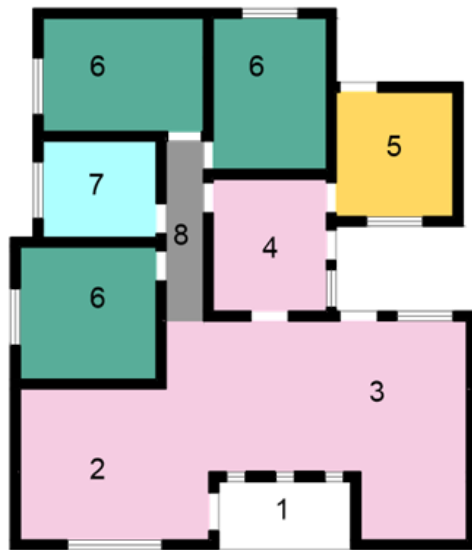
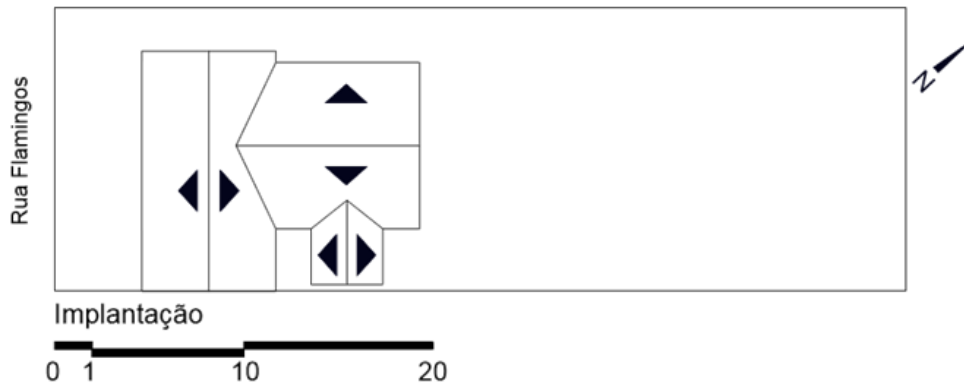
Inexistente

Modificada

APÊNDICE E - Ficha Arquitetônica 4

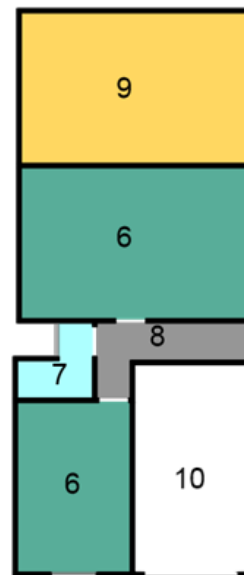
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº4/ Q.5/ L.20	Endereço Rua Flamingos	Área 248,07m²
Proprietário José Colombino Grassano	Responsável Técnico Henrique Cabral Branco	Ano de Aprovação 1953



Planta

0 1 5 10



Planta Edícula

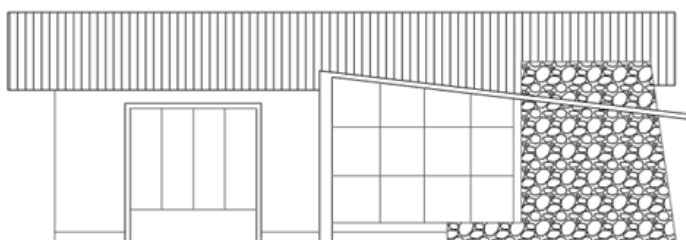
0 1 5 10

Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala de Visita
- 3- Living Room
- 4- Sala de Almoço
- 5- Cozinha
- 6- Domitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- Depósito
- 10- Garagem

Legenda Setores

- Social (Pink)
- Privado (Green)
- I.S. (Cyan)
- Serviço (Yellow)
- Circulação (Grey)
- Funcionários (Orange)



Elevação Frontal

0 1 5 10

OBSERVAÇÕES

Residência citada no item 3.1 do Volume 1 - Figura 29.

Implantação não indica local da edícula.

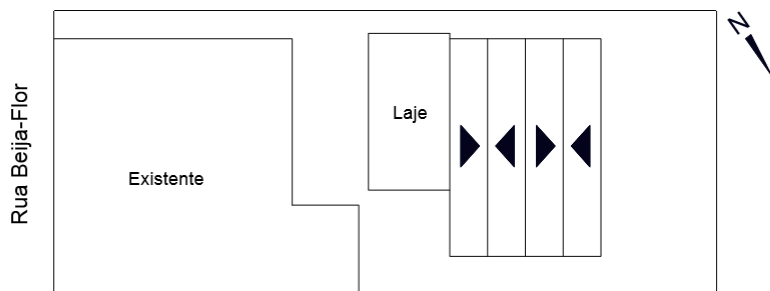
CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

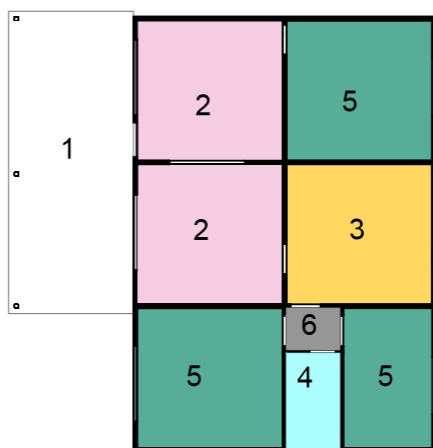
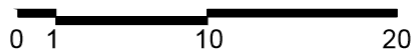
APÊNDICE F - Ficha Arquitetônica 5

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº5/ Q.6/ L.16	Endereço Rua Beija- Flor	Área 92,00m²
Proprietário Mitsuhiko Shimada	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1959



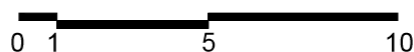
Implantação



Legenda Ambientes

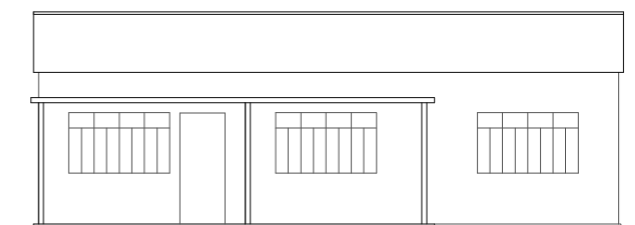
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- I.S.
- 5- Dormitório
- 6- Circulação

Planta

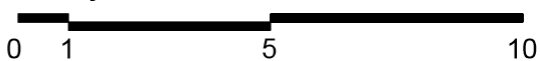


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



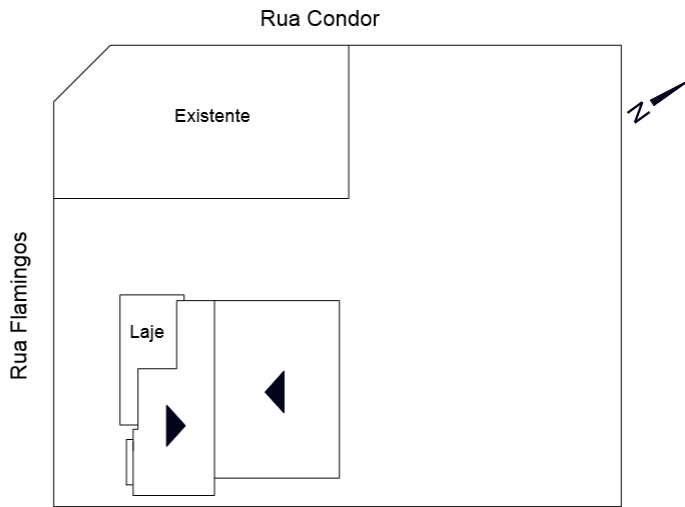
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

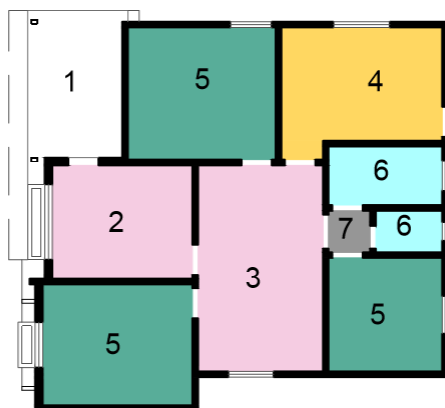
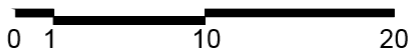
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº6/ Q.9/ L.1,2	Endereço Rua Flaminos x Rua Condor	Área 107,82m²
Proprietário Francisco Bueno do Prado	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1957



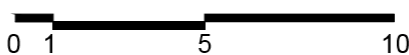
Implantação



Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Planta

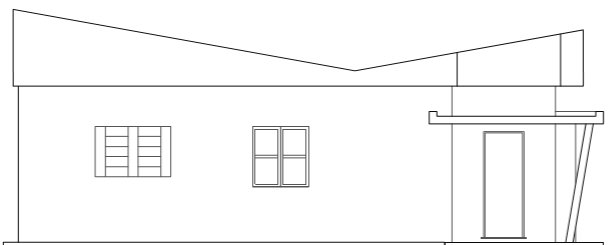
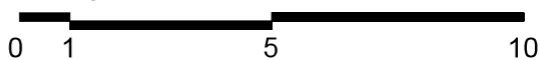


Legenda Setores

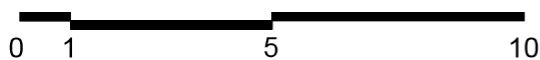
- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

O desenho dos cortes indicam uso de telhas de alumínio para cobertura.

Residência com projeto modificado. Não há fotografia por conta de árvores e cobertura no recuo.

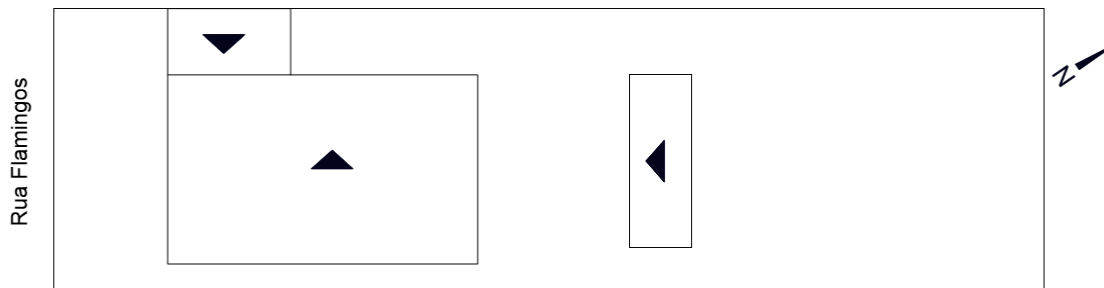
CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|---|---|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|---|---|

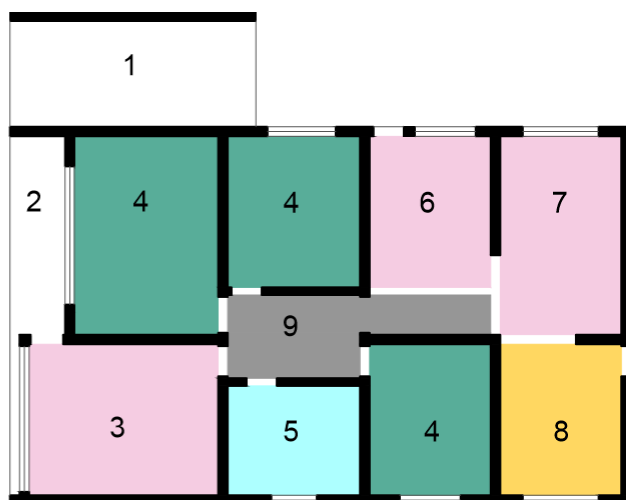
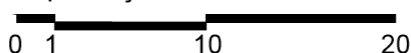
APÊNDICE H - Ficha Arquitetônica 7

IDENTIFICAÇÃO

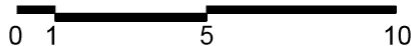
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº7/ Q.9/ L.19	Endereço Rua Flamingos	Área 208,50m²
Proprietário Pascoal Faria	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1959



Implantação

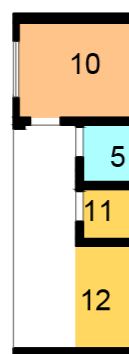


Planta

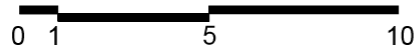


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Sala de Estar
- 7- Copa
- 8- Cozinha
- 9- Circulação
- 10- Dorm. Func.
- 11- Despensa
- 12- A.S.

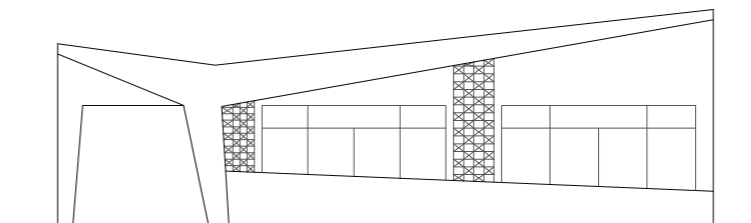


Planta Edícula

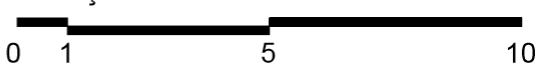


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

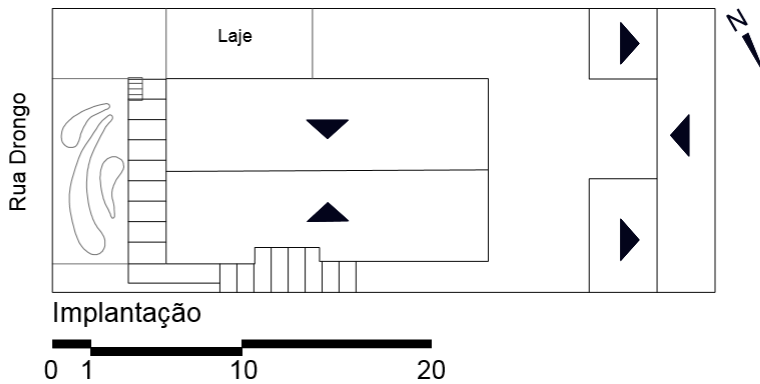
Projeto modificado, correspondente a Figura 40 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

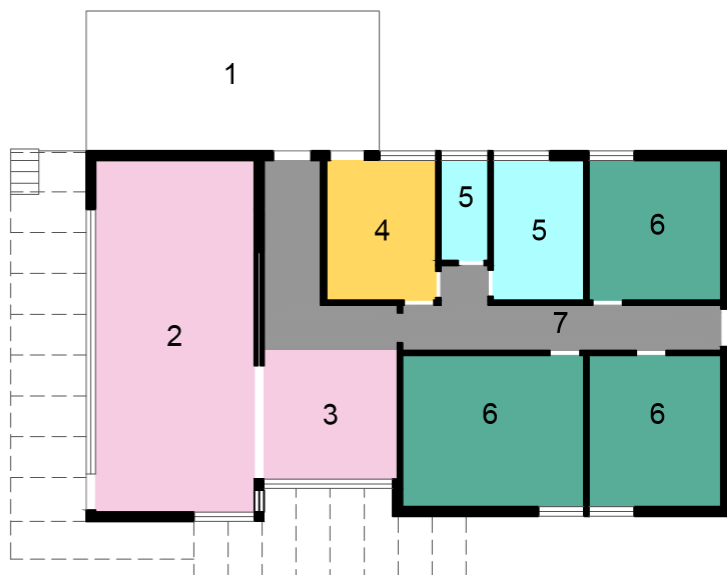
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº8/ Q.10/ L.13	Endereço Rua Drongo	Área 284,07m²
Proprietário Sergio Scolari	Responsável Técnico Américo Sato	Ano de Aprovação 1960

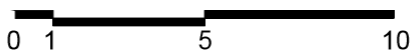


Legenda Ambientes

- | | |
|-------------------|-----------------------|
| 1- Abrigo | 7- Circulação |
| 2- Sala | 8- Garagem |
| 3- Sala de Jantar | 9- Brinquedo crianças |
| 4- Cozinha | 10- Dorm. Func. |
| 5- I.S. | 11- Depósito |
| 6- Dormitório | 12- A.S. |

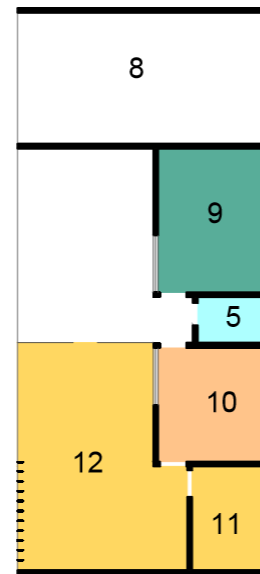


Planta

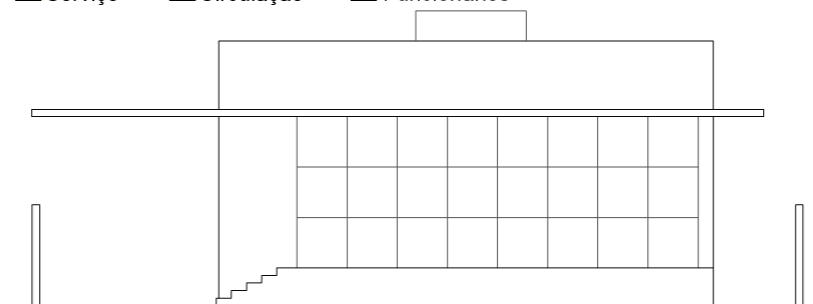
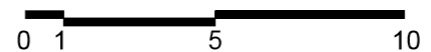


Legenda Setores

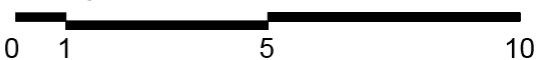
- | | | |
|--|---|---|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Planta Edícula



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto modificado, correspondente a Figura 42 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|---|--|---|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|--|---|

APÊNDICE J - Ficha Arquitetônica 9

241

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº9/ Q.10/ L.15

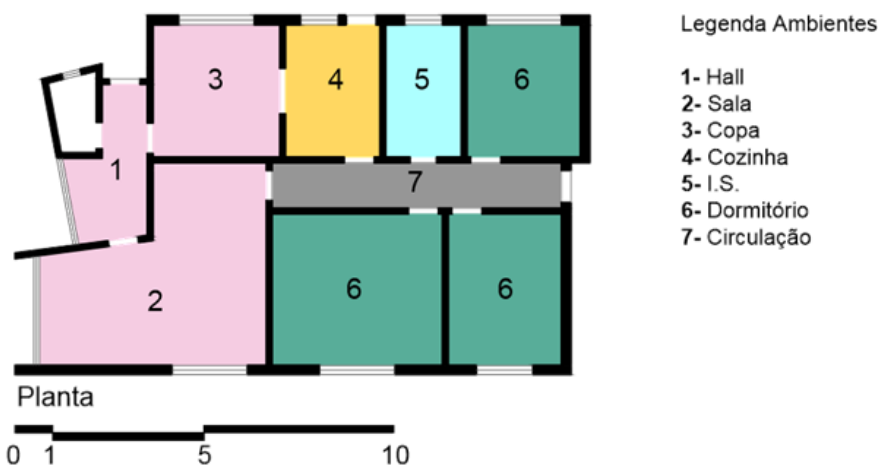
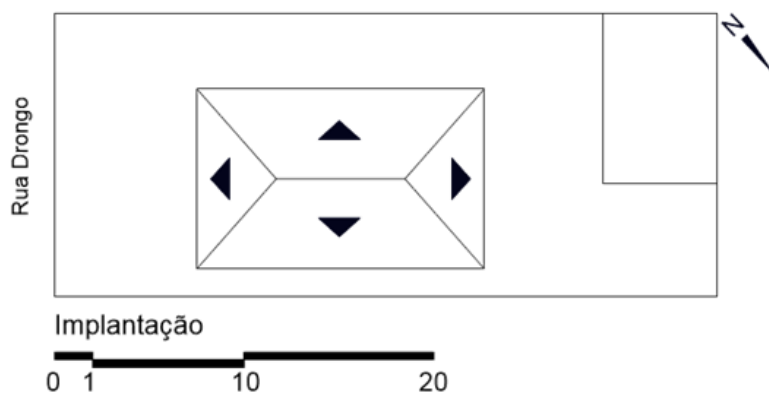
Endereço
Rua Drongo

Área
195,00m²

Proprietário
João Scolari

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Cristo

Ano de Aprovação
1960

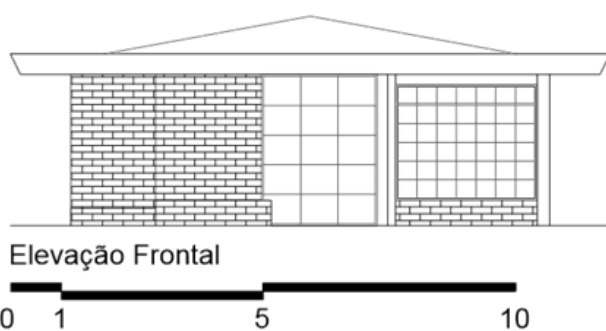


Legenda Ambientes

- 1- Hall
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação

Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



OBSERVAÇÕES

O projeto aponta para um volume ao fundo, no entanto não há nenhuma planta com o programa.

CARACTERIZAÇÃO

■ Existente

□ Inexistente

□ Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº9/ Q.10/ L.15	Endereço Rua Drongo	Área 195,00m²
Proprietário João Scolari	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

O projeto aponta para um volume ao fundo, no entanto não há nenhuma planta com o programa.

CARACTERIZAÇÃO

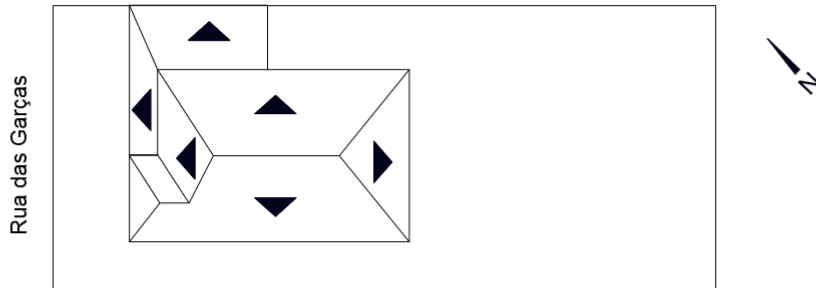
Existente

Inexistente

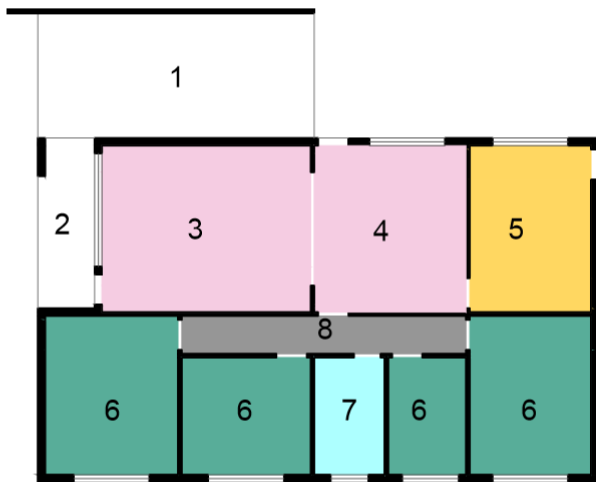
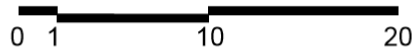
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº10/ Q.11/ L.3	Endereço Rua das Garças	Área 156,78m²
Proprietário Francisco Carrasco	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1973



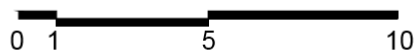
Implantação



Legenda Ambientes

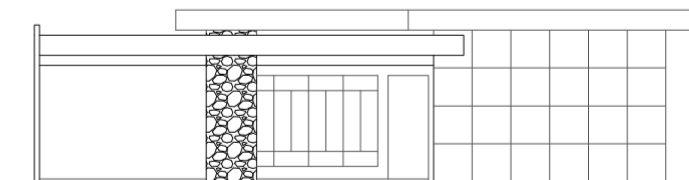
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

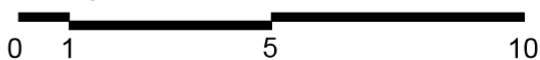


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

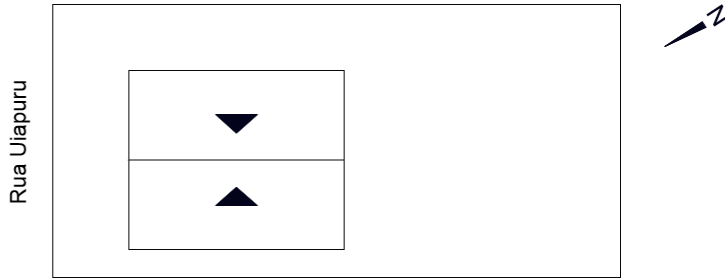
Projeto modificado, correspondente a Figura 43 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

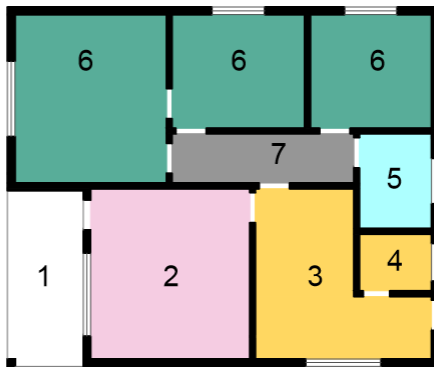
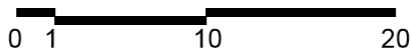
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº11/ Q.12/ L.8	Endereço Rua Uiapuru	Área 118,00m²
Proprietário Umberto Scolari	Responsável Técnico José Gabriel Salles Ferreira	Ano de Aprovação 1962



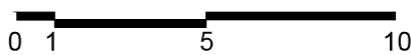
Implantação



Legenda Ambientes

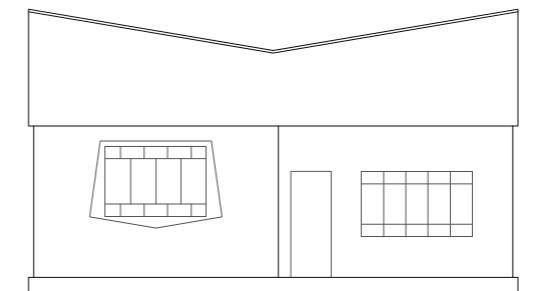
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha/ Copa
- 4- Despensa
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação

Planta



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

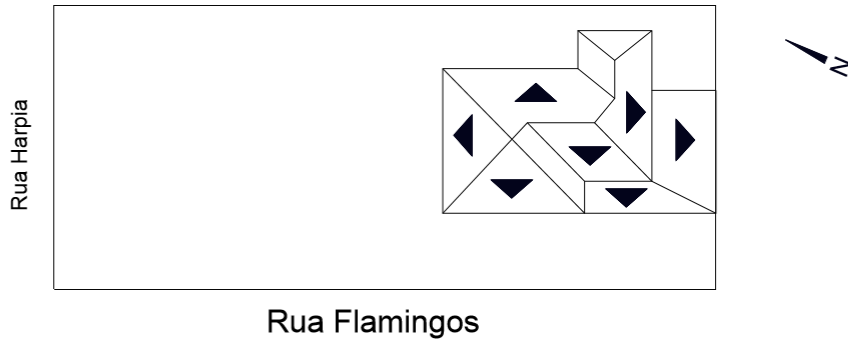
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE M - Ficha Arquitetônica 12

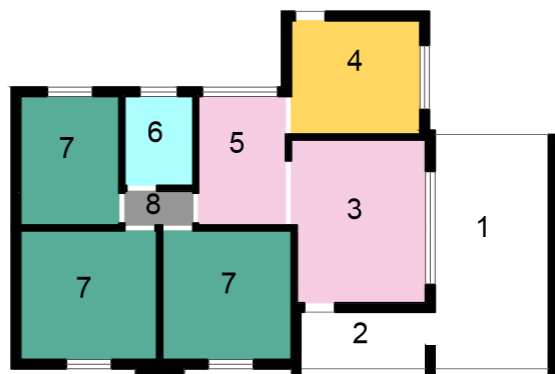
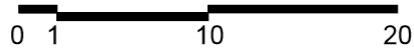
245

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº12/ Q.13/ L.1	Endereço Rua Flamingos x Rua Harpia	Área 109,90m²
Proprietário José Rodin Bonugli	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1972



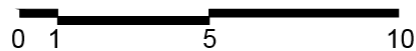
Implantação



Legenda Ambientes

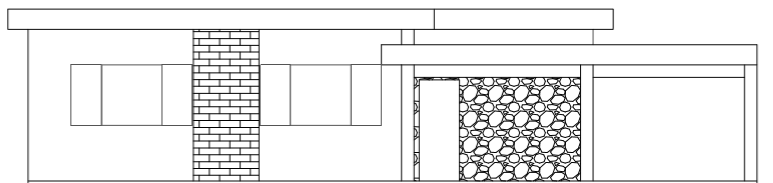
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Copa
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Circulação

Planta

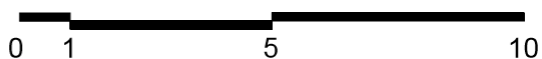


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

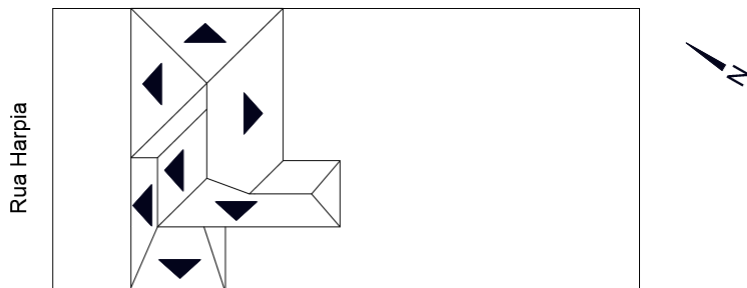
- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE N - Ficha Arquitetônica 13

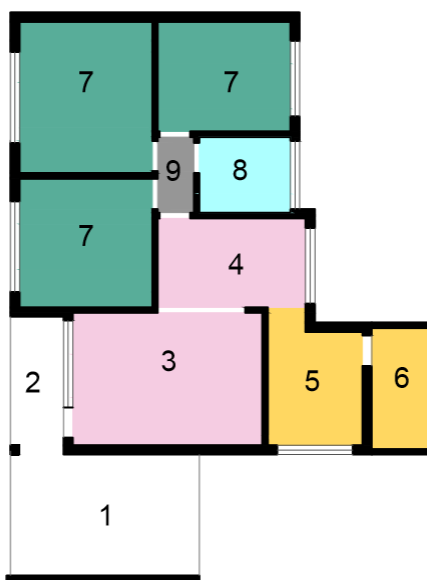
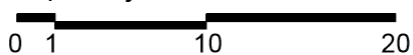
246

IDENTIFICAÇÃO

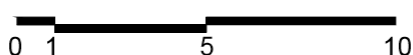
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº13/ Q.13/ L.4	Endereço Rua Harpia	Área 120,80m²
Proprietário Massumi Tanaka	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Implantação



Planta

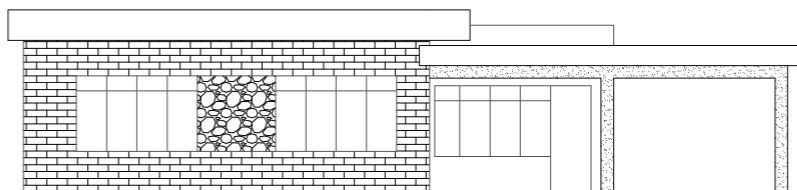


Legenda Ambientes

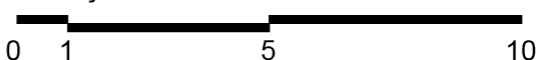
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---------|-------------|--------------|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

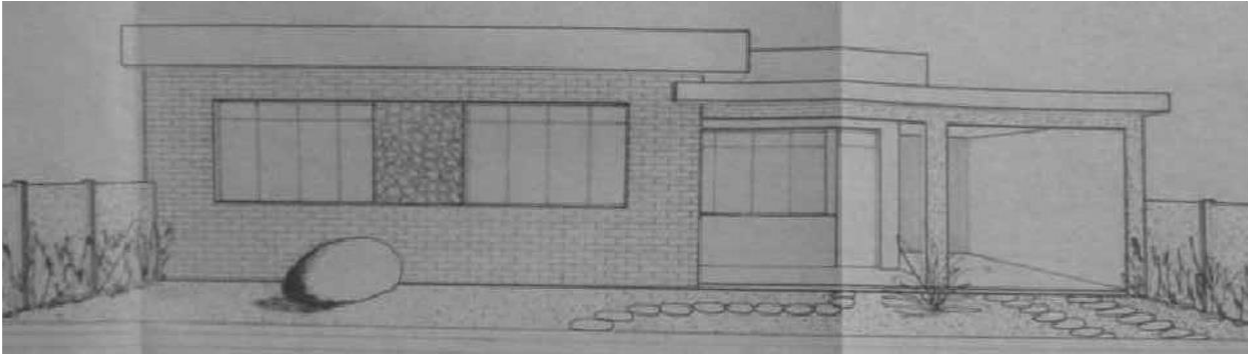
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

APÊNDICE N - Ficha Arquitetônica 13

247

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº13/ Q.13/ L.4	Endereço Rua Harpia	Área 120,80m²
Proprietário Massumi Tanaka	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

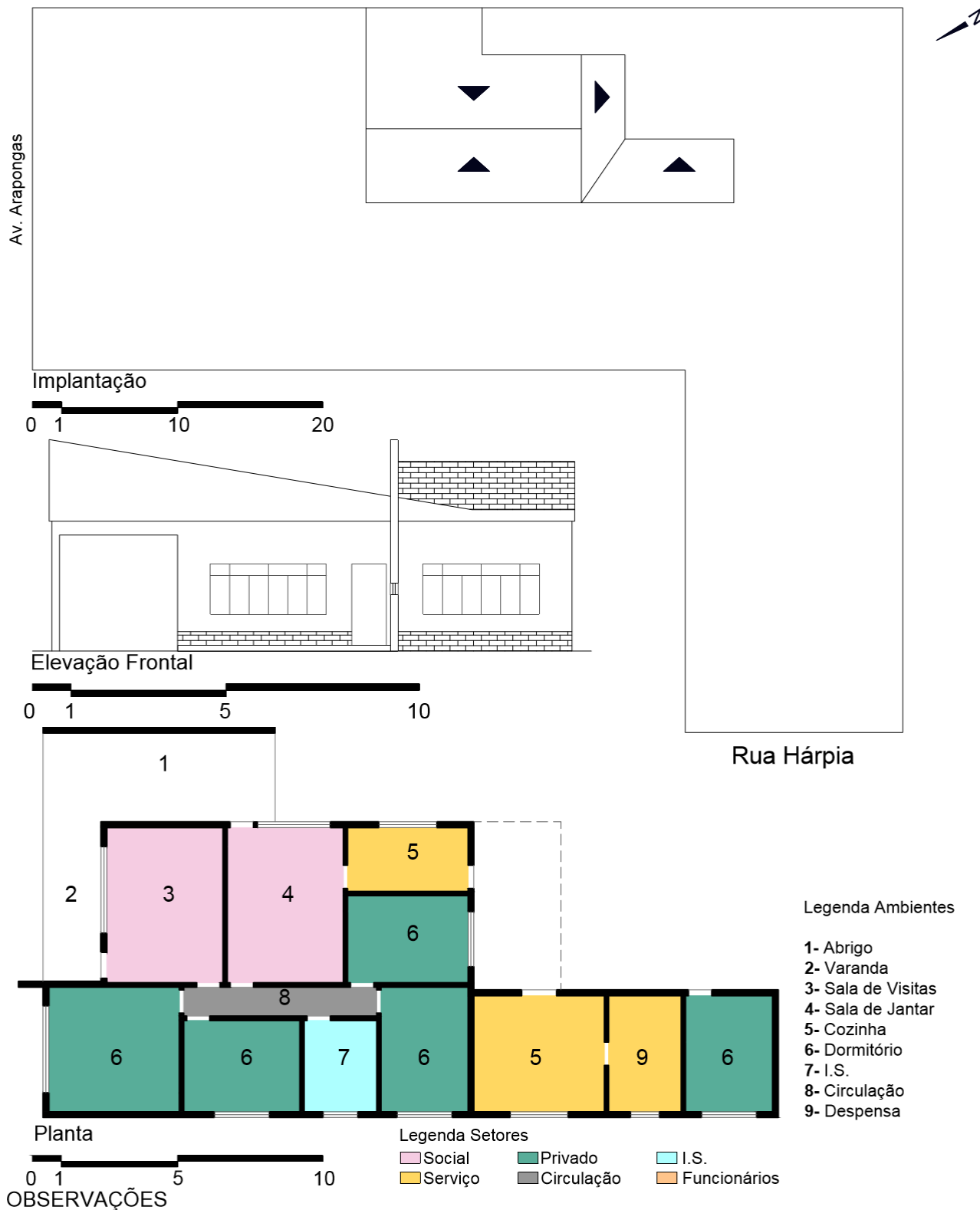
Inexistente

Modificada

APÊNDICE O - Ficha Arquitetônica 14

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº14/ Q.13/ L.4,7,8	Endereço Av. Arapongas	Área 226,80m²
Proprietário Fuzio Tanaka	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1961

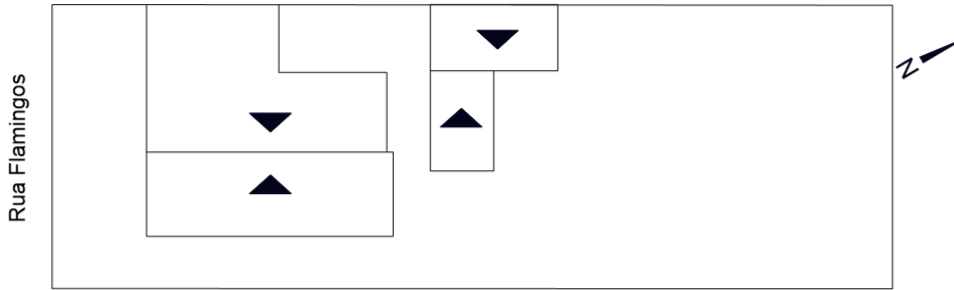


CARACTERIZAÇÃO

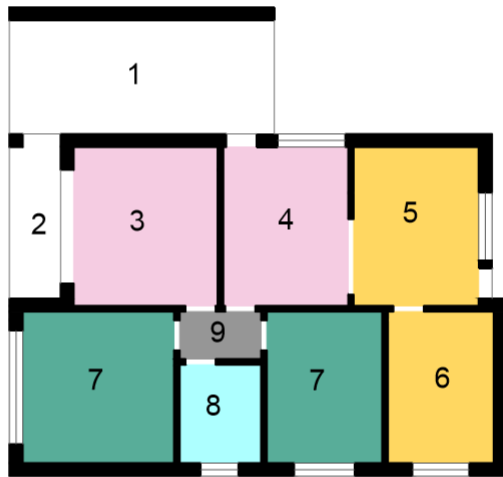
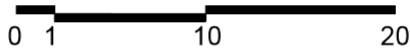
Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

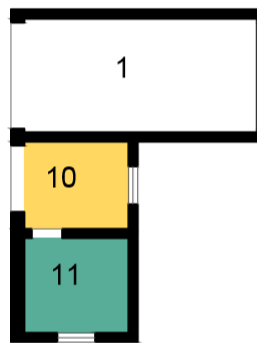
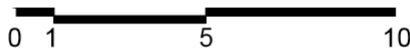
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº15/ Q.13/ L.19	Endereço Rua Flamings	Área 182,10m²
Proprietário José Fulgencio da Cruz	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



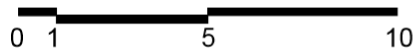
Implantação



Planta



Planta Edícula

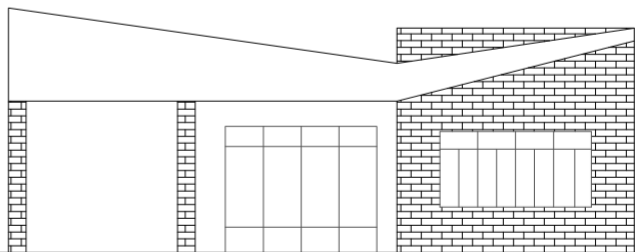


Legenda Ambientes

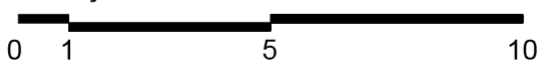
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação
- 10- Despejo
- 11- Dormitório

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|---|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº15/ Q.13/ L.19	Endereço Rua Flamingos	Área 182,10m²
Proprietário José Fulgencio da Cruz	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

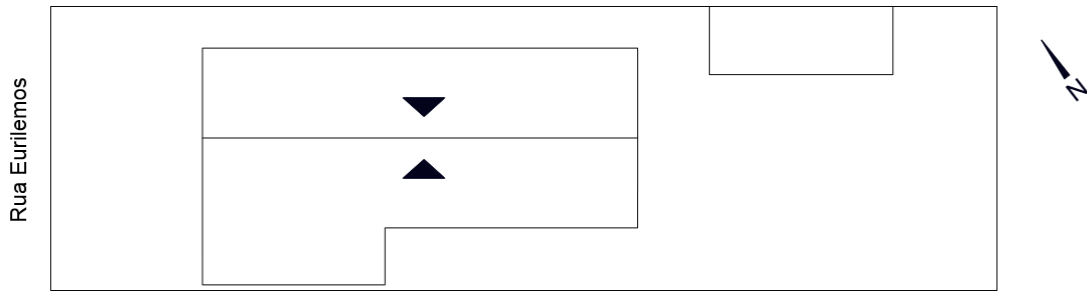
Inexistente

Modificada

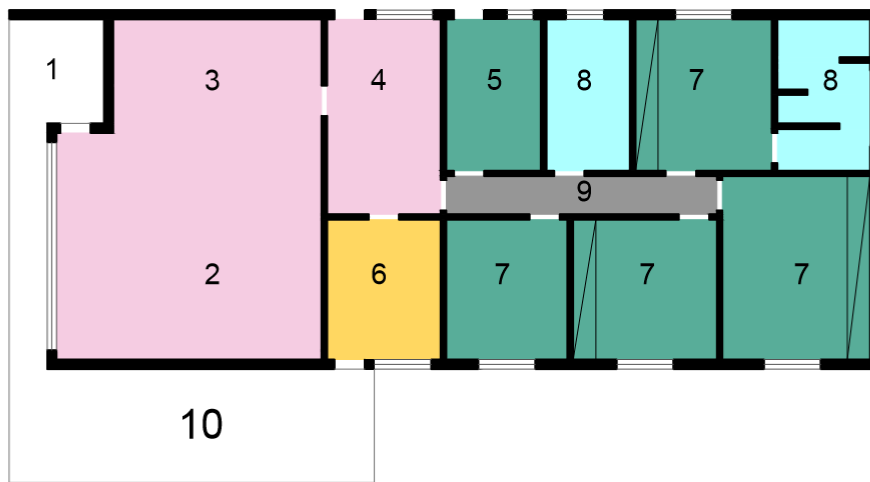
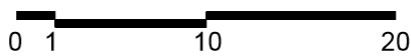
APÊNDICE Q - Ficha Arquitetônica 16

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº16/ Q.14/ L.4	Endereço Rua Eurilemos	Área 281,56m²
Proprietário Jair Ribeiro	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Implantação



Legenda Ambientes

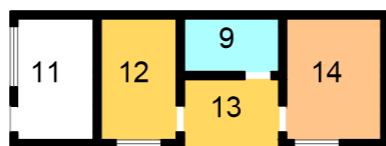
- 1- Varanda
- 2- Living
- 3- Sala de Jantar
- 4- Copa
- 5- Escritório
- 6- Cozinha
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação
- 10- Abrigo
- 11- Brincar
- 12- Passar Roupas
- 13- A.S.
- 14- Dorm. Func.

Planta

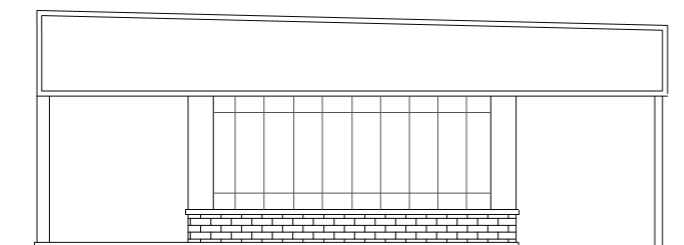
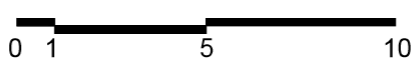


Legenda Setores

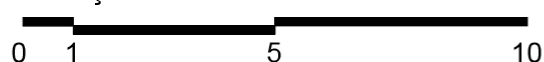
- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Planta Edícula



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

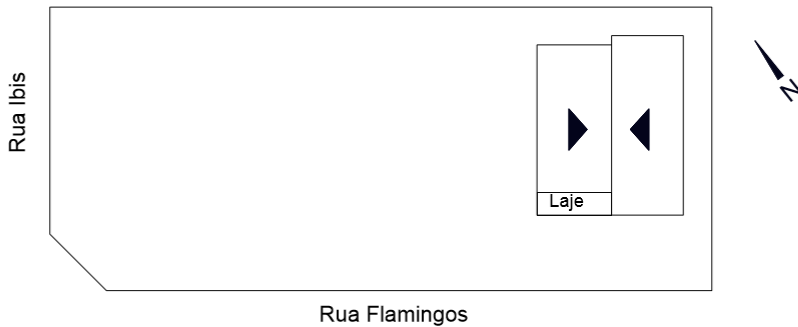
O projeto não especifica a cobertura da edícula.

CARACTERIZAÇÃO

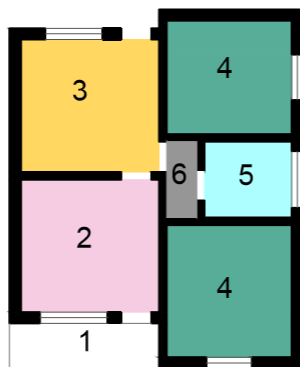
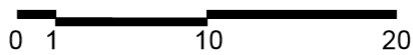
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº17/ Q.15/ L.1	Endereço Rua Flamingos x Rua Ibis	Área 67,81m²
Proprietário Paraskievja Sejtko	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1967



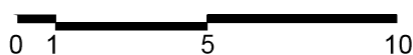
Implantação



Legenda Ambientes

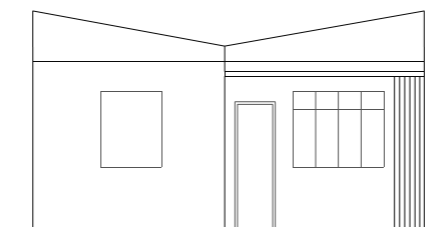
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Circulação

Planta

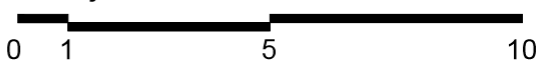


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

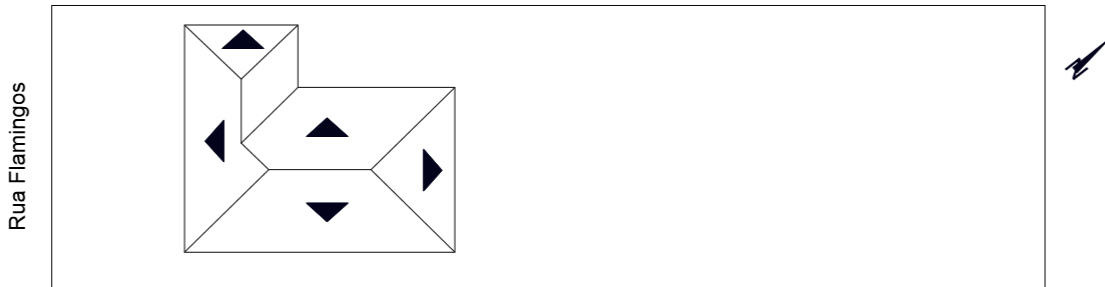
No projeto o desenho da elevação está invertido em relação a planta.
Na planta não há indicação dos pilares na varanda, como apresentados na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

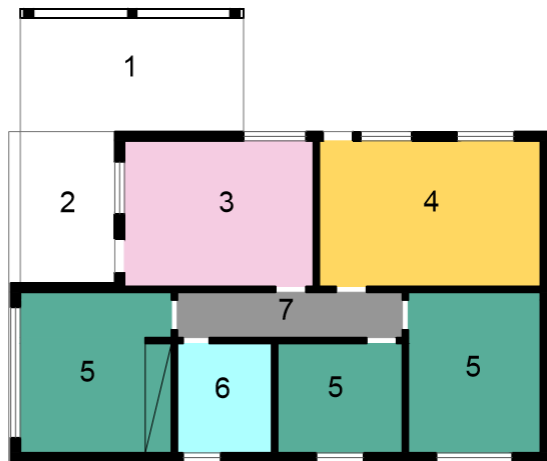
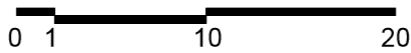
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº18/ Q.15/ L.19	Endereço Rua Flamíngos	Área 151,00m²
Proprietário Youssef Ibrahim Abdul Nour	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1965



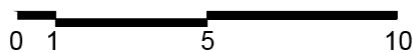
Implantação



Legenda Ambientes

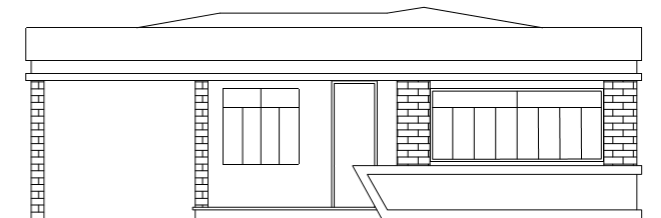
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa/ Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Planta

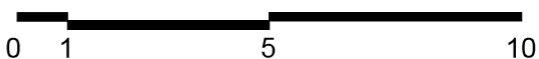


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Residência existente que não foi contemplada no levantamento iconográfico por conta da vegetação que oculta a fachada.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|---|---|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|---|--|

APÊNDICE T - Ficha Arquitetônica 19

254

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº19/ Q.15/ L.20

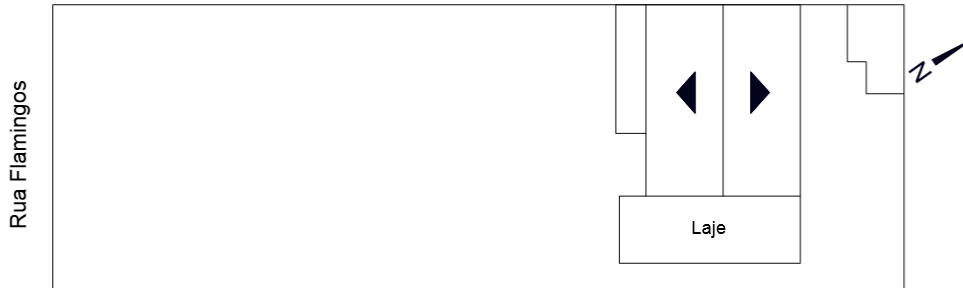
Endereço
Rua Flamings

Área
166,84m²

Proprietário
Waldir Perez Marins

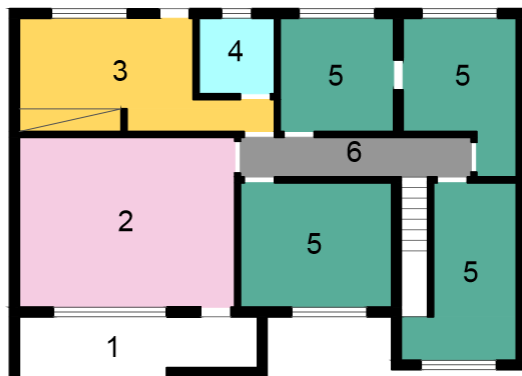
Responsável Técnico
Ampélio Filla

Ano de Aprovação
1973



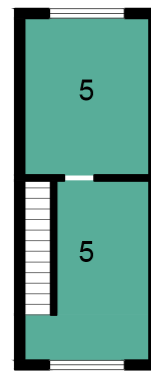
Implantação

0 1 10 20



Planta Pavimento Térreo

0 1 5 10



Planta Pavimento Superior

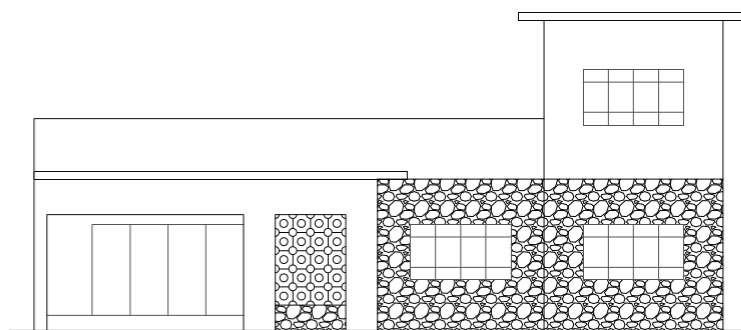
0 1 5 10

Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- I.S.
- 5- Dormitório
- 6- Circulação

Legenda Setores

- Social (pink)
- Serviço (yellow)
- Dormitórios (green)
- Circulação (grey)
- I.S. (light blue)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal

0 1 5 10

OBSERVAÇÕES

Projeto não indica a cobertura da edícula.

CARACTERIZAÇÃO

□ Existente

■ Inexistente

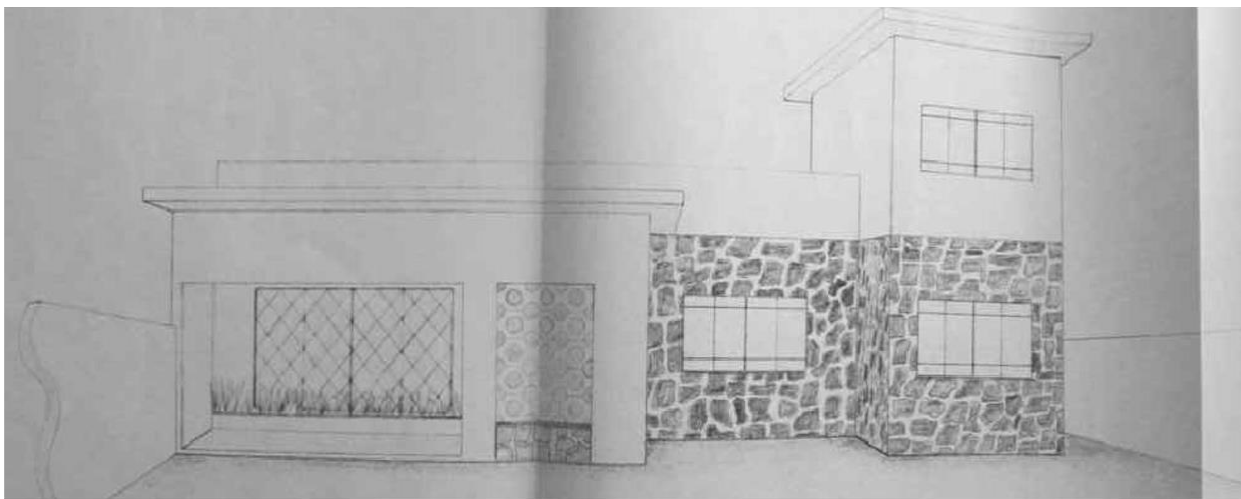
□ Modificada

APÊNDICE T - Ficha Arquitetônica 19

255

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº19/ Q.15/ L.20	Endereço Rua Flamingos	Área 166,84m²
Proprietário Waldir Perez Marins	Responsável Técnico Ampélio Filla	Ano de Aprovação 1973



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Projeto não indica a cobertura da edícula.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE U - Ficha Arquitetônica 20

256

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº20/ Q.16/ L.4

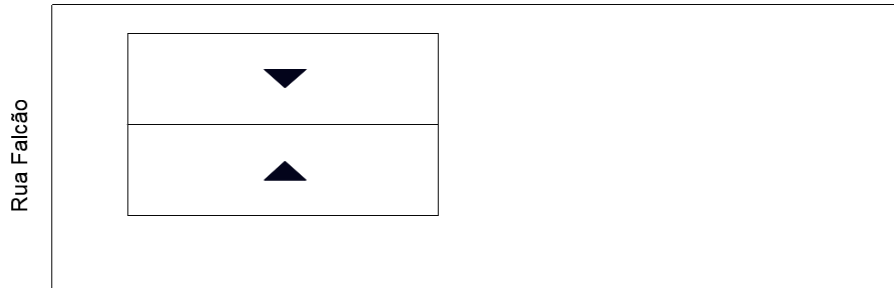
Endereço
Rua Falcão

Área
158,26m²

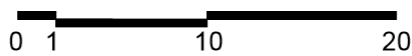
Proprietário
João Davantel

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Christo

Ano de Aprovação
1962



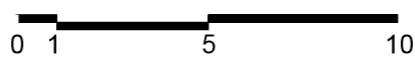
Implantação



Legenda Ambientes

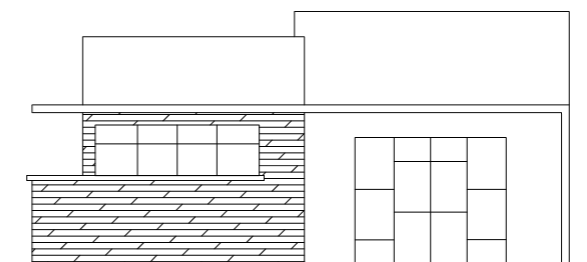
- 1- Varanda
- 2- Living
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Planta

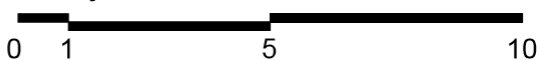


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto modificado, correspondente a Figura 46 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

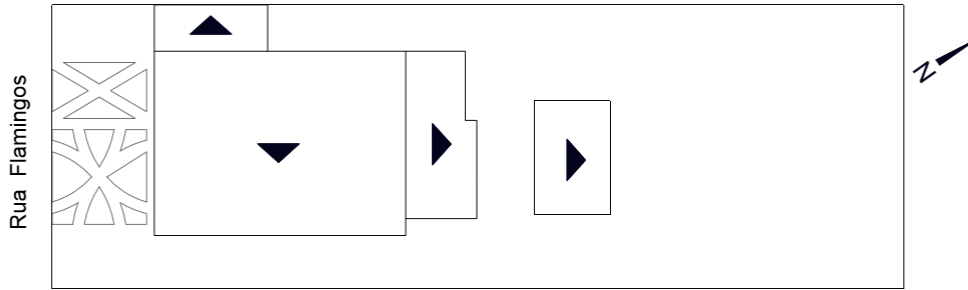
Modificada

APÊNDICE V - Ficha Arquitetônica 21

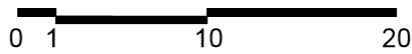
257

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº21/ Q.17/ L.18	Endereço Rua Flamings	Área 167,80m²
Proprietário Jurandir Biazon	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970

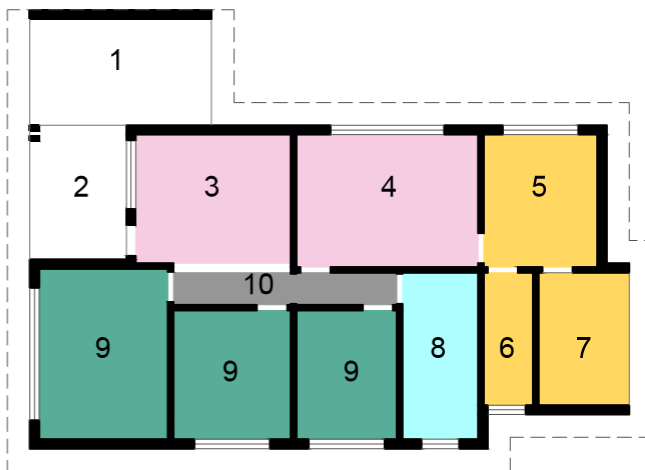


Implantação

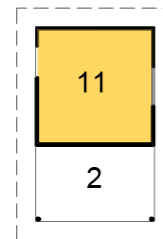
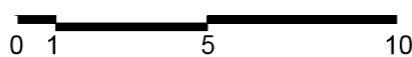


Legenda Ambientes

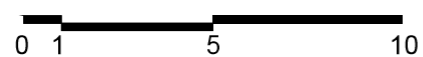
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- A.S.
- 8- I.S.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação
- 11- Depósito



Planta

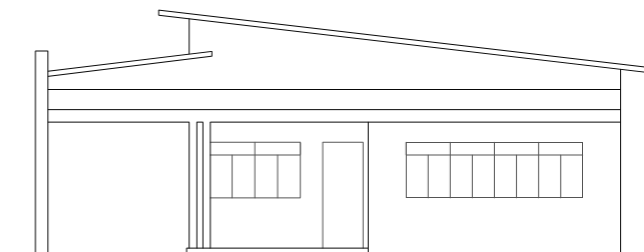


Planta Edícula

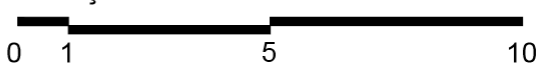


Legenda Setores

- | | | |
|---|---|--|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Depósito da edícula apresenta paredes de pouca espessura.

CARACTERIZAÇÃO

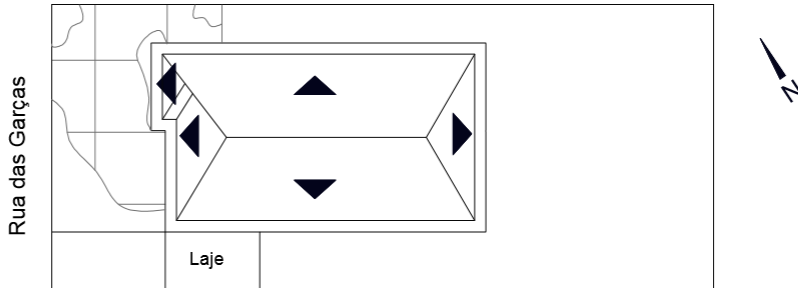
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE X - Ficha Arquitetônica 22

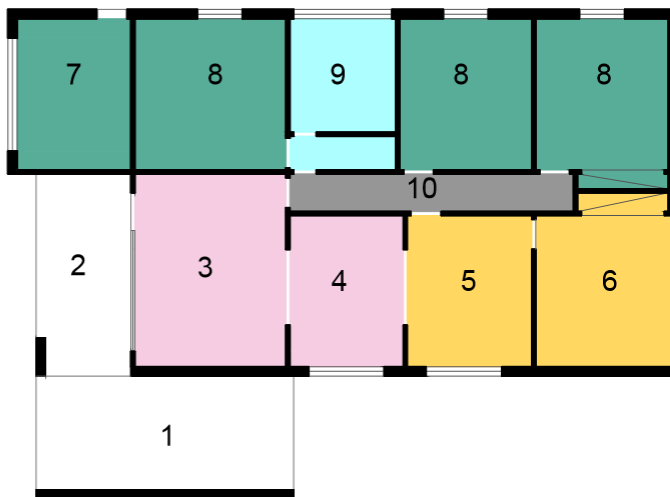
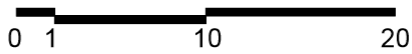
258

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº22/ Q.18/ L.5	Endereço Rua das Garças	Área 120,00m²
Proprietário Adelmo de Mazer Dal Pozzo	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1966



Implantação



Legenda Ambientes

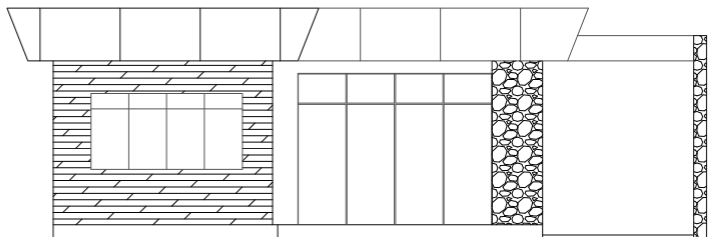
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Escritório
- 8- Dormitório
- 9- I.S.
- 10- Circulação

Planta

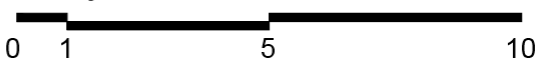


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

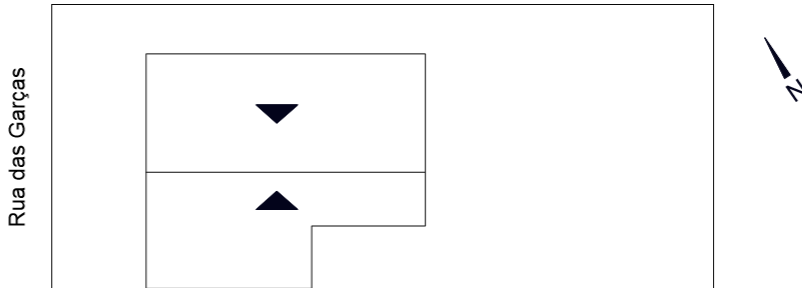
- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE Y - Ficha Arquitetônica 23

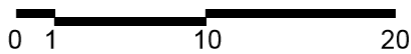
259

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº23/ Q.18/ L.6	Endereço Rua das Garças	Área 163,87m²
Proprietário Olga Kalaur	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



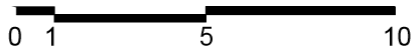
Implantação



Legenda Ambientes

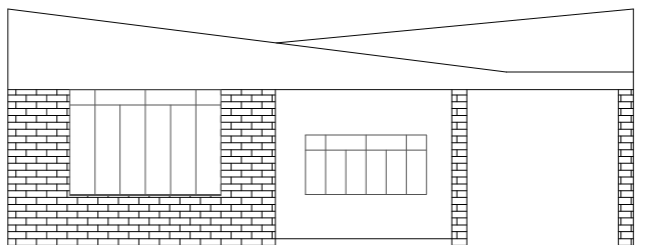
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Escritório
- 6- Cozinha
- 7- Despensa
- 8- Dormitório
- 9- I.S.
- 10- Circulação

Planta



Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto modificado, correspondente a Figura 47 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

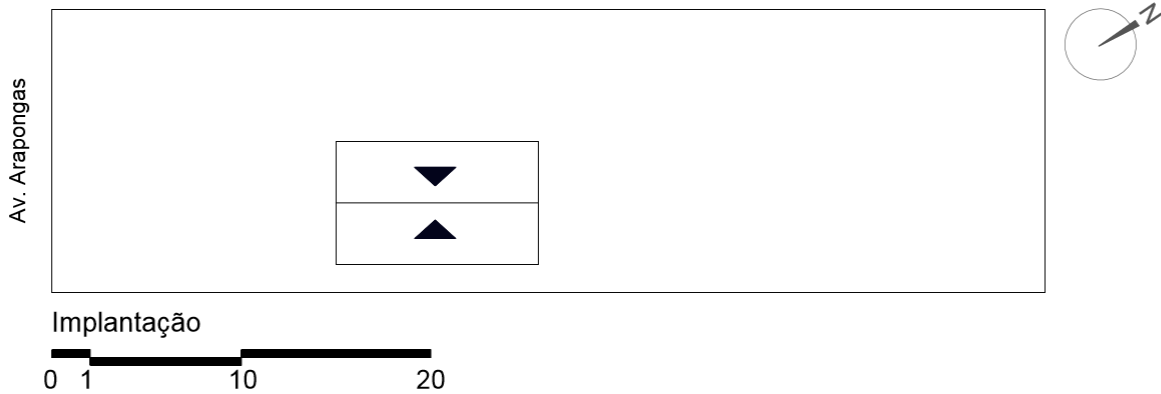
Existente
 Inexistente
 Modificada

APÊNDICE W - Ficha Arquitetônica 24

260

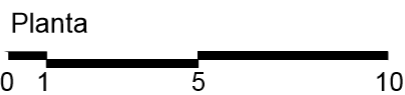
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº24/ Q.19/ L.9	Endereço Av. Arapongas	Área 69,55m²
Proprietário Josias Dutra Azevedo	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



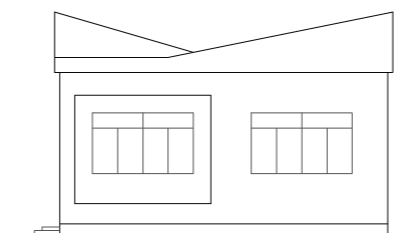
Legenda Ambientes

- 1- Sala
- 2- Cozinha
- 3- Despensa
- 4- Dormitório

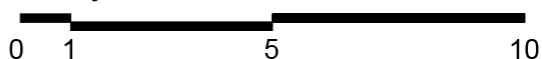


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto não apresenta a localização da instalação sanitária.

CARACTERIZAÇÃO

□ Existente ■ Inexistente □ Modificada

APÊNDICE Z - Ficha Arquitetônica 25

261

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº25/ Q.20/ L.9

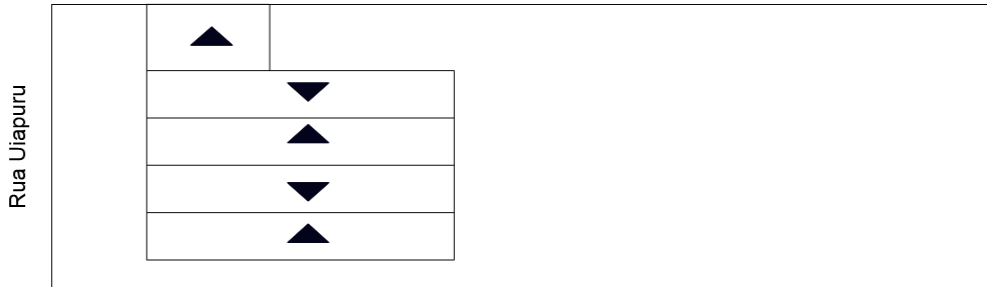
Endereço
Rua Uiapuru

Área
157,50m²

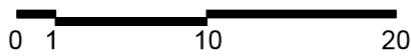
Proprietário
João Tannuri

Responsável Técnico
Leonel Largura

Ano de Aprovação
1964



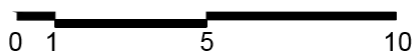
Implantação



Legenda Ambientes

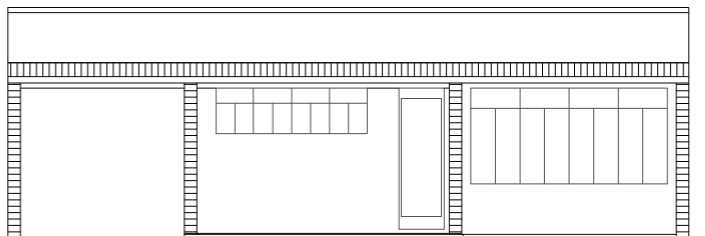
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta



Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE Z - Ficha Arquitetônica 25

262

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº25/ Q.20/ L.9

Endereço
Rua Uiapuru

Área
157,50m²

Proprietário
João Tannuri

Responsável Técnico
Leonel Largura

Ano de Aprovação
1964



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

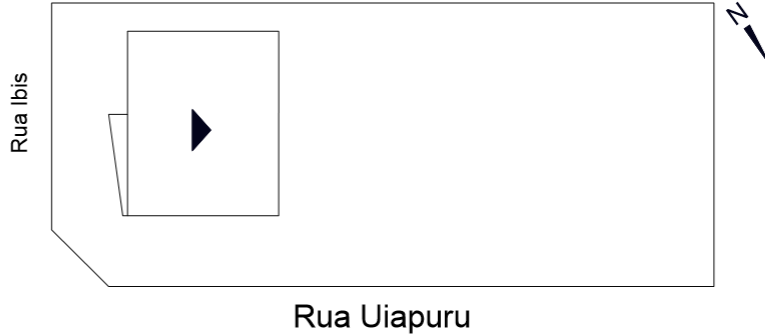
Modificada

APÊNDICE A1 - Ficha Arquitetônica 26

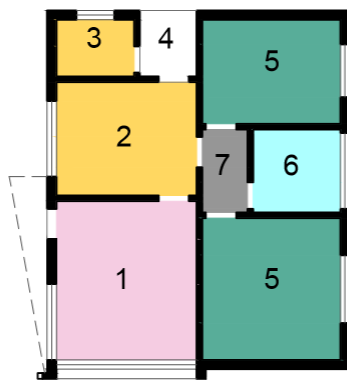
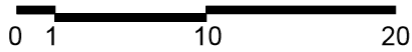
263

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº26/ Q.20/ L.11	Endereço Rua Ibis x Rua Uiapuru	Área 76,00m²
Proprietário Alceu Pinto de Almeida	Responsável Técnico Rudolpho Horner	Ano de Aprovação 1964



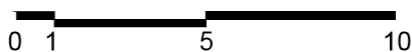
Implantação



Legenda Ambientes

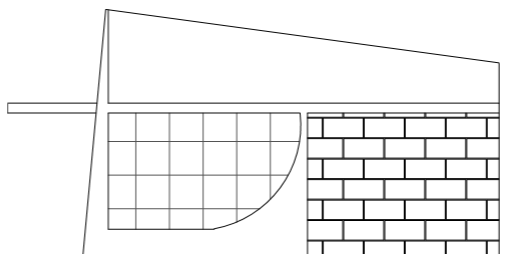
- 1- Sala
- 2- Cozinha
- 3- Despejo
- 4- Área
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Planta

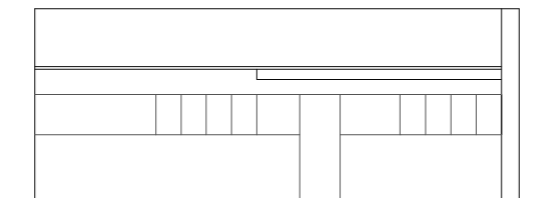
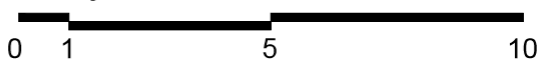


Legenda Setores

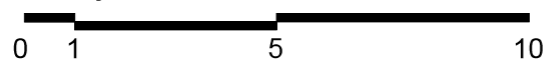
- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

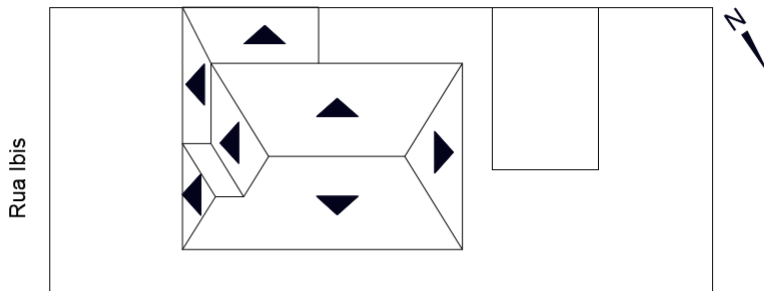
CARACTERIZAÇÃO

Existente
 Inexistente
 Modificada

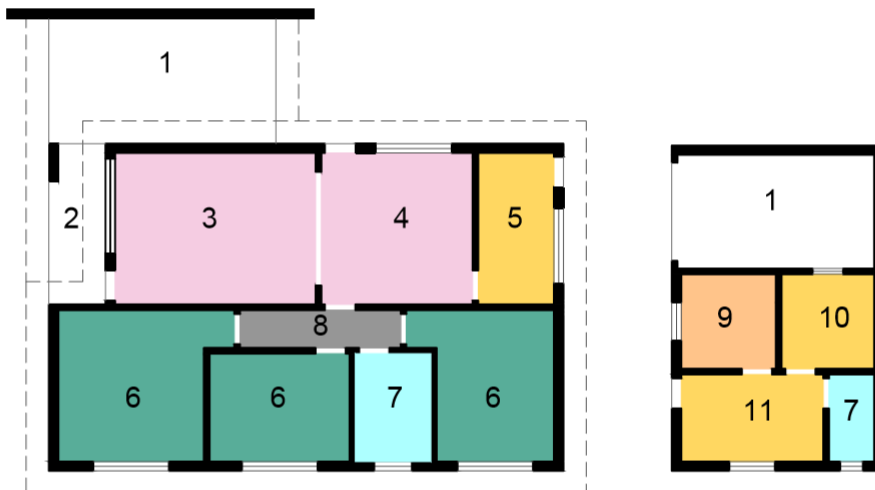
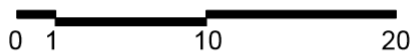
APÊNDICE B1 - Ficha Arquitetônica 27

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº27/ Q.20/ L.13	Endereço Rua Ibis	Área 183,85m²
Proprietário Joaquim Aires	Responsável Técnico Ampélio Filla	Ano de Aprovação 1974



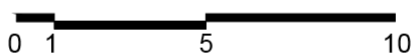
Implantação



Legenda Ambientes

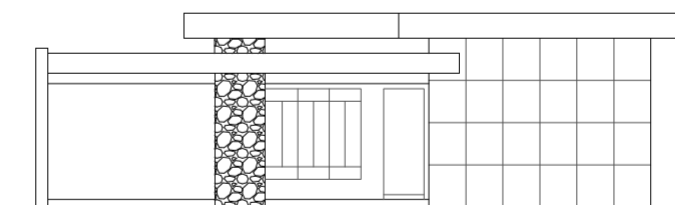
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- Dorm. Func.
- 10- Despensa
- 11- A.S.

Planta

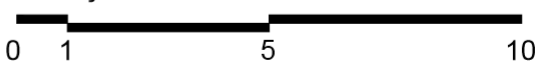


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto não indica a cobertura da edícula. Planta apresenta semelhanças com a residência nº10 (Q.11/ L.03). Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº27/ Q.20/ L.13	Endereço Rua Ibis	Área 183,85m²
Proprietário Joaquim Aires	Responsável Técnico Ampélio Filla	Ano de Aprovação 1974



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

Projeto não indica a cobertura da edícula. Planta apresenta semelhanças com a residência nº10 (Q.11/ L.03). Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

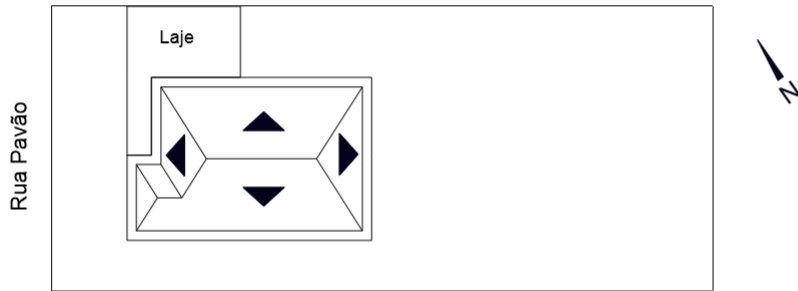
Inexistente

Modificada

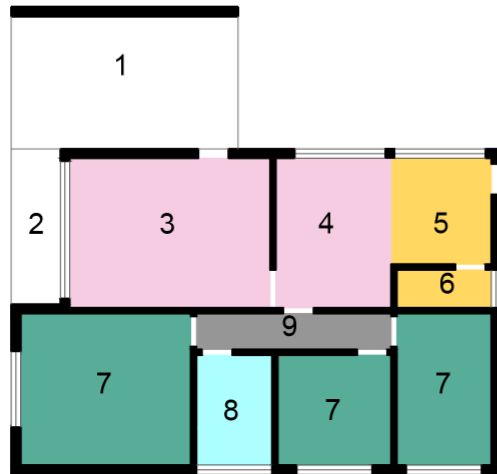
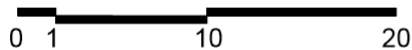
APÊNDICE C1 - Ficha Arquitetônica 28

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº28/ Q.27/ L.6	Endereço Rua Pavão	Área 145,50m²
Proprietário Antenor José Machado	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



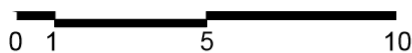
Implantação



Legenda Ambientes

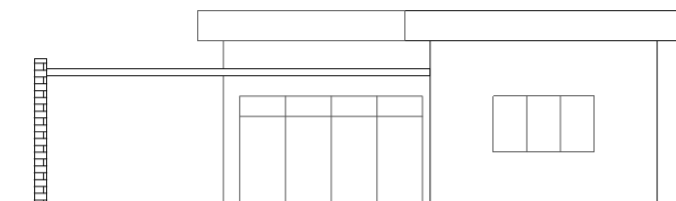
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitórios
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

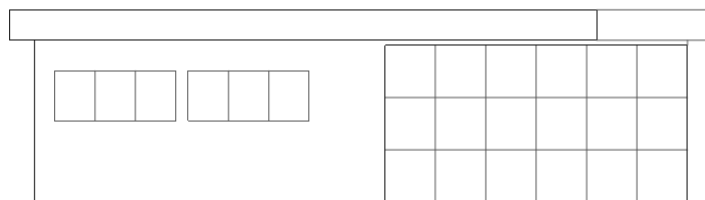
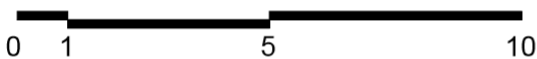


Legenda Setores

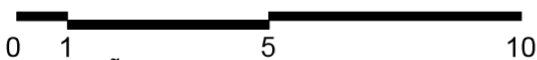
- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº28/ Q.27/ L.6	Endereço Rua Pavão	Área 145,50m²
Proprietário antenor José Machado	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

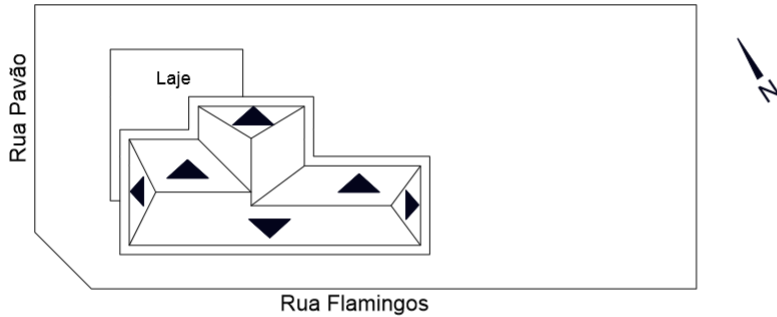
Existente

Inexistente

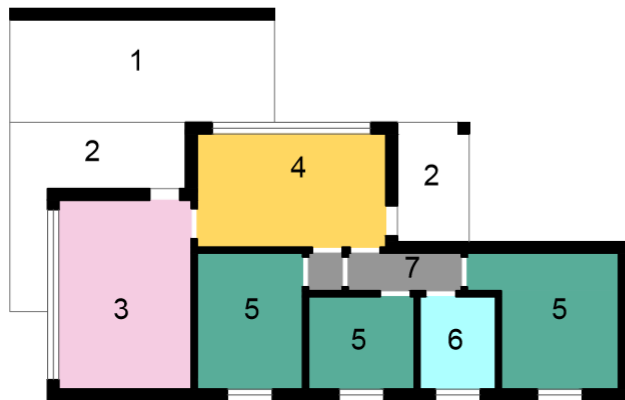
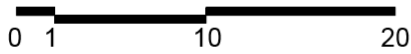
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº29/ Q.27/ L.7	Endereço Rua Flamingos x Rua Pavão	Área 121,37m²
Proprietário Victorio Lukianou	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1966



Implantação



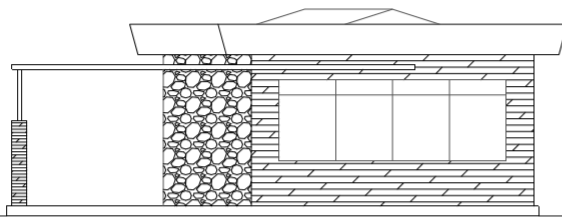
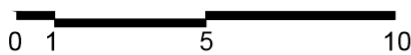
Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

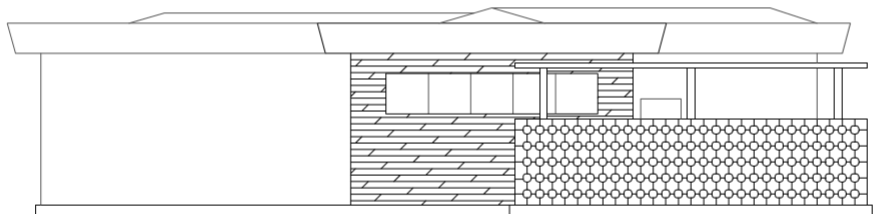
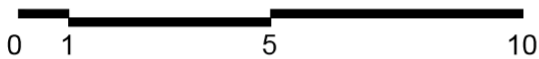
Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (teal)
- I.S. (light blue)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)

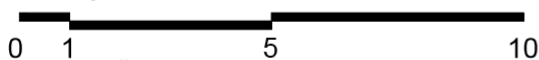
Planta



Elevação Frontal



Elevação Lateral



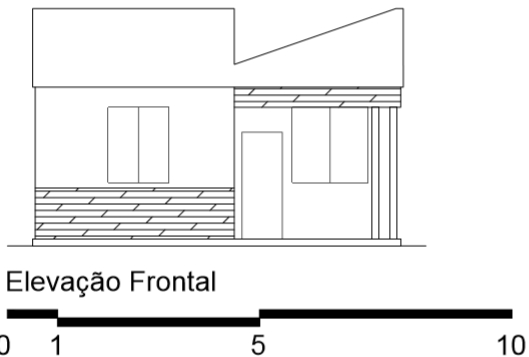
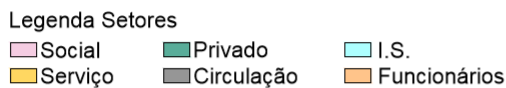
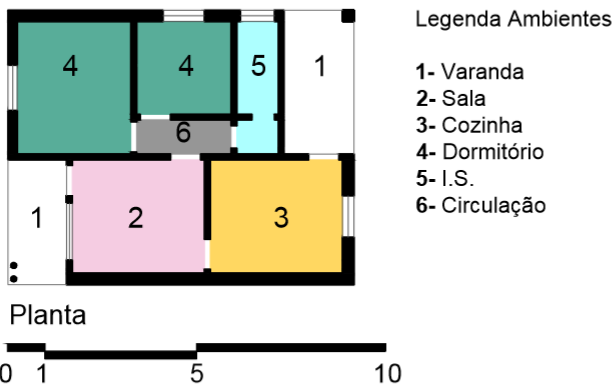
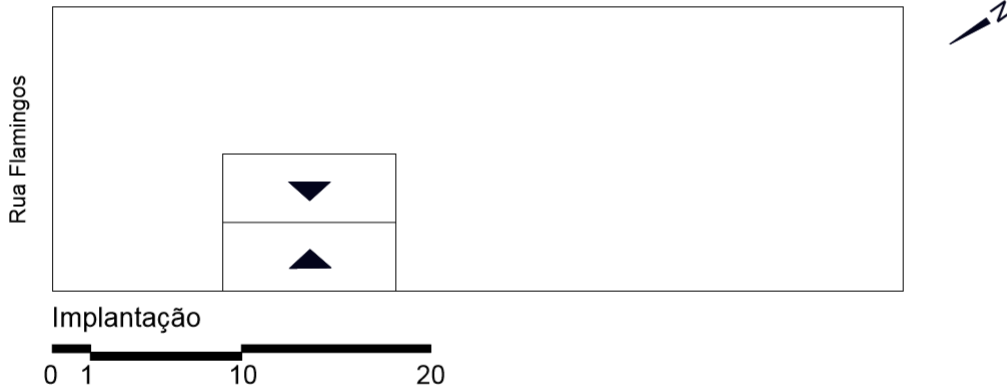
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº30/ Q.27/ L.8	Endereço Rua Flamings	Área 66,34m²
Proprietário José Gaglian Sobrinho	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1966



OBSERVAÇÕES

Residência existente que não foi contemplada no levantamento iconográfico por conta da vegetação e gradil que oculta a fachada.

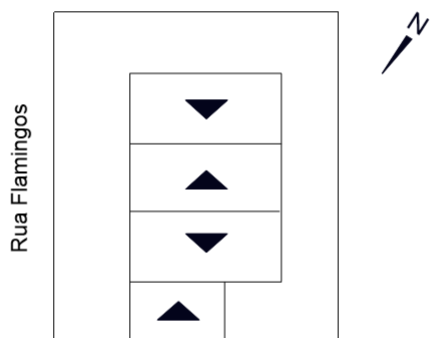
CARACTERIZAÇÃO

Existente
 Inexistente
 Modificada

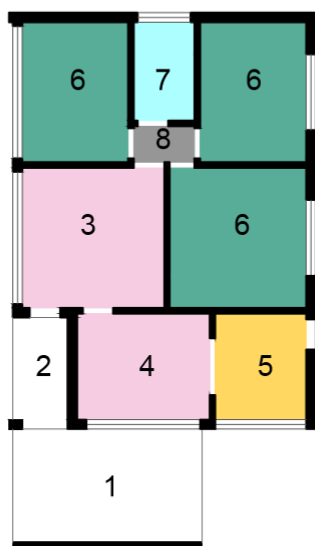
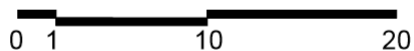
APÊNDICE F1 - Ficha Arquitetônica 31

IDENTIFICAÇÃO

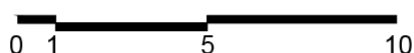
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº31/ Q.29/ L.11	Endereço Rua Flamings	Área 103,00m²
Proprietário Domingos Aristeu Dal Pozzo	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1969



Implantação



Planta

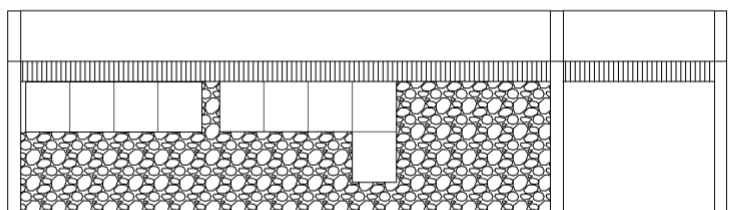


Legenda Ambientes

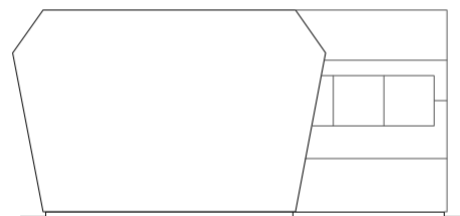
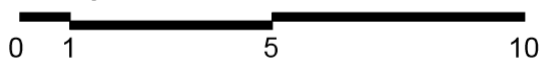
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Legenda Setores

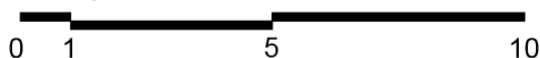
- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº32/ Q.31/ L.9

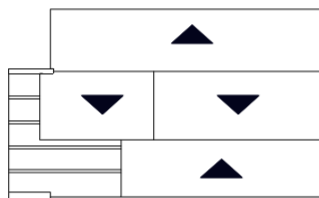
Endereço
Rua Flamingos

Área
157,55m²

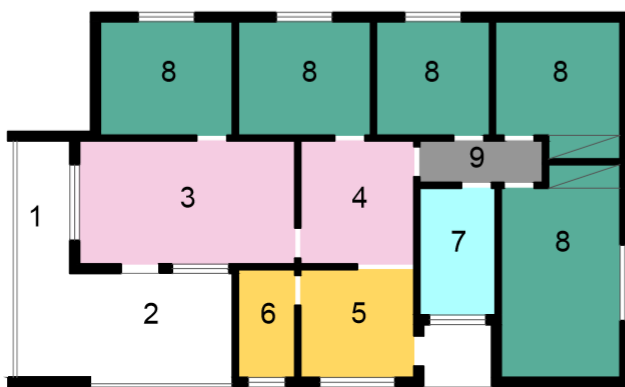
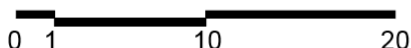
Proprietário
Etore Zafalon

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Christo

Ano de Aprovação
1964



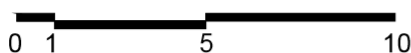
Implantação



Legenda Ambientes

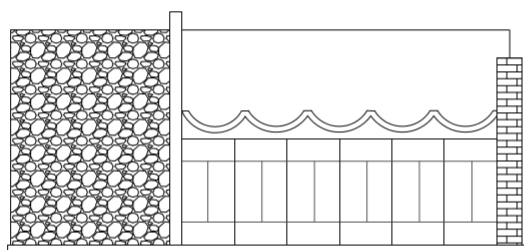
- 1- Varanda
- 2- Abrigo
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- I.S.
- 8- Dormitórios
- 9- Circulação

Planta

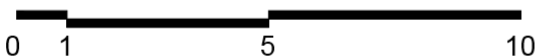


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto não apresenta implantação. O dormitório a noroeste não apresenta janela.

Arcos de concreto na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

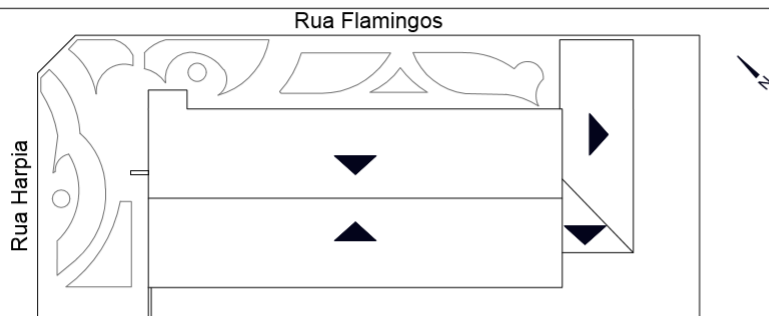
Modificada

APÊNDICE H1 - Ficha Arquitetônica 33

272

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº33/ Q.33/ L.7	Endereço Rua Flamingos x Rua Harpia	Área 253,77m²
Proprietário Edgard Gomes	Responsável Técnico Zigundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1960



Implantação

0 1 10 20



Planta

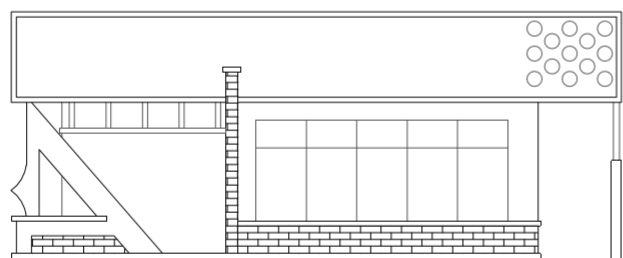
0 1 5 10

Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |

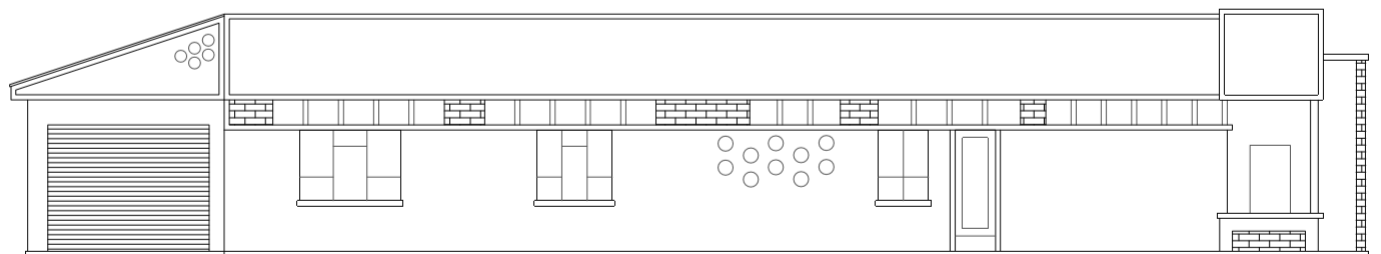
Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Living
- 3- Sala de Jantar
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Escritório
- 7- I.S.
- 8- Dormitório
- 9- Circulação
- 10- Garagem
- 11- Dorm. Func.
- 12- A.S.



Elevação Frontal

0 1 5 10



Elevação Lateral

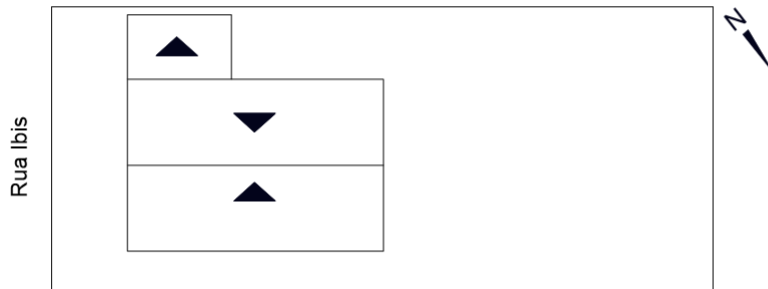
0 1 5 10

CARACTERIZAÇÃO

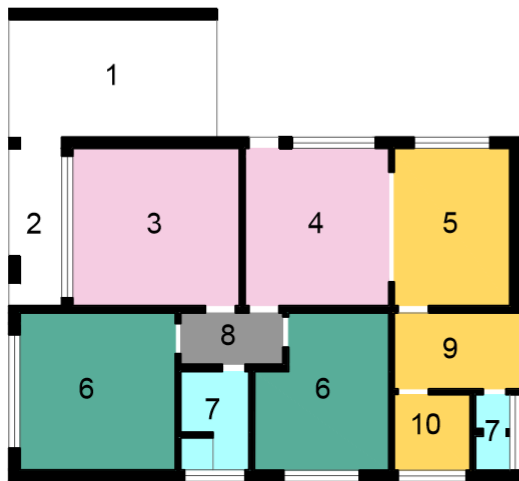
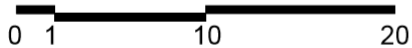
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº34/ Q.33/ L.13	Endereço Rua Ibis	Área 139,00m²
Proprietário Benedicto Pierrin	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1972



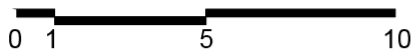
Implantação



Legenda Ambientes

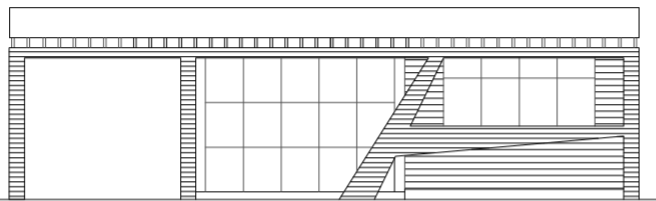
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- A.S.
- 10- Depósito

Planta

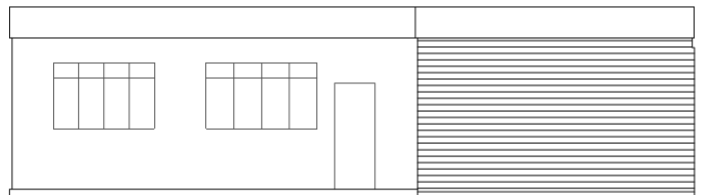
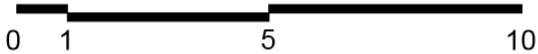


Legenda Setores

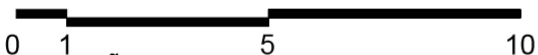
- Social (pink)
- Serviço (yellow)
- Dormitórios (green)
- Circulação (grey)
- I.S. (cyan)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

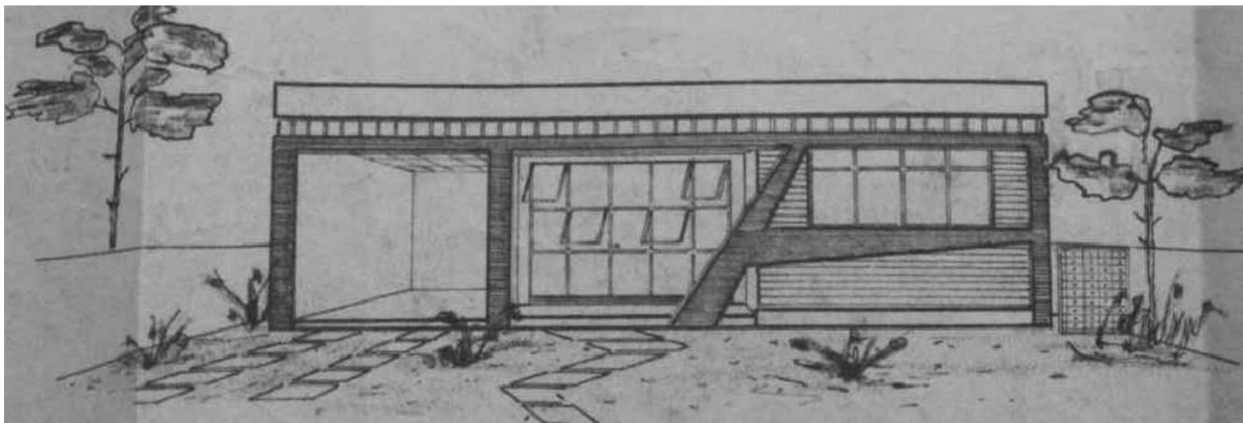
- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE I2 - Ficha Arquitetônica 34

274

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº34/ Q.33/ L.13	Endereço Rua Ibis	Área 139,00m²
Proprietário Benedicto Pierrin	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1972



Fonte: Prefeitura Municipal de Arapongas (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

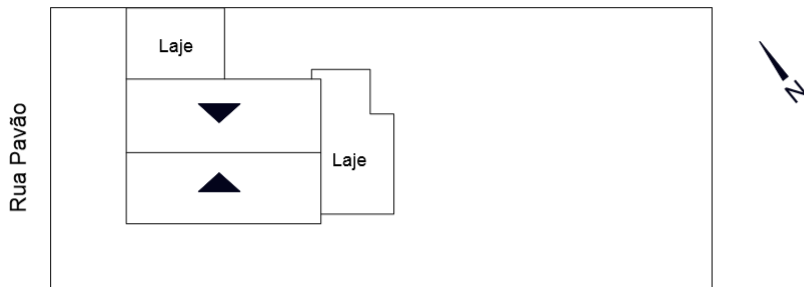
Existente

Inexistente

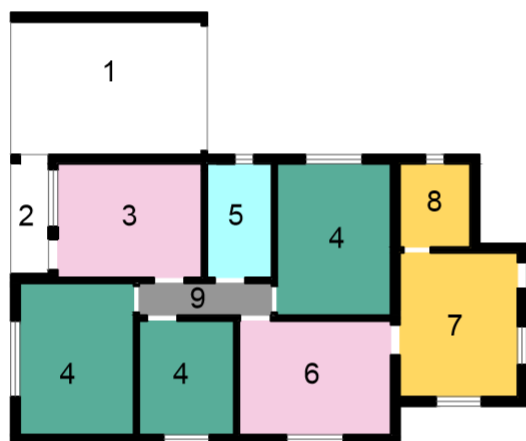
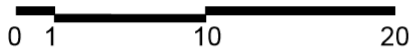
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº35/ Q.34/ L.6	Endereço Rua Pavão	Área 117,20m²
Proprietário Gregório Carrasco Fernandes	Responsável Técnico Não Identificado	Ano de Aprovação 1973



Implantação



Legenda Ambientes

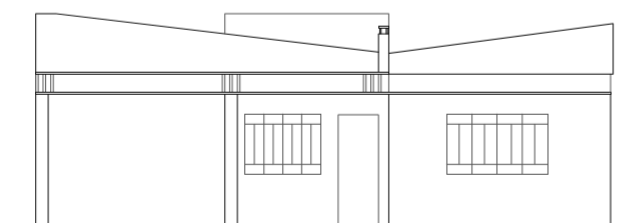
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Copa
- 7- Cozinha
- 8- Despensa
- 9- Circulação

Planta

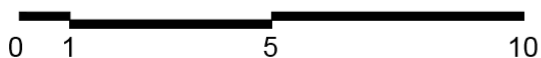


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

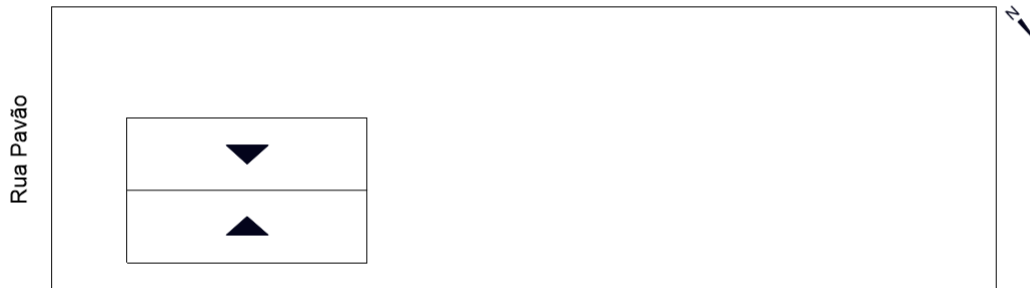
- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE K1 - Ficha Arquitetônica 36

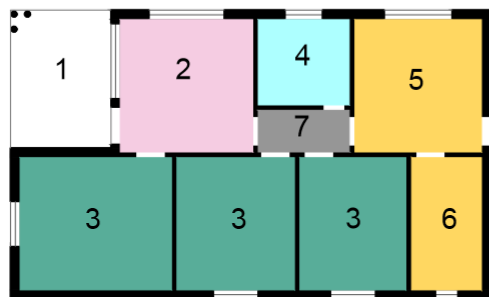
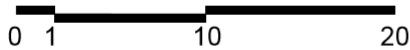
276

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº36/ Q.36/ L.14	Endereço Rua Pavão	Área 96,00m²
Proprietário Simon Busko	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1961



Implantação



Legenda Ambientes

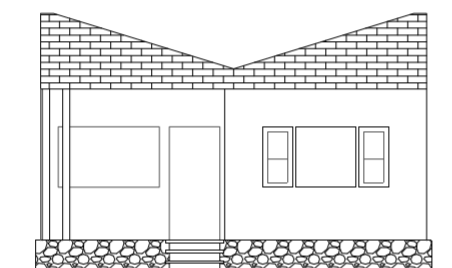
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- I.S.
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Circulação

Planta

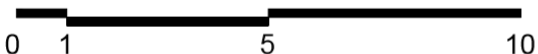


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE L1 - Ficha Arquitetônica 37

277

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº37/ Q.37/ L.5

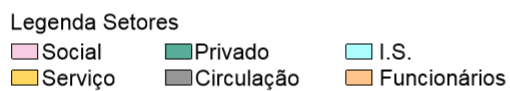
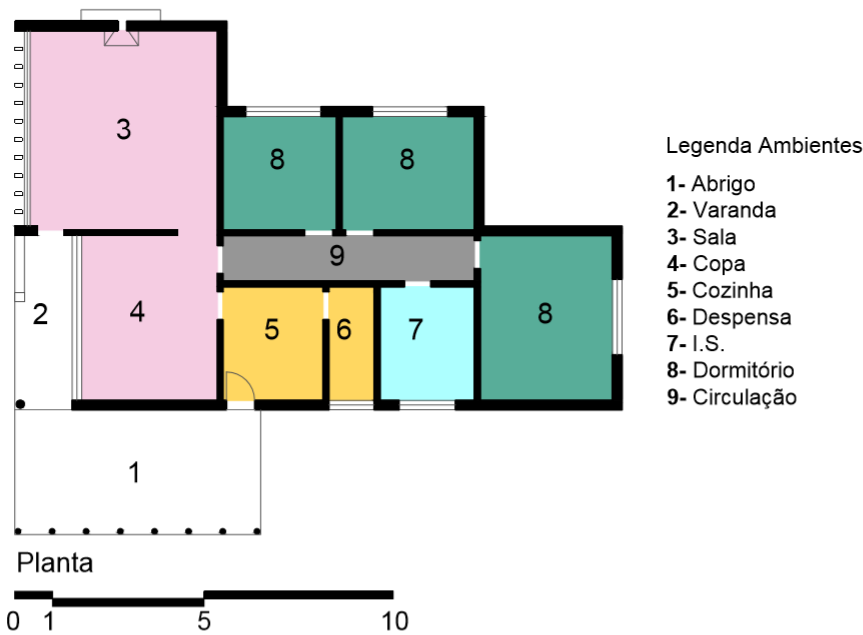
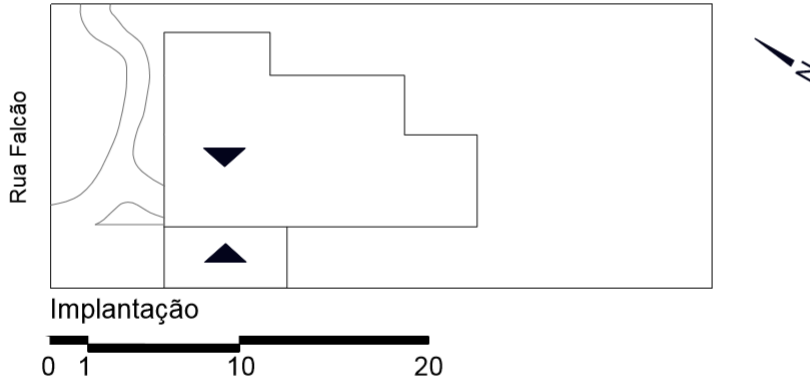
Endereço
Rua Falcão

Área
151,71m²

Proprietário
Wataru Matsuo

Responsável Técnico
Elízio Felli

Ano de Aprovação
1955



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

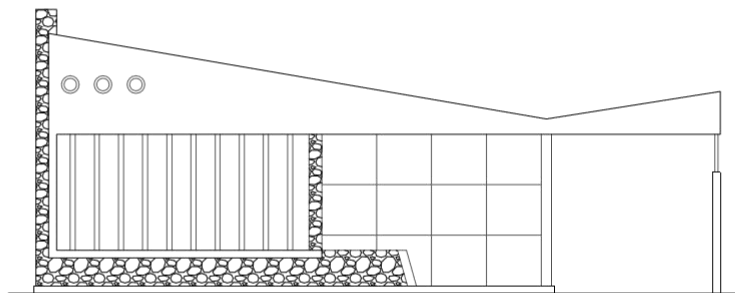
Existente

Inexistente

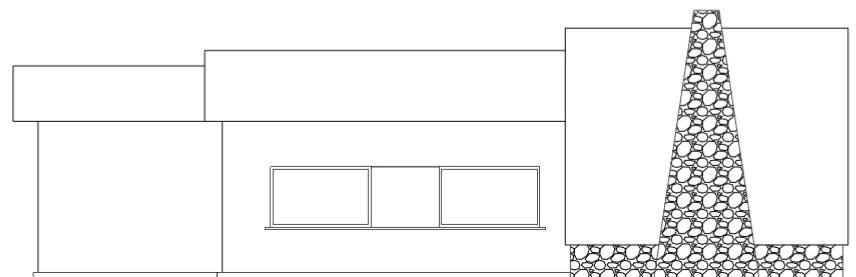
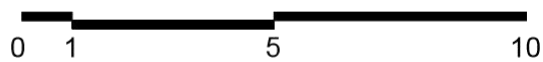
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

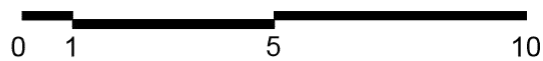
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº37/ Q.37/ L.5	Endereço Rua Falcão	Área 151,71m²
Proprietário Wataru Matsuo	Responsável Técnico Elízio Felli	Ano de Aprovação 1955



Elevação Frontal



Elevação Lateral



Fonte: acervo da autora (2019)

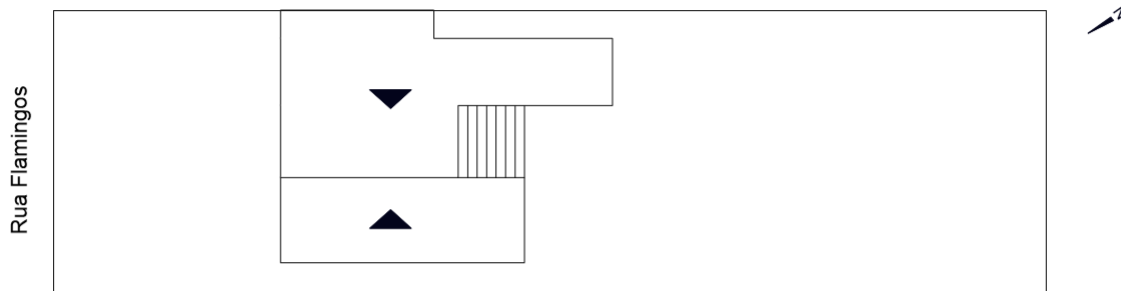
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

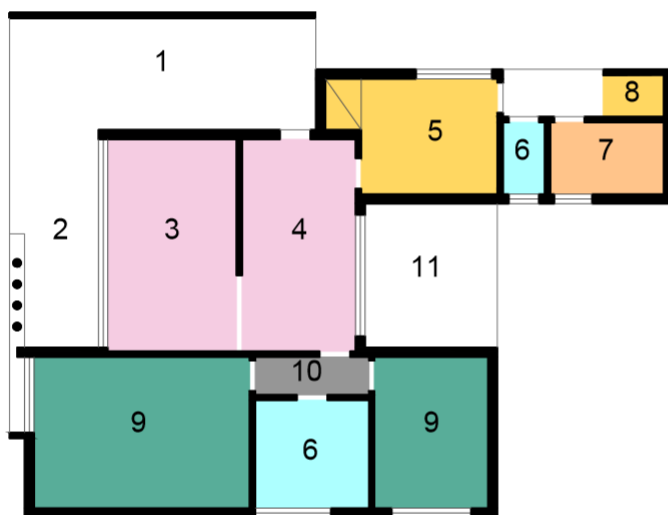
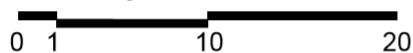
Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº38/ Q.37/ L.9	Endereço Rua Flamings	Área 170,12m²
Proprietário Luiz Cesar Pinheiro Simões	Responsável Técnico Américo Sato	Ano de Aprovação Não identificado



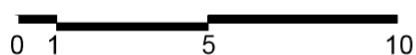
Implantação



Legenda Ambientes

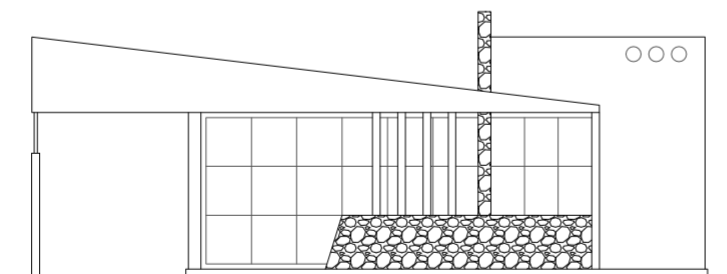
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- I.S.
- 7- Dorm. Func.
- 8- A.S.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação
- 11- Caramanchão

Planta



Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

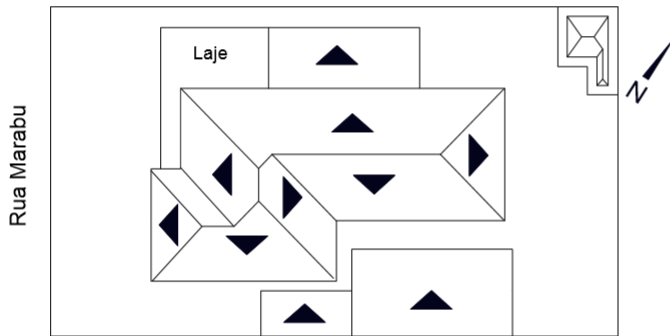
CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

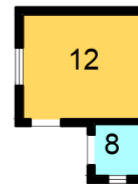
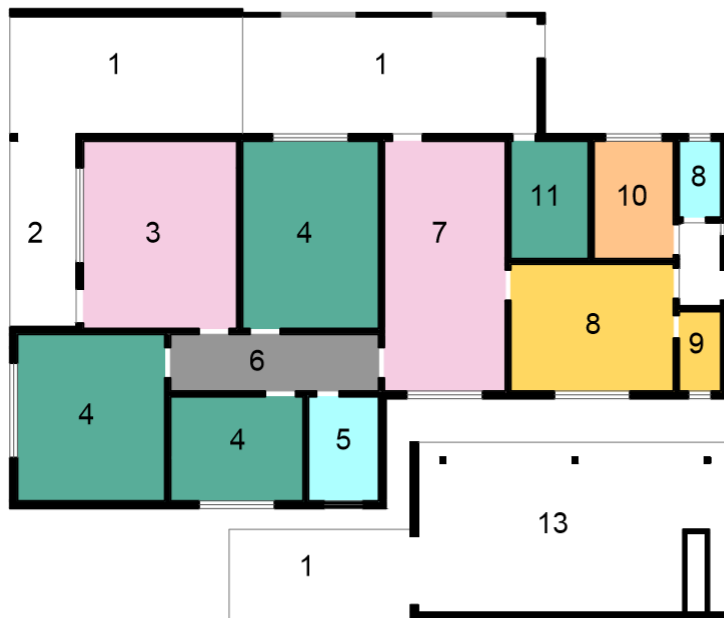
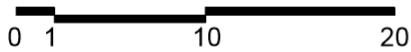
APÊNDICE N1 - Ficha Arquitetônica 39

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº39/ Q.37/ L.16,17	Endereço Rua Marabu	Área 270,25m²
Proprietário angelo Gomes Polisel	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1978



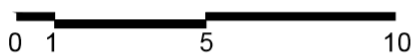
Implantação



Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Circulação
- 7- Sala de Jantar
- 8- Cozinha
- 9- Despensa
- 10- Dorm. Func.
- 11- Escritório
- 12- Despensa
- 13- Churrasqueira

Planta

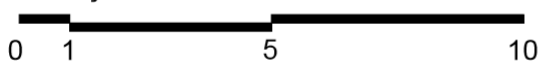


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



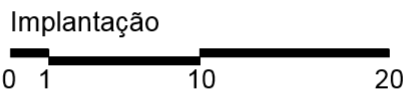
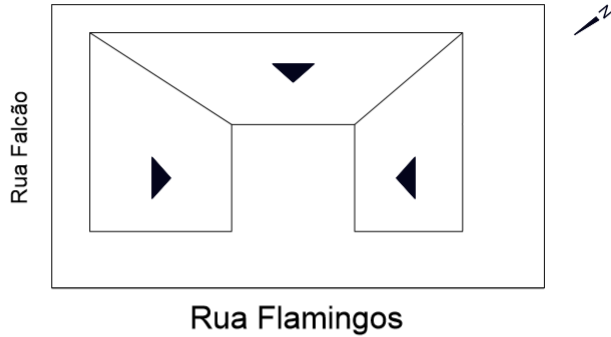
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

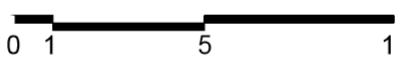
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº40/ Q.39/ L.11,12	Endereço Rua Flamingos x Rua Falcão	Área 243,30m²
Proprietário Maria de Ludes Moura	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Legenda Ambientes

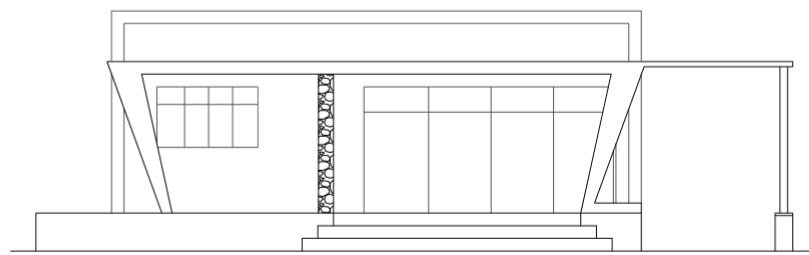
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Biblioteca
- 4- Dormitório
- 5- Copa/ Cozinha
- 6- I.S.
- 7- Circulação
- 8- Rouparia
- 9- A.S.
- 10- Dorm. Func.
- 11- Garagem
- 12- Abrigo
- 13- Jardim

Planta

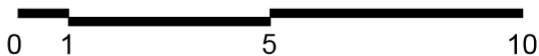


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

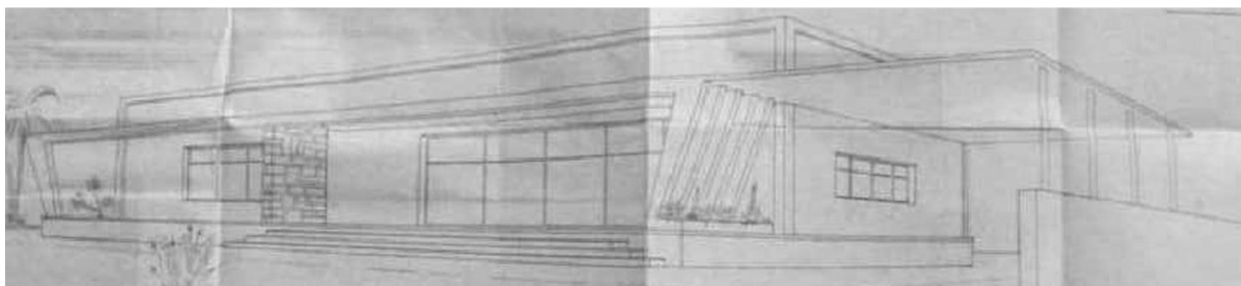
Projeto não apresenta implantação e cobertura dos fundos.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº40/ Q.39/ L.11,12	Endereço Rua Flamingos x Rua Falcão	Área 243,30m²
Proprietário Maria de Loudes Moura	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Projeto não apresenta implantação e cobertura dos fundos.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE P1 - Ficha Arquitetônica 41

283

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº41/ Q.41/ L.3

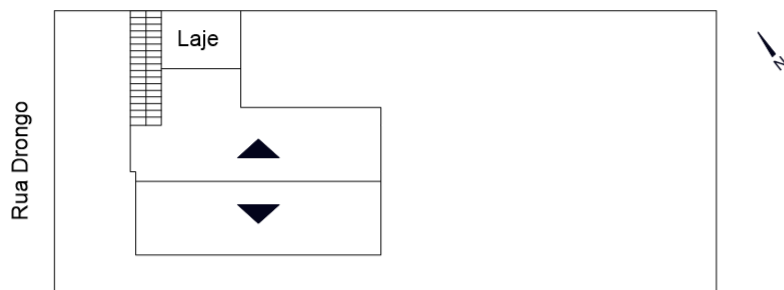
Endereço
Rua Drongó

Área
130,31m²

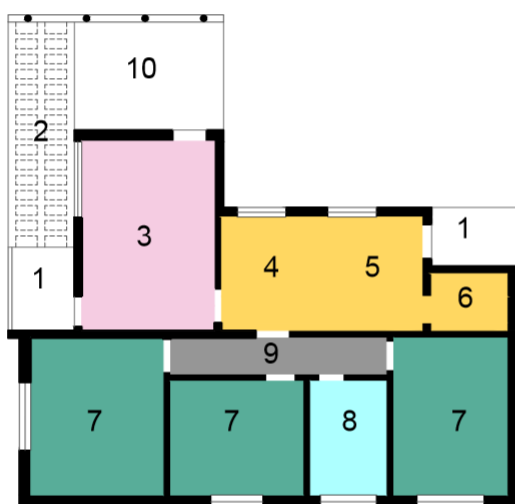
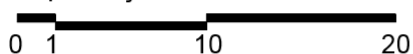
Proprietário
Atsumu Sugai

Responsável Técnico
Zigundo Dionísio Stasiak

Ano de Aprovação
1960



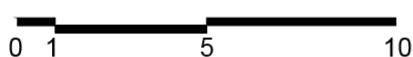
Implantação



Legenda Ambientes

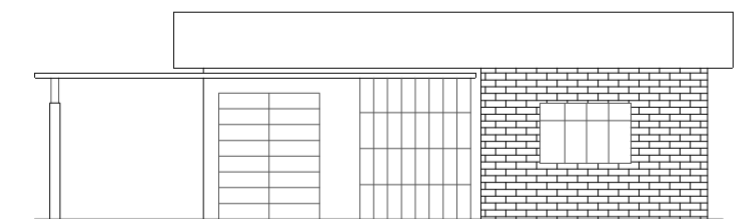
- 1- Varanda
- 2- Pérgola
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação
- 10- Abrigo

Planta

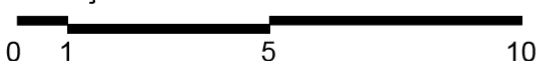


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

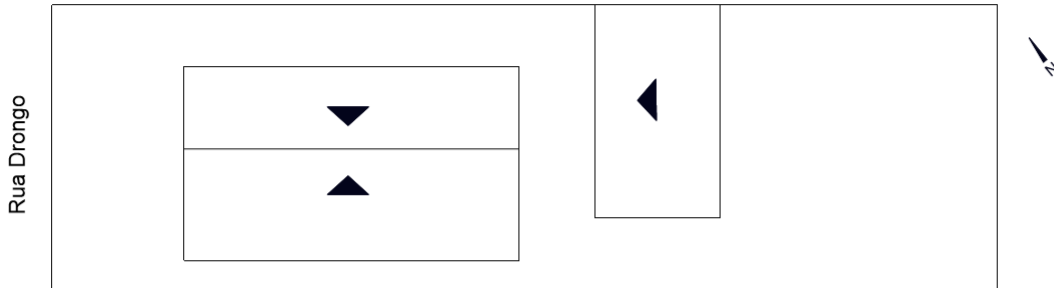
Existente

Inexistente

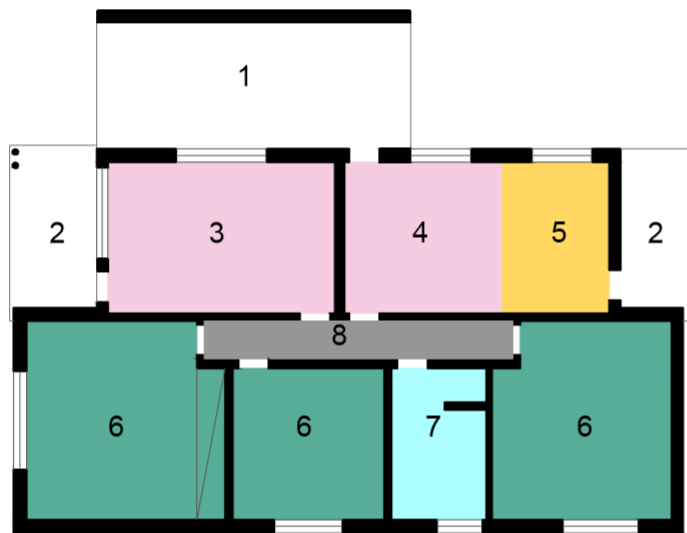
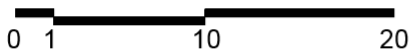
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

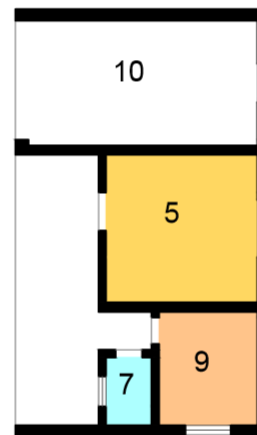
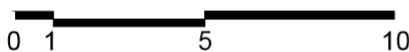
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº42/ Q.41/ L.4	Endereço Rua Drongo	Área 273,24m²
Proprietário Rubens Panico	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



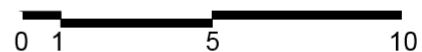
Implantação



Planta



Planta Edícula

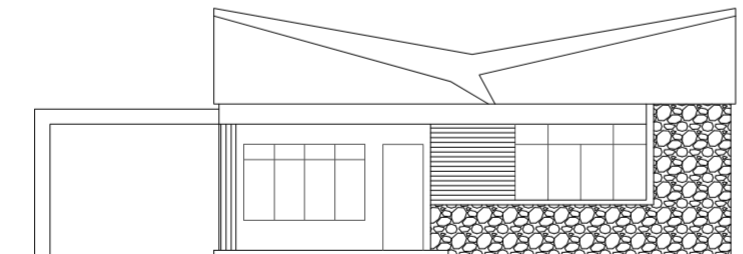


Legenda Ambientes

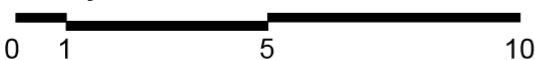
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- Dorm. Func.
- 10- Garagem

Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº42/ Q.41/ L.4	Endereço Rua Drongo	Área 273,24m²
Proprietário Rubens Panico	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

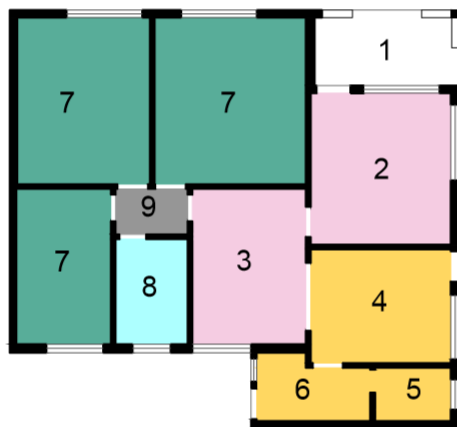
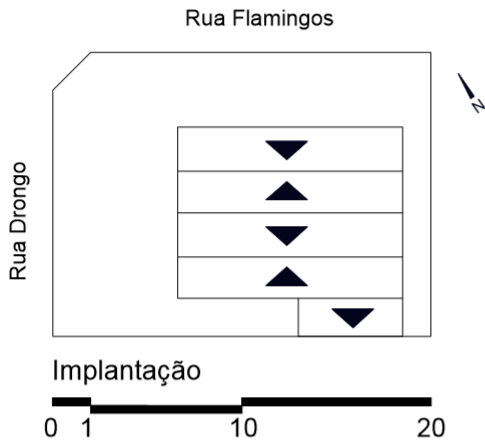
Existente

Inexistente

Modificada

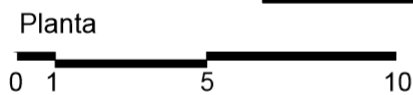
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº43/ Q.41/ L.7	Endereço Rua Flamingos x Rua Drongo	Área 118,00m²
Proprietário José Franchim	Responsável Técnico Zigundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1960



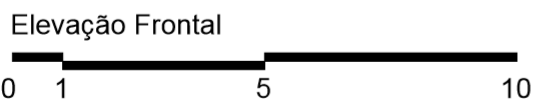
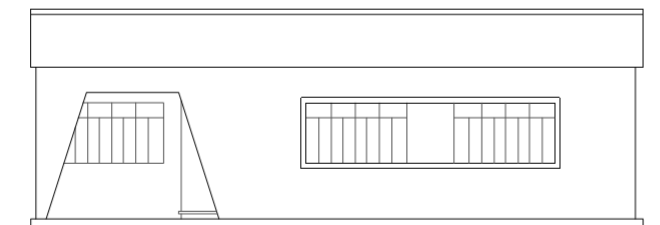
Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Lavanderia
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação



Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

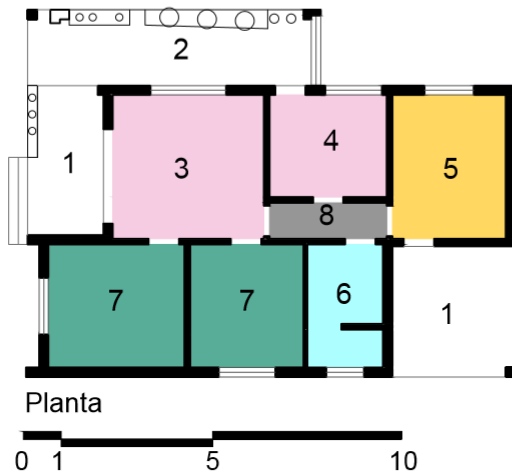
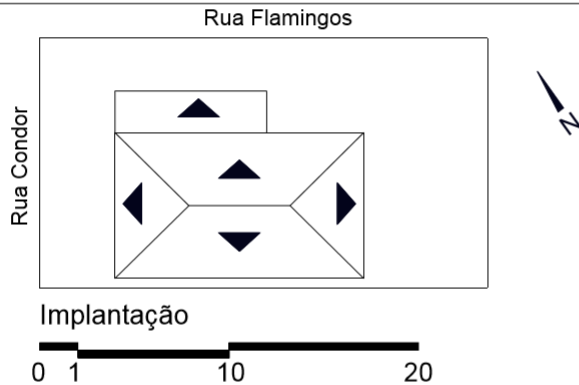
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

APÊNDICE S1 - Ficha Arquitetônica 44

287

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº44/ Q.43/ L.7	Endereço Rua Flaminos x Rua Condor	Área 114,92m²
Proprietário Paulo Carvalho Monteiro	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1959

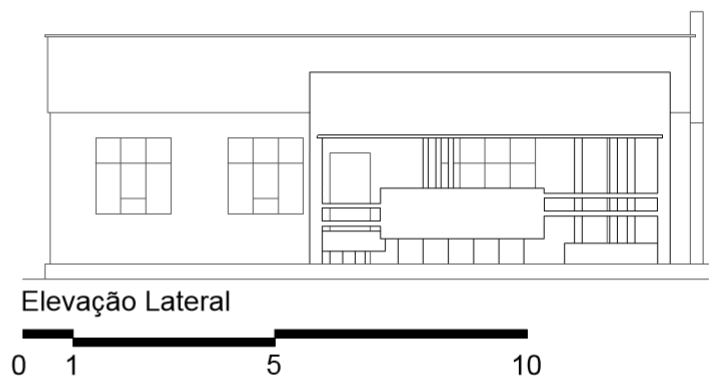
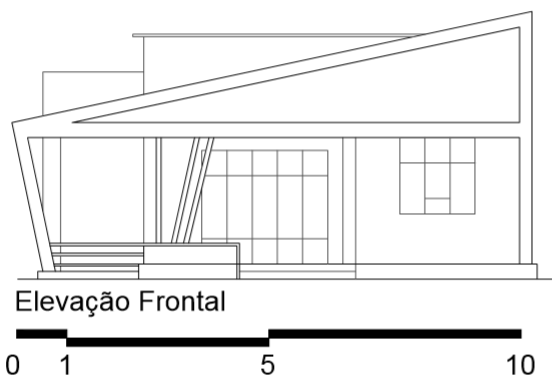


Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Jardim de Inverno
- 3- Sala
- 4- Escritório
- 5- Cozinha
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



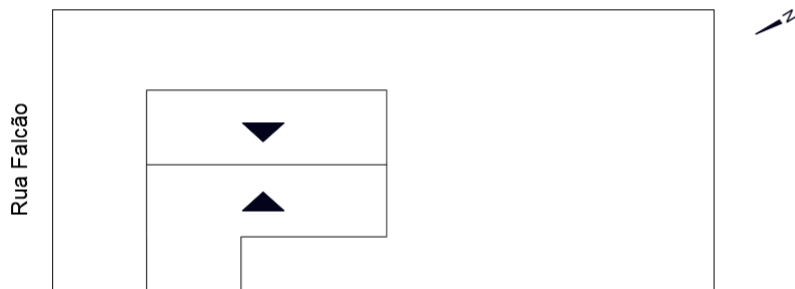
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

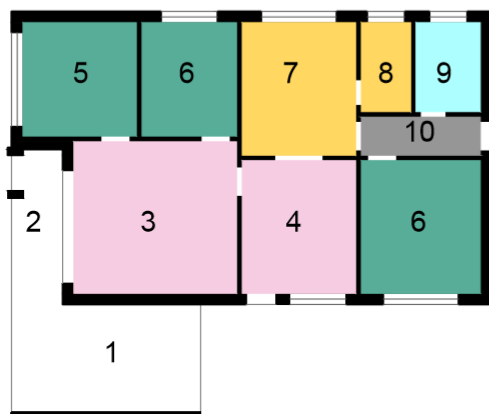
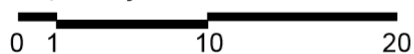
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº45/ Q.44/ L.6	Endereço Rua Falcão	Área 113,40m²
Proprietário Antonio Kalaur	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Implantação



Legenda Ambientes

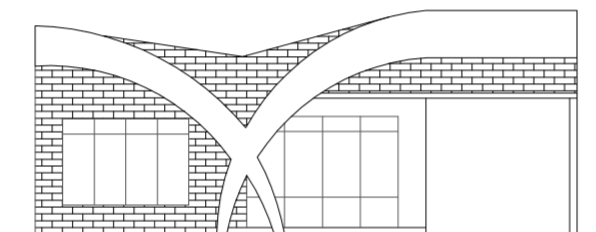
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Escritório
- 6- Dormitório
- 7- Cozinha
- 8- Despensa
- 9- I.S.
- 10- Circulação

Planta



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|---|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº45/ Q.44/ L.6	Endereço Rua Falcão	Área 113,40m²
Proprietário Antonio Kalaur	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

Residência existente com alterações na fachada.

CARACTERIZAÇÃO

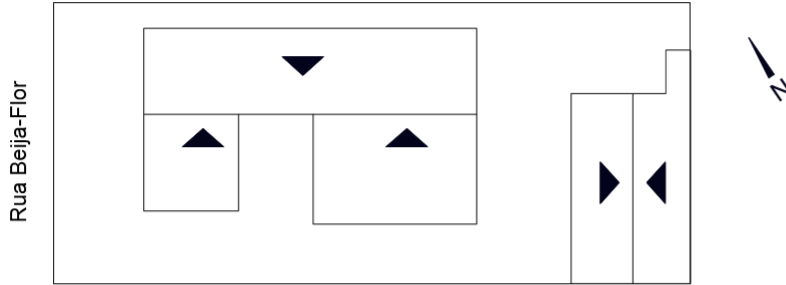
Existente

Inexistente

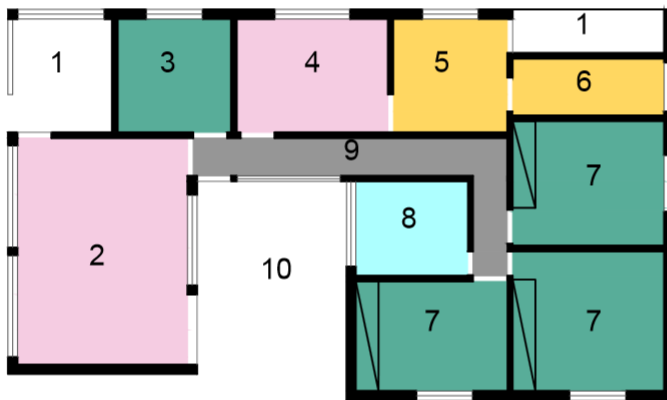
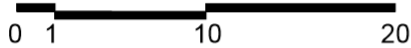
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

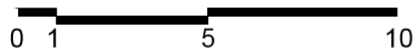
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº46/ Q.45/ L.2	Endereço Rua Beija-Flor	Área 214,66m²
Proprietário Marcio Andre	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1964



Implantação

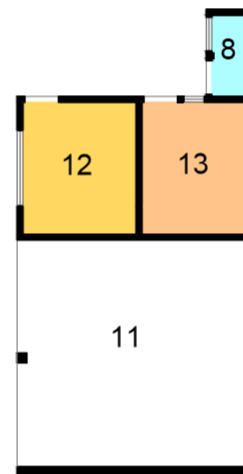


Planta

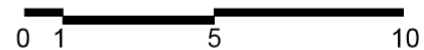


Legenda Setores

- | | | |
|--|---|---|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |

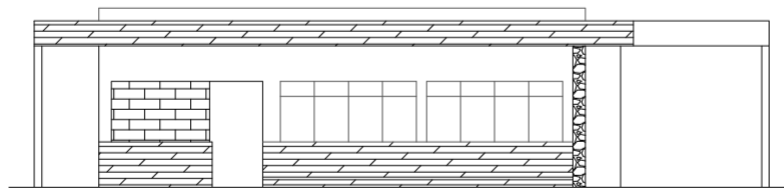


Planta Edícula



Legenda Ambientes

- 1- Terraço
- 2- Sala
- 3- Escritório
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação
- 10- Jardim Interno
- 11- Garagem
- 12- A.S.
- 13- Dorm. Func.



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|---|---|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|---|---|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº46/ Q.45/ L.2	Endereço Rua Beija-Flor	Área 214,66m²
Proprietário Marcio Andre	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1964



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

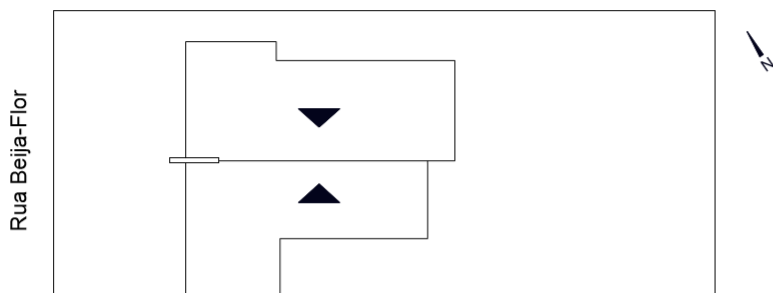
Existente

Inexistente

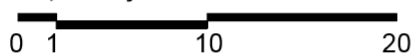
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº47/ Q.45/ L.6	Endereço Rua Beija-Flor	Área 151,65m²
Proprietário Antonio Sanches Gimenes	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação Não identificado



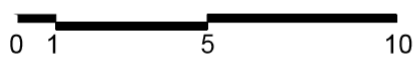
Implantação



Legenda Ambientes

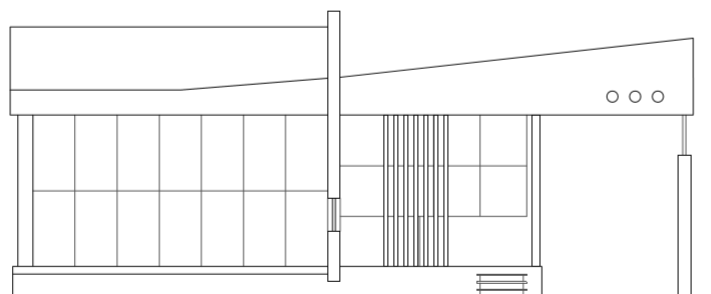
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

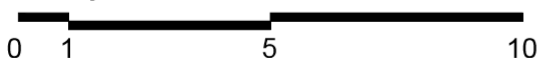


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



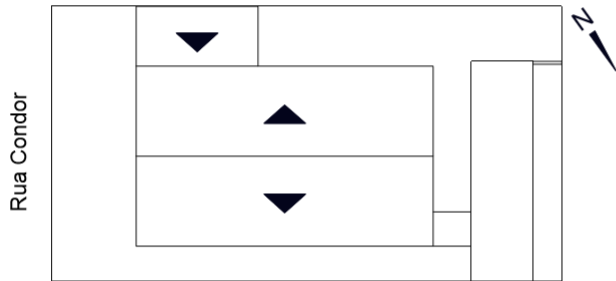
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

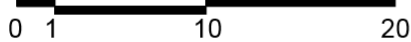
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº48/ Q.45/ L.12	Endereço Rua Condor	Área 202,10m²
Proprietário Jose Cantaruti	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



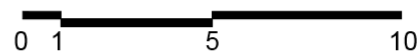
Implantação



Planta



Planta Edícula

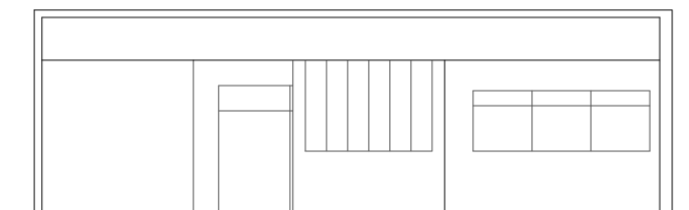


Legenda Ambientes

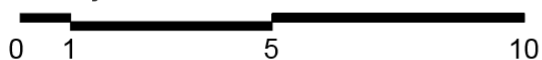
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Copa/ Cozinha
- 7- Circulação
- 8- Rouparia
- 9- A.S.
- 10- Dorm.Func.

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

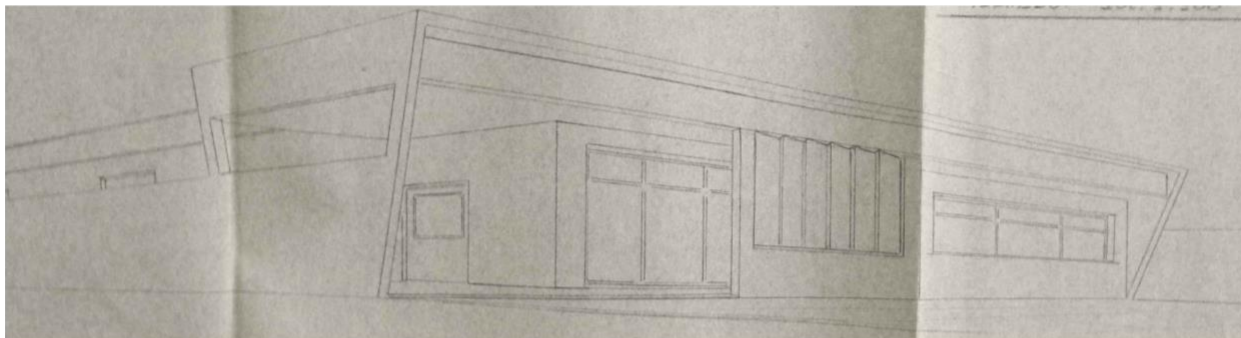
Projeto não indica a cobertura da edícula.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº48/ Q.45/ L.12	Endereço Rua Condor	Área 202,10m²
Proprietário Jose Cantaruti	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Projeto não indica a cobertura da edícula.

CARACTERIZAÇÃO

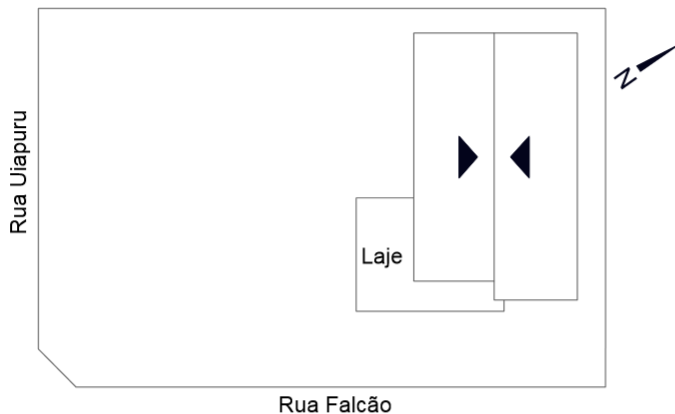
Existente

Inexistente

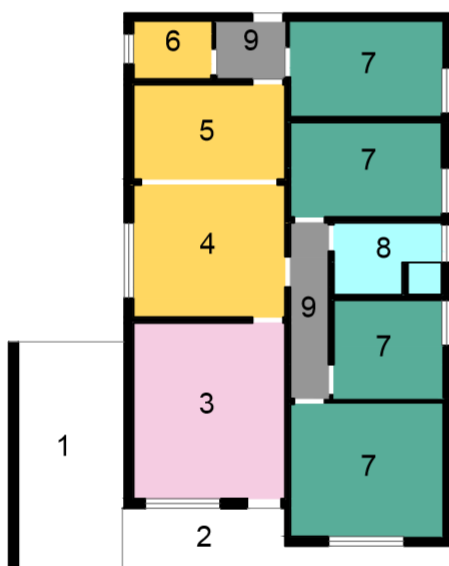
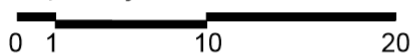
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº49/ Q.46/ L.16,17	Endereço Rua Falcão x Rua Uiapuru	Área 142,35m²
Proprietário Adelino Ramos Vaz	Responsável Técnico Alberto Manoel Glaser Junior	Ano de Aprovação 1966



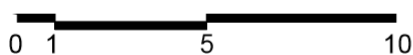
Implantação



Legenda Ambientes

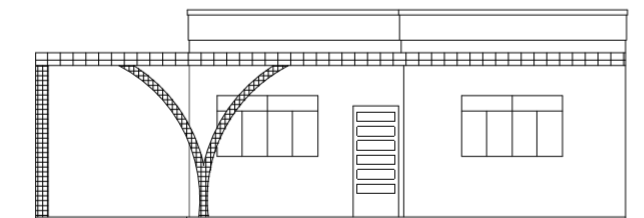
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Desensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

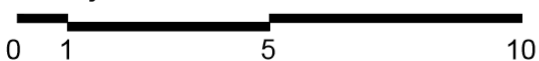


Legenda Setores

- Social (pink)
- Serviço (yellow)
- Privado (green)
- Circulação (grey)
- I.S. (cyan)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



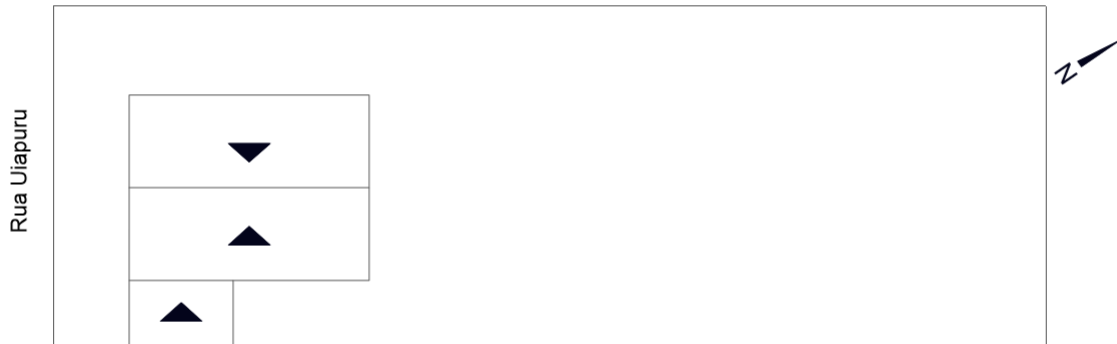
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

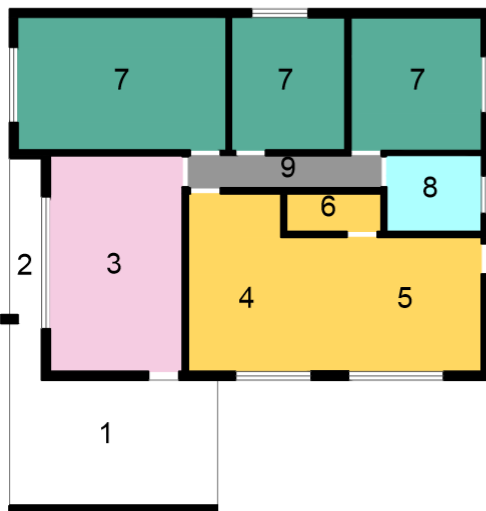
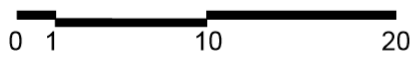
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº50/ Q.46/ L.19	Endereço Rua Uiapuru	Área 146,65m²
Proprietário Benjamin Kirilko	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1964



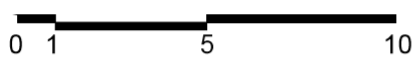
Implantação



Legenda Ambientes

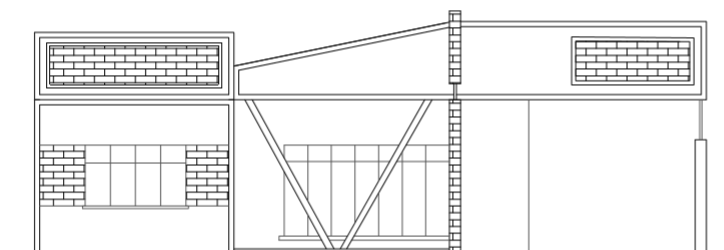
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

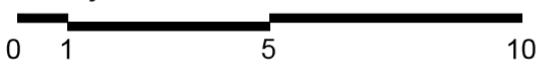


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Residência existente que não foi contemplada no levantamento iconográfico por conta da vegetação que oculta a fachada.

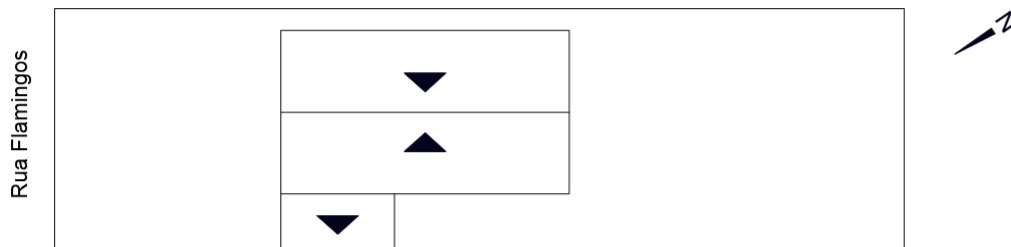
CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

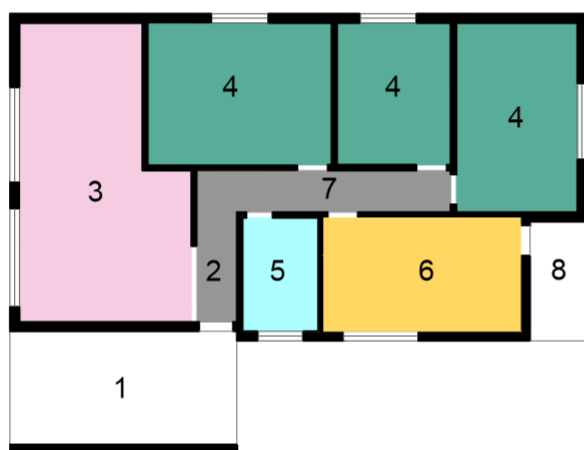
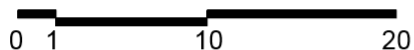
APÊNDICE Z1 - Ficha Arquitetônica 51

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº51/ Q.47/ L.8	Endereço Rua Flamingos	Área 145,35m²
Proprietário João Donadio	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1964



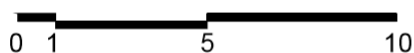
Implantação



Legenda Ambientes

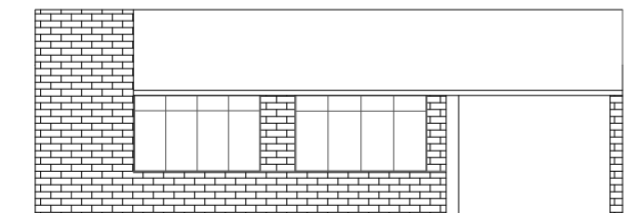
- 1- Abrigo
- 2- Hall
- 3- Sala de Visitas
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Copa/ Cozinha
- 7- Circulação
- 8- Varanda

Planta

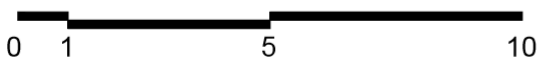


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



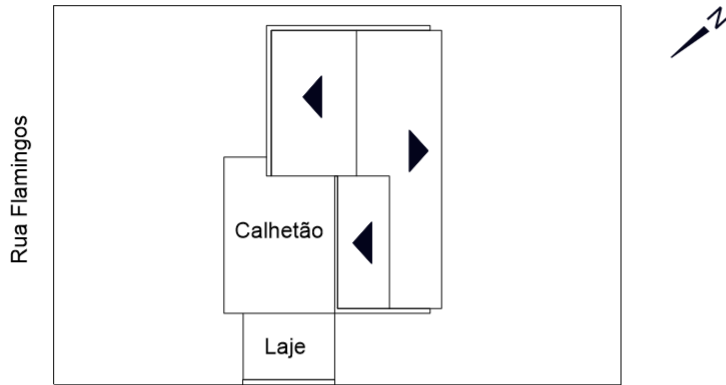
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

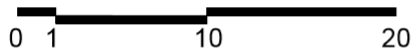
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº52/ Q.47/ L.11,12	Endereço Rua Flamingos	Área 200,73m²
Proprietário Luiza Donadio	Responsável Técnico Antonio Donadio	Ano de Aprovação 1969



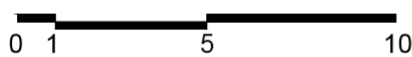
Implantação



Legenda Ambientes

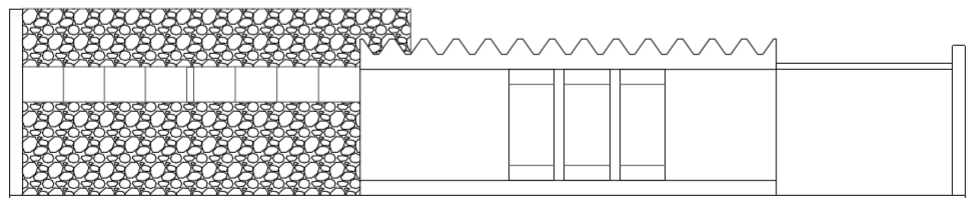
- 1- Abrigo
- 2- Sala
- 3- Copa/ Cozinha
- 4- I.S.
- 5- Dormitório
- 6- Circulação

Planta

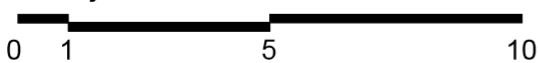


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

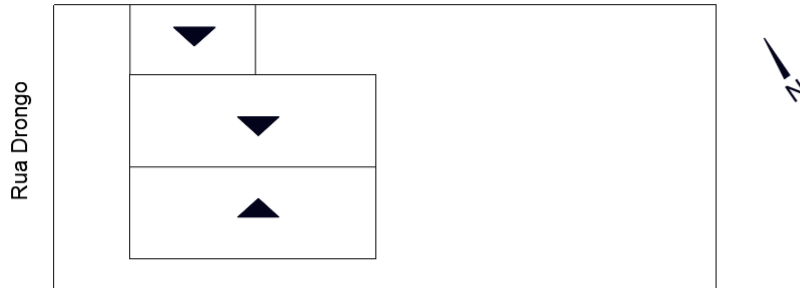
Presença de laje apenas no banheiro e abrigo.

CARACTERIZAÇÃO

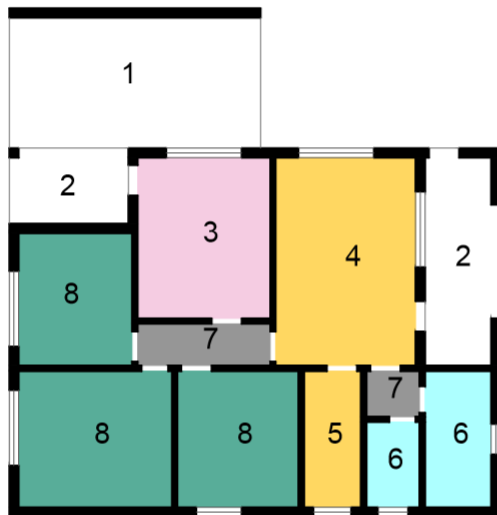
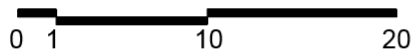
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº53/ Q.48/ L.5	Endereço Rua Drongó	Área 150,00m²
Proprietário José Sluzek	Responsável Técnico Zigundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1960



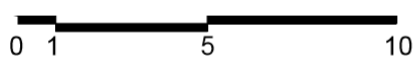
Implantação



Legenda Ambientes

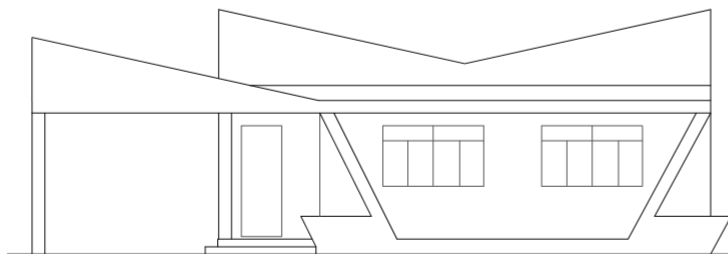
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- I.S.
- 7- Circulação
- 8- Dormitório

Planta



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

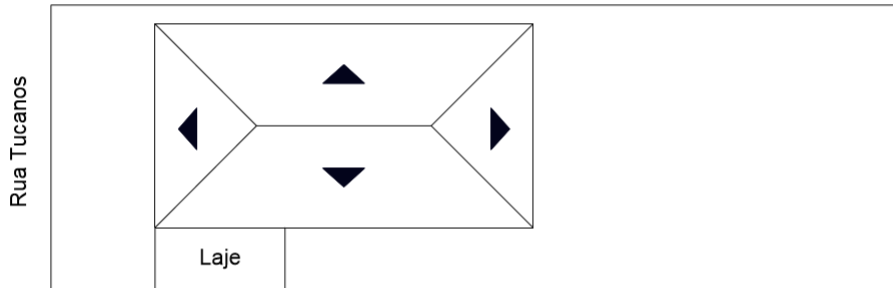
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE C2 - Ficha Arquitetônica 54

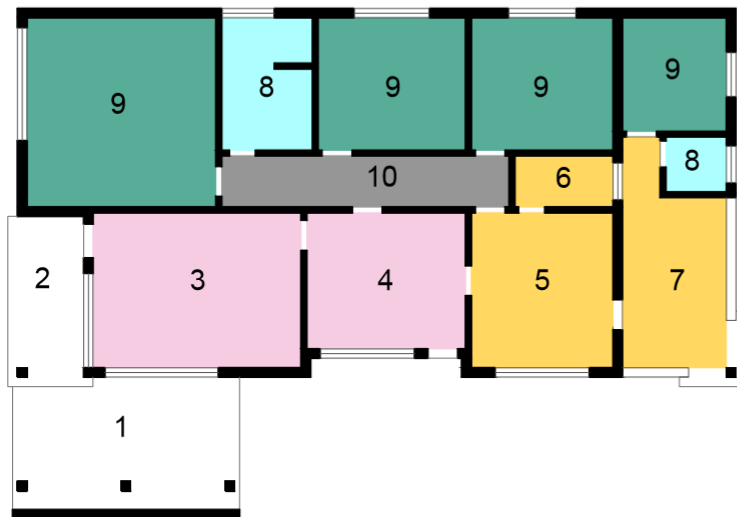
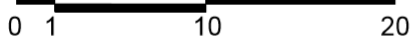
300

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº54/ Q.48/ L.10	Endereço Rua Tucanos	Área 203,25m²
Proprietário Armando Digiovani e outros	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1966



Implantação



Legenda Ambientes

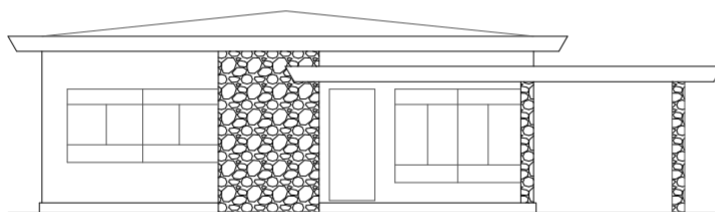
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- A.S.
- 8- I.S.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação

Planta

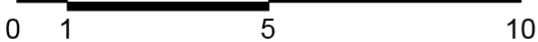


Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº54/ Q.48/ L.10	Endereço Rua Tucanos	Área 203,25m²
Proprietário Armando Digiovani e outros	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1966



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

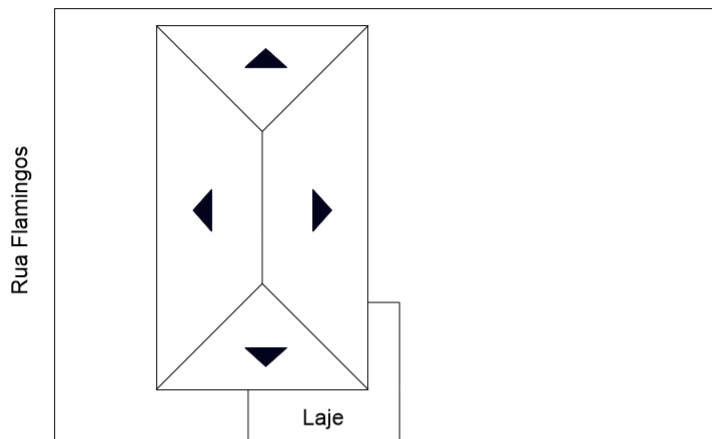
Existente

Inexistente

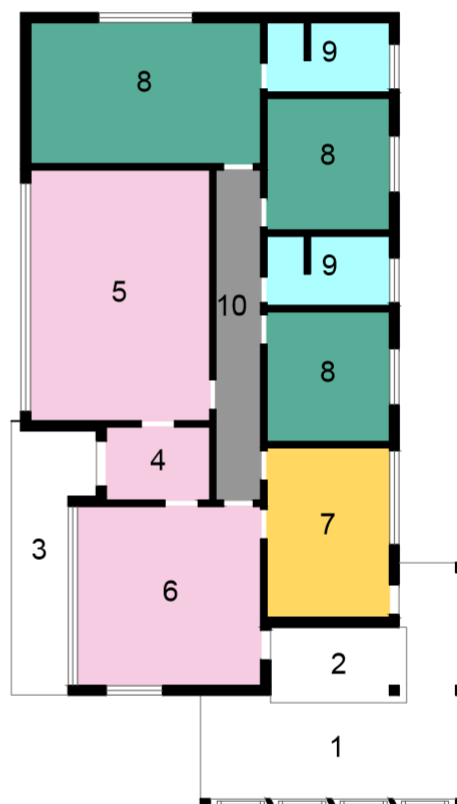
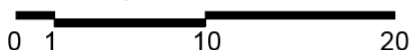
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº55/ Q.49/ L.3,4,6	Endereço Rua Flamingos	Área 207,00m²
Proprietário Armando Digiovani	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1965



Implantação



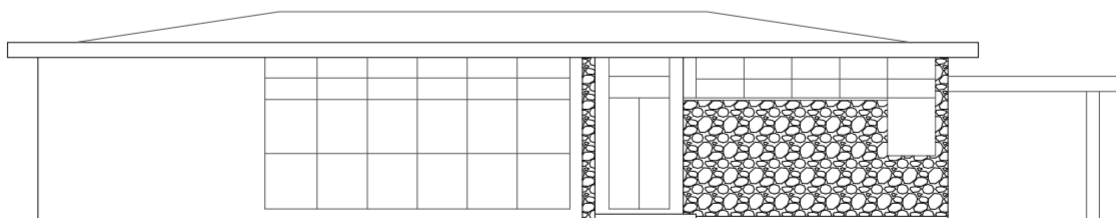
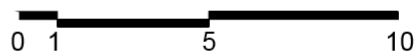
Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Pórtico
- 4- Hall
- 5- Sala de Estar
- 6- Sala de Jantar
- 7- Cozinha
- 8- Dormitório
- 9- I.S.
- 10- Circulação

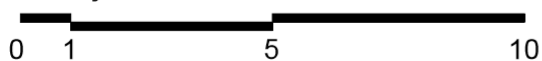
Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |

Planta



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

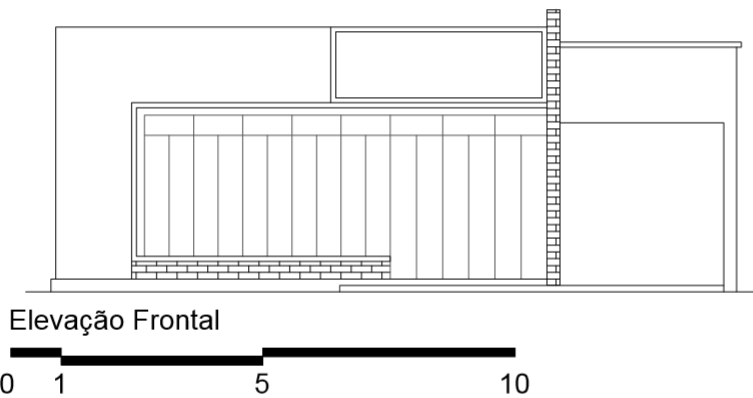
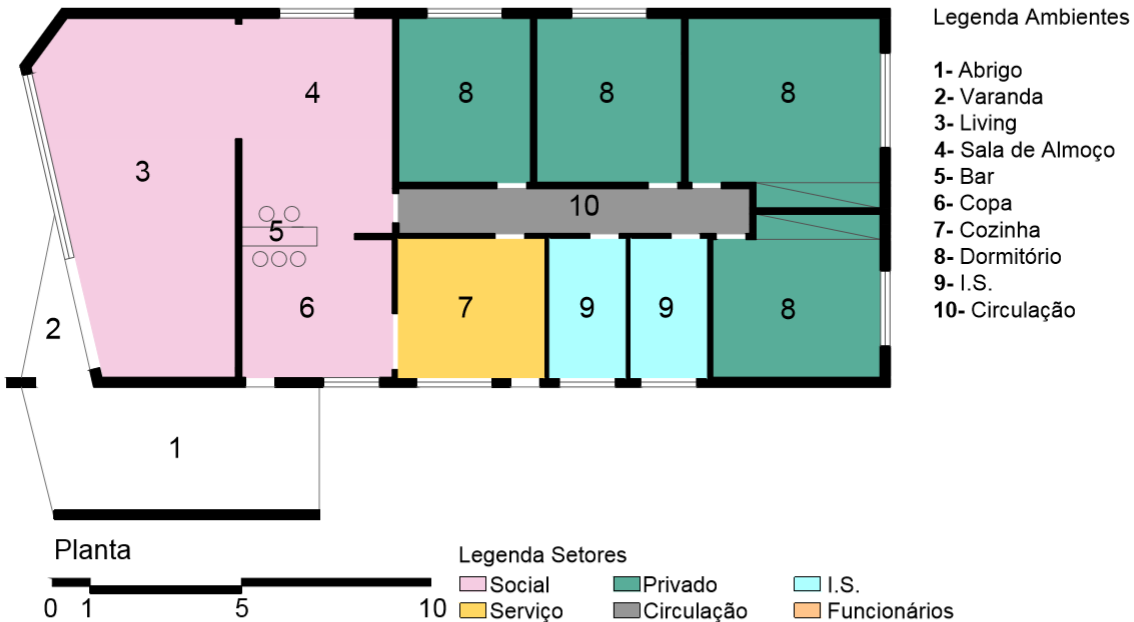
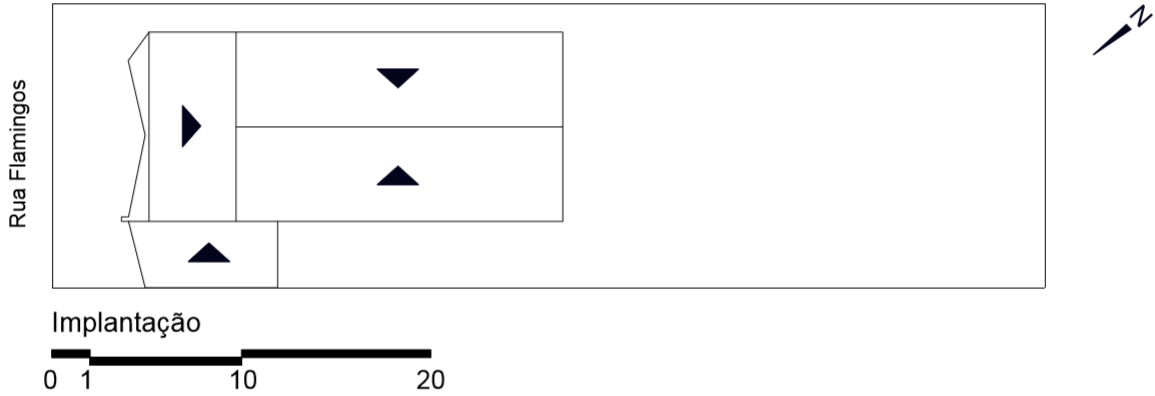
CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE E2 - Ficha Arquitetônica 56

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº56/ Q.49/ L.7	Endereço Rua Flamings	Área 224,25m²
Proprietário Pio Lollato	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



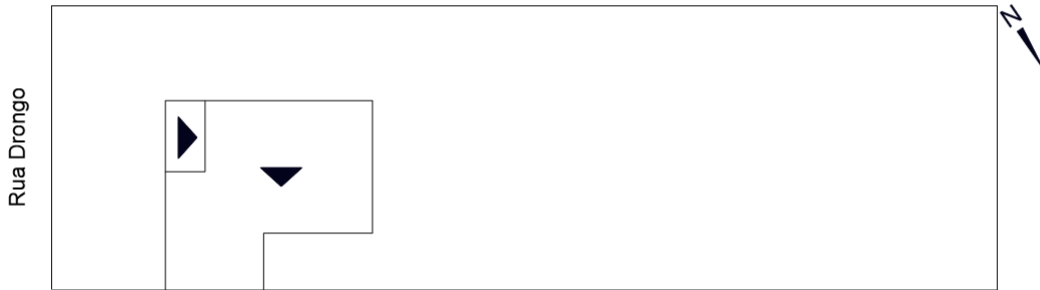
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

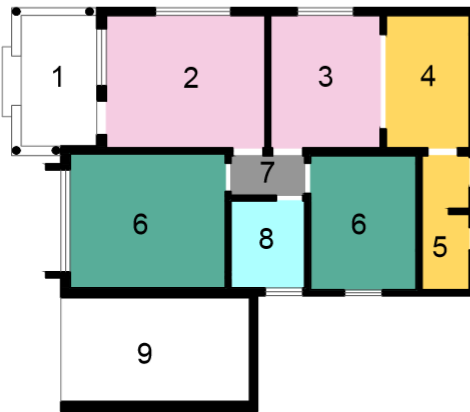
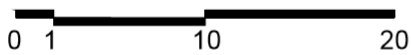
Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº57/ Q.50/ L.14	Endereço Rua Drongo	Área 101,00m²
Proprietário Helena Ferreira Morosov	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1957



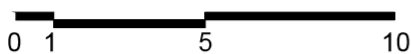
Implantação



Legenda Ambientes

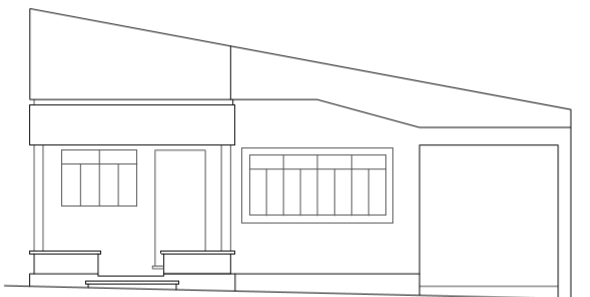
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Dormitório
- 7- Circulação
- 8- I.S.
- 9- Garagem

Planta

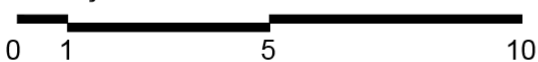


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

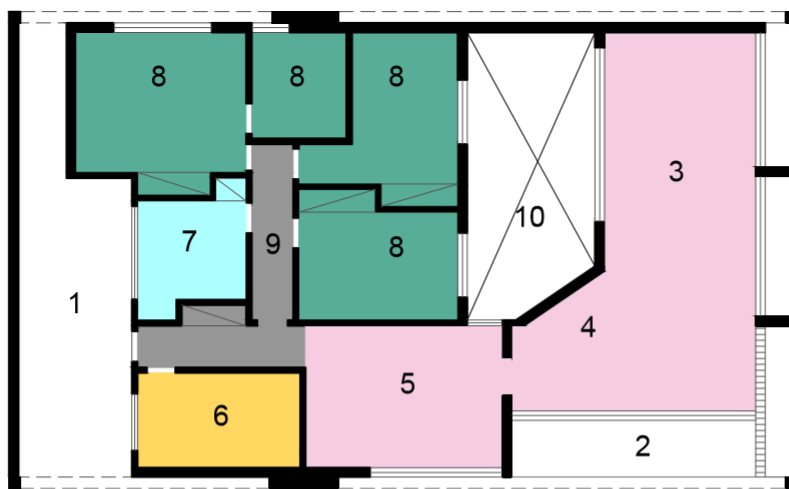
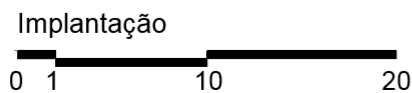
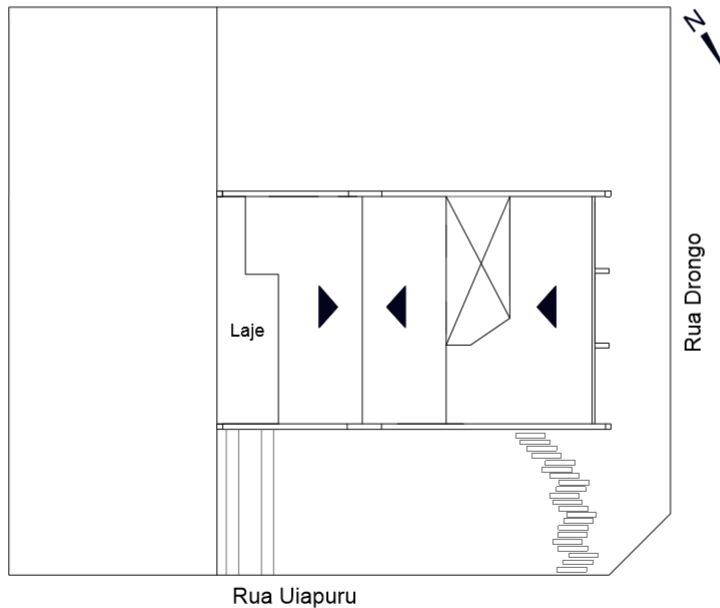
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE G2 - Ficha Arquitetônica 58

305

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº58/ Q.50/ L.16,17	Endereço Rua Drongo x Rua Uiapuru	Área 240,00m²
Proprietário Cândido Scolari Sobrinho	Responsável Técnico Américo Sato	Ano de Aprovação 1959



Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Escritório
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- I.S.
- 8- Dormitório
- 9- Circulação
- 10- Caramanchão

Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários

OBSERVAÇÕES

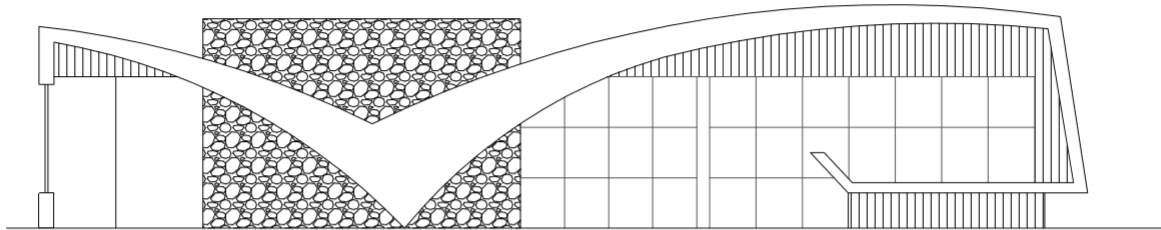
Elevações na página seguinte.

CARACTERIZAÇÃO

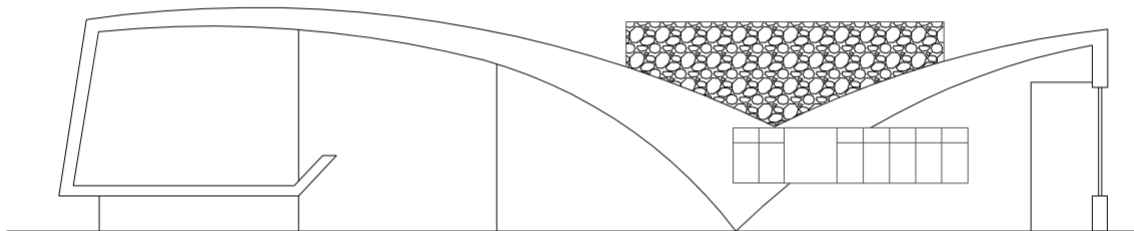
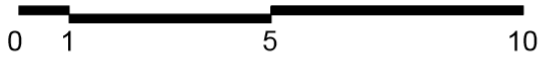
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

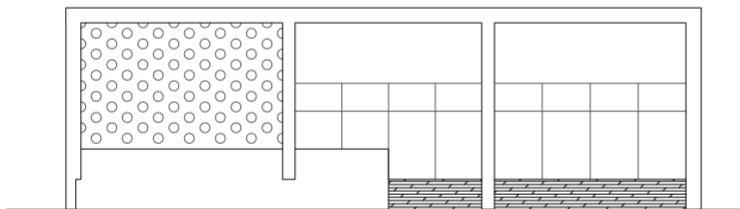
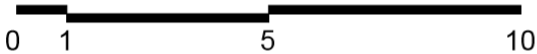
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº58/ Q.50/ L.16,17	Endereço Rua Drongo x Rua Uiapuru	Área 240,00m²
Proprietário Cândido Scolari Sobrinho	Responsável Técnico Américo Sato	Ano de Aprovação 1959



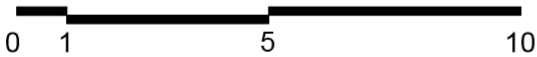
Elevação Frontal



Elevação Fundos



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

Única residência que apresentou estudo de todas as elevações.

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

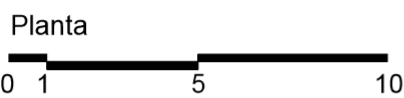
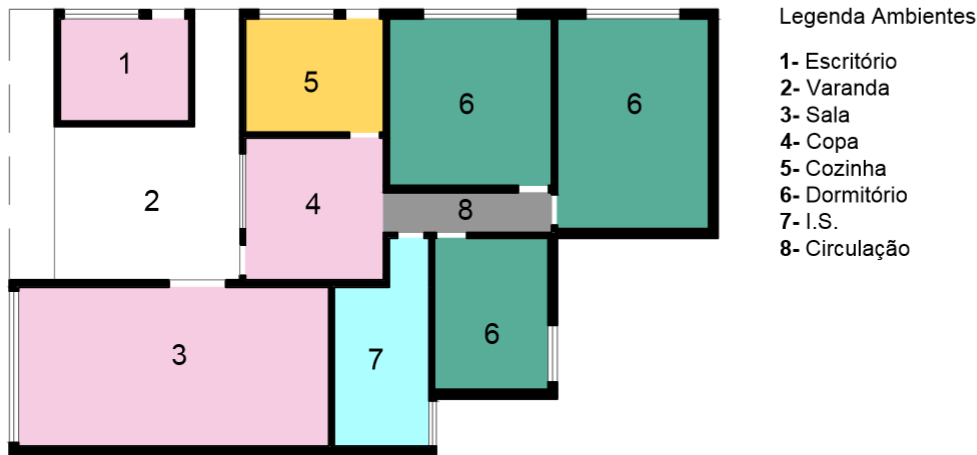
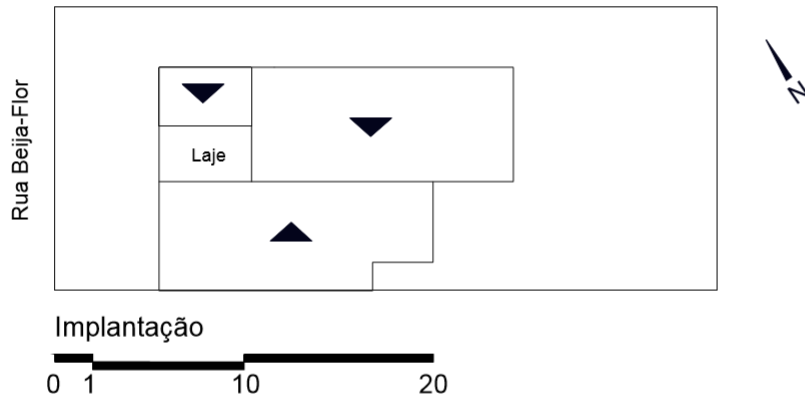
Modificada

APÊNDICE H2 - Ficha Arquitetônica 59

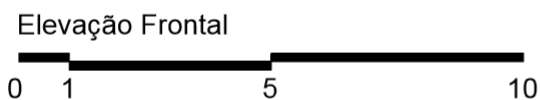
307

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº59/ Q.52/ L.4	Endereço Rua Beija-Flor	Área 191,88m²
Proprietário Orestes Santiago	Responsável Técnico Eugênio Amaral	Ano de Aprovação 1956



- Legenda Setores
- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



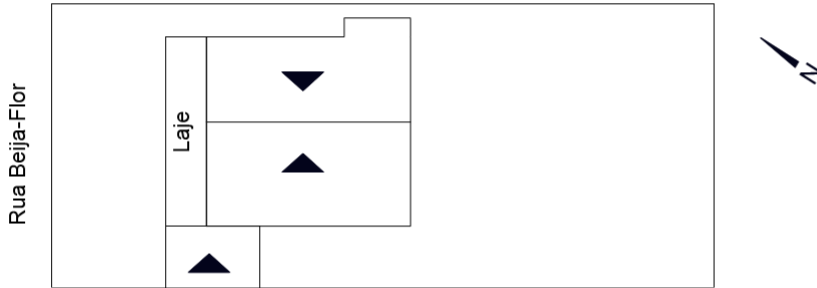
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

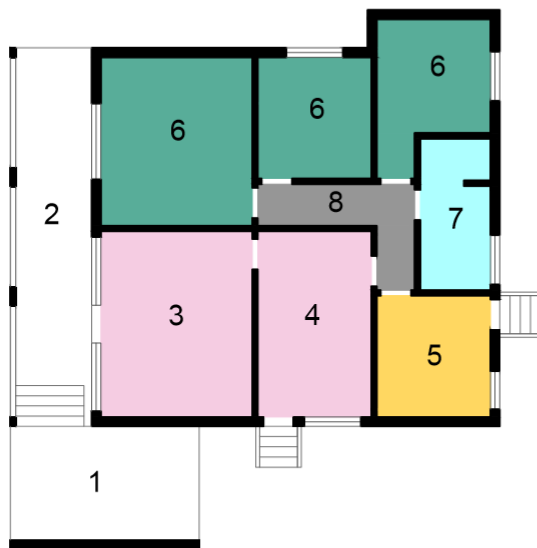
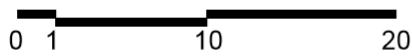
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº60/ Q.52/ L.5	Endereço Rua Beija-Flor	Área 146,00m²
Proprietário João Escobar Filho	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



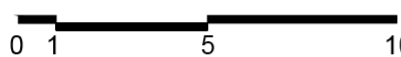
Implantação



Legenda Ambientes

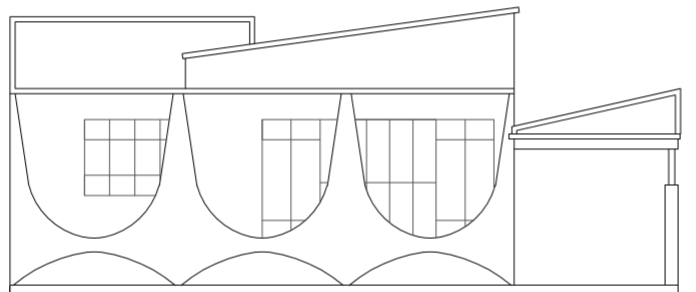
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Living
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

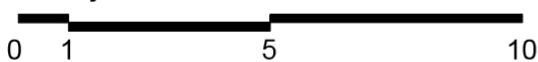


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

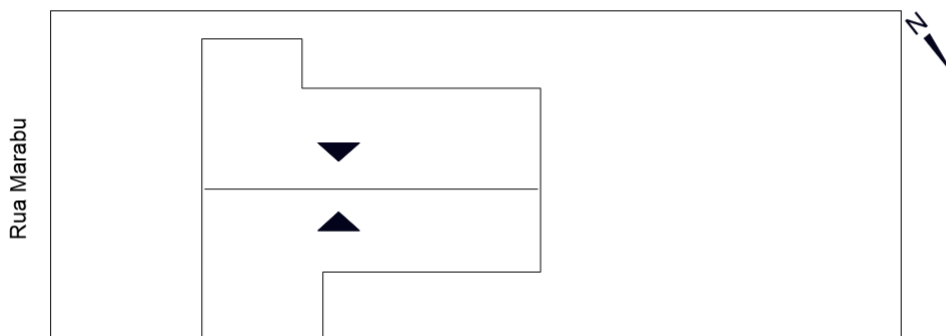
Projeto modificado, correspondente a Figura 65 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

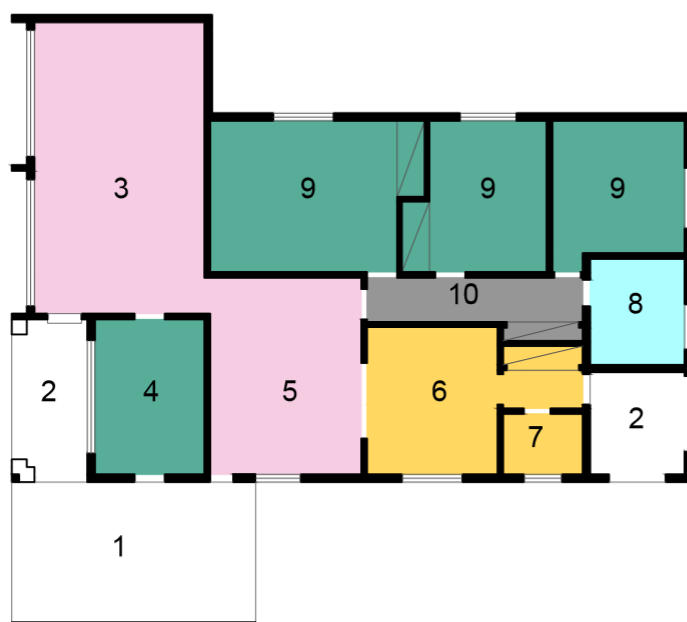
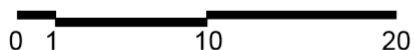
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº61/ Q.53/ L.11,12	Endereço Rua Marabu	Área 214,00m²
Proprietário Juan Escamillas Cruces	Responsável Técnico Zigundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1961



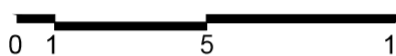
Implantação



Legenda Ambientes

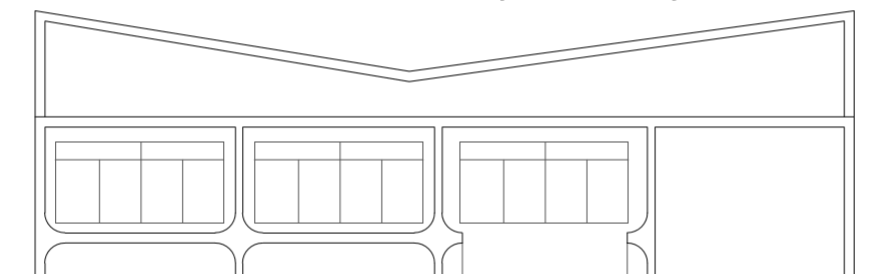
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Escritório
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- Despensa
- 8- I.S.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação

Planta

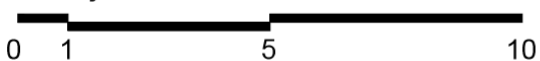


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

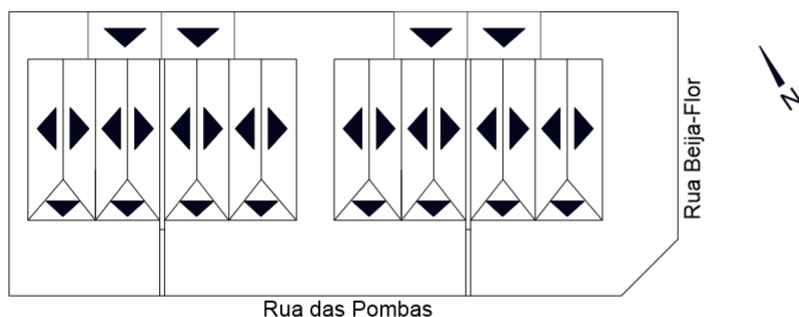
CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

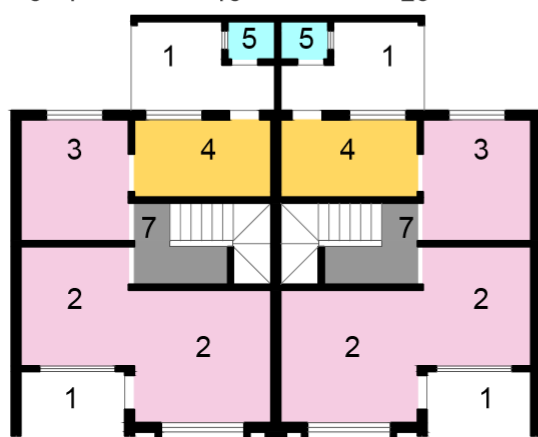
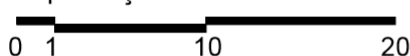
APÊNDICE K2 - Ficha Arquitetônica 62

IDENTIFICAÇÃO

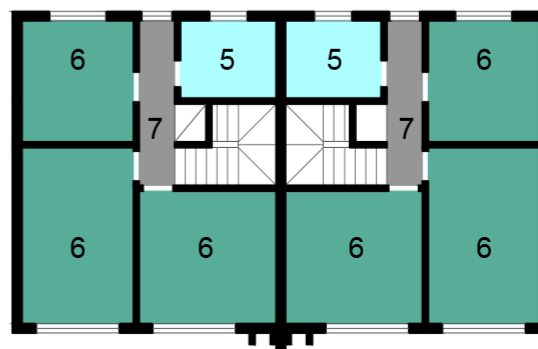
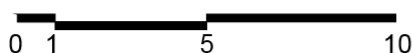
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº62/ Q.53/ L.17	Endereço Rua Beija-Flor x Rua das Pombas	Área 127,14m²(cada)
Proprietário Elias Gil Tejero e Outros	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1958



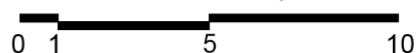
Implantação



Planta Pavimento Térreo



Planta Pavimento Superior

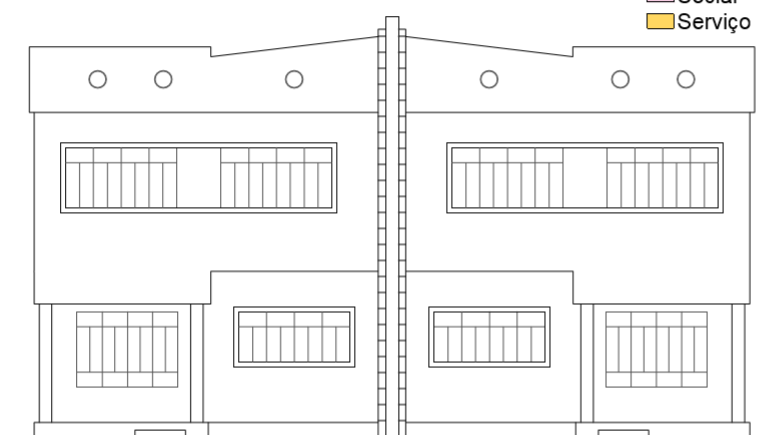


Legenda Setores

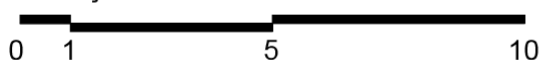
- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários

Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

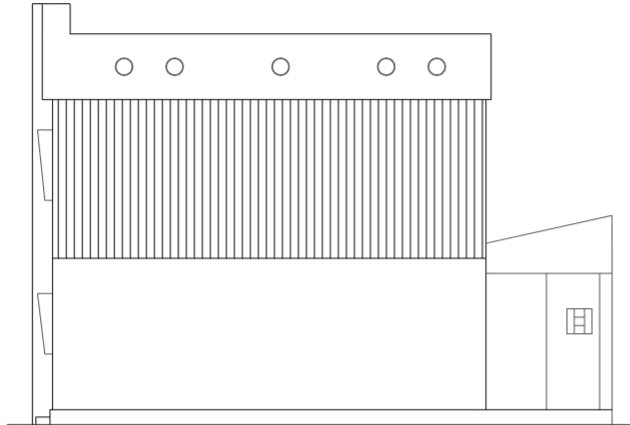
Elevações na página seguinte.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº62/ Q.53/ L.17	Endereço Rua Beija-Flor x Rua das Pombas	Área 127,14m²(cada)
Proprietário Elias Gil Tejero e Outros	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1958



Elevação Lateral



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

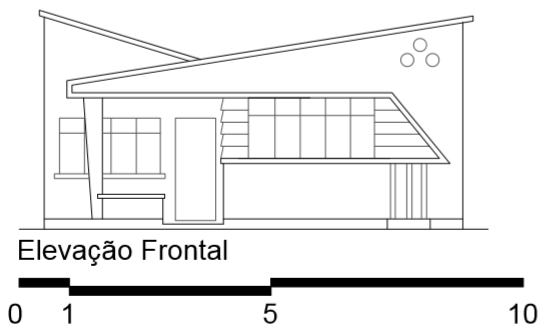
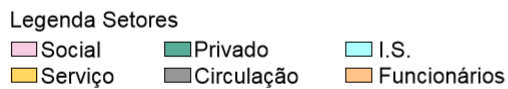
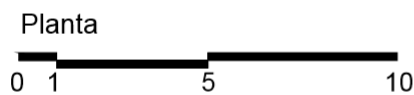
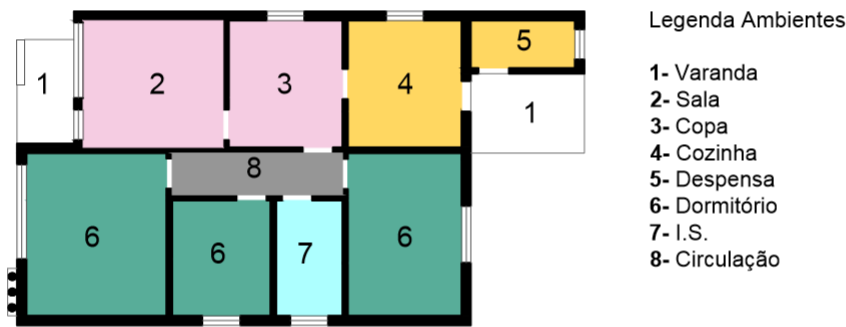
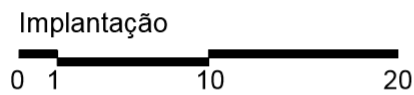
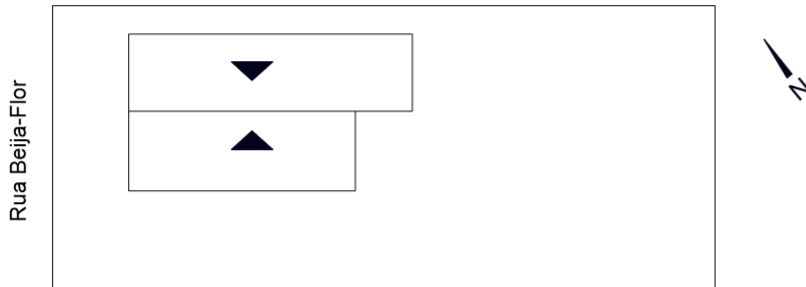
Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº63/ Q.55/ L.2	Endereço Rua Beija-Flor	Área 112,30m²
Proprietário Francisco Sanche Iedra	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1961



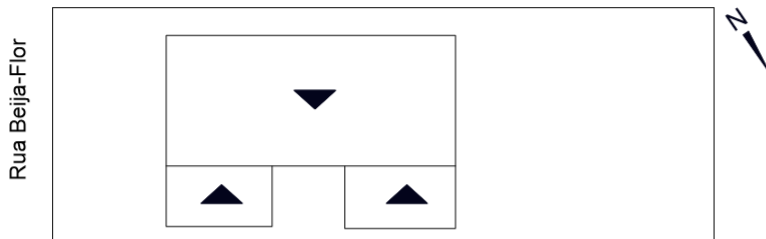
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

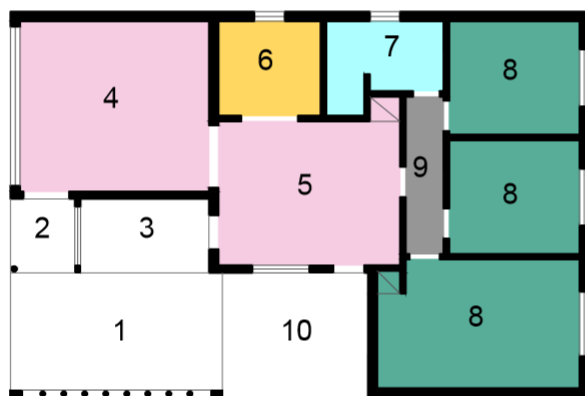
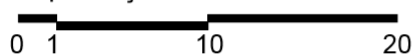
Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

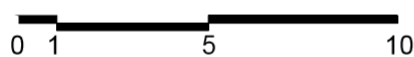
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº64/ Q.55/ L.3	Endereço Rua Beija-Flor	Área 155,00m²
Proprietário Marino André	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação Não identificado



Implantação



Planta

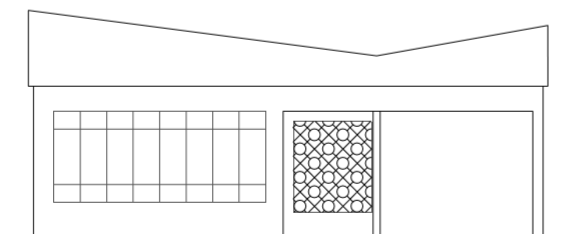


Legenda Ambientes

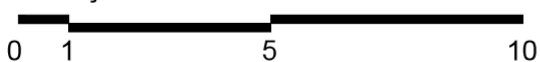
- 1- Abrigo
- 2- Hall
- 3- Varanda
- 4- Sala
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- I.S.
- 8- Dormitório
- 9- Circulação
- 10- Pátio

Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

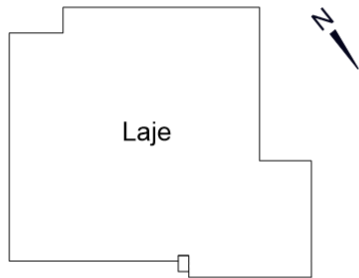
Projeto modificado, correspondente a Figura 67 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

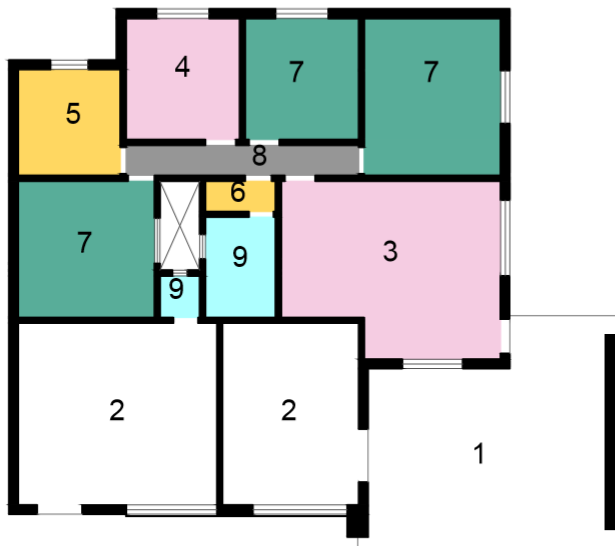
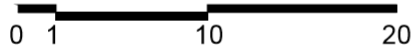
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº65/ Q.55/ L.7	Endereço Rua Marabu	Área 202,35m²
Proprietário Alfredo Damasceno de Padua	Responsável Técnico Luiz Castro	Ano de Aprovação 1953



Planta de Cobertura



Legenda Ambientes

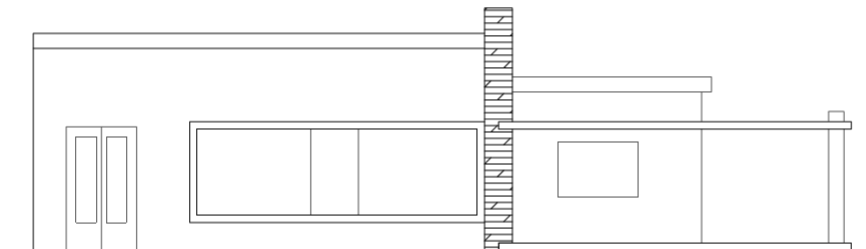
- 1- Pórtico
- 2- Loja
- 3- Living
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Lavanderia
- 7- Dormitório
- 8- Circulação
- 9- I.S.

Planta

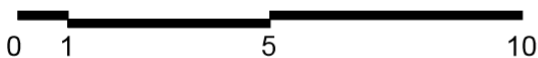


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Desenho não apresenta implantação.
No carimbo há assinatura de um profissional da saúde.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº65/ Q.55/ L.7	Endereço Rua Marabu	Área 202,35m²
Proprietário Alfredo Damasceno de Padua	Responsável Técnico Luiz Castro	Ano de Aprovação 1953



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Desenho não apresenta implantação.
No carimbo há assinatura de um profissional da saúde.

CARACTERIZAÇÃO

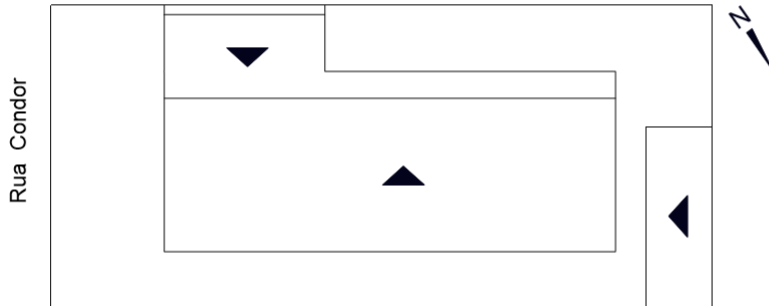
Existente

Inexistente

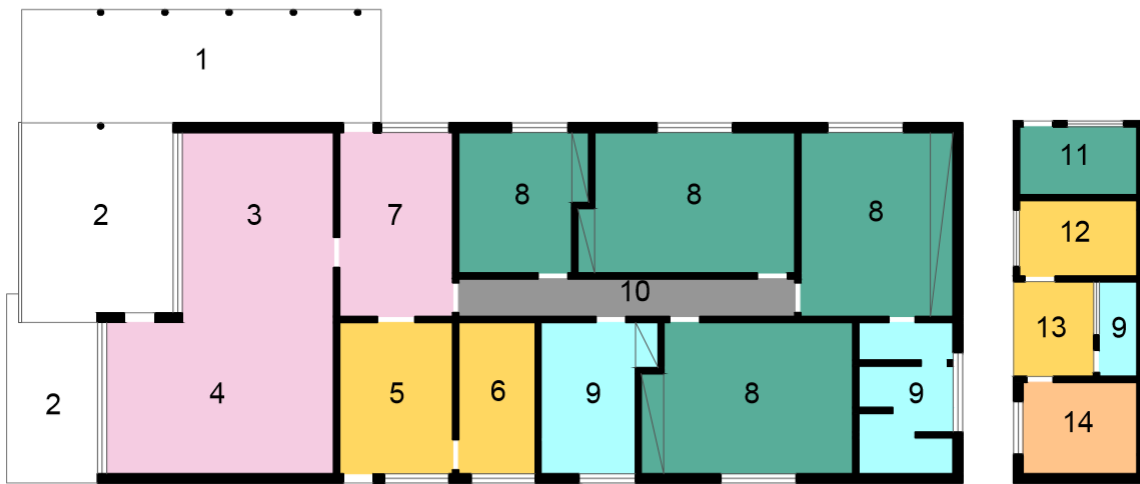
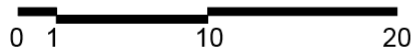
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº66/ Q.55/ L.15	Endereço Rua Condor	Área 268,62m²
Proprietário Victor Fuganti	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Implantação



Planta

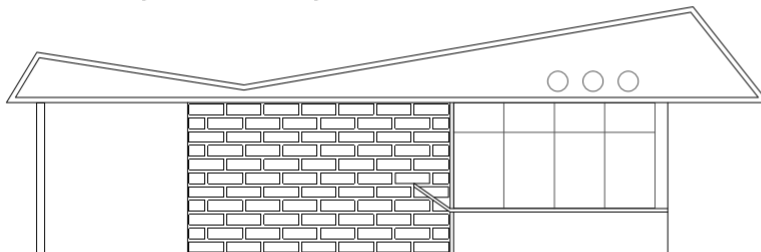


Legenda Setores

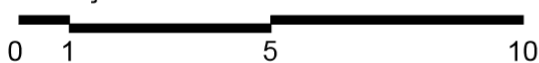
- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários

Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Sala de Visitas
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Copa
- 8- Dormitório
- 9- I.S.
- 10- Circulação
- 11- Casa de brincar
- 12- Passar roupas
- 13- A.S.
- 14- Dorm. Func.



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº66/ Q.55/ L.15	Endereço Rua Condor	Área 268,62m²
Proprietário Victor Fuganti	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

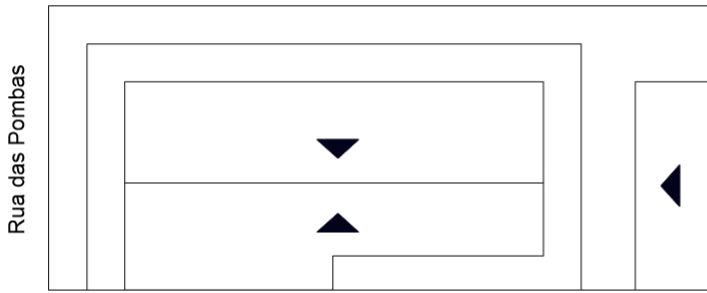
Inexistente

Modificada

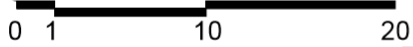
APÊNDICE P2 - Ficha Arquitetônica 67

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº67/ Q.55/ L.17	Endereço Rua das Pombas	Área 260,89m²
Proprietário Dagoberto A. Bueno	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1958



Implantação



Legenda Ambientes

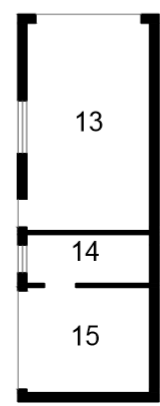
- 1- Varanada
- 2- Biblioteca
- 3- Jardim
- 4- Sala
- 5- Cozinha
- 6- Copa
- 7- Despensa
- 8- Lav.
- 9- I.S.
- 10- Dormitório
- 11- Dorm. Func.
- 12- Circulação.
- 13- Garagem
- 14- Depósito
- 15- Pérgola

Legenda Setores

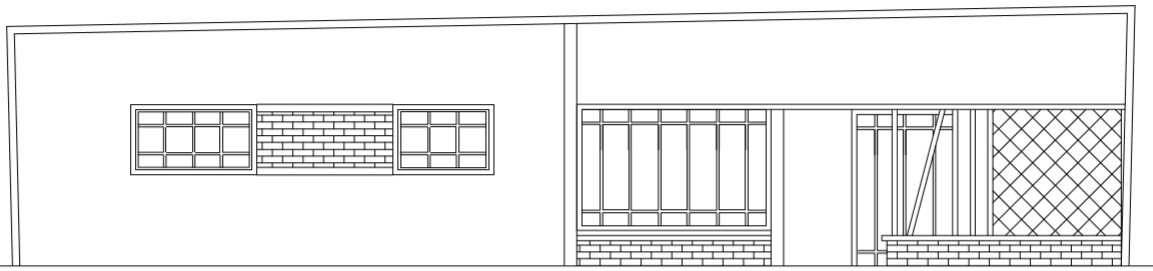
- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



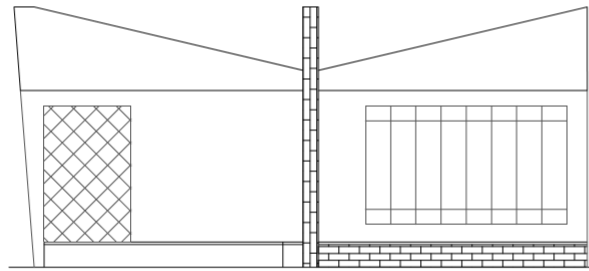
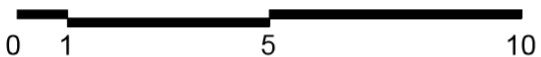
Planta



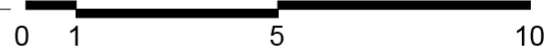
Planta Edícula



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

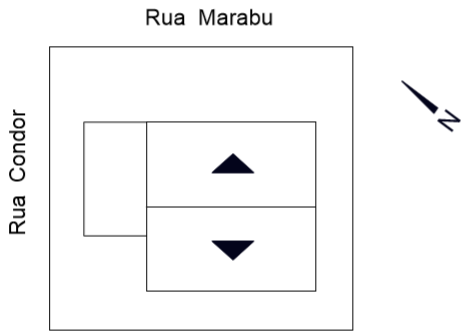
CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

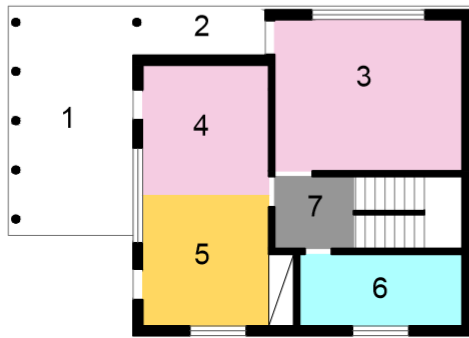
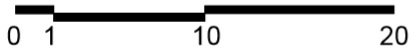
APÊNDICE Q2 - Ficha Arquitetônica 68

IDENTIFICAÇÃO

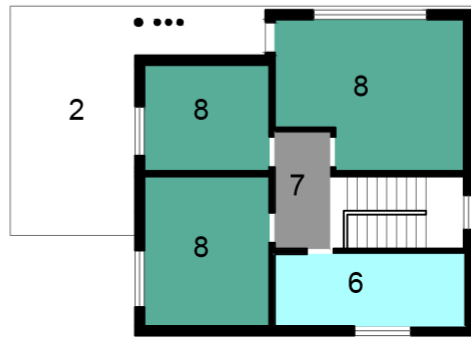
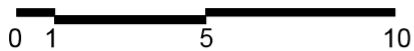
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº68/ Q.57/ L.7	Endereço Rua Condor x Rua Marabu	Área 174,62m²
Proprietário Tarciso Davantel	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1965



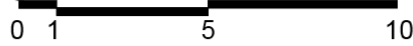
Implantação



Planta Pavimento Térreo



Planta Pavimento Superior



Legenda Ambientes

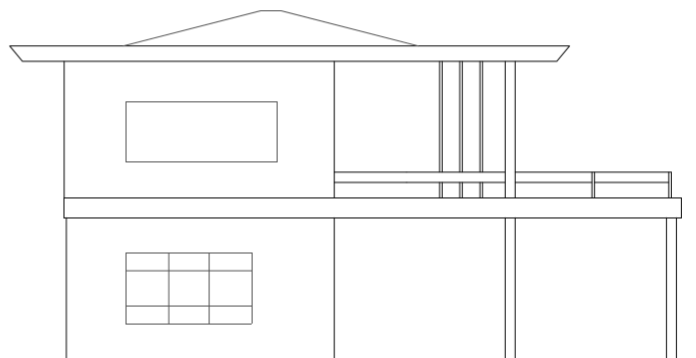
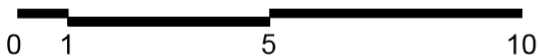
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- I.S.
- 7- Circulação
- 8- Dormitório

Legenda Setores

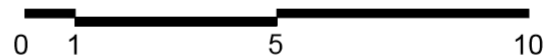
- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



Elevação Lateral



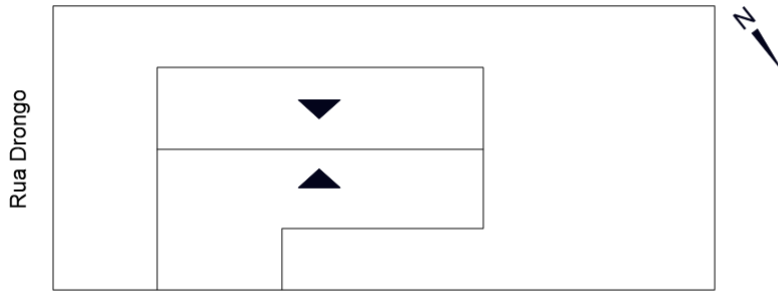
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

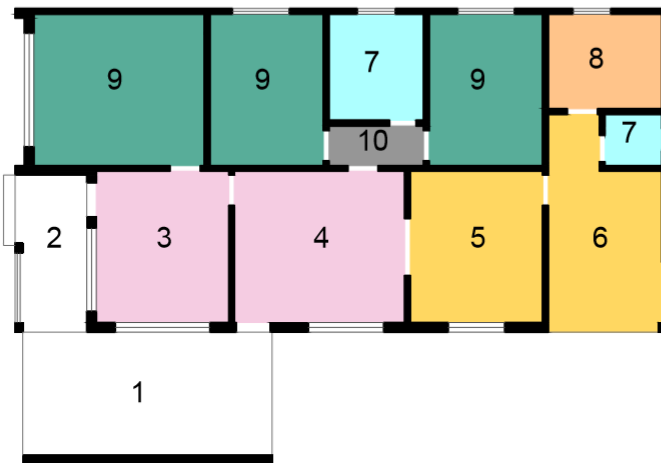
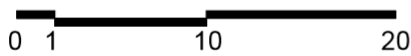
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº69/ Q.57/ L.13	Endereço Rua Drongo	Área 145,35m²
Proprietário Necio Picinatto	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1964



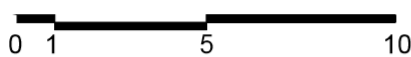
Implantação



Legenda Ambientes

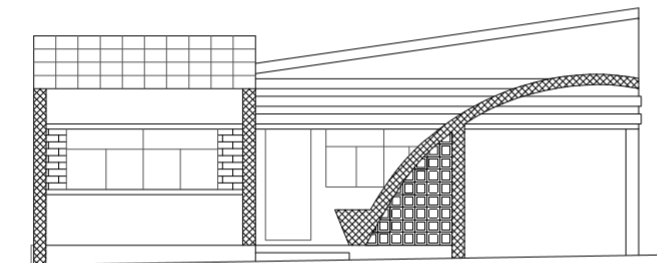
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- I.S.
- 8- Dorm. Func.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação

Planta

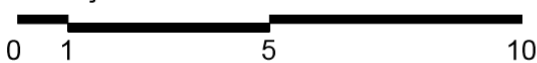


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto modificado, correspondente a Figura 71 do Volume 1.
 Fachada semelhante ao edificado na Quadra 74, correspondente a Figura 84 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

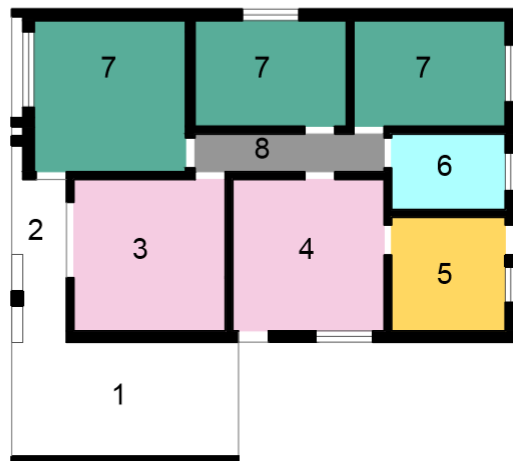
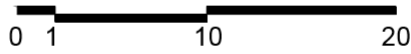
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº70/ Q.57/ L.14	Endereço Rua Drongo	Área 128,52m²
Proprietário Florentino Fornazieri	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1959



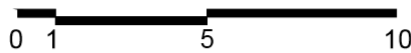
Implantação



Legenda Ambientes

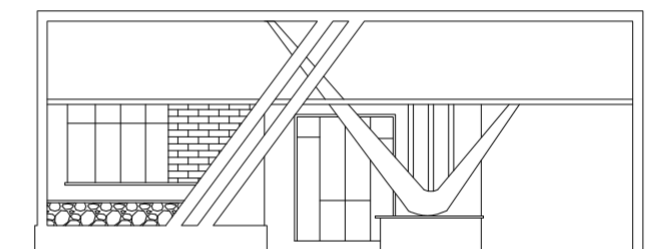
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Circulação

Planta

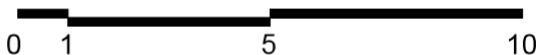


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE T2 - Ficha Arquitetônica 71

322

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº71/ Q.57/ L.15

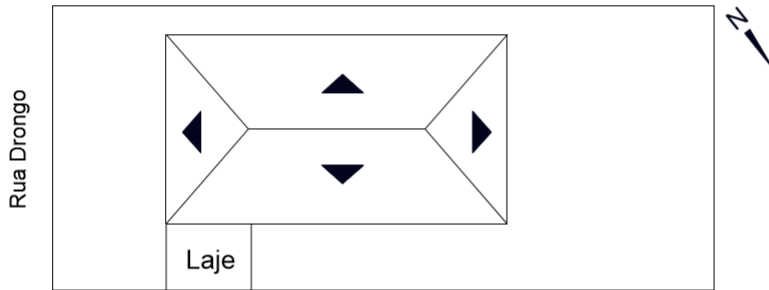
Endereço
Rua Drongo

Área
193,00m²

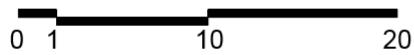
Proprietário
Berlim J. A. Fagundes

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Christo

Ano de Aprovação
1962



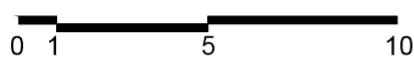
Implantação



Legenda Ambientes

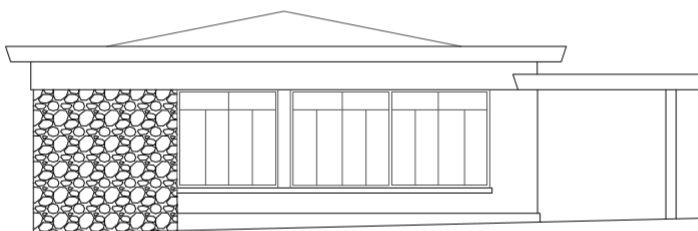
- 1- Abrigo
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- A.S.
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

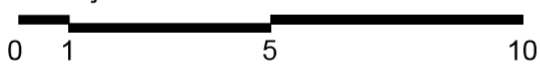


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

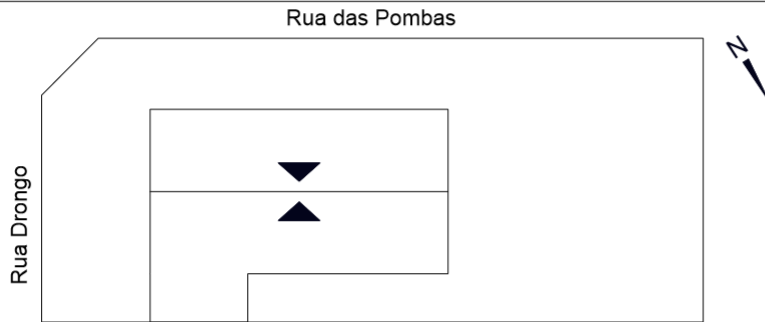
Existente

Inexistente

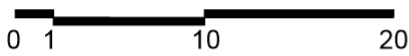
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

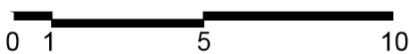
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº72/ Q.57/ L.17	Endereço Rua das Pombas x Rua Drongo	Área 135,32m²
Proprietário Aristides Niero	Responsável Técnico Zigundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1960



Implantação



Planta

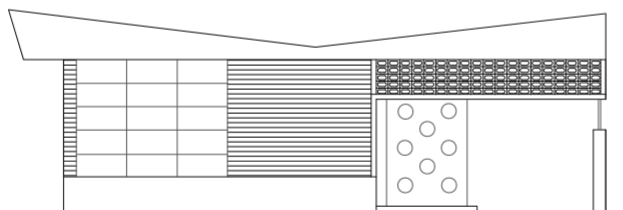


Legenda Ambientes

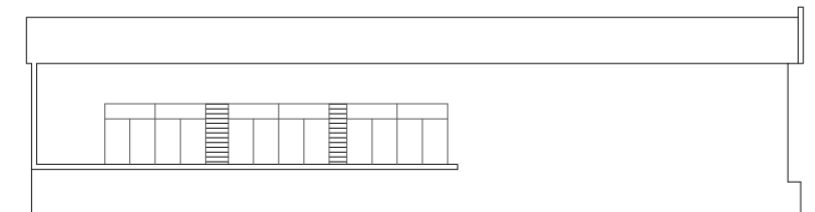
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Legenda Setores

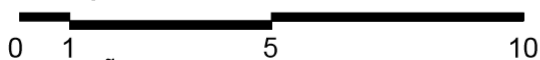
- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



Elevação Lateral



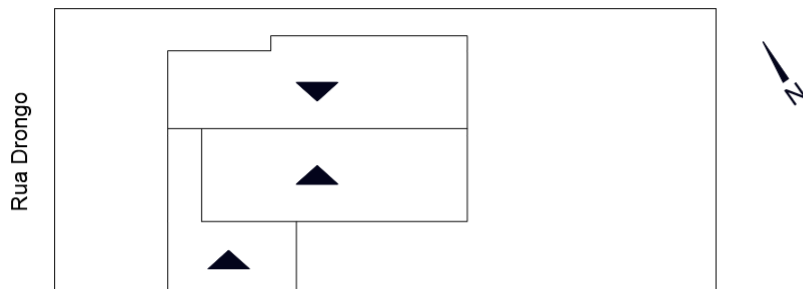
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

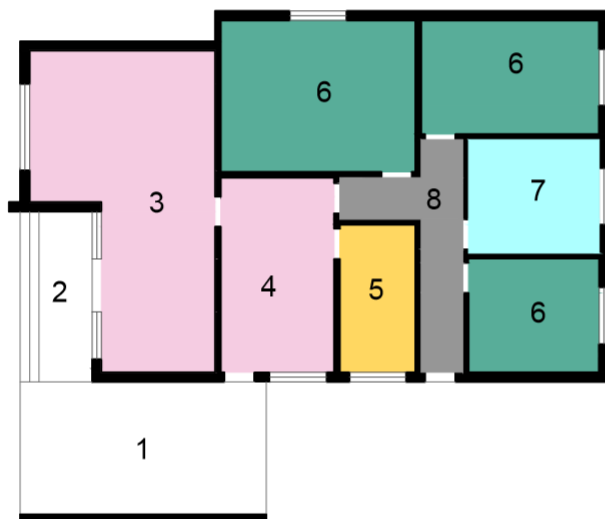
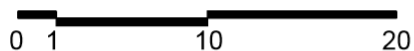
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº73/ Q.59/ L.2	Endereço Rua Drongo	Área 170,00m²
Proprietário José Maria Ferreira	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



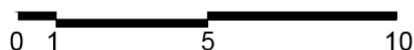
Implantação



Legenda Ambientes

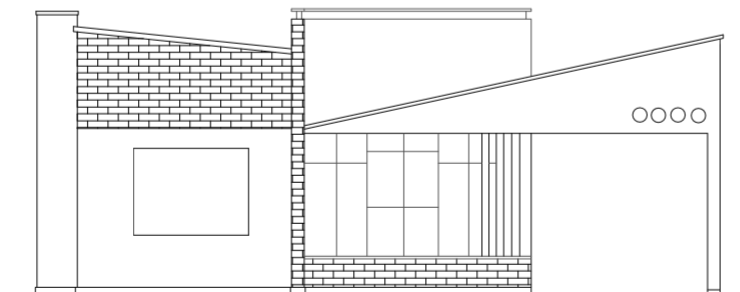
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Living
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

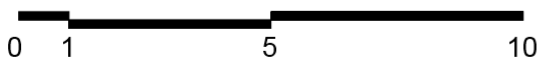


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº73/ Q.59/ L.2	Endereço Rua Drongo	Área 170,00m²
Proprietário José Maria Ferreira	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1960



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

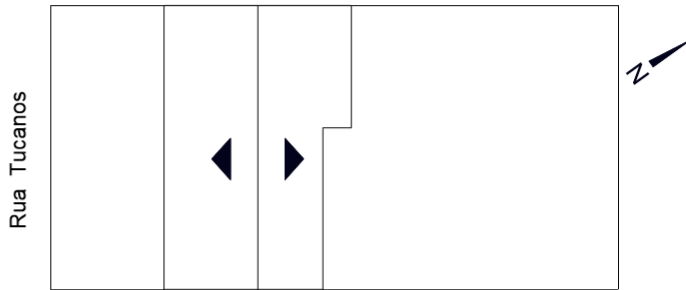
Existente

Inexistente

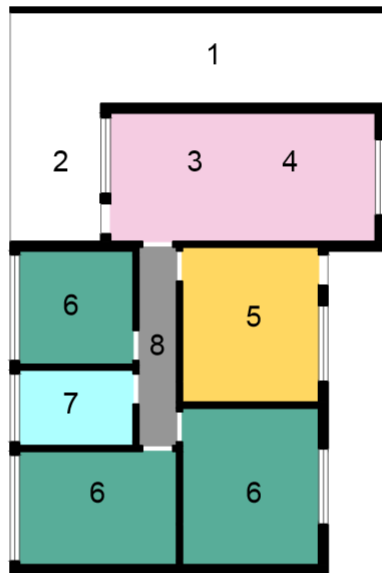
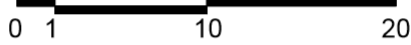
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº74/ Q.60/ L.3	Endereço Rua Tucanos	Área 137,31m²
Proprietário Alceu Pinto de Almeida	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Implantação



Legenda Ambientes

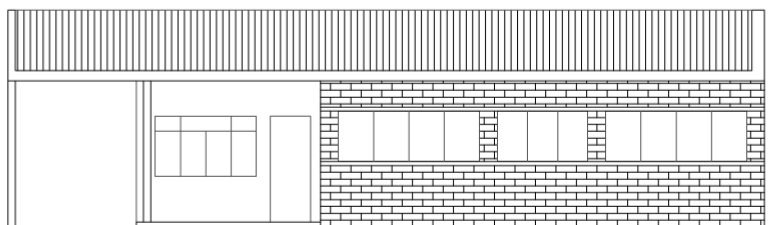
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

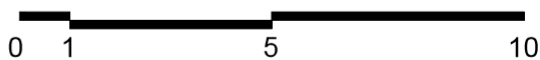


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



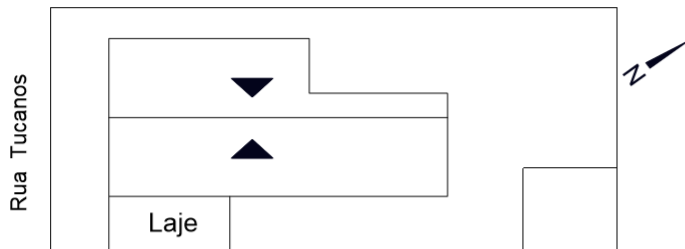
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

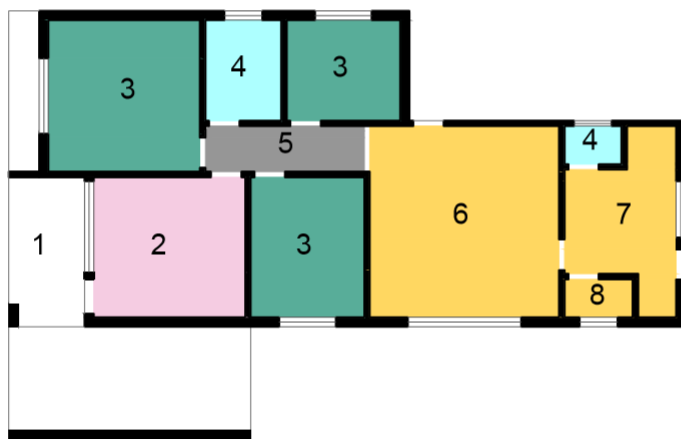
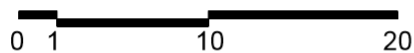
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

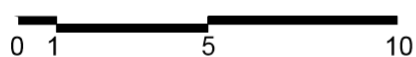
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº75/ Q.60/ L.4,5	Endereço Rua Tucanos	Área 179,86m²
Proprietário Angelo Trevizan	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1965



Implantação



Planta



Legenda Setores

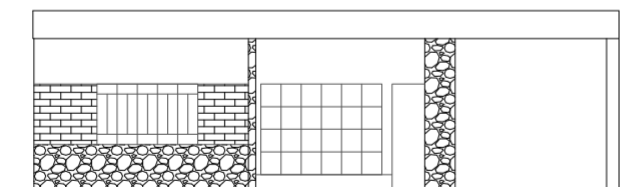
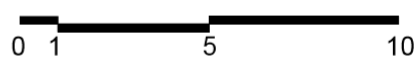
 Social	 Privado	 I.S.
 Serviço	 Circulação	 Funcionários

Legenda Ambientes

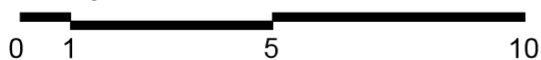
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- I.S.
- 5- Circulação
- 6- Copa/ Cozinha
- 7- A.S.
- 8- Despensa
- 9- Abrigo



Planta Edícula



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto indica a presença de fogão na Área de Serviço.

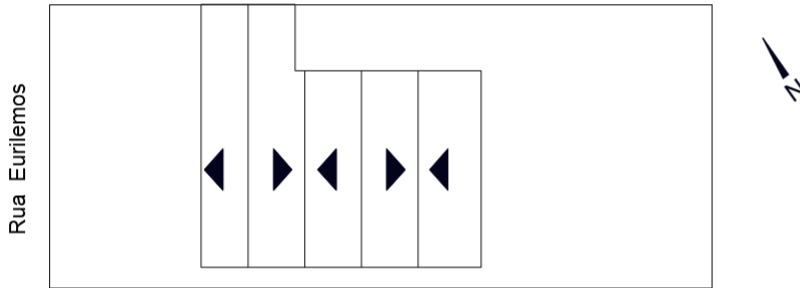
Implantação não indica sentido do telhado.

CARACTERIZAÇÃO

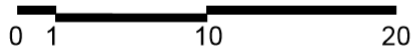
 Existente	 Inexistente	 Modificada
---	---	---

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº76/ Q.61/ L.2	Endereço Rua Eurilemos	Área 166,40m²
Proprietário Adelino Gomes	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1969



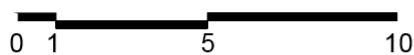
Implantação



Legenda Ambientes

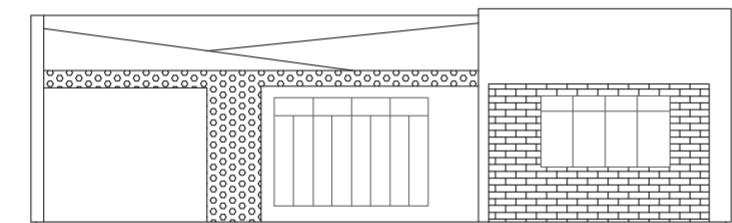
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

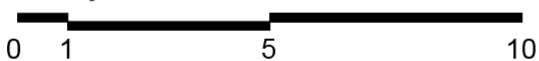


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto existente, porém por conta da vegetação presente no local não houve registro fotográfico.

CARACTERIZAÇÃO

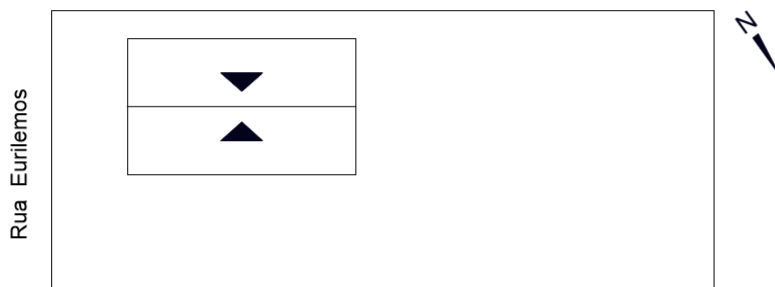
- | | | |
|---|---|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|---|--|

APÊNDICE Z2 - Ficha Arquitetônica 77

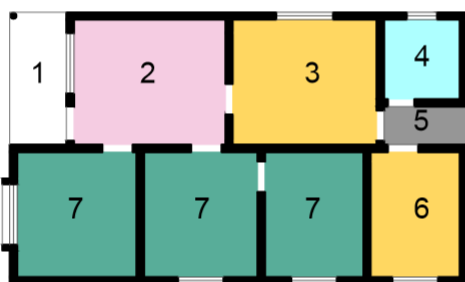
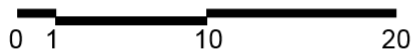
329

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº77/ Q.61/ L.6	Endereço Rua Eurilemos	Área 84,00m²
Proprietário Salvador Stabeach	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



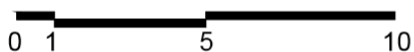
Implantação



Legenda Ambientes

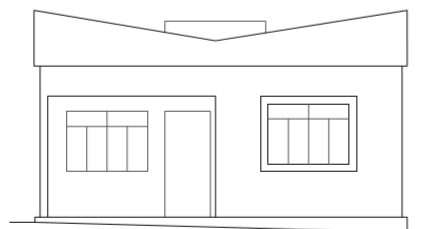
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- I.S.
- 5- Circulação
- 6- Despensa
- 7- Dormitório

Planta

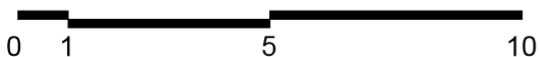


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



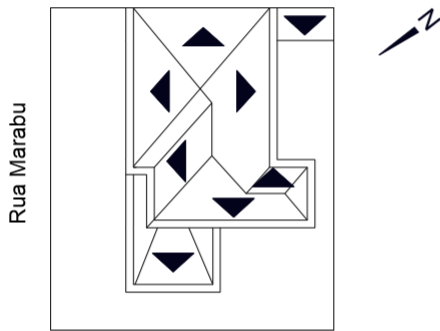
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

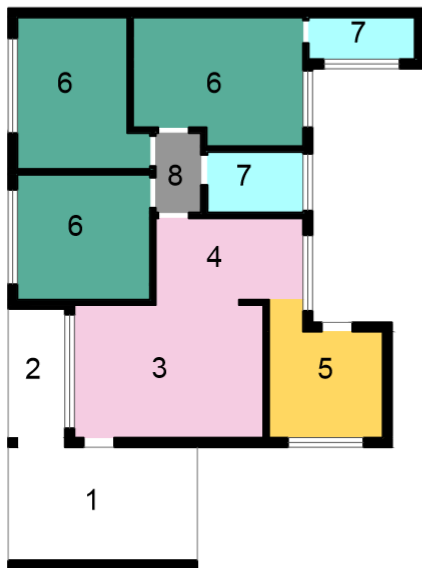
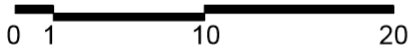
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº78/ Q.61/ L.7	Endereço Rua Marabu	Área 121,30m²
Proprietário Décio de Oliveira	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Implantação



Legenda Ambientes

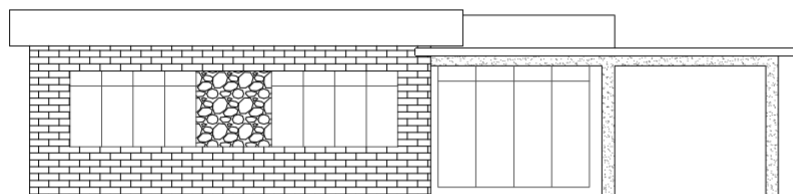
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Estar
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

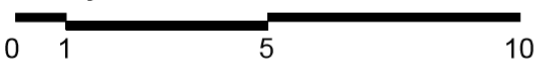


Legenda Setores

- | | | |
|---|---|--|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

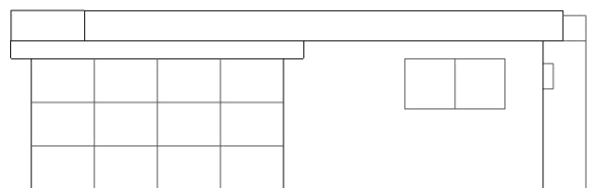
Projeto apresenta planta semelhante e fachada idêntica a residência nº13 (Q.13/ L.04).

CARACTERIZAÇÃO

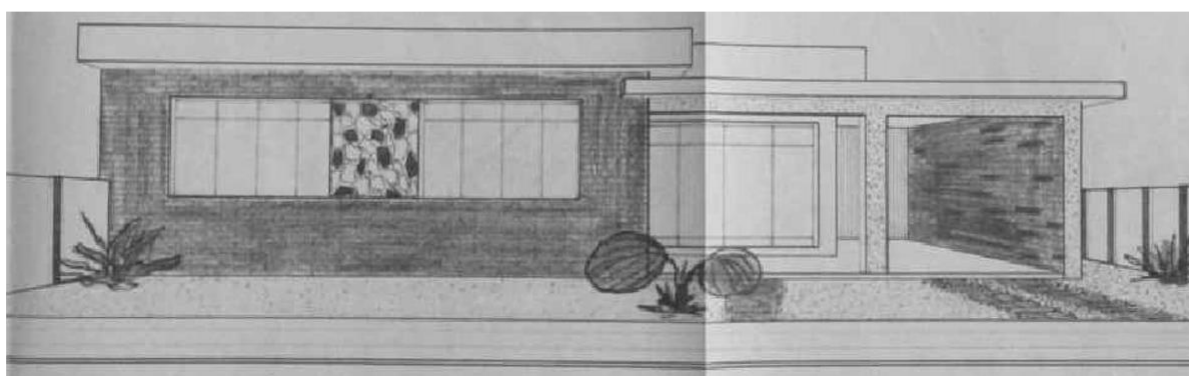
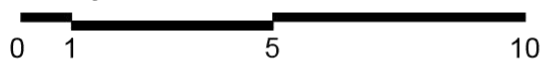
- | | | |
|---|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº78/ Q.61/ L.7	Endereço Rua Marabu	Área 121,30m²
Proprietário Décio de Oliveira	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Elevação Lateral



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Projeto apresenta planta semelhante e fachada idêntica a residência nº13 (Q.13/ L.04).

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE B3 - Ficha Arquitetônica 79

332

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº79/ Q.61/ L.10

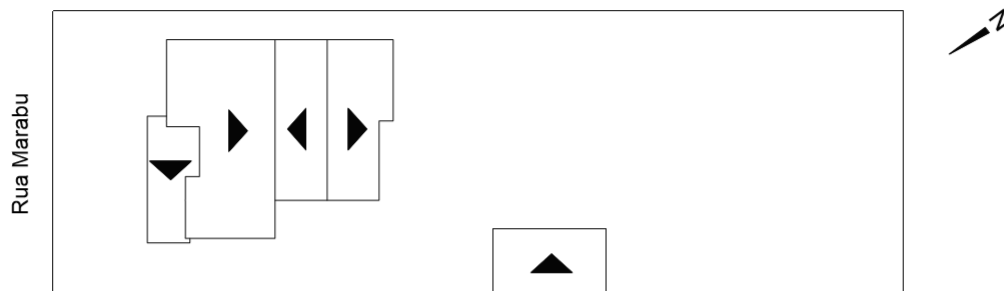
Endereço
Rua Marabu

Área
135,00m²

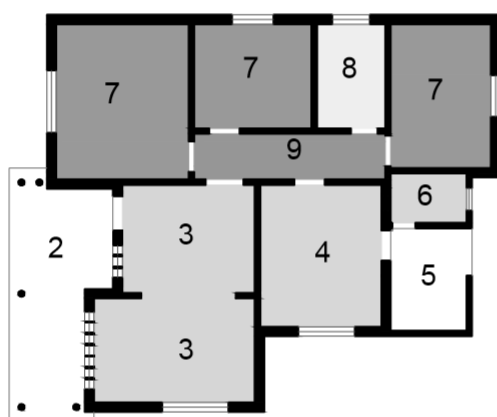
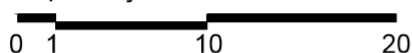
Proprietário
Marino André

Responsável Técnico
Zigundo Dionisio Stasiak

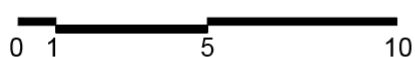
Ano de Aprovação
1956



Implantação

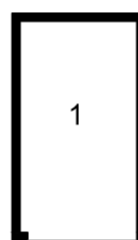


Planta

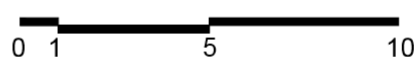


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Terraço
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- A.S.
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação



Planta Edícula

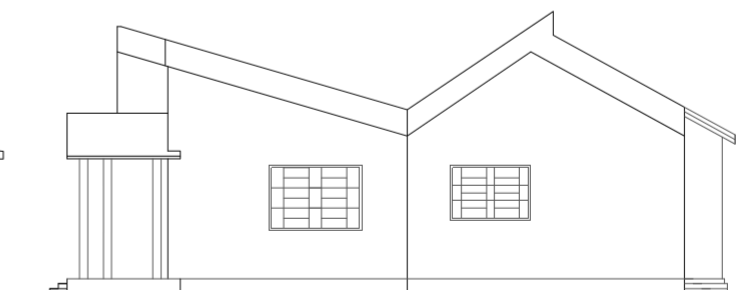
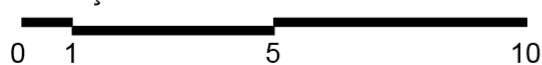


Legenda Setores

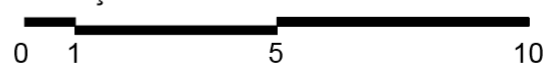
- | | | |
|-----------|--------------|----------------|
| □ Social | ■ Privado | □ I.S. |
| □ Serviço | ■ Circulação | □ Funcionários |



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

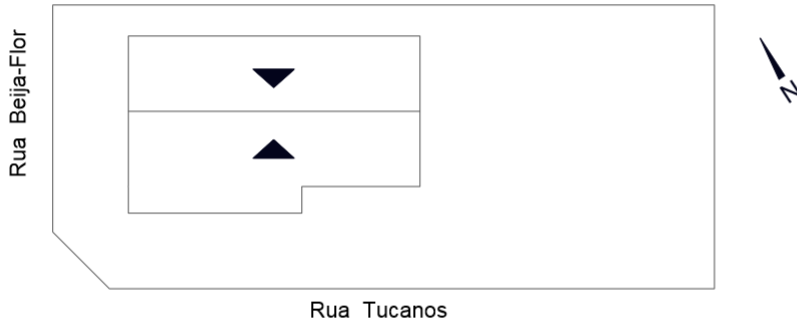
□ Existente

■ Inexistente

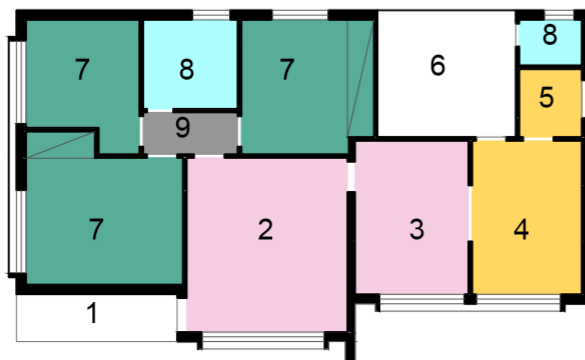
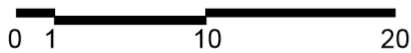
□ Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº80/ Q.62/ L.1	Endereço Rua Tucanos x Rua Beija-Flor	Área 129,00m²
Proprietário Adhair Caetano Pinto	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



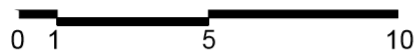
Implantação



Legenda Ambientes

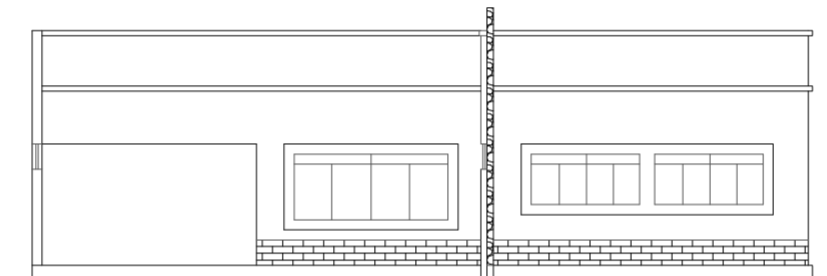
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- A.S.
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

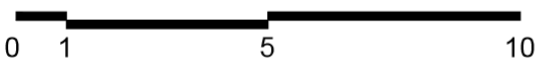


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



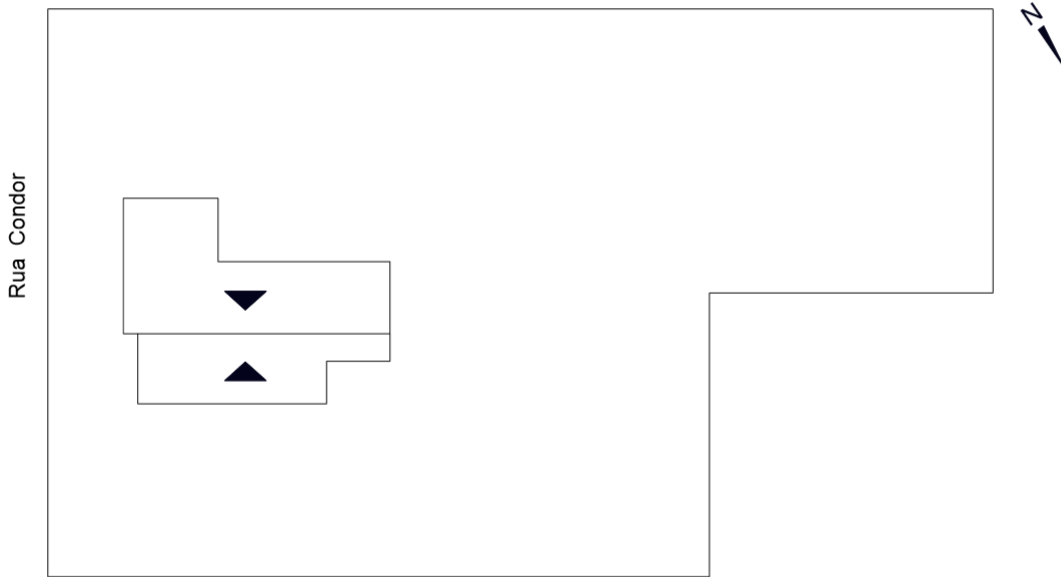
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

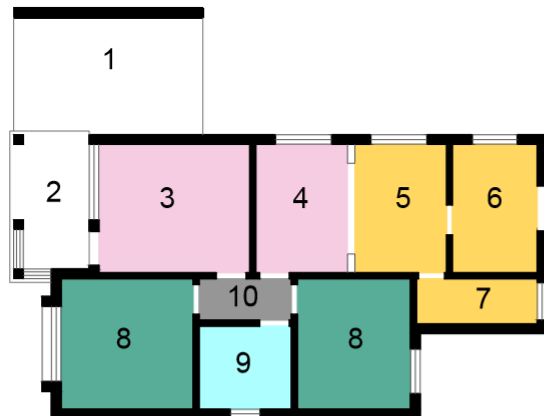
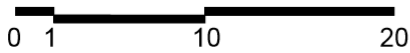
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº81/ Q.62/ L.13,14	Endereço Rua Condor	Área 118,85m²
Proprietário Angelo Parazzi	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



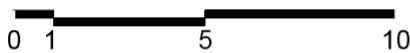
Implantação



Legenda Ambientes

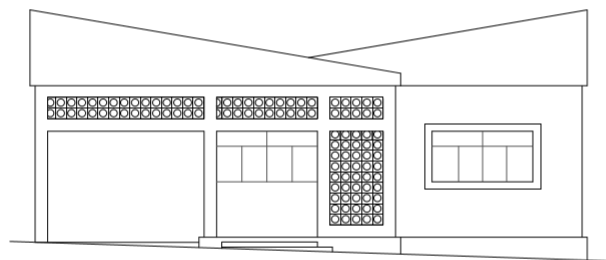
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Despensa
- 8- Dormitório
- 9- I.S.
- 10- Circulação

Planta

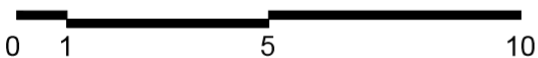


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



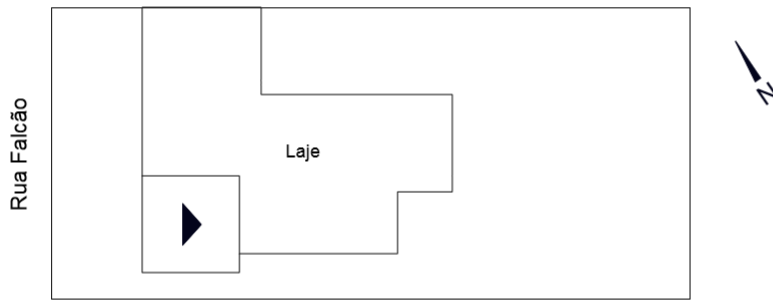
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

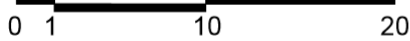
Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº82/ Q.63/ L.5	Endereço Rua Falcão	Área 144,88m²
Proprietário Manoel Gomes	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1957



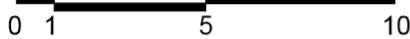
Implantação



Legenda Ambientes

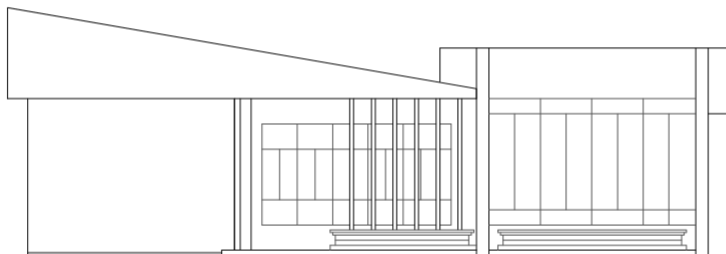
- 1- Abrigo
- 2- Terraço
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

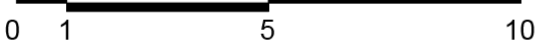


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº82/ Q.63/ L.5	Endereço Rua Falcão	Área 144,88m²
Proprietário Manoel Gomes	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1957



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

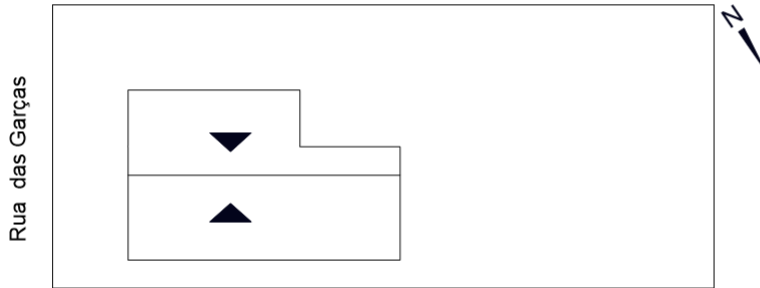
Existente

Inexistente

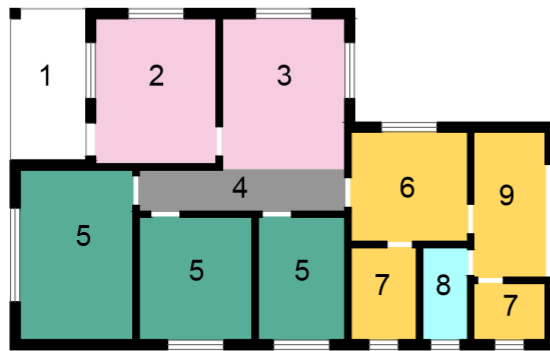
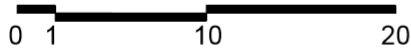
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº83/ Q.63/ L.12	Endereço Rua das Garças	Área 113,70m²
Proprietário Kazue Tanaka Inouye	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



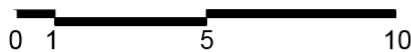
Implantação



Legenda Ambientes

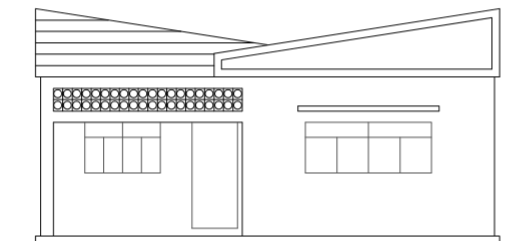
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Circulação
- 5- Dormitório
- 6- Cozinha
- 7- Despensa
- 8- I.S.
- 9- A.S.

Planta

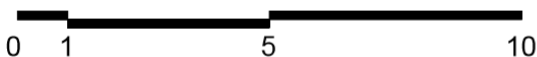


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



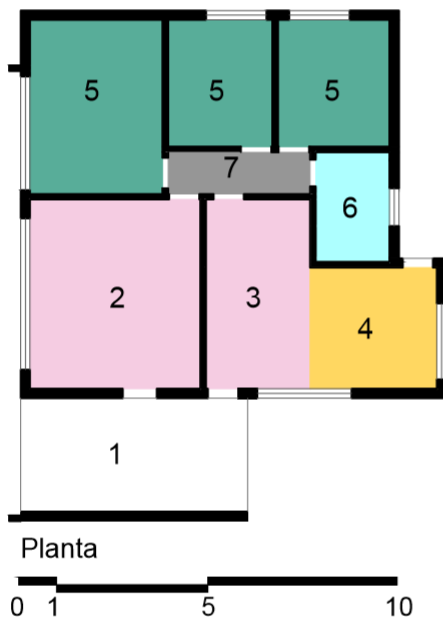
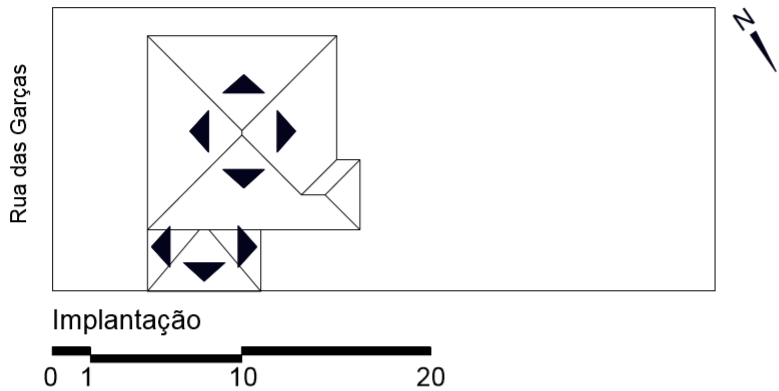
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº84/ Q.63/ L.15	Endereço Rua das Garças	Área 126,00m²
Proprietário Abdul Hedi A. Laden	Responsável Técnico Ampélio Filla	Ano de Aprovação 1974

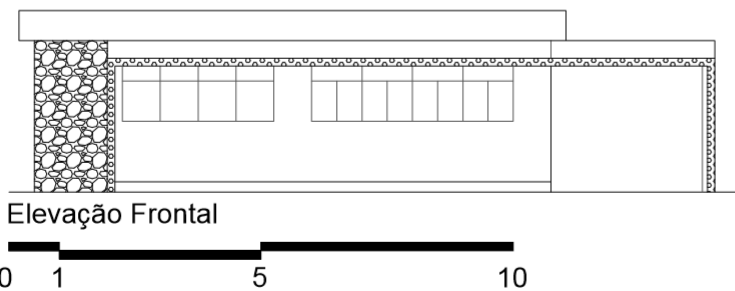


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---|---|--|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



OBSERVAÇÕES

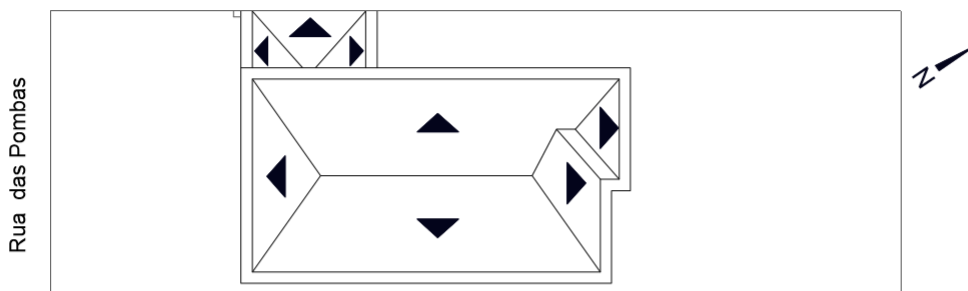
Projeto apresenta laje apenas no abrigo.

CARACTERIZAÇÃO

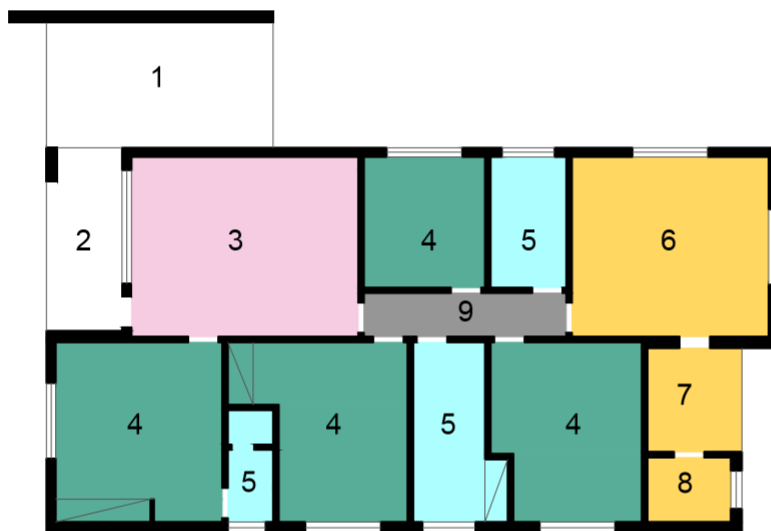
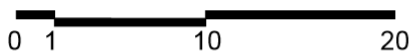
- | | | |
|---|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº85/ Q.63/ L.18	Endereço Rua das Pombas	Área 206,00m²
Proprietário Silvestri Bodnar	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1968



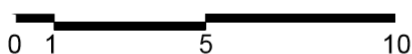
Implantação



Legenda Ambientes

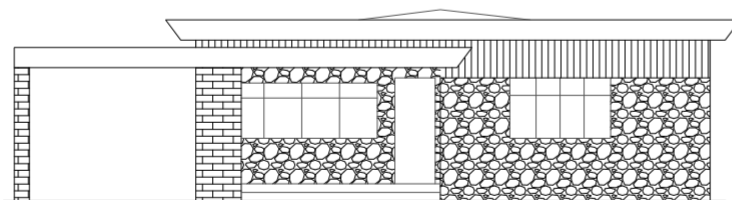
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Copa/ Cozinha
- 7- A.S.
- 8- Despensa
- 9- Circulação

Planta

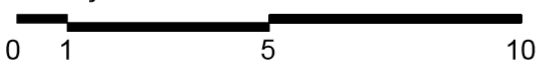


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº85/ Q.63/ L.18	Endereço Rua das Pombas	Área 206,00m²
Proprietário Silvestri Bodnar	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1968



Fonte: acervo da autora (2017)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

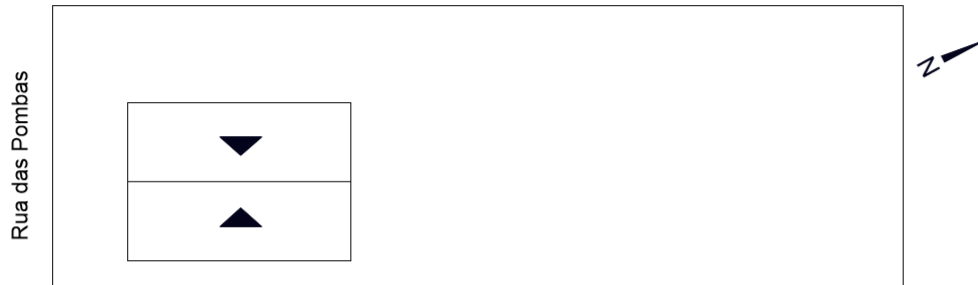
Modificada

APÊNDICE I3 - Ficha Arquitetônica 86

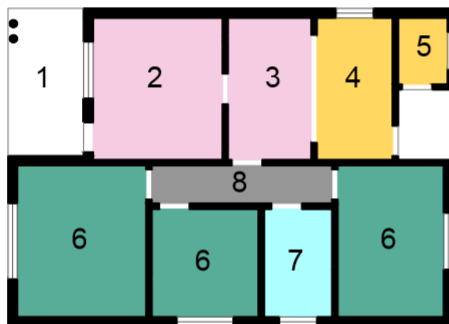
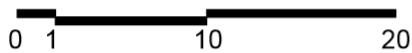
341

IDENTIFICAÇÃO

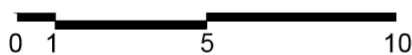
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº86/ Q.63/ L.20	Endereço Rua das Pombas	Área 100,00m²
Proprietário Maria Venancio Alves	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Implantação



Planta



Legenda Ambientes

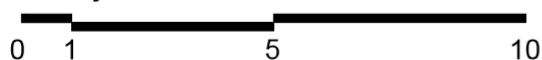
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº86/ Q.63/ L.20	Endereço Rua das Pombas	Área 100,00m²
Proprietário Maria Venancio Alves	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

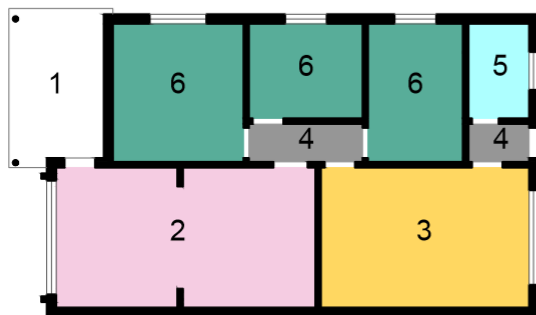
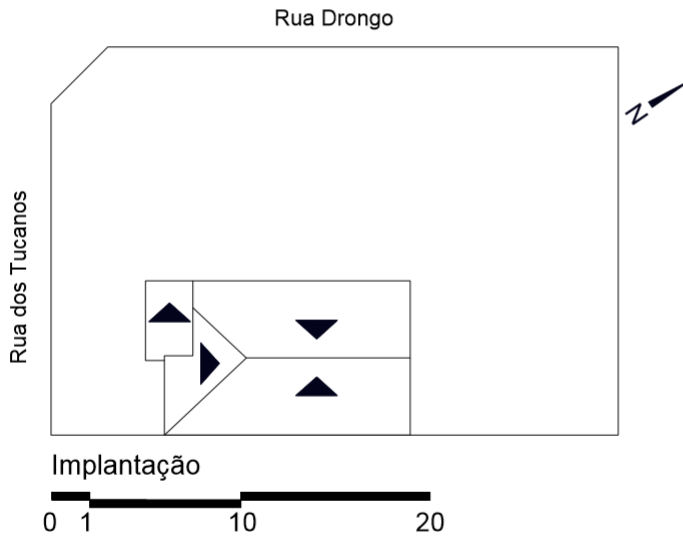
Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

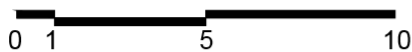
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº87/ Q.64/ L.16,17	Endereço Rua Tucanos x Rua Drongo	Área 108,00m²
Proprietário Jacob Bruski	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação Não identificado



Legenda Ambientes

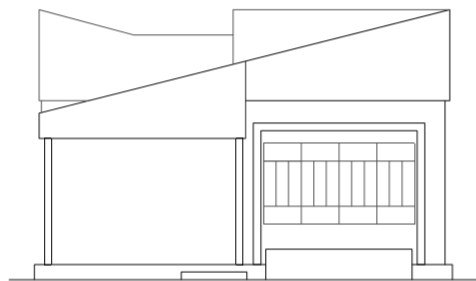
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- Circulação
- 5- I.S.
- 6- Dormitório

Planta

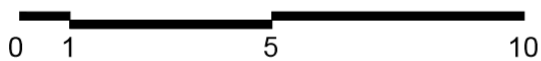


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

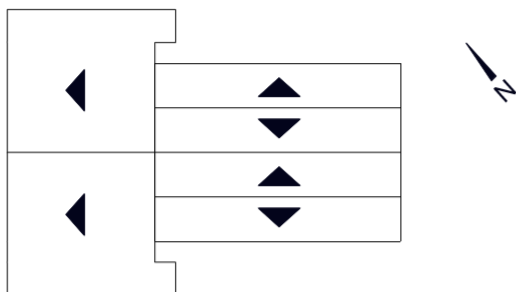
CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

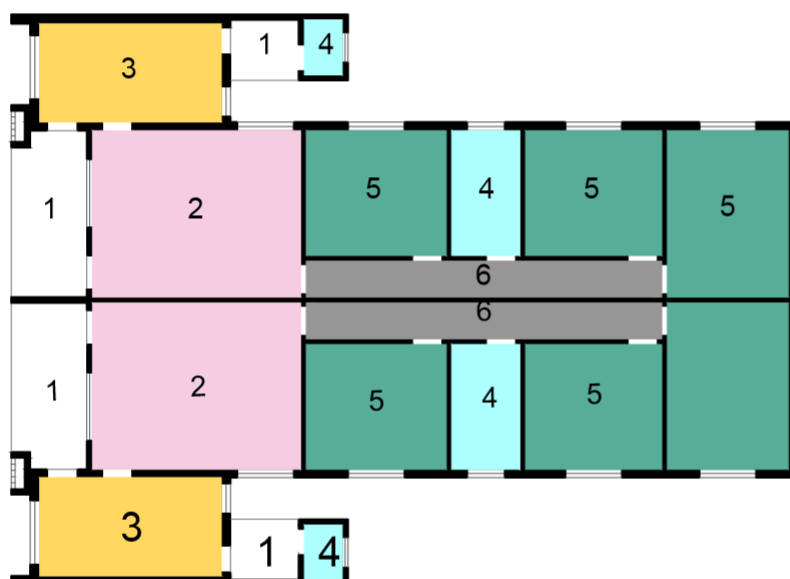
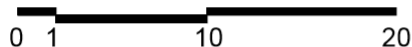
APÊNDICE K3 - Ficha Arquitetônica 88

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº88/ Q.67/ L.5	Endereço Rua Harpia	Área 244,00m²
Proprietário Const. e Imob. Enarco Ltda	Responsável Técnico José Gabriel Salles Ferreira	Ano de Aprovação 1963



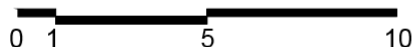
Planta de Cobertura



Legenda Ambientes

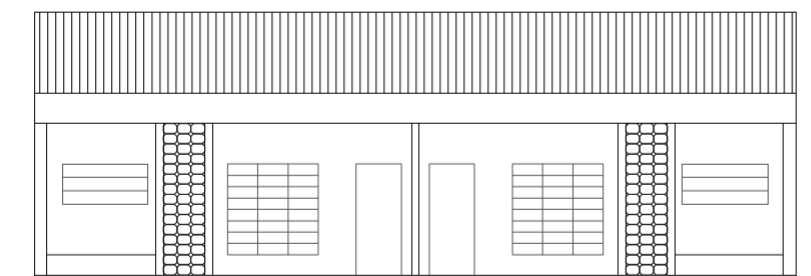
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa/ Cozinha
- 4- I.S.
- 5- Dormitório
- 6- Circulação

Planta

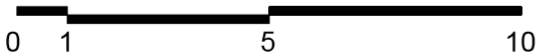


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

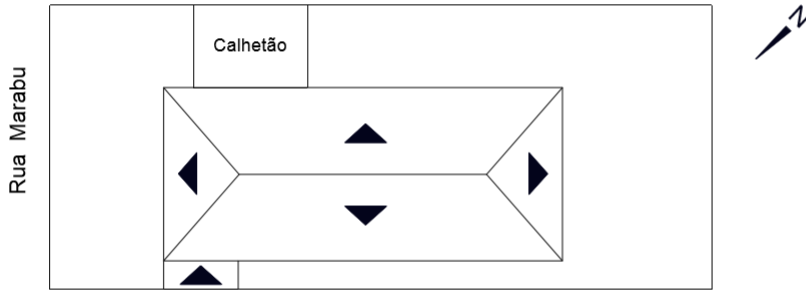
Projeto não apresenta planta de implantação.

CARACTERIZAÇÃO

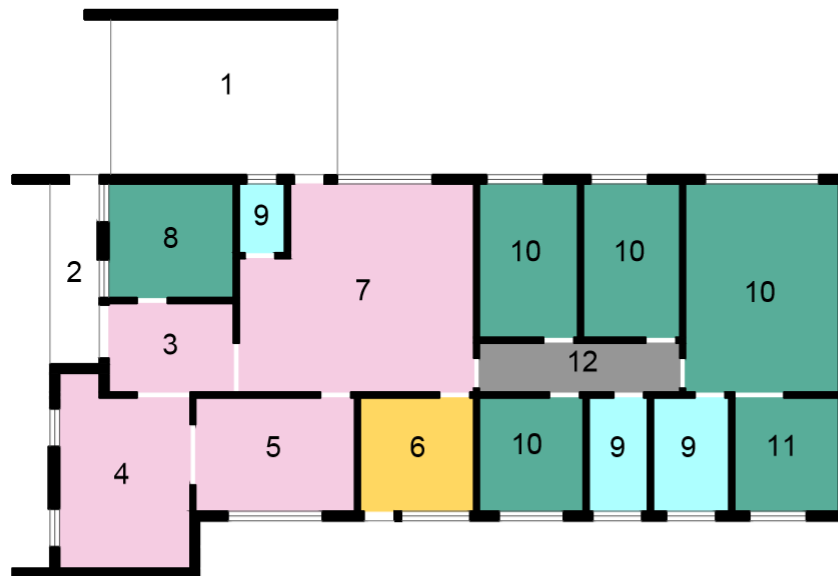
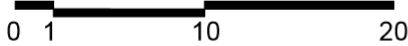
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº89/ Q.67/ L.8	Endereço Rua Marabu	Área 226,00m²
Proprietário Não identificado	Responsável Técnico Murilo C. A. Moreira	Ano de Aprovação 1968



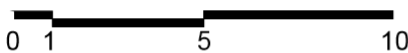
Implantação



Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Hall
- 4- Sala de Estar
- 5- Sala de Jantar
- 6- Cozinha
- 7- Sala de Almoço
- 8- Escritório
- 9- I.S.
- 10- Dormitório
- 11- Vestir
- 12- Circulação

Planta

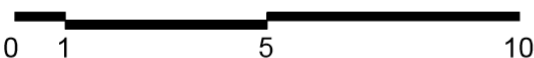


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



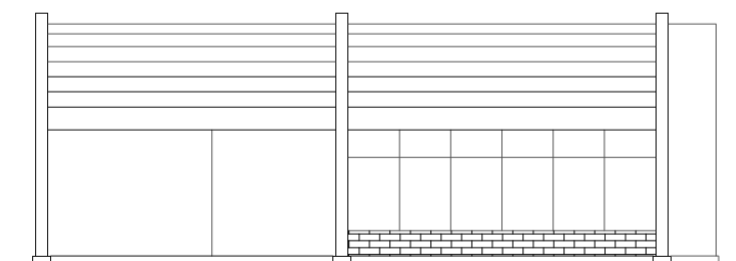
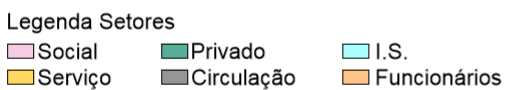
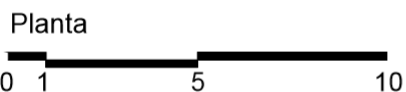
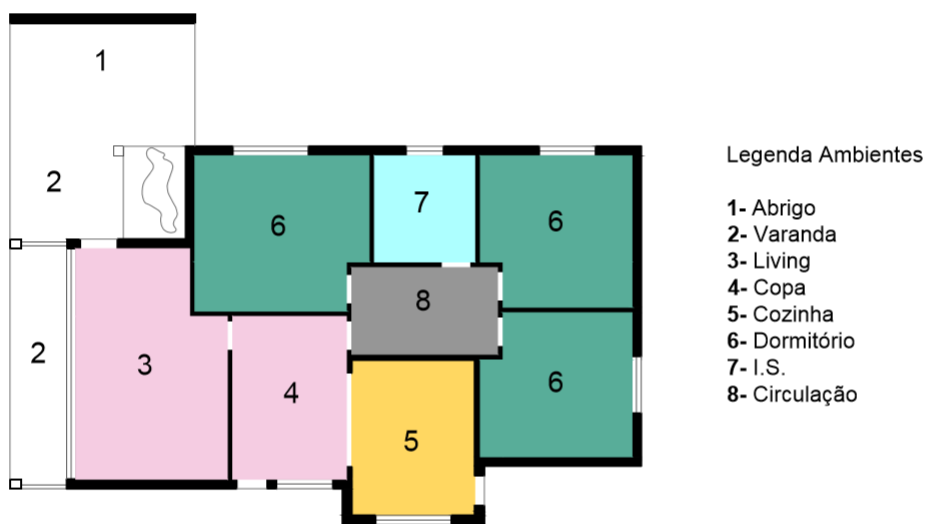
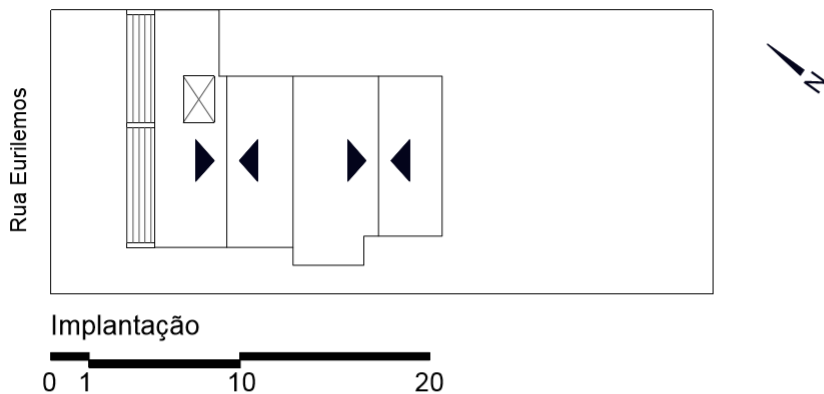
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº90/ Q.68/ L.3	Endereço Rua Eurilemos	Área 165,00m²
Proprietário Augusto Bussadori	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

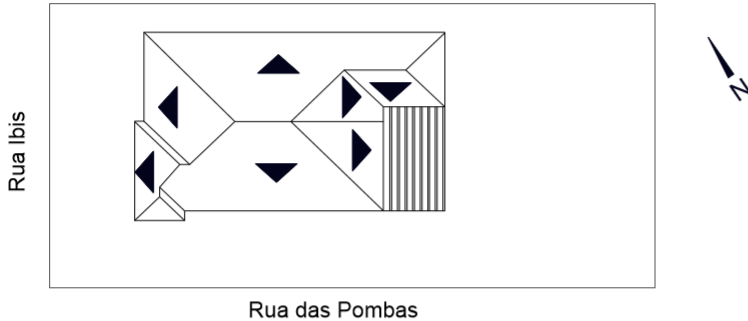


APÊNDICE N3 - Ficha Arquitetônica 91

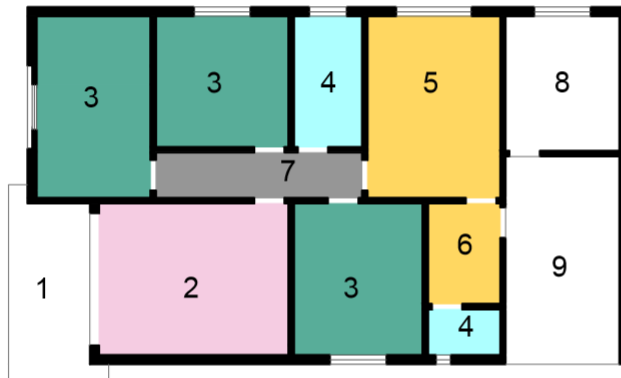
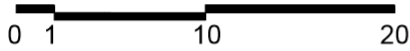
347

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº91/ Q.69/ L.1	Endereço Rua das Pombas x Rua Ibis	Área 152,80m²
Proprietário Francisco Egredija	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1973



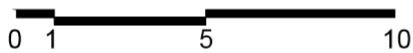
Implantação



Legenda Ambientes

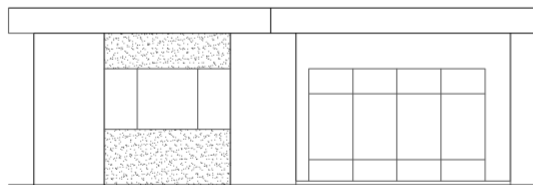
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- I.S.
- 5- Copa/ Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Circulação
- 8- Quarto de Costura
- 9- Abrigo

Planta

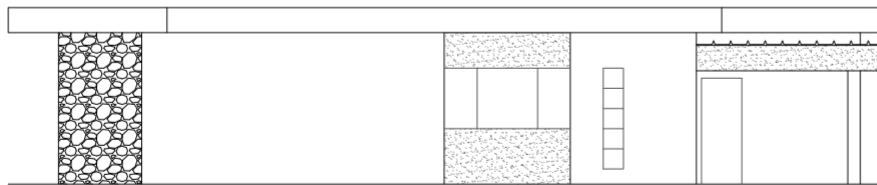


Legenda Setores

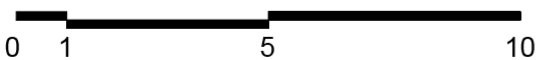
- Social (pink)
- Dormitórios (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº91/ Q.69/ L.1	Endereço Rua das Pombas x Rua Ibis	Área 152,80m²
Proprietário Francisco Egredija	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1973



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

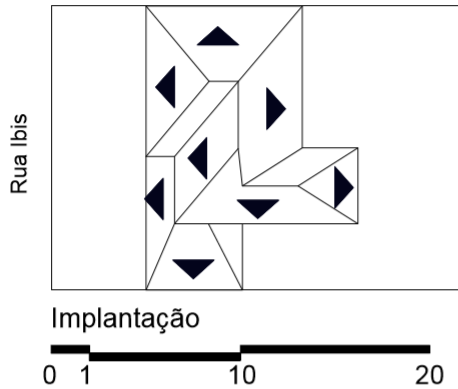
Existente

Inexistente

Modificada

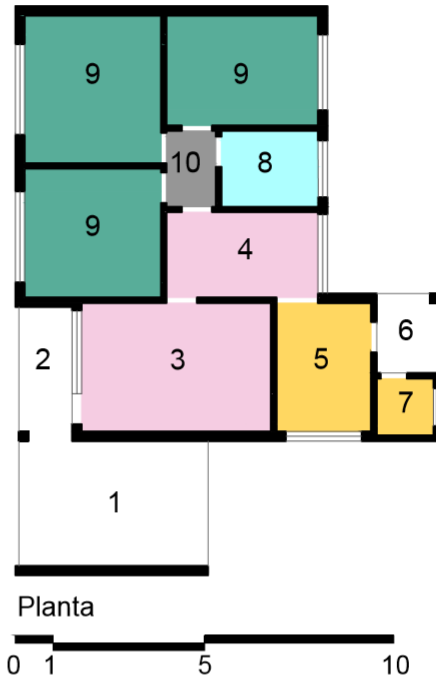
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº92/ Q.69/ L.6	Endereço Rua Ibis	Área 139,69m²
Proprietário Valdomiro Frederico	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



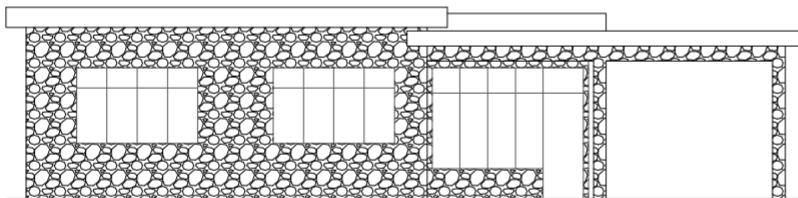
Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- A.S.
- 7- Despensa
- 8- I.S.
- 9- Dormitório
- 10- Circulação

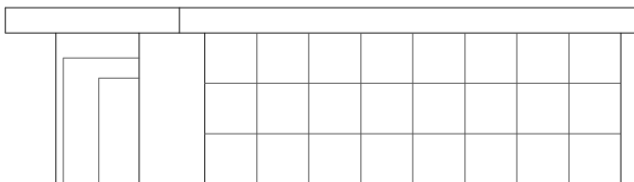
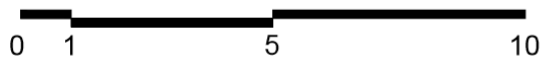


Legenda Setores

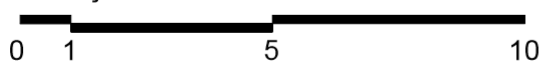
- | | | |
|---|---|--|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



Elevação Lateral



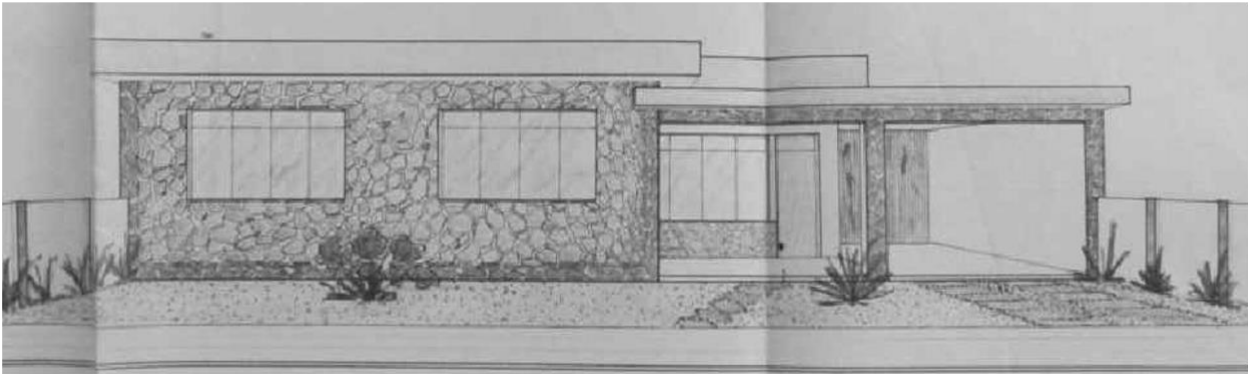
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº92/ Q.69/ L.6	Endereço Rua Ibis	Área 139,69m²
Proprietário Valdomiro Frederico	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Fonte: Prefeitura Municipal de Araongas (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

APÊNDICE P3 - Ficha Arquitetônica 93

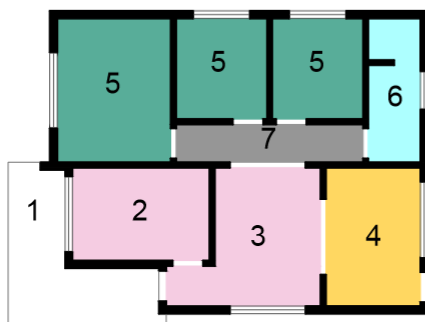
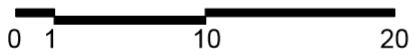
351

IDENTIFICAÇÃO

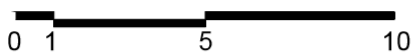
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº93/ Q.70/ L.19	Endereço Rua Tucanos	Área 84,00m²
Proprietário Mário Ramos	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Implantação



Planta

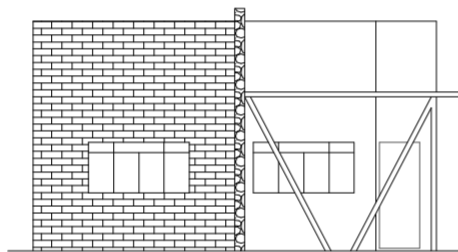


Legenda Ambientes

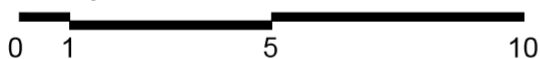
- 1- Varanda
- 2- Sala de Estar
- 3- Sala de Jantar
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



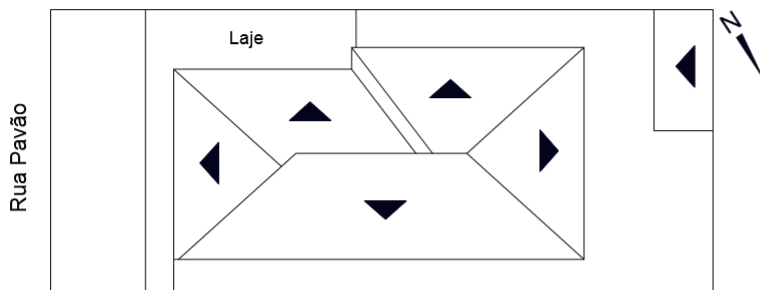
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

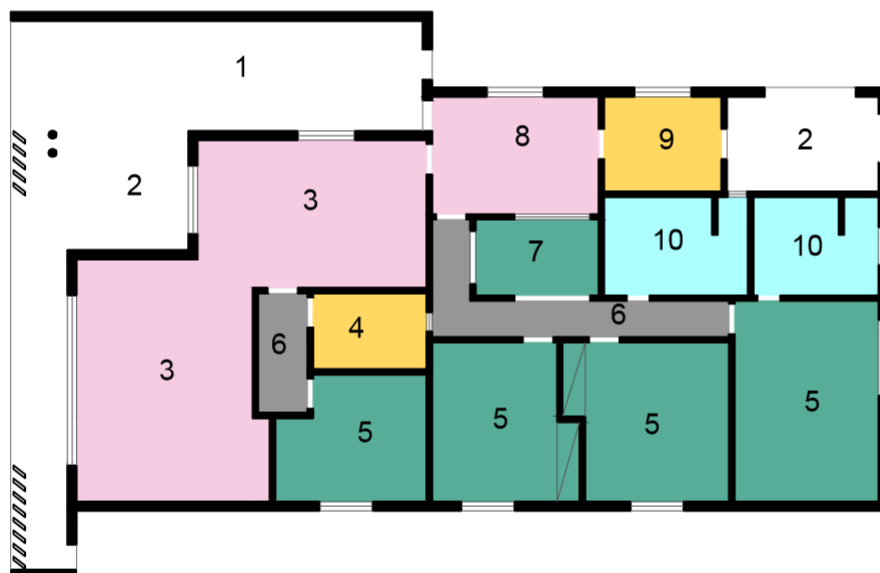
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº94/ Q.71/ L.13	Endereço Rua Pavão	Área 298,13m²
Proprietário Aristides A. J. Makowich	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1974



Implantação

0 1 10 20



Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Despensa
- 5- Dormitório
- 6- Circulação
- 7- Sala de Televisão
- 8- Sala de Jantar
- 9- Cozinha
- 10- I.S.
- 11- A.S.

Planta

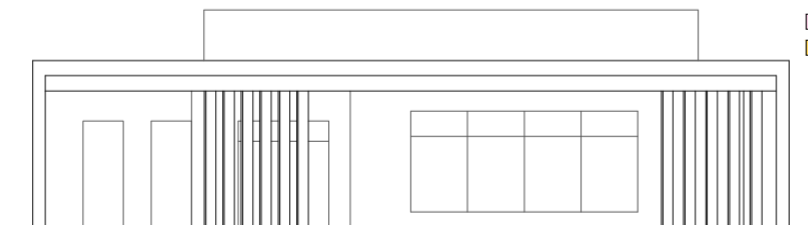
0 1 5 10

Planta Edícula

0 1 5 10

Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal

0 1 5 10

OBSERVAÇÕES

Dormitório da edícula se assella a um cômodo para funcionários.

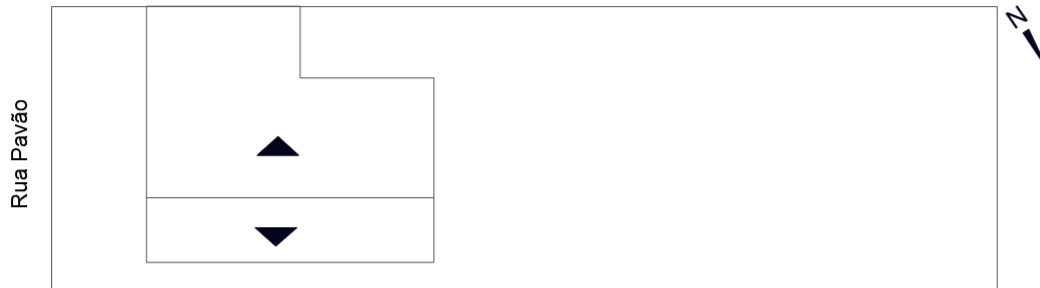
Projeto modificado, correspondente a Figura 83 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

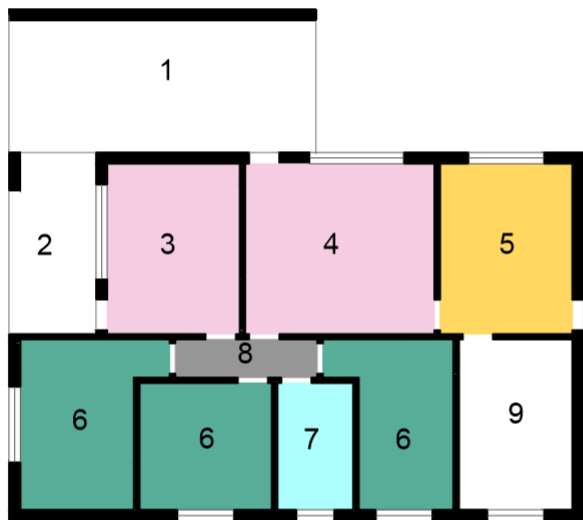
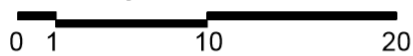
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº95/ Q.71/ L.14	Endereço Rua Pavão	Área 176,00m²
Proprietário Olimpio Sella	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1971



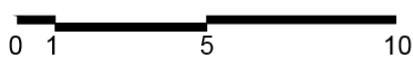
Implantação



Legenda Ambientes

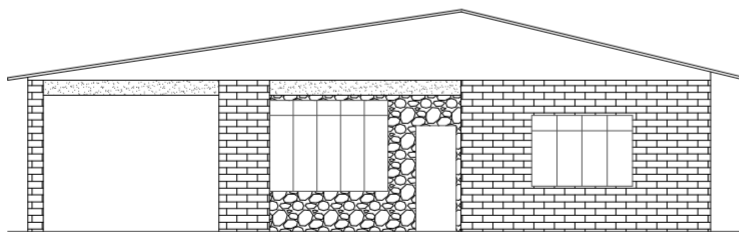
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- Sala de Costura

Planta



Legenda Setores

- | | | |
|---|---|--|
| Social | Dormitórios | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

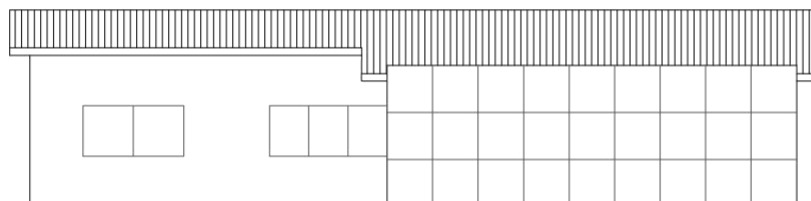
Planta apresenta semelhanças com a residência nº10 (Q.11/ L.03)

CARACTERIZAÇÃO

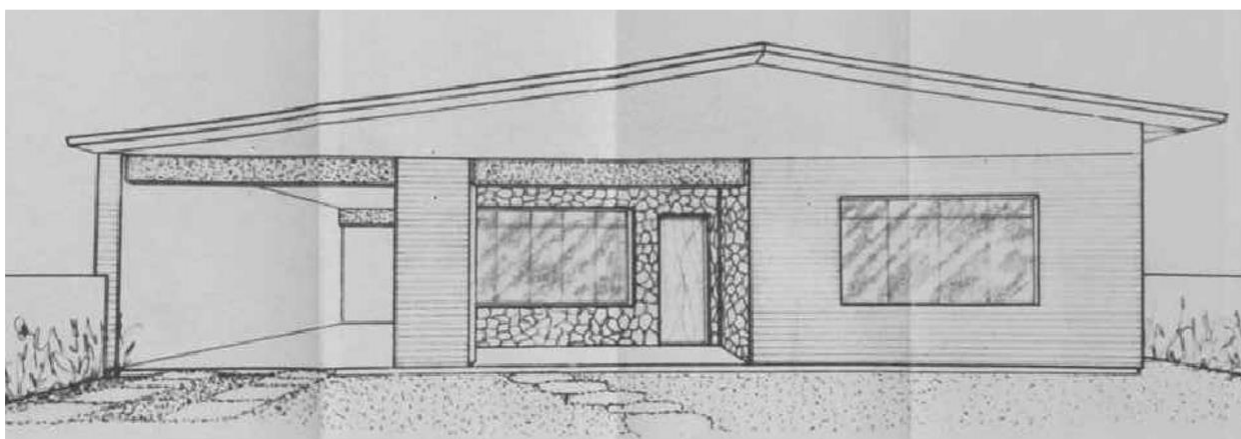
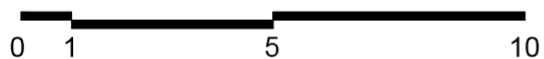
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº95/ Q.71/ L.14	Endereço Rua Pavão	Área 176,00m²
Proprietário Olimpio Sella	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1971



Elevação Lateral



Fonte: Prefeitura Municipal de Araçongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Planta apresenta semelhanças com a residência nº10 (Q.11/ L.03)

CARACTERIZAÇÃO

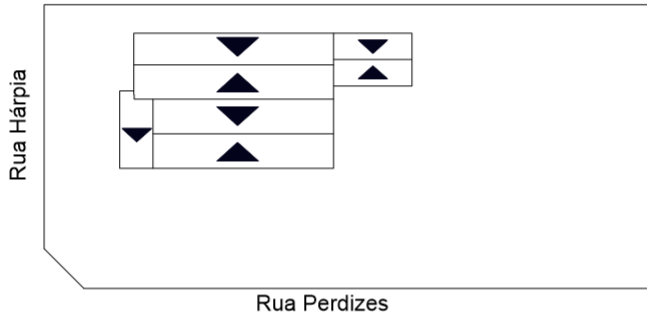
Existente

Inexistente

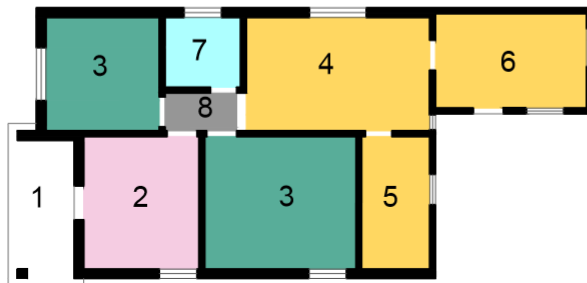
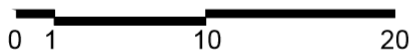
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº96/ Q.97/ L.1	Endereço Rua Hárpia x Rua Perdizes	Área 92,17m²
Proprietário Antonio Cesnik	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1959



Implantação



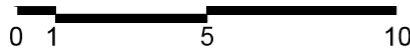
Legenda Ambientes

- 1- Terraço
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Lavanderia
- 7- I.S.
- 8- Circulação

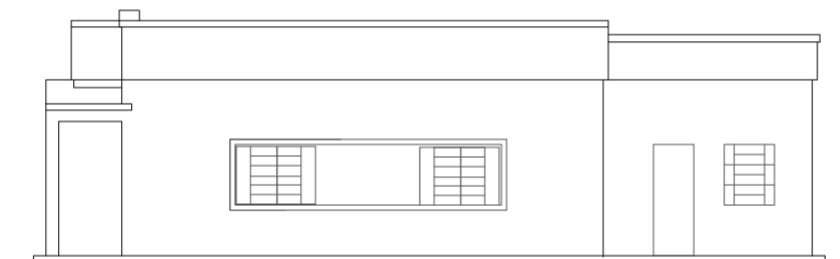
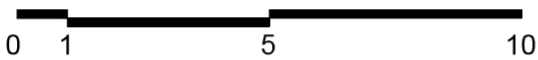
Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (cyan)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)

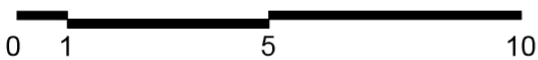
Planta



Elevação Frontal



Elevação Lateral



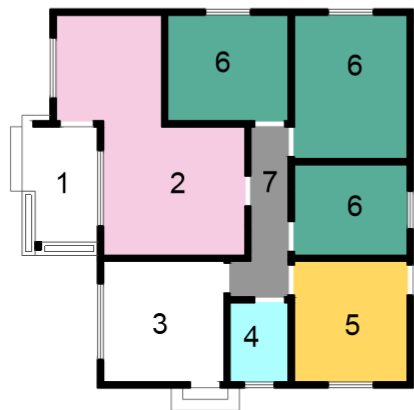
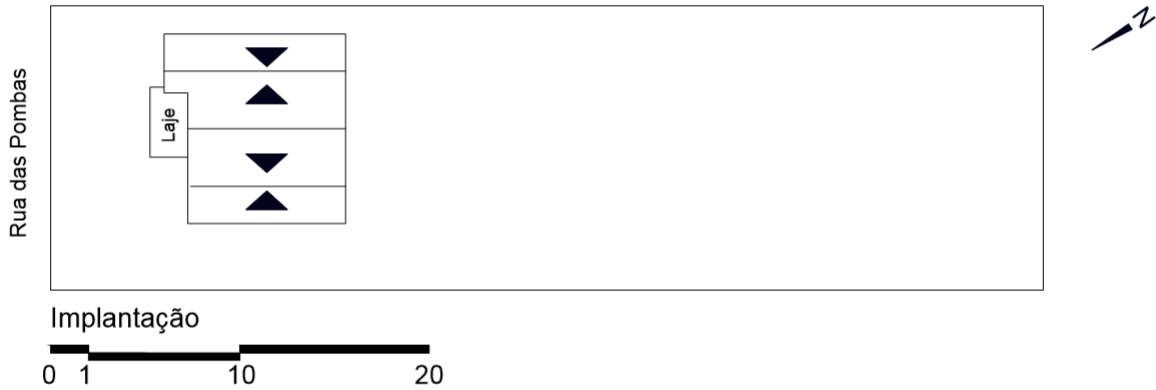
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

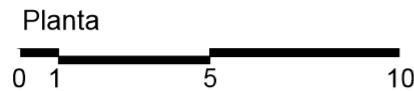
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº97/ Q.99/ L.9	Endereço Rua das Pombas	Área 90,60m²
Proprietário Julio Lopes	Responsável Técnico Zigundo Dionisio Stasiak	Ano de Aprovação 1959



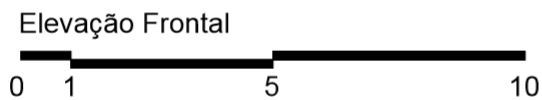
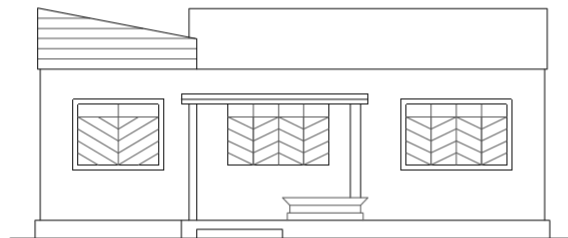
Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Sala de Costura
- 4- I.S.
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- Circulação



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



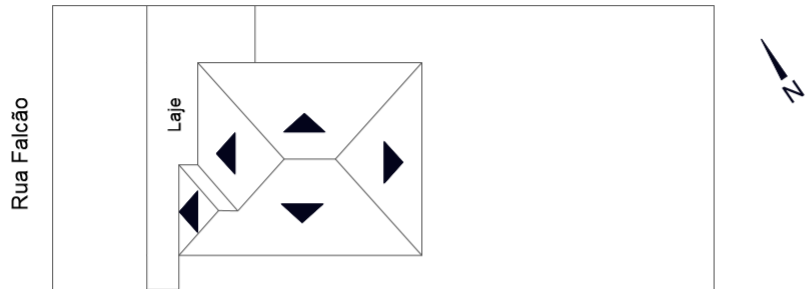
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

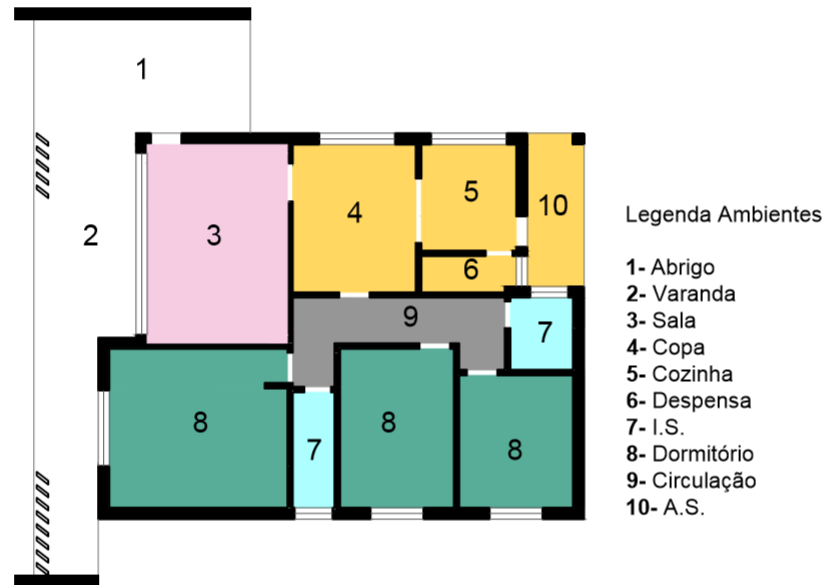
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº98/ Q.101/ L.5	Endereço Rua Falcão	Área 169,83m²
Proprietário Olívio Michelin	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Implantação

0 1 10 20



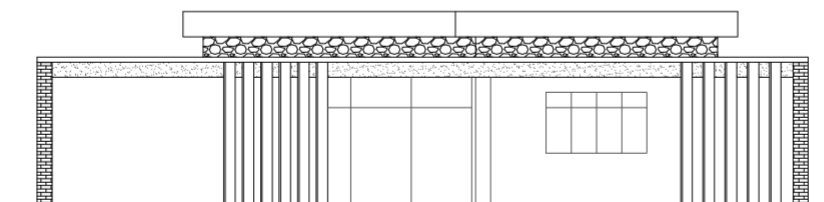
Legenda Ambientes

Planta

0 1 5 10

Legenda Setores

Social Dormitórios I.S.
Serviço Circulação Funcionários



Elevação Frontal

0 1 5 10

OBSERVAÇÕES

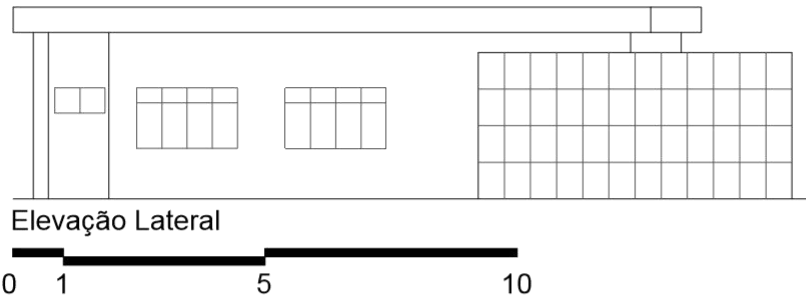
Projeto apresenta semelhanças com a fachada da residência nº94 (Q.71/ L.13)

CARACTERIZAÇÃO

Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº98/ Q.101/ L.5	Endereço Rua Falcão	Área 169,83m²
Proprietário Olívio Michelin	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1970



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

Projeto apresenta semelhanças com a fachada da residência nº94 (Q.71/ L.13)

CARACTERIZAÇÃO

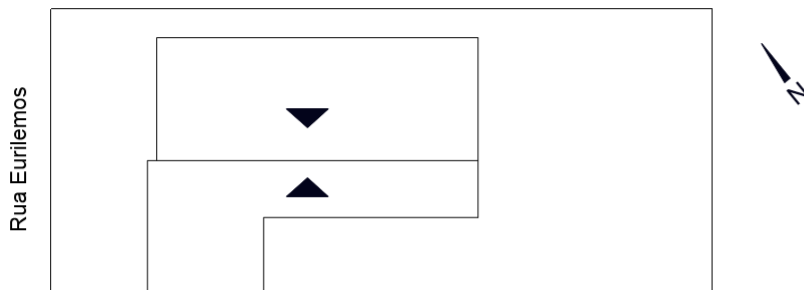
■ Existente

□ Inexistente

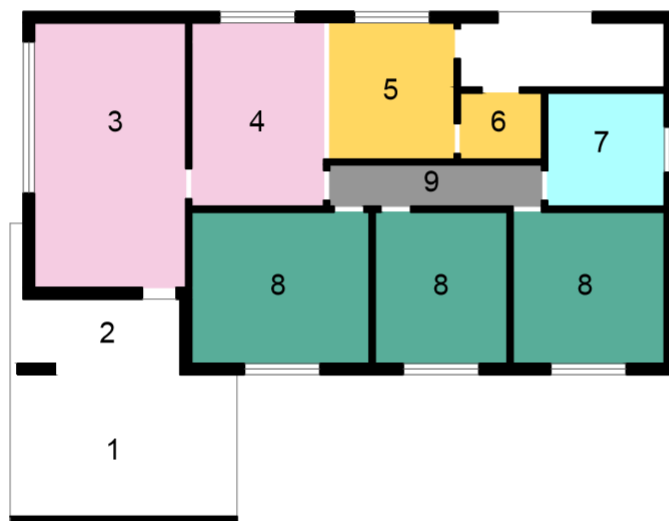
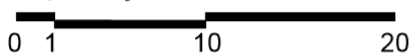
□ Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº99/ Q.103/ L.13	Endereço Rua Eurilemos	Área 187,00m²
Proprietário Onivaldo Filla	Responsável Técnico Eros Pacheco de Carvalho	Ano de Aprovação 1962



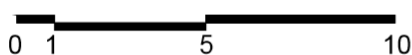
Implantação



Legenda Ambientes

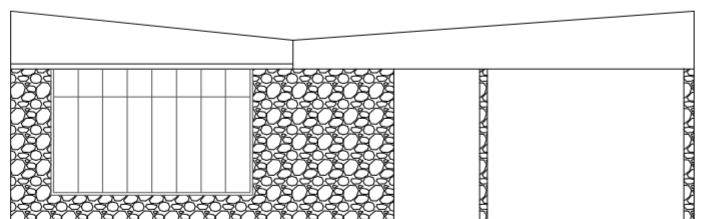
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Sala de Jantar
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- I.S.
- 8- Dormitório
- 9- Circulação

Planta

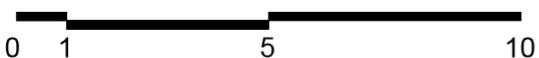


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

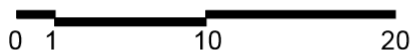
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº100/ Q.103/ L.11_1	Endereço Rua Falcão x Rua das Pombas	Área 95,00m²
Proprietário Adhair Caetano Pinto	Responsável Técnico Zigmundo Dionísio Stasiak	Ano de Aprovação 1960



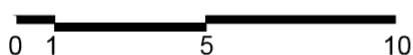
Implantação



Legenda Ambientes

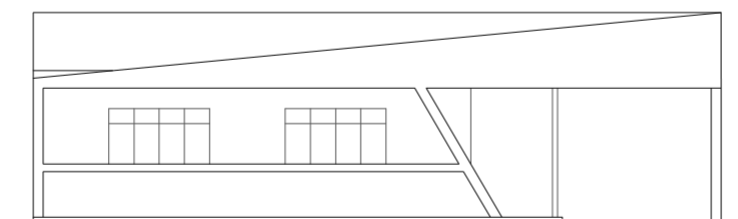
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação

Planta

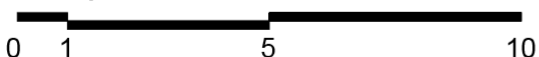


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



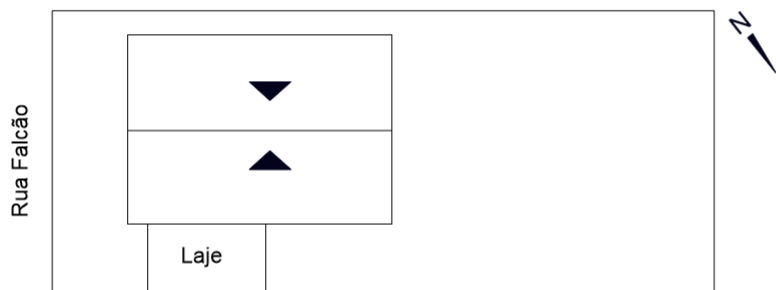
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

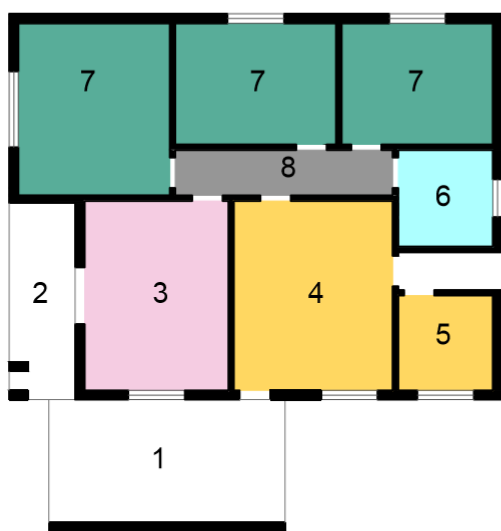
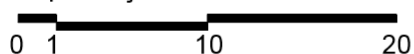
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº101/ Q.103/ L.12	Endereço Rua Falcão	Área 130,50m²
Proprietário Antonio Biazon	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



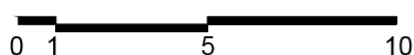
Implantação



Legenda Ambientes

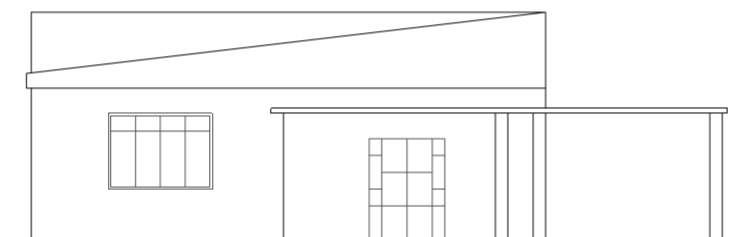
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Circulação

Planta

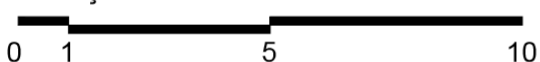


Legenda Setores

- Social (pink)
- Privado (green)
- I.S. (light blue)
- Serviço (yellow)
- Circulação (grey)
- Funcionários (orange)



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

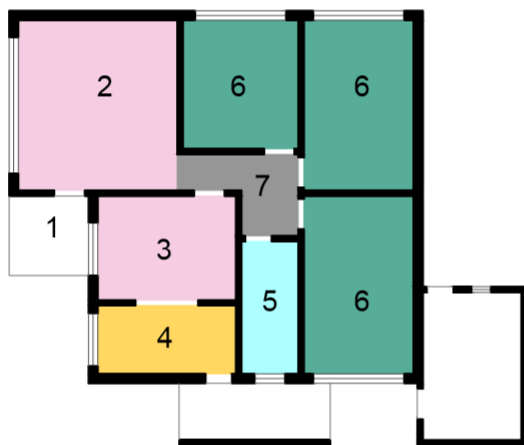
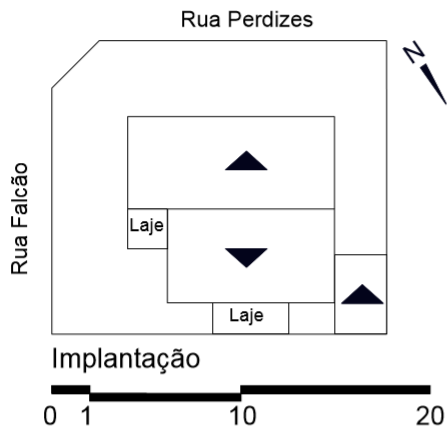
Projeto modificado, correspondente a Figura 93 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

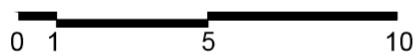
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº102/ Q.103/ L.17	Endereço Rua Perdizes x Rua Falcão	Área 107,67m²
Proprietário Constantino de Marchi	Responsável Técnico Nelson Kaoru Maruno	Ano de Aprovação 1970



Legenda Ambientes

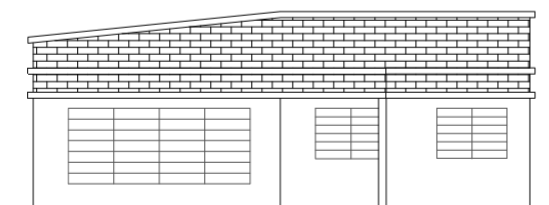
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitórios
- 7- Circulação

Planta

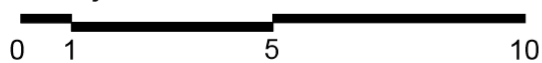


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Dormitórios
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº102/ Q.103/ L.17	Endereço Rua Perdizes x Rua Falcão	Área 107,67m²
Proprietário Constantino de Marchi	Responsável Técnico Nelson Kaoru Maruno	Ano de Aprovação 1970



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

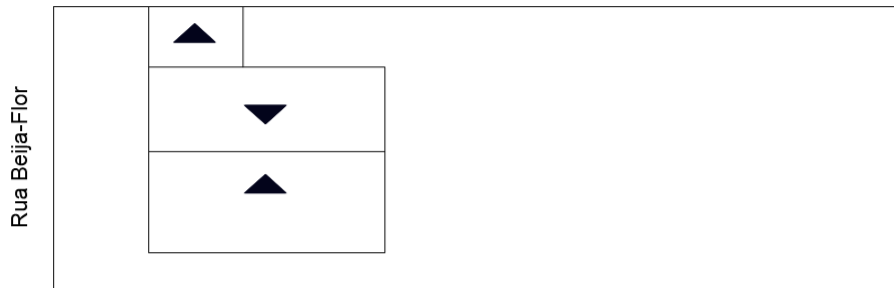
Modificada

APÊNDICE Z3 - Ficha Arquitetônica 103

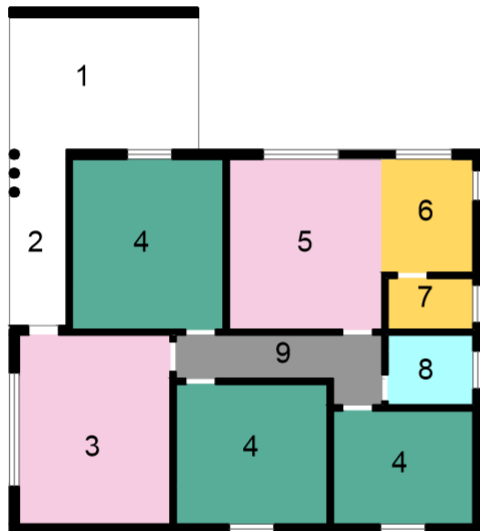
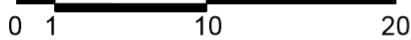
364

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº103/ Q.109/ L.4	Endereço Rua Beija-Flor	Área 120,00m²
Proprietário José S. Santa Rosa	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1965



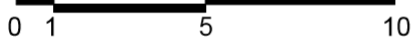
Implantação



Legenda Ambientes

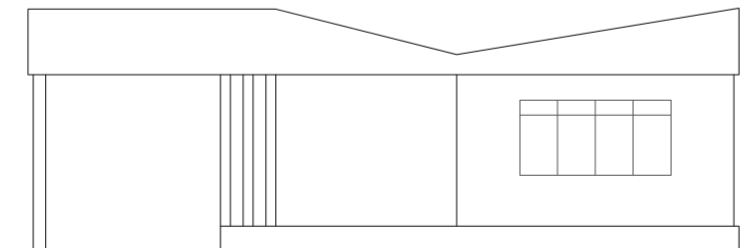
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- Despensa
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

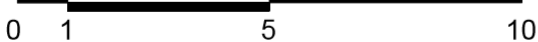


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



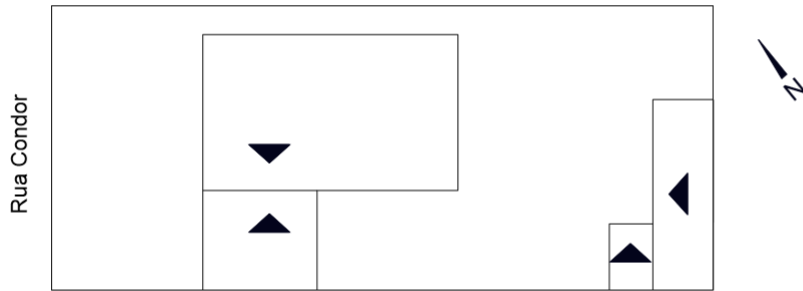
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

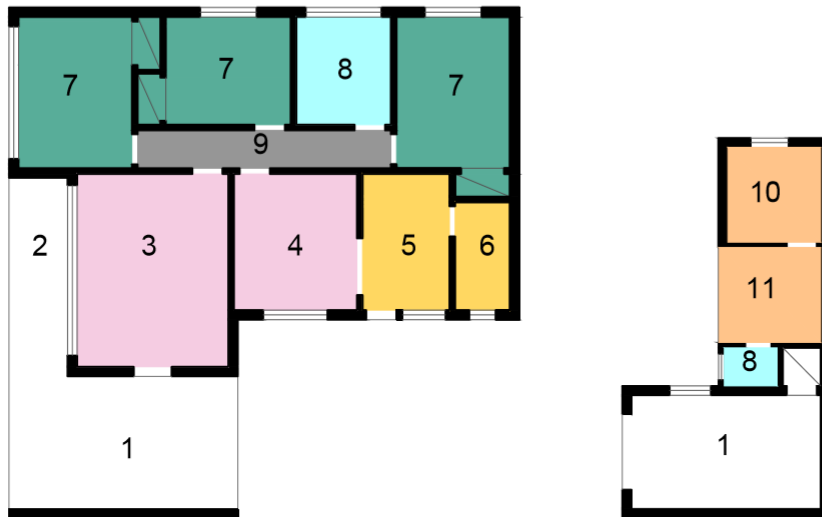
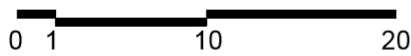
- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº104/ Q.109/ L.15	Endereço Rua Condor	Área 184,48m²
Proprietário Nilton da Silva Prado	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



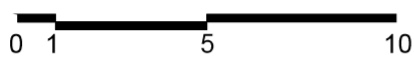
Implantação



Legenda Ambientes

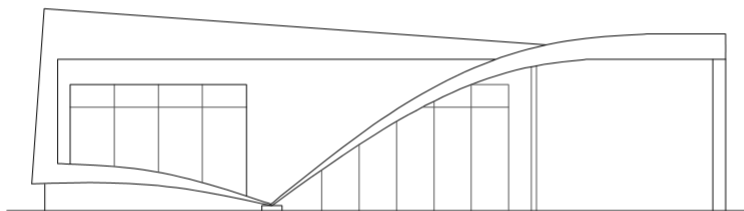
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação
- 10- Dorm. Func.
- 11- A.S.

Planta

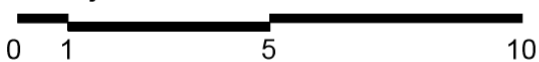


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº104/ Q.109/ L.15	Endereço Rua Condor	Área 184,48m²
Proprietário Nilton da Silva Prado	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

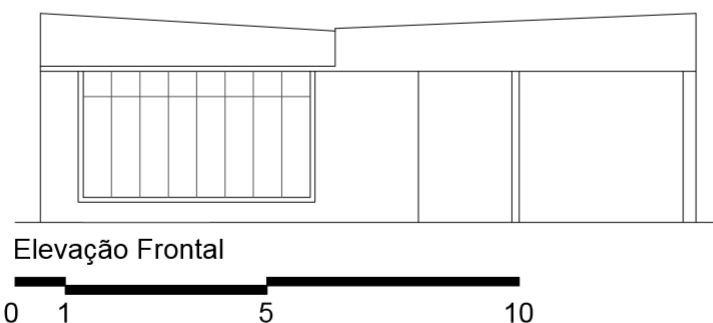
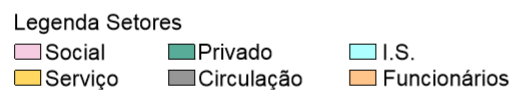
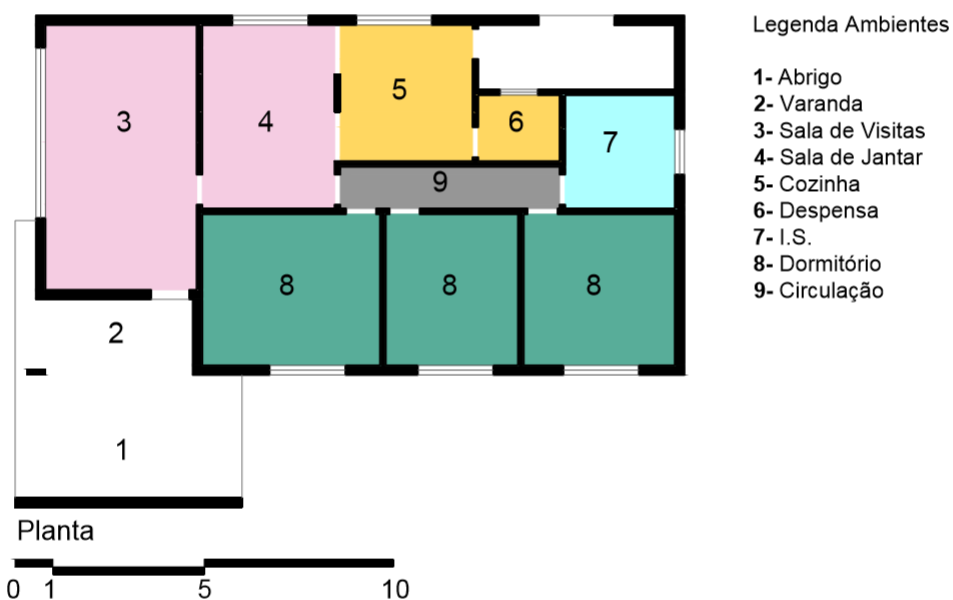
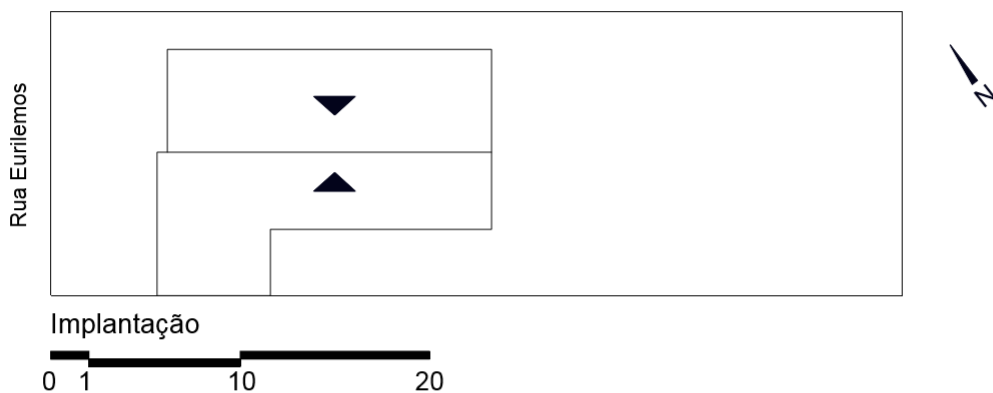
Modificada

APÊNDICE B4 - Ficha Arquitetônica 105

367

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº105/ Q.110/ L.4	Endereço Rua Eurilemos	Área 187,00m²
Proprietário Egídio Caetano de Lima	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



OBSERVAÇÕES

Projeto idêntico a unidade nº99 (Q.103 L.3).

CARACTERIZAÇÃO

Existente
 Inexistente
 Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº105/ Q.110/ L.4	Endereço Rua Eurilemos	Área 187,00m²
Proprietário Egídio Caetano de Lima	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

Projeto idêntico a unidade nº99 (Q.103 L.3).

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

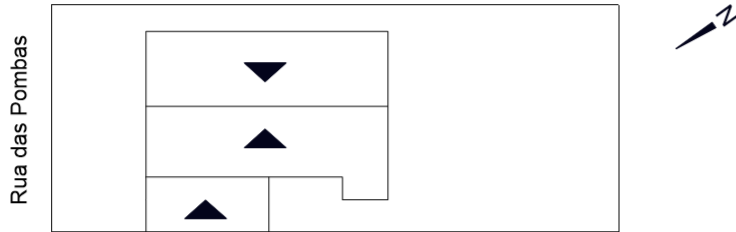
Modificada

APÊNDICE C4 - Ficha Arquitetônica 106

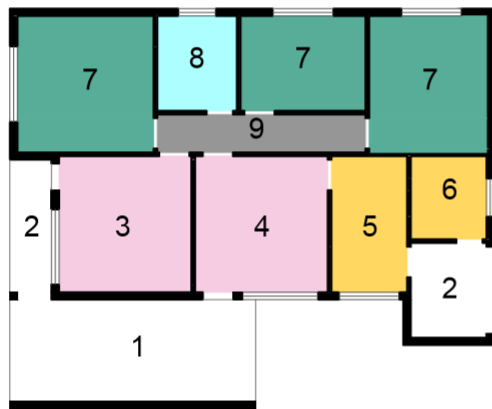
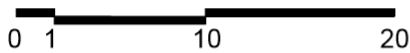
369

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº106/ Q.111/ L.8	Endereço Rua das Pombas	Área 120,00m²
Proprietário Alexandre Parazzi	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



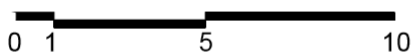
Implantação



Legenda Ambientes

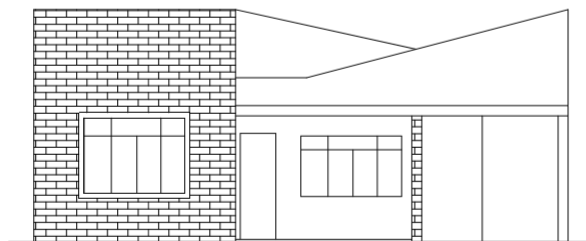
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala de Visitas
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta



Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

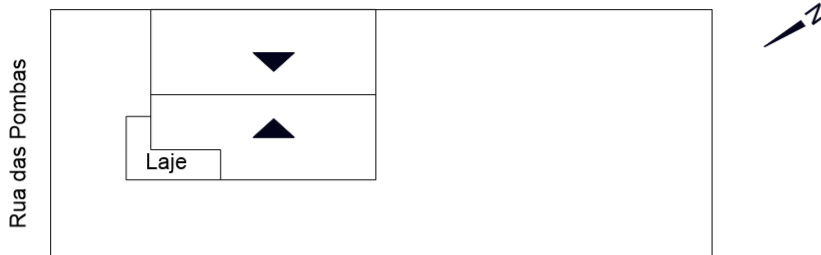
- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE D4 - Ficha Arquitetônica 107

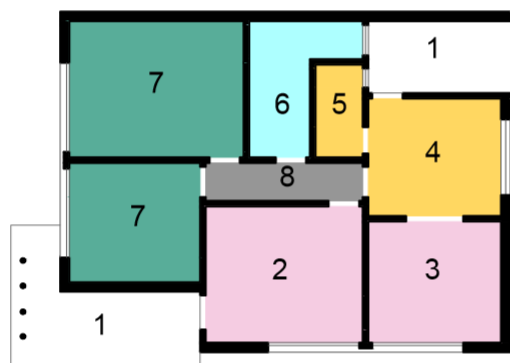
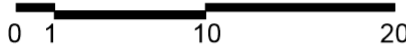
370

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº107/ Q.111/ L.11	Endereço Rua das Pombas	Área 111,00m²
Proprietário Antonio Vidotto	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



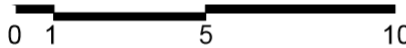
Implantação



Legenda Ambientes

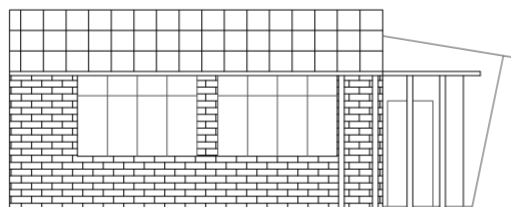
- 1- Varanda
- 2- Sala de Visitas
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- I.S.
- 7- Dormitório
- 8- Circulação

Planta

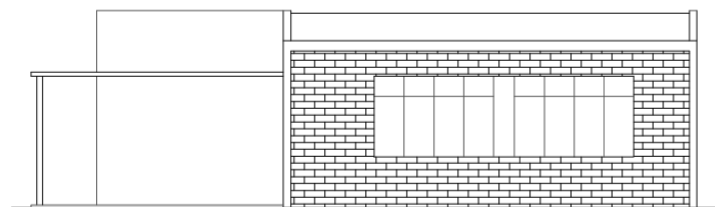
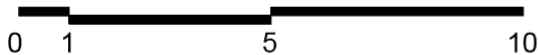


Legenda Setores

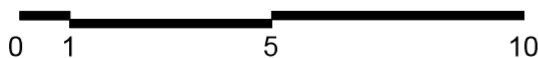
- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

APÊNDICE E4 - Ficha Arquitetônica 108

371

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº108/ Q.112/ L.8

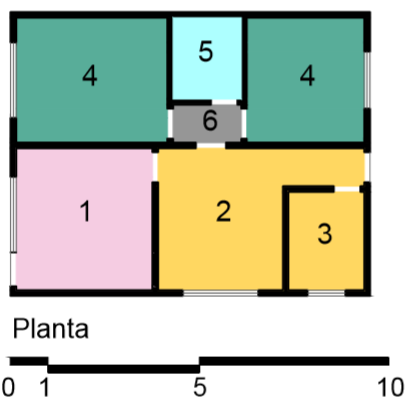
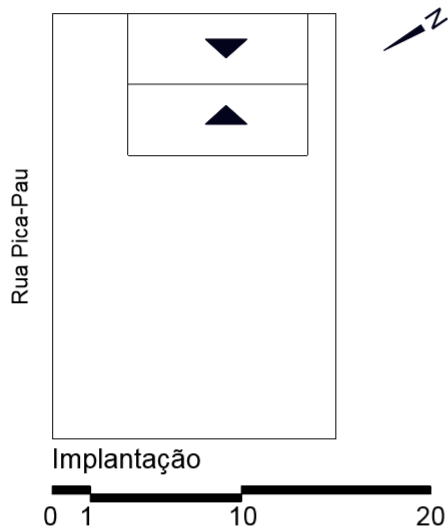
Endereço
Rua Pica-Pau

Área
71,25m²

Proprietário
Wagner Slemer

Responsável Técnico
Rudolpho Horner

Ano de Aprovação
1964

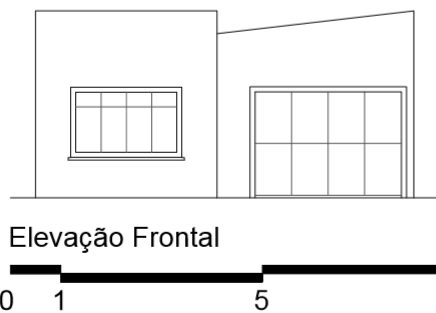


Legenda Ambientes

- 1- Sala
- 2- Copa/ Cozinha
- 3- Despensa
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Circulação

Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº108/ Q.112/ L.8	Endereço Rua Pica-Pau	Área 71,25m²
Proprietário Wagner Slemer	Responsável Técnico Rudolpho Horner	Ano de Aprovação 1964



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

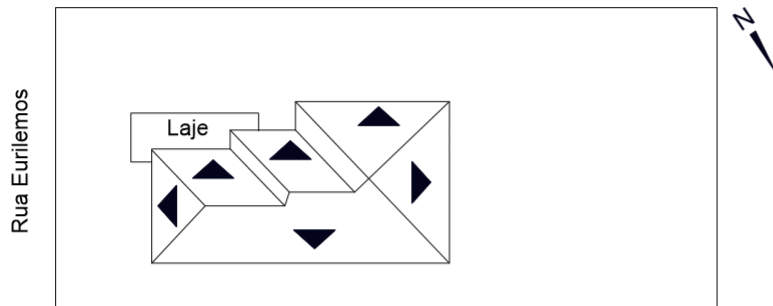
Existente

Inexistente

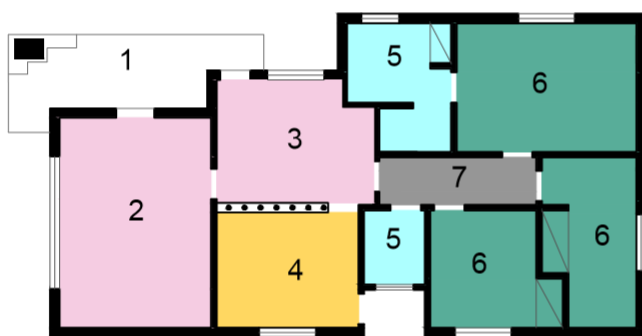
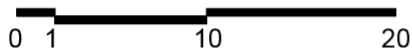
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº109/ Q.112/ L.16	Endereço Rua Eurilemos	Área 138,64m²
Proprietário Hernani Justus Lima	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



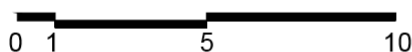
Implantação



Legenda Ambientes

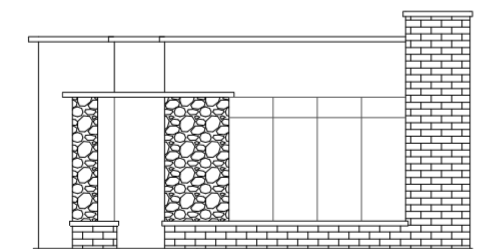
- 1- Varanda
- 2- Living
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- I.S.
- 6- Dormitório
- 7- Circulação

Planta

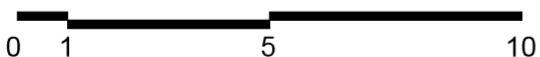


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

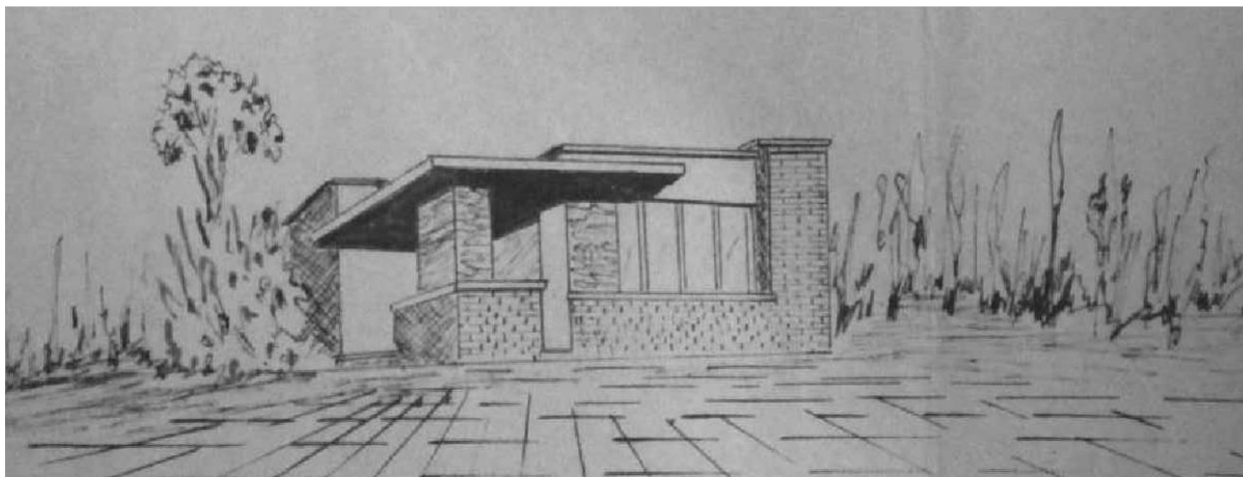
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE F4 - Ficha Arquitetônica 109

374

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº109/ Q.112/ L.16	Endereço Rua Eurilemos	Área 138,64m²
Proprietário Hernani Justus Lima	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Fonte: Prefeitura Municipal de Arapongas (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

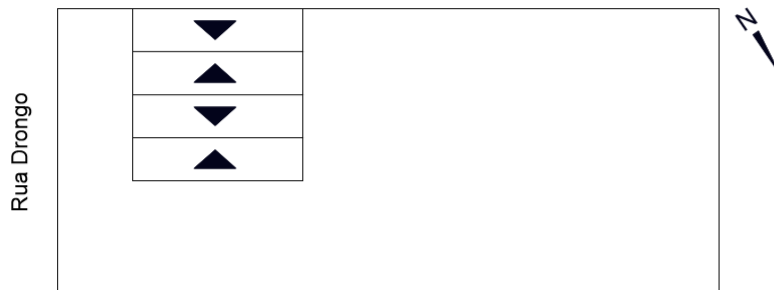
Modificada

APÊNDICE G4 - Ficha Arquitetônica 110

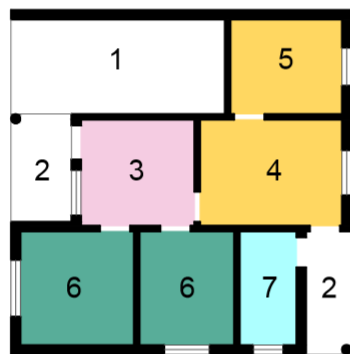
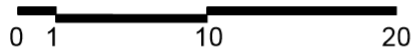
375

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº110/ Q.113/ L.13	Endereço Rua Drongó	Área 81,00m²
Proprietário Amador Martins	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1962



Implantação



Legenda Ambientes

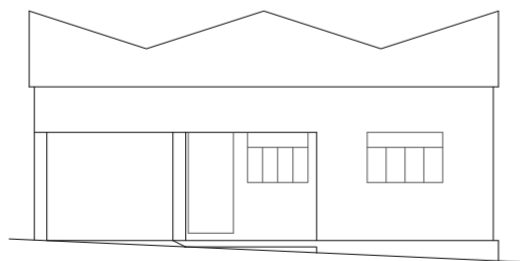
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Dormitório
- 7- I.S.

Planta

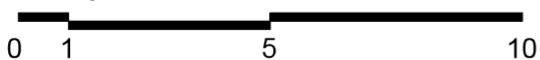


Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

APÊNDICE H4 - Ficha Arquitetônica 111

376

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº111/ Q.114/ L.6

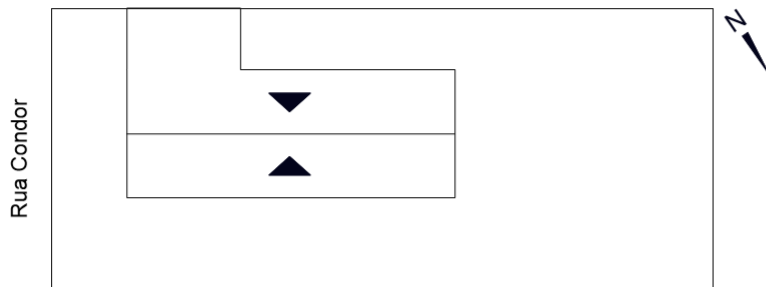
Endereço
Rua Condor

Área
134,92m²

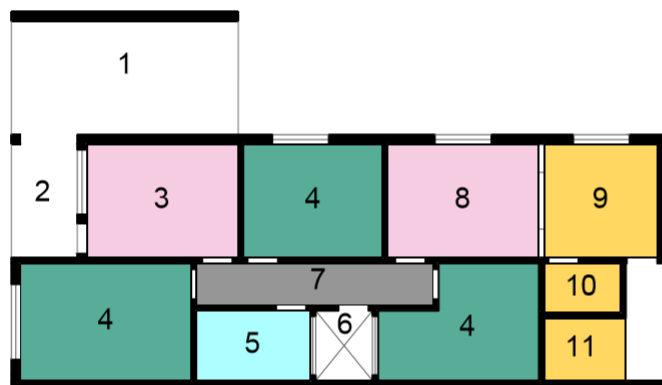
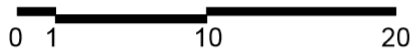
Proprietário
Miguel Reche

Responsável Técnico
Leonel Largura

Ano de Aprovação
1964



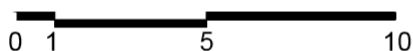
Implantação



Legenda Ambientes

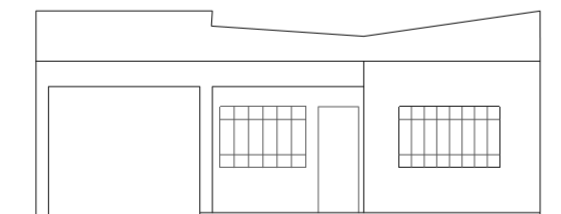
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Dormitório
- 5- I.S.
- 6- Pátio para iluminação
- 7- Circulação
- 8- Copa
- 9- Cozinha
- 10- Despensa
- 11- A.S.

Planta

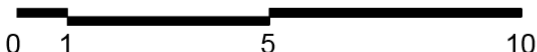


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº111/ Q.114/ L.6	Endereço Rua Condor	Área 134,92m²
Proprietário Miguel Reche	Responsável Técnico Leonel Largura	Ano de Aprovação 1964



Fonte: acervo da autora (2020)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

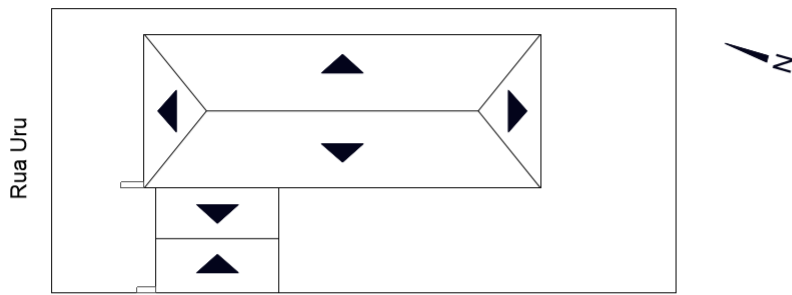
Modificada

APÊNDICE I4 - Ficha Arquitetônica 112

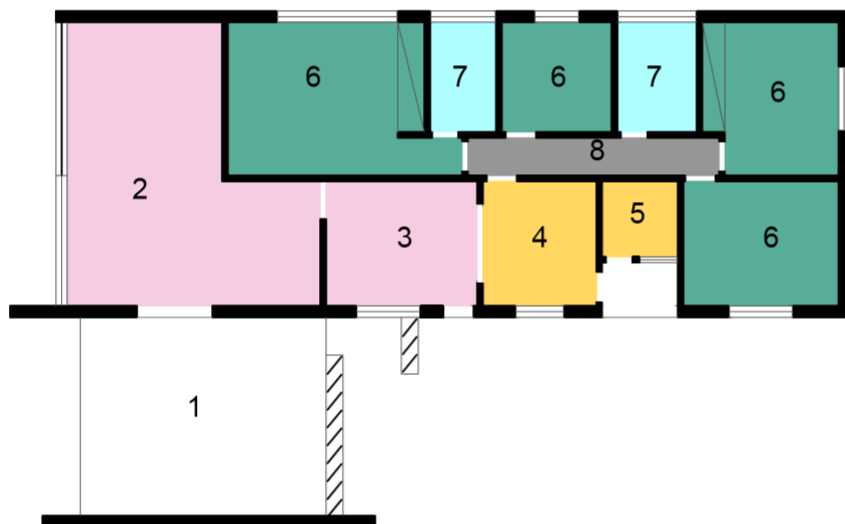
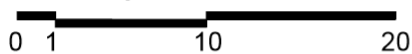
378

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº112/ Q.117/ L.11	Endereço Rua Uru	Área 202,95m²
Proprietário Guilherme M. Barradas	Responsável Técnico Guidimar dos Anjos Guimarães	Ano de Aprovação 1966



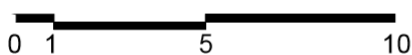
Implantação



Legenda Ambientes

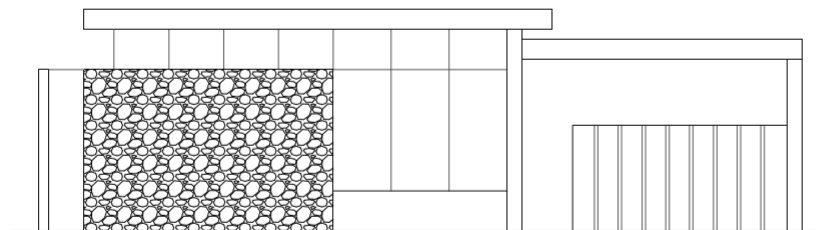
- 1- Abrigo
- 2- Living
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

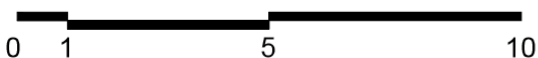


Legenda Setores

- | | | |
|-----------|--------------|----------------|
| ■ Social | ■ Privado | ■ I.S. |
| ■ Serviço | ■ Circulação | ■ Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-------------|---------------|--------------|
| ■ Existente | □ Inexistente | □ Modificada |
|-------------|---------------|--------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº112/ Q.117/ L.11	Endereço Rua Uru	Área 202,95m²
Proprietário Guilherme M. Barradas	Responsável Técnico Guidimar dos Anjos Guimarães	Ano de Aprovação 1966



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

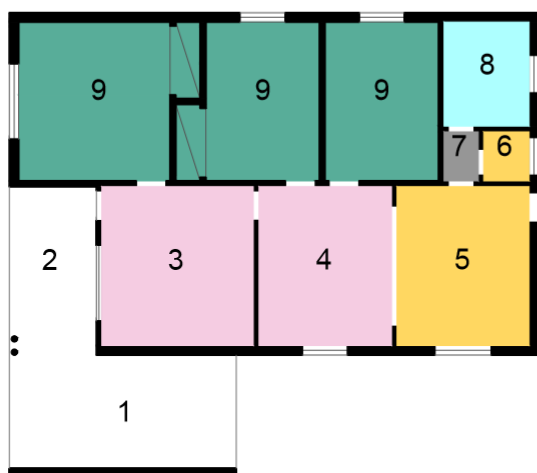
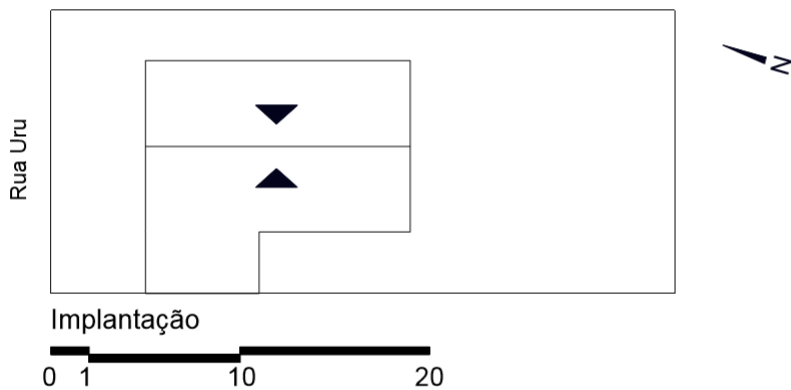
Existente

Inexistente

Modificada

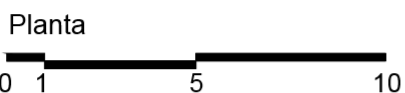
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº113/ Q.117/ L.12	Endereço Rua Uru	Área 144,00m²
Proprietário Silvio Bononi	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1964



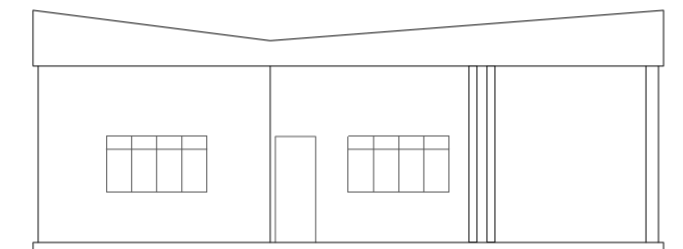
Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Circulação
- 8- I.S.
- 9- Dormitório



Legenda Setores

- | | | |
|-----------|--------------|----------------|
| ■ Social | ■ Privado | ■ I.S. |
| ■ Serviço | ■ Circulação | ■ Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

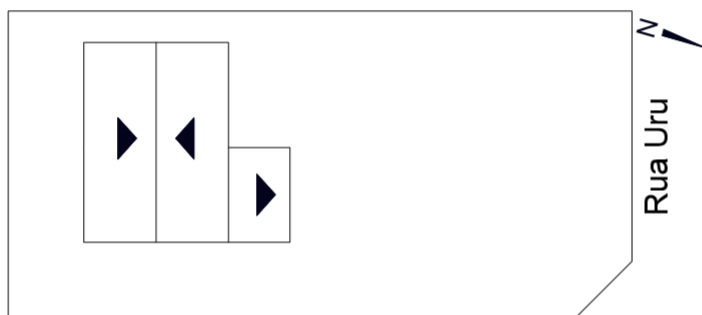
- | | | |
|-------------|---------------|--------------|
| □ Existente | ■ Inexistente | □ Modificada |
|-------------|---------------|--------------|

APÊNDICE K4 - Ficha Arquitetônica 114

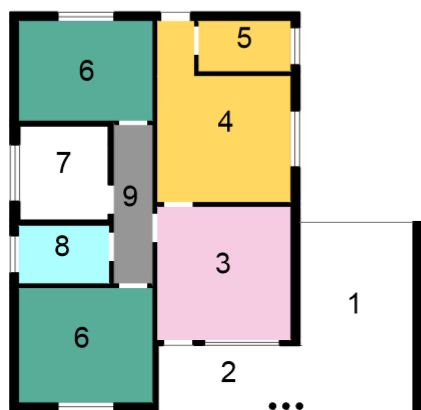
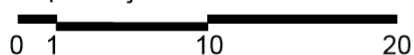
381

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº114/ Q.117/ L.13	Endereço Rua Macucos x Rua Uru	Área 95,00m²
Proprietário Manoel Estrada Gonçalves	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1964



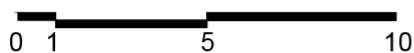
Implantação



Legenda Ambientes

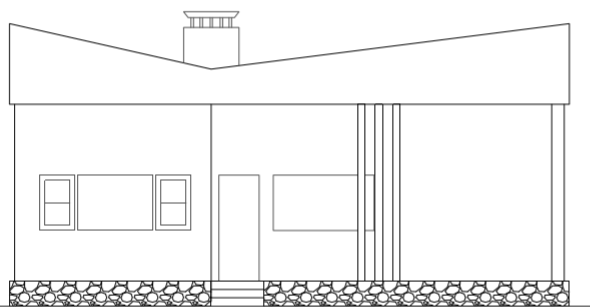
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Cozinha
- 5- Despensa
- 6- Dormitório
- 7- Quarto de Costura
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

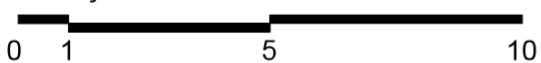


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

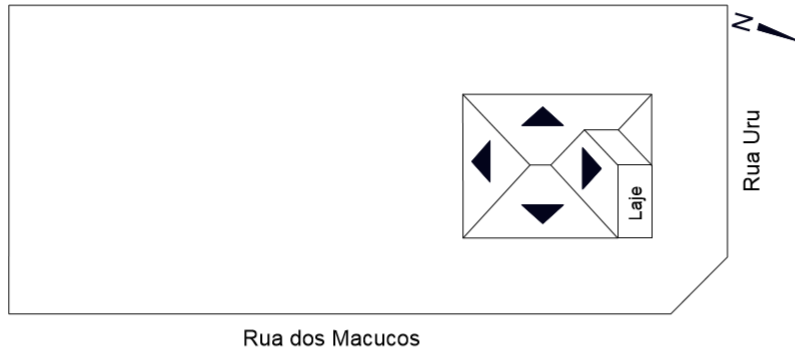
Existente

Inexistente

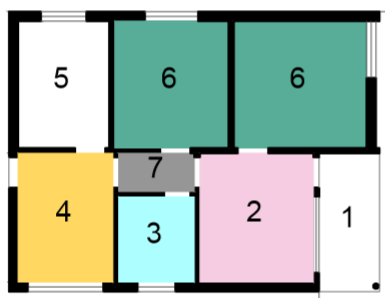
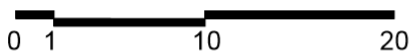
Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº115/ Q.117/ L.13	Endereço Rua Macucos x Rua Uru	Área 71,78m²
Proprietário Francisco Estrada Gomes	Responsável Técnico Américo Sato	Ano de Aprovação 1964



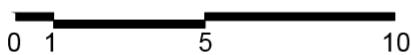
Implantação



Legenda Ambientes

- 1- Varanda
- 2- Sala de Estar
- 3- I.S.
- 4- Cozinha
- 5- Sala de Costura
- 6- Dormitório
- 7- Circulação

Planta

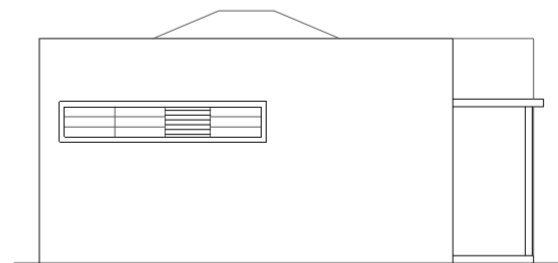
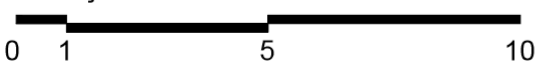


Legenda Setores

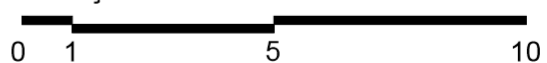
- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



Elevação Lateral



OBSERVAÇÕES

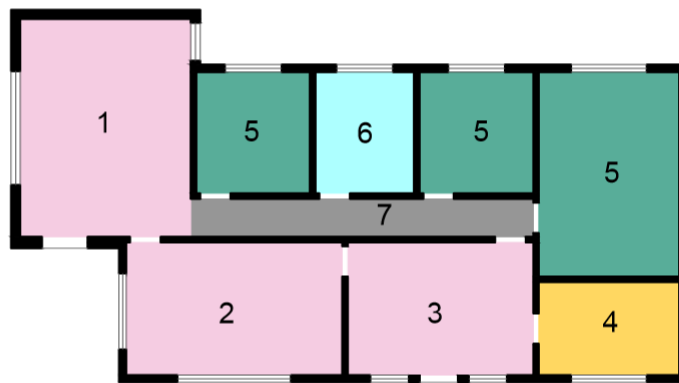
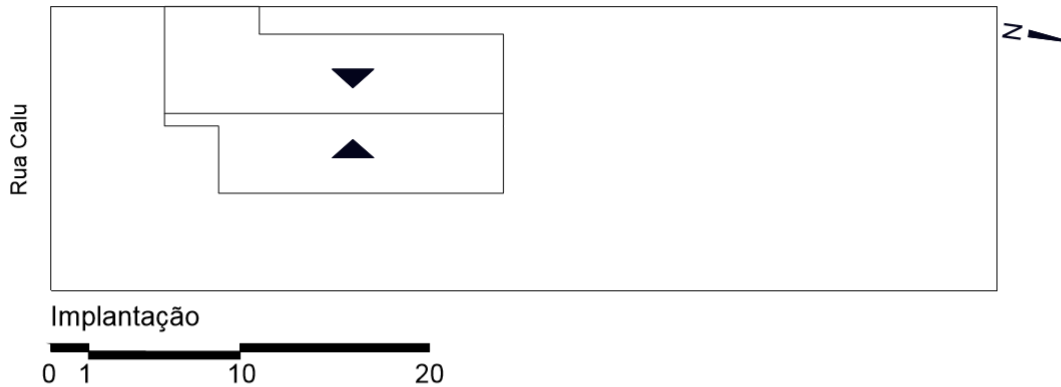
CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

APÊNDICE M4 - Ficha Arquitetônica 116

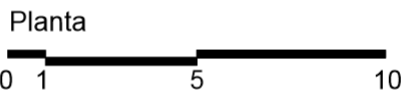
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº116/ Q.117/ L.21	Endereço Rua Calu	Área 147,49m²
Proprietário Pitágoras Lopes de Carvalho	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1953



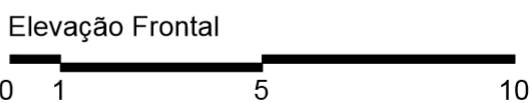
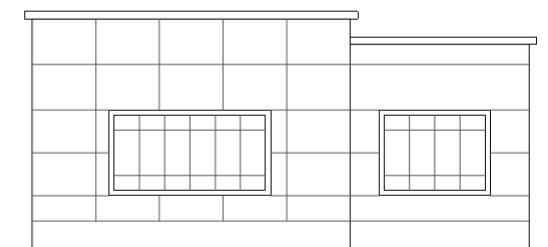
Legenda Ambientes

- 1- Sala
- 2- Sala de Jantar
- 3- Copa
- 4- Cozinha
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- Circulação



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

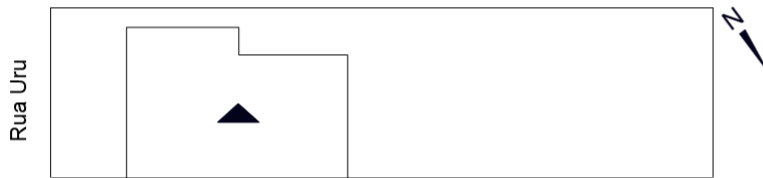
- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

APÊNDICE N4 - Ficha Arquitetônica 117

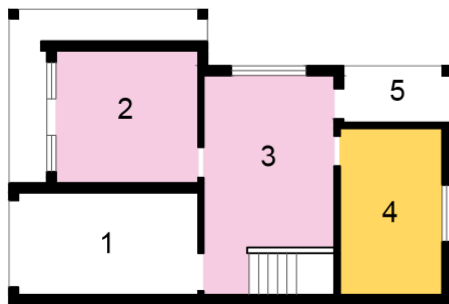
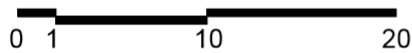
384

IDENTIFICAÇÃO

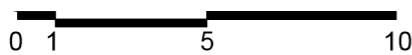
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº117/ Q.119/ L.19	Endereço Rua Uru	Área 164,08m²
Proprietário Mario Violi	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Implantação

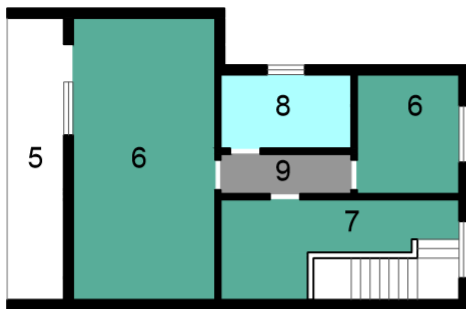


Planta

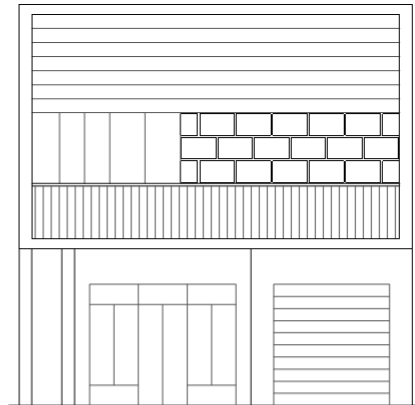
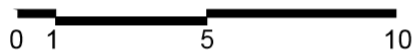


Legenda Ambientes

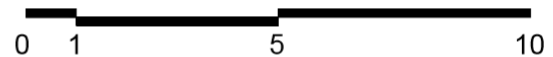
- | | |
|------------|---------------|
| 1- Abrigo | 6- Dormitório |
| 2- Sala | 7- Saleta |
| 3- Copa | 8- I.S. |
| 4- Cozinha | 9- Circulação |
| 5- Varanda | |



Planta Pavimento Superior



Elevação Frontal



Legenda Setores

- | | | |
|---------|------------|--------------|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|-----------|-------------|------------|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|-----------|-------------|------------|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº117/ Q.119/ L.19	Endereço Rua Uru	Área 164,08m²
Proprietário Mario Viroli	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1963



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº118/ Q.123/ L.5C

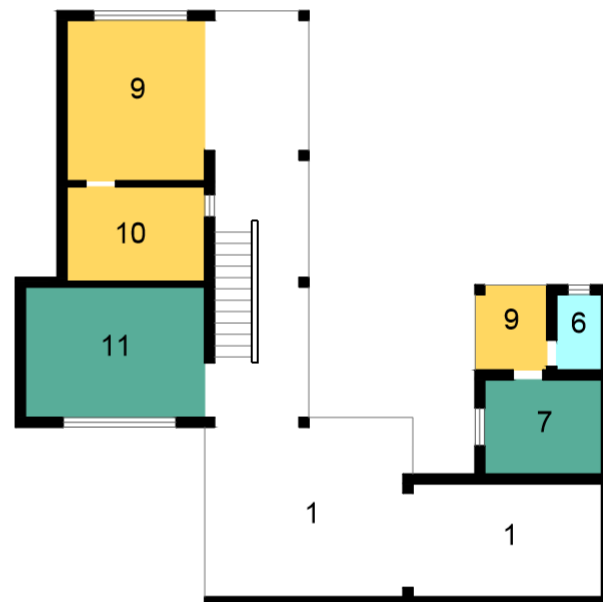
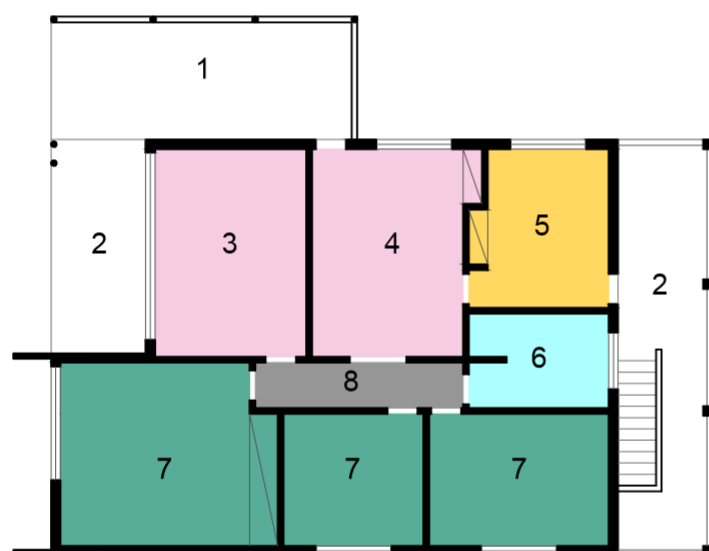
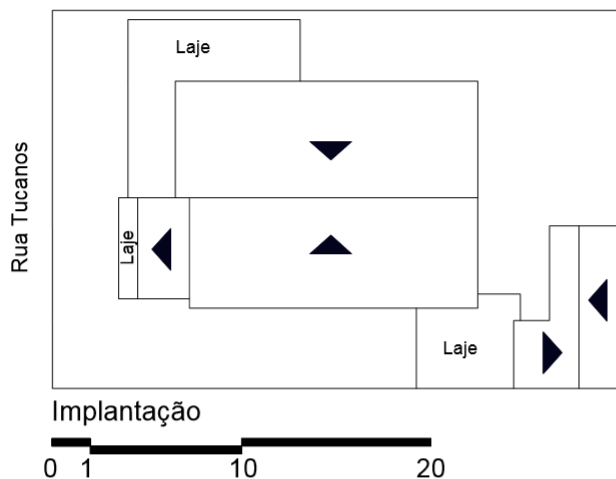
Endereço
Rua Tucanos

Área
253,00m²

Proprietário
José Figueiredo da Silva

Responsável Técnico
Zigundo Dionísio Stasiak

Ano de Aprovação
1963



Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |

Legenda Ambientes

- | | | | |
|------------|------------|---------------|----------------|
| 1- Abrigo | 3- Sala | 6- I.S. | 9- A.S. |
| 2- Varanda | 4- Copa | 7- Dormitório | 10- Despejo |
| | 5- Cozinha | 8- Circulação | 11- Escritório |

OBSERVAÇÕES

Informações de inserção urbana do carimbo não condizem com mapa da cidade. Por conta da vegetação existente a unidade não foi contemplada no levantamento iconográfico.

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|---|---|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|---|---|--|

APÊNDICE O4 - Ficha Arquitetônica 118

387

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº118/ Q.123/ L.5C

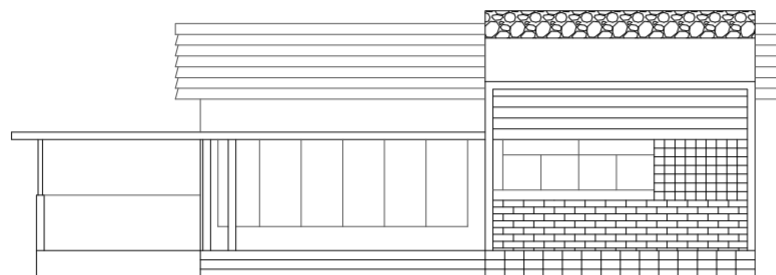
Endereço
Rua Tucanos

Área
253,00m²

Proprietário
José Figueiredo da Silva

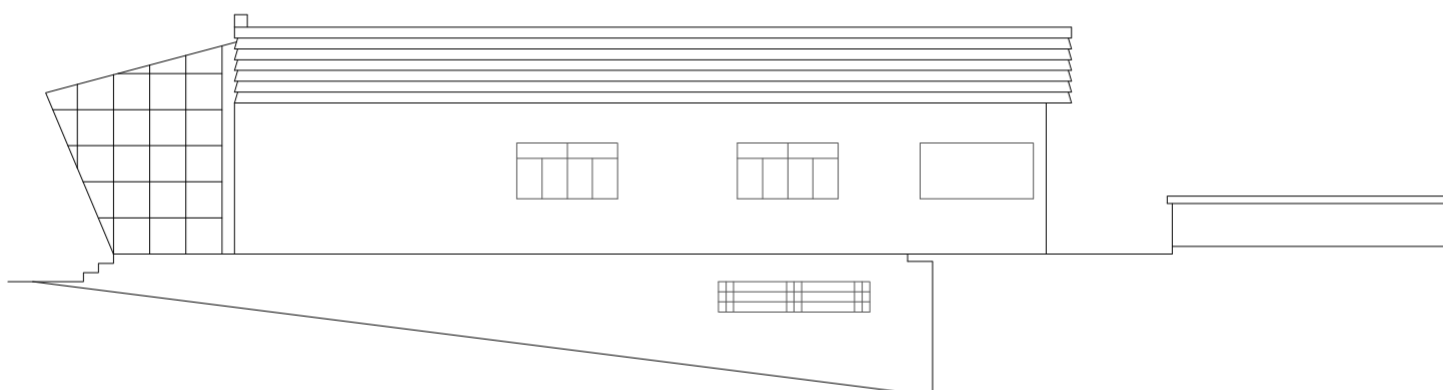
Responsável Técnico
Zigundo Dionísio Stasiak

Ano de Aprovação
1963



Elevação Frontal

0 1 5 10



Elevação Lateral

0 1 5 10

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

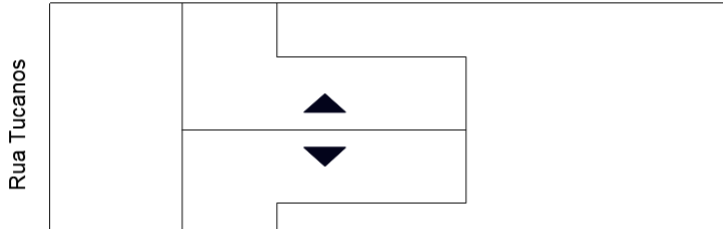
■ Existente

□ Inexistente

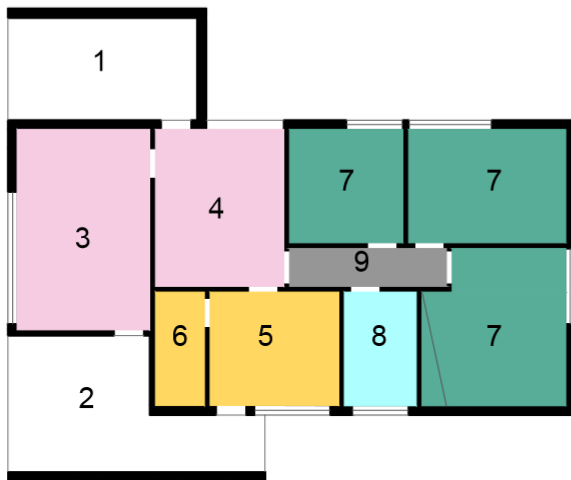
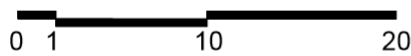
□ Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº119/ Q.124/ L.2	Endereço Rua Tucanos	Área 129,75m²
Proprietário Humberto Possagnolo	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1964



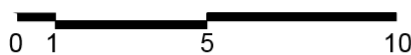
Implantação



Legenda Ambientes

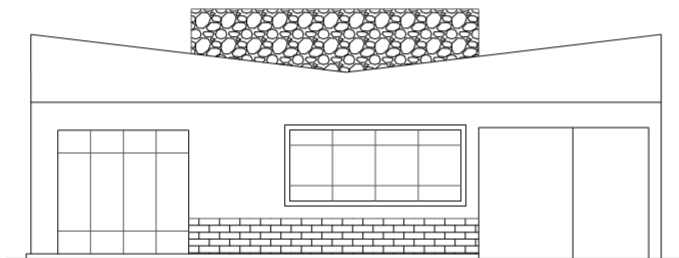
- 1- Abrigo
- 2- Acesso Social
- 3- Living
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- Dormitório
- 8- I.S.
- 9- Circulação

Planta

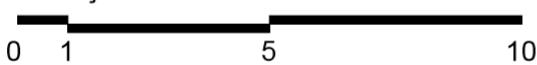


Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

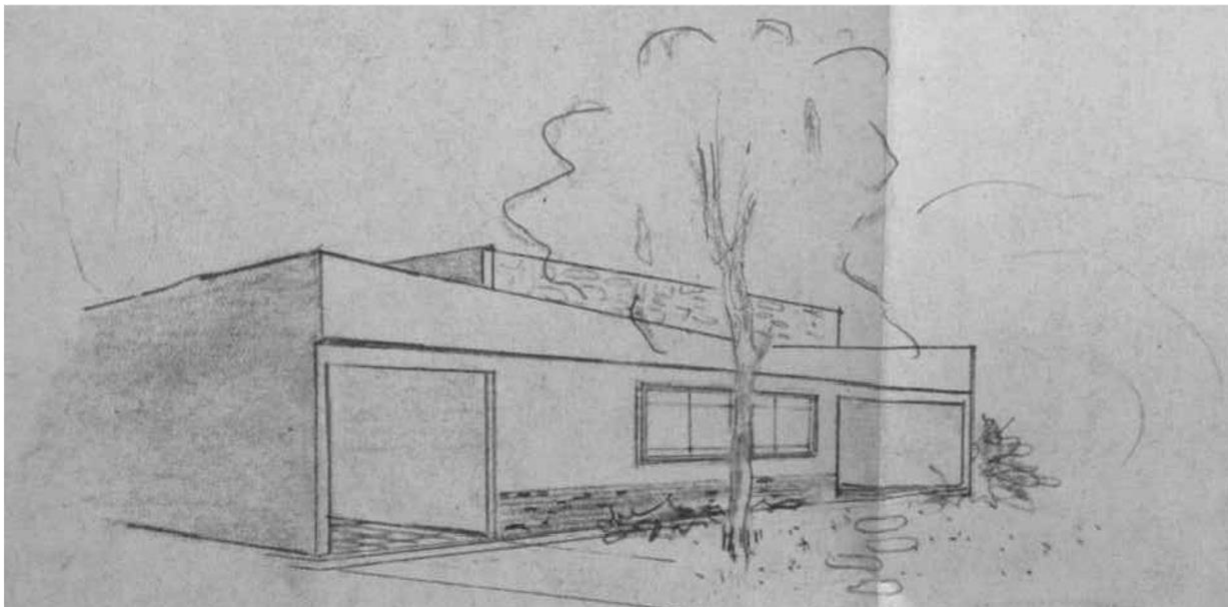
Informações de inserção urbana do carimbo não condizem com mapa da cidade.

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº119/ Q.124/ L.2	Endereço Rua Tucanos	Área 129,75m²
Proprietário Humberto Possagnolo	Responsável Técnico Não identificado	Ano de Aprovação 1964



Fonte: Prefeitura Municipal de Arapongas (2019)

OBSERVAÇÕES

Informações de inserção urbana do carimbo não condizem com mapa da cidade.

CARACTERIZAÇÃO

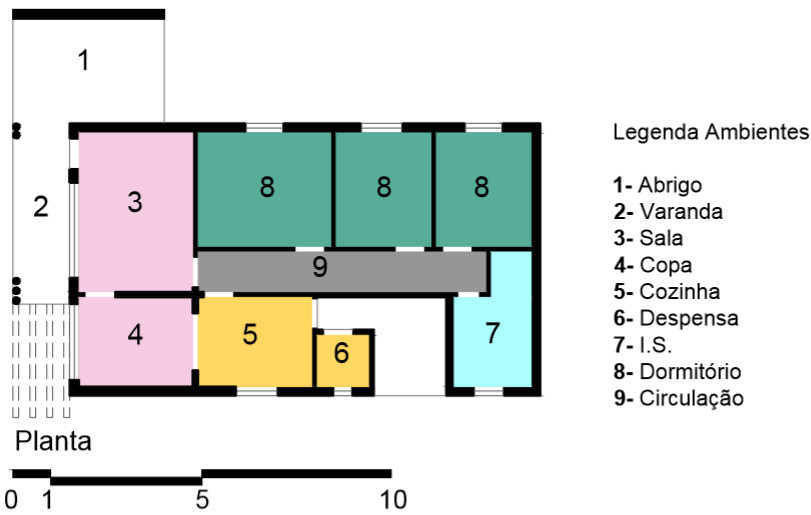
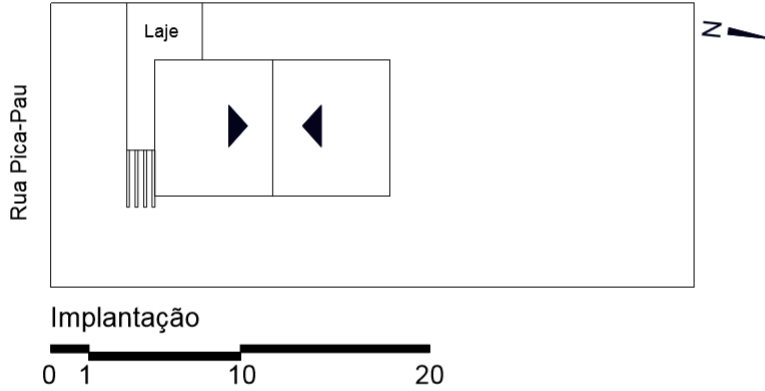
Existente

Inexistente

Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº120/ Q.124/ L.20	Endereço Rua Pica-Pau	Área 87,00m²
Proprietário Filisbina de Souza	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1965

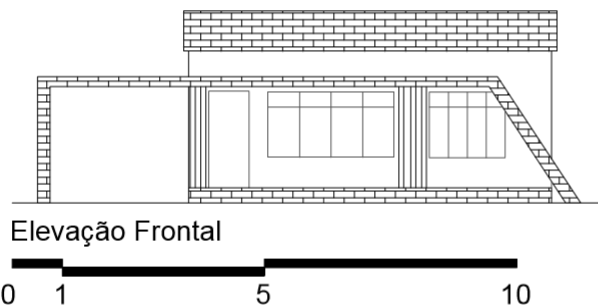


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Despensa
- 7- I.S.
- 8- Dormitório
- 9- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



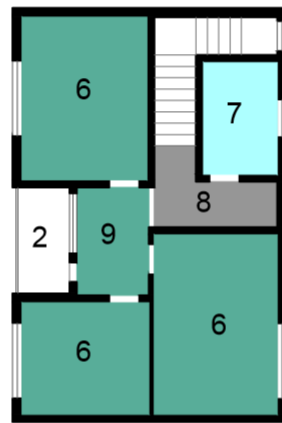
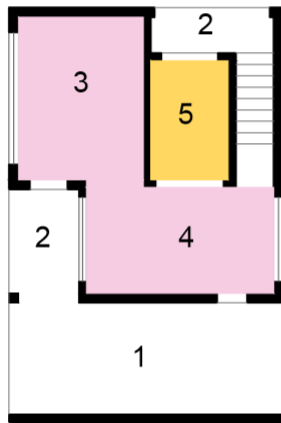
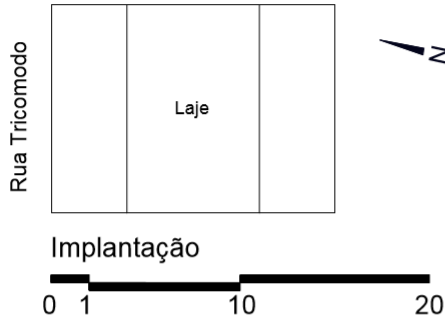
OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº121/ Q.132/ L.1A	Endereço Rua Tricomodo	Área 154,00m²
Proprietário Adelmo de M. Dal Pozzo	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1964

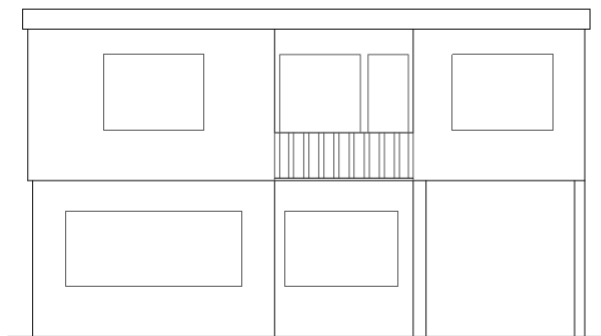


Legenda Ambientes

- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação
- 9- Saleta

Legenda Setores

- Social
- Serviço
- Privado
- Circulação
- I.S.
- Funcionários



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº121/ Q.132/ L.1A	Endereço Rua Tricomodo	Área 154,00m²
Proprietário Adelmo de M. Dal Pozzo	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1964



Fonte: acervo da autora (2019)

OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

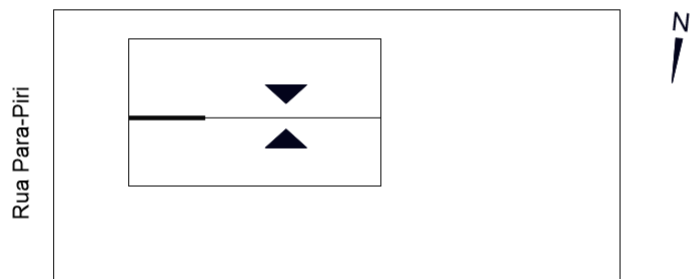
Modificada

APÊNDICE S4 - Ficha Arquitetônica 122

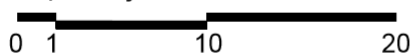
393

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº122/ Q.132/ L.4	Endereço Rua Papa-Piri	Área 108,00m²
Proprietário Francisco Estrada Martins	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1964



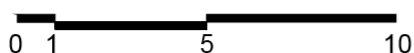
Implantação



Legenda Ambientes

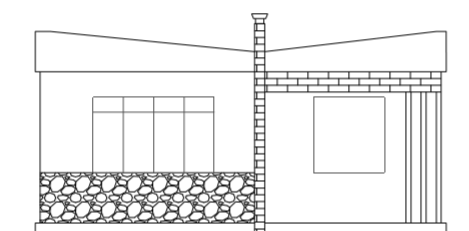
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- I.S.
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- Circulação

Planta

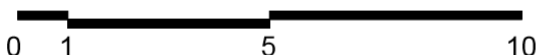


Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

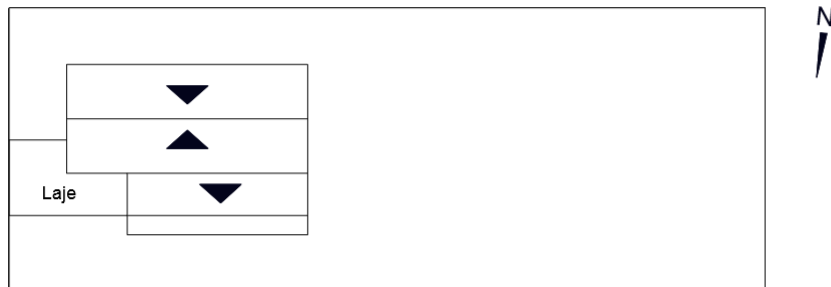
Existente

Inexistente

Modificada

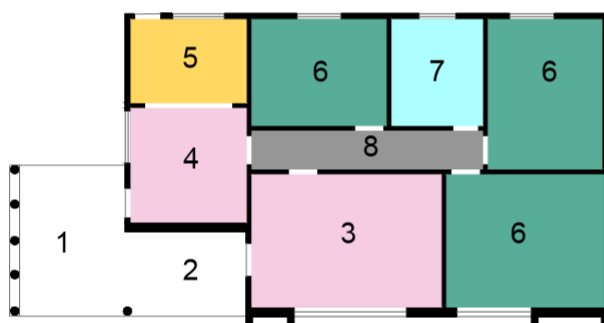
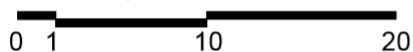
IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote Nº123/ Q.132/ L.28	Endereço Rua Tricomodo	Área 102,00m²
Proprietário Antonio Durso	Responsável Técnico Rolf Lunkmoss de Christo	Ano de Aprovação 1964



Rua Tricomodo

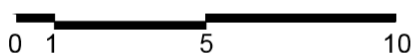
Implantação



Legenda Ambientes

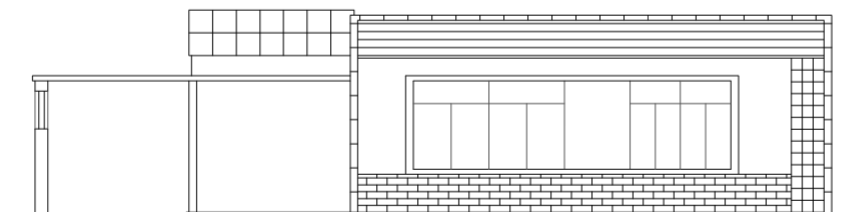
- 1- Abrigo
- 2- Varanda
- 3- Sala
- 4- Copa
- 5- Cozinha
- 6- Dormitório
- 7- I.S.
- 8- Circulação

Planta

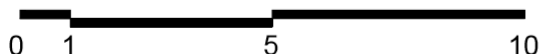


Legenda Setores

- Social
- Privado
- I.S.
- Serviço
- Circulação
- Funcionários



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

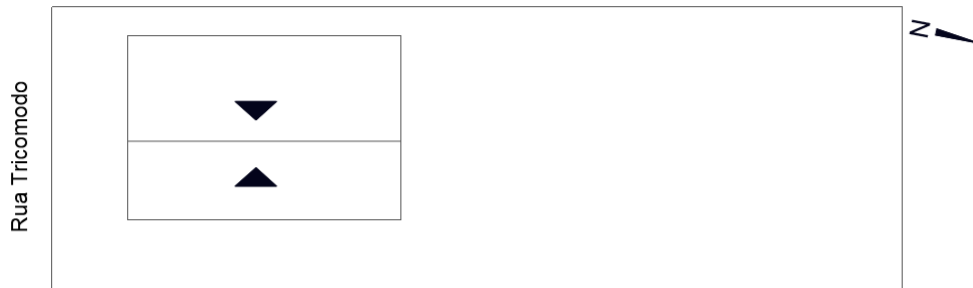
Projeto modificado, correspondente a Figura 107 do Volume 1.

CARACTERIZAÇÃO

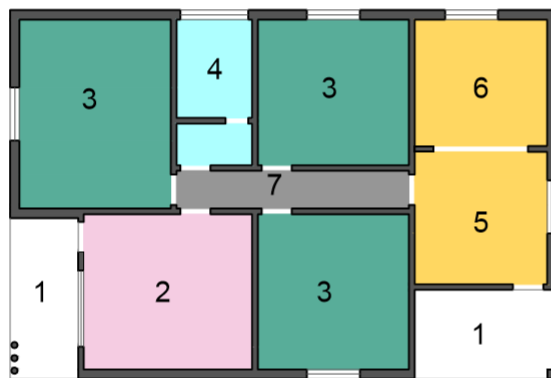
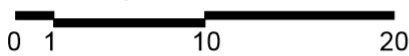
- Existente
- Inexistente
- Modificada

IDENTIFICAÇÃO

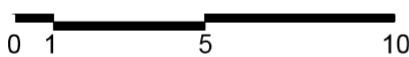
Res. Nº/Quadra/ Lote Nº124/ Q.133/ L.8	Endereço Rua Tricomodo	Área 141,86m²
Proprietário Pedro Raguso	Responsável Técnico Fued Abraham	Ano de Aprovação 1966



Implantação



Planta

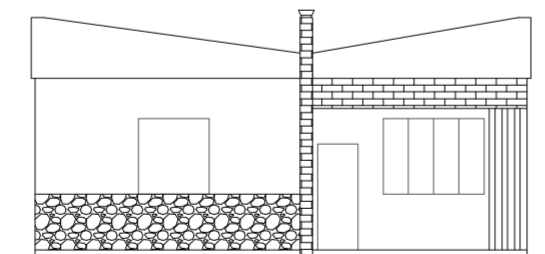


Legenda Ambientes

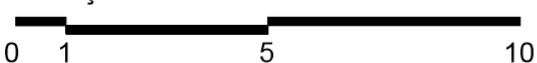
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Dormitório
- 4- I.S.
- 5- Copa
- 6- Cozinha
- 7- Circulação

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

Projeto apresenta fachada muito semelhante a unidade nº 122 (Q.132 L.4).

CARACTERIZAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| Existente | Inexistente | Modificada |
|--|--|--|

IDENTIFICAÇÃO

Res. Nº/Quadra/ Lote
Nº125/ Q.138/ L.9,10

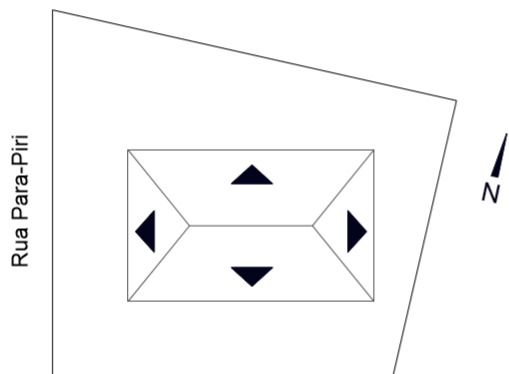
Endereço
Rua Papa-Piri

Área
104,00m²

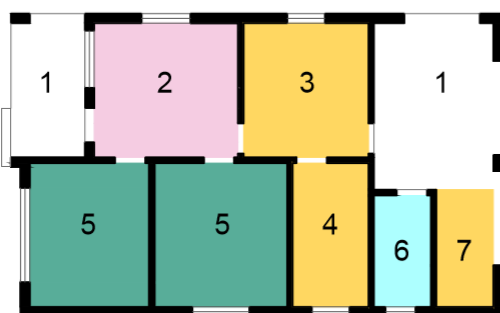
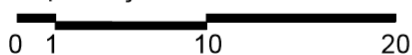
Proprietário
Eliseu Bilha

Responsável Técnico
Rolf Lunkmoss de Christo

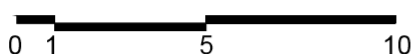
Ano de Aprovação
1961



Implantação



Planta



Legenda Ambientes

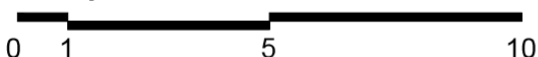
- 1- Varanda
- 2- Sala
- 3- Cozinha
- 4- Despensa
- 5- Dormitório
- 6- I.S.
- 7- A.S.

Legenda Setores

- | | | |
|---|--|--|
| Social | Privado | I.S. |
| Serviço | Circulação | Funcionários |



Elevação Frontal



OBSERVAÇÕES

CARACTERIZAÇÃO

Existente

Inexistente

Modificada